

ANDRÉA SCAVASSA VECCHIA NOGUEIRA

**O CONSELHEIRO/ORIENTADOR ESPIRITUAL FREI ANTÓNIO DAS
CHAGAS NAS *CARTAS ESPIRITUAIS***

ASSIS

2019

ANDRÉA SCAVASSA VECCHIA NOGUEIRA

**CONSELHEIRO/ORIENTADOR ESPIRITUAL FREI ANTÓNIO DAS
CHAGAS NAS *CARTAS ESPIRITUAIS***

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutor em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e vida social)

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

ASSIS

2019

N778c

Nogueira, Andréa Scavassa Vecchia
O conselheiro/orientador espiritual Frei Antônio
das Chagas nas Cartas Espirituais / Andréa
Scavassa Vecchia Nogueira. -- Assis, 2019
331 p. : il.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Carlos Eduardo Mendes de Moraes

1. Frei Antônio das Chagas. 2. Cartas Espirituais.
3. Retórica e Poética. 4. Argumentação. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos
pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: O CONSELHEIRO/ORIENTADOR ESPIRITUAL FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS
NAS CARTAS ESPIRITUAIS

AUTORA: ANDREA SCAVASSA VECCHIA NOGUEIRA
ORIENTADOR: CARLOS EDUARDO MENDES DE MORAES



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em LETRAS, área:
Literatura e Vida Social pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. CARLOS EDUARDO MENDES DE MORAES
Departamento de Linguística / UNESP/Assis

Prof. Dr. BRUNNO VINICIUS GONÇALVES VIEIRA
Departamento de Linguística / UNESP/FCL-Araraquara

Prof. Dr. HELENA DE OLIVEIRA BELLEZA NEGRO
USP / São Paulo

Prof. Dr. MARCIO ROBERTO PEREIRA
Departamento de Literatura / UNESP/Assis

Prof. Dr. FRANCISCO CLAUDIO ALVES MARQUES
Departamento de Letras Modernas / UNESP/Assis

Assis, 08 de fevereiro de 2019

Ao meu Dom Quixote, Paulo
Aos meus três mosqueteiros, Matheus, Heitor e Henrique
Aos meus pais, José Roberto (in memoriam) e Adalgisa

Minha Gratidão...

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao Programa de Pós-Graduação e ao quadro de servidores da Seção de Pós-Graduação da Unesp/Assis, pelas orientações e serviços prestados,

Aos funcionários da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, pelo cordial e atencioso atendimento,

Aos professores Márcio Roberto Pereira e Sandra Aparecida Ferreira, pelos apontamentos e sugestões fundamentais para a conclusão da pesquisa,

Ao grupo de pesquisa *A escrita no Brasil colonial e suas relações*,

Ao meu professor orientador Carlos Eduardo Mendes de Moraes, pelos ensinamentos, pela sensibilidade, e por ter percorrido esse caminho comigo, estimulando-me e acreditando em meus estudos,

Ao meu amigo Márcio Roberto Pereira, pelo incentivo e confiança, e por partilhar de tantos momentos significativos,

Aos meus amigos, pela disposição e generosidade no decorrer desse caminho,

Aos meus parentes, pelo auxílio e presença em mais esta etapa de meus estudos,

Ao meu irmão, que mesmo distante, faz-se presente em parte de mim,

À minha família, pela paciência e compreensão de meus silêncios e minhas ausências,

À minha mãe, minha amiga, minha companheira, a melhor palavra, o melhor conselho, o melhor amor,

Ao meu pai, saudades e exemplo,

A meu marido Paulo, meu amor de muitas jornadas, minha fortaleza,

A meus filhos, Matheus, Heitor e Henrique, meus meninos amados e encantadores,

E, em primeiro lugar, a Deus, pela minha família, meus amigos, e, por cada passo que trilhei nesse caminho guiada pelo Seu amor.

*“O espírito da divina sabedoria
enche os homens com doçura,
governa-os com coragem e ilumina
com excelência os que se submetem
à sua direção. Onde o espírito divino
habita há sempre simplicidade e
santa liberdade”.*
(Miguel de Molinos)

NOGUEIRA, A. S. V. **O conselheiro/orientador espiritual Frei António das Chagas nas *Cartas Espirituais***. 2019. 331 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, SP, 2019.

Resumo

Em razão de poucos estudos sobre o autor Frei António das Chagas, esta pesquisa aborda uma de suas principais obras: as *Cartas Espirituais*. Chagas, nome religioso de António da Fonseca Soares (1631 a 1682), ao se tornar franciscano em 1662, foi representante vivo da dualidade encontrada no seiscentismo português, uma vez que dividiu sua vida entre o laicismo e a religiosidade. A essência do autor, condizente com o período referido, trata das dualidades corpo e alma, condenação e salvação, vícios mundanos e virtudes divinas, uma vez que parte de sua vida foi voltada aos prazeres e à guerra, depois, tocada pela religião. Nessa fase, o Frei produz, entre outros escritos, cartas com um forte apelo místico de uma autêntica poesia religiosa. As *Cartas Espirituais* resultam de compilação “post mortem” do autor e são apresentadas em dois volumes, perfazendo o total de 380 cartas, escritas entre 1662 a 1682. A obra reflete o momento de sua maturidade espiritual e procura preparar o espírito de seu leitor para o desengano do mundo e a negação de si. Assim, o Frei Chagas compõe discursos articulados por diversos recursos retóricos, produzindo efeitos e sentidos na intenção de comover e persuadir seus destinatários, aconselhando-os e orientando-os na busca da salvação de suas almas. Frei Chagas não foi só o missionário religioso, mas demonstrou experiência literária, que, por meio de suas cartas, transpõe o tempo. Guiado por seu amor a Deus e consciente de si, o seu discurso efetiva, reitera e consolida a sua ação de “missionário”, tendo como principal modelo argumentativo de refutação a sua própria experiência mundana, enquanto poeta/militar António da Fonseca Soares. Para análise dessas singularidades, recorreremos aos campos da Retórica e da Poética, heranças da Antiguidade clássica, debatendo os modelos emulados pelo autor a partir de Aristóteles, valendo-nos de alguns referenciais teóricos de autores atuais como Lausberg, Perelman e Cherubim, no campo da retórica e da estilística e, por outro lado, Pécora, Hansen e Carvalho, na sistematização do ambiente luso-brasileiro do século XVII.

Palavras-chave: Frei António das Chagas; *Cartas Espirituais*; Retórica e Poética; Argumentação.

NOGUEIRA, A. S. V. **The Spiritual Counselor / Counselor Frei António das Chagas in Spiritual Letters**. Thesis (Doctorate in Letters) 2019, 331 f. – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, SP, 2019.

Abstract

Due to few studies about the author Frei António das Chagas, this research addresses one of his main works: the Spiritual Letters. Chagas, religious name of António da Fonseca Soares (1631 to 1682), when becoming a Franciscan in 1662, was a living representative of the duality found in Portuguese seiscentism, since he divided his life between secularism and religiosity. The essence of the author, corresponding to the period referred, deals with the dualities body and soul, condemnation and salvation, worldly vices and divine virtues, since part of his life was turned to pleasures and war, then touched by religion. In this phase, the Friar produces, among other writings, letters with a strong mystical appeal of an authentic religious poetry. The Spiritual Letters result from the author's postmortem compilation and are presented in two volumes, making a total of 380 letters, written between 1662 and 1682. The work reflects the moment of his spiritual maturity and seeks to prepare the spirit of his reader for the disillusionment of the world and the denial of self. Thus, Frei Chagas composes discourses articulated by various rhetorical resources, producing effects and meanings in the intention of moving and persuading its recipients, advising them and guiding them in the search for the salvation of their souls. Frei Chagas was not only the religious missionary, but he demonstrated literary experience, which, through his letters, transposed time. Guided by his love for God and conscious of himself, his effective discourse reiterates and consolidates his "missionary" action, having as main argumentative model of refutation his own worldly experience as poet / military António da Fonseca Soares. In order to analyze these singularities, we resort to the fields of Rhetoric and Poetics, inheritances of classical antiquity, debating the models emulated by the author from Aristotle, using some theoretical references of current authors such as Lausberg, Perelman and Cherubim, in the field of rhetoric and stylistics, and, on the other hand, Pécora, Hansen and Carvalho, in the systematization of the Luso-Brazilian environment of the seventeenth century.

Keywords: Frei António das Chagas; Spiritual Letters; Rhetoric and Poetics; Argumentation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I CAPÍTULO	
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS E SEU TEMPO	16
1.1. Contexto histórico religioso.....	16
1.2. A expressão religiosa no século XVII.....	21
1.3. Produções literárias seiscentistas.....	29
1.3.1. A importância da retórica no século XVII.....	32
1.3.2. O engenho poético do século XVII.....	35
1.3.3. O sagrado na poesia.....	38
1.4. O gênero epistolar: documento historiográfico.....	40
II CAPÍTULO	
MEMÓRIAS SOBRE FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS	47
2.1. António da Fonseca Soares: o poeta militar.....	47
2.2. Frei António das Chagas: o poeta místico.....	56
2.3. Do engenho de Fonseca ao estilo de Chagas: alguns traços da poesia seiscentista em Portugal.....	61
2.3.1. Primeira fase: o poeta mundano.....	62
2.3.2. Segunda fase: o poeta espiritual.....	69
2.4. Santidade e vida mística de Frei Chagas.....	86
III CAPÍTULO	
AS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS NO DISCURSO DO FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS	96
3.1. Desengano do mundo.....	97
3.1.1. Sofrimento da dor.....	99
3.1.2. Negação de si e das coisas mundanas.....	103
3.1.3. Humildade.....	107
3.1.4. Aperfeiçoamento da natureza humana.....	109
3.1.5. Livre-arbítrio e responsabilidade pelos próprios atos.....	112
3.1.6. Falsidade do mundo e efemeridade da vida.....	115
3.2. O discurso didático, pedagógico e patriarcal.....	120
3.3. Dizer o indizível.....	126
3.3.1. A palavra transformada.....	130
3.3.2. Metáforas, comparações e analogias no texto sagrado seiscentista.....	136
3.3.3. As figuras no engenho de Frei António das Chagas.....	138
3.4. Paralelismos e seu efeito retórico.....	162
3.5. O processo enunciativo nas <i>Cartas Espirituais</i>	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	187
ANEXOS	195
Anexo 01.....	195
Anexo 02.....	233

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Frei António das Chagas [Visual] [17-?]. Pintura: óleo sobre tela, color: 88,5x74,5 cm. (Coleção de Pintura da BNP).....	11
Figura 2: Santo Agostinho, retrato por Philippe de Champaigne, no século XVII.....	17
Figura 3: Francisco de Zurbarán, Apoteose de Santo Tomás, 1631, Museu Provincial de Belas Artes, Sevilha.....	18
Figura 4: O Juízo Final, de Michelangelo, na parede do altar da Capela Sistina (1541).....	23
Figura 5: Mapas dos itinerários das visitas Inquisitoriais em Portugal Continental, nos século XVI	25
Figura 6: Universidade de Évora entregue à Companhia de Jesus Fotografia existente no Arquivo da Cúria Provincial da Prov. Port. a Companhia de Jesus.....	26
Figura 7:Obras Inquietas (1619) de Gian Lorenzo Bernini;	28
Figura 8: Escola de Atenas, por Rafael Sanzio.....	32
Figura 9: Santo Ignácio de Loyola, por Juan Valdés Leal.....	41
Figura 10: Obra <i>Guia dos Pecadores</i> e autor Frei Luis Granada.....	51
Figura 11: Obra <i>Mourão Restaurado</i> , de António da Fonseca Soares..	53
Figura 12: Obra <i>Panegyrico</i> , de António da Fonseca Soares.....	53
Figura 13: Entrada da Capela dos Ossos em Évora.....	57
Figura 14: Interior da Capela dos Ossos em Évora.....	57
Figura 15: Convento de Varatojo.....	58
Figura 16: Mapa da região de Portugal no século XVII.....	60
Figura 17: Carta de conversão de Frei António das Chagas.....	70-81
Figura 18: Frei António das Chagas.....	86
Figura 19: Obras de Frei António das Chagas.....	93-95

INTRODUÇÃO



Figura 1: Frei António das Chagas [Visual] [17--?].
Pintura : óleo sobre tela, color. ; 88,5x74,5 cm.
(Coleção de Pintura da BNP)

Antes de mais nada, convém comentarmos que essa obra não veio de forma exígua em nossas mãos, mas interessou-nos por meio do conhecimento de António da Fonseca Soares, autor que nos foi apresentado pelo grupo de pesquisa *A escrita no Brasil colonial e suas relações*, coordenado pelo professor Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes, o qual estuda sobre a vida e obra desse poeta que há muito foi esquecido, à mercê do desgaste do tempo, e foi ressuscitado pelas transcrições de manuscritos em conjunto com alunos que fizeram parte desse trabalho contínuo e árduo, procurando garantir fidedignidade à escrita do autor.

Embora tenhamos admirado António da Fonseca, foi a segunda fase de sua vida, como religioso, o qual se denominava Frei António das Chagas, que mais nos chamou a atenção. Ao lermos suas composições, deixamo-nos seduzir pela sua escrita. Seu conjunto de obras não se apresenta como o esforço de compreender os mistérios divinos, mas é um guia para se chegar à união com Deus, seguimento vital a partir dos pressupostos religiosos e filosóficos da doutrina cristã de sua época. Suas

obras, sejam sermões, exercícios práticos para a vida espiritual, cartas, poesias, procuram dar feições que tornam reconhecível o desprendimento total das coisas mundanas, o auto-esvaziamento, e o deixar-se conduzir conforme a vontade divina. Dá-se em seus escritos o fim da vida espiritual: encontrar o Amor de Deus, por meio da humildade e sabedoria no sofrimento, imitando a vida de Jesus Cristo.

Quando propusemos um estudo sobre Frei António das Chagas, foi essencial revermos o seu contexto histórico-literário e a produção escrita seiscentista. O autor é fruto de um contexto de decadência em Portugal, cenário da Contrarreforma Católica e da reação da Restauração do Estado após décadas de dominação filipina. Esse longo período (que vai desde a união das coroas, em 1580, até os anos iniciais do reinado de Dom José I, por volta de 1756) foi marcado por momentos de depressão, euforia e nacionalismo, gerando, assim, uma arte turbulenta contrapondo-se ao racionalismo do Classicismo anterior. Nos primeiros tempos dessa repressão, o Tribunal da Inquisição em Portugal ameaçava cada vez mais a liberdade de pensamento, em perseguição aos não adeptos ao culto católico.

Dessa situação de conflito em face das contradições da vida, resultou na produção escrita seiscentista bastante *sui generis*. A manifestação dos sentimentos exaltava-se, fazendo o homem oscilar entre a expressão do carnal e do espiritual. Os escritores tentavam conciliar o espírito de base teocêntrica e o espírito clássico de essência antropocêntrica, na tentativa de unificar a dualidade do homem entre o corpo e a alma, tendo como principais binarismos: razão e emoção, medievalismo e renascimento.

É durante esse período que vive o escritor António da Fonseca Soares ou Frei António das Chagas, do qual tanto a vida como as suas obras ilustram bem a mentalidade da época.

António da Fonseca Soares nasceu na Vidigueira (Portugal) em 25 de junho de 1631. Era filho de pai português, juiz de profissão, e de mãe irlandesa. Estudou no Colégio de Jesuítas, alistou-se no exército, iniciou carreira militar. Fonseca envolveu-se em diversas aventuras e confusões, chegando ao ponto de ser perseguido por ser acusado da morte de um rival. Fugiu, então, para o Brasil. Em maio de 1662, renunciou à vida militar e sensibilizou-se para a conversão religiosa, integrando-se à Ordem de São Francisco, em Évora. A personalidade do Frei causava espanto, pois era um homem mundano convertido para Deus, dedicando o resto de sua vida ao evangelho. Faleceu em 20 de outubro de 1682.

O autor escreveu segundo os mais diversos gêneros poéticos. Suas obras foram compostas em duas fases: produções durante sua vida mundana (até 1662) e produções durante sua vida religiosa (1662 a 1682). Dessa forma a própria obra de António das Chagas dialoga com o pensamento de sua época, uma vez que o seiscentismo se destaca pelas preocupações quanto à efemeridade da vida, provocando a angústia, responsável pelos estados contraditórios do homem.

Há, pois, a necessidade de preencher este vazio com a busca da espiritualidade, ou seja, com a busca de Deus. Esta problemática figura como tema central para a refutação dos prazeres de Lisboa e da guerra, propondo um olhar na religião já em obras de sua fase mundana.

Ao encontrar essa preocupação já na poesia de António da Fonseca Soares, temos um material subsidiário, que se tornou a ligação entre os dois pólos do autor: a religião, presente na poesia (por mais mundana que fosse), é um fundamento do homem António. Por intermédio desse conhecimento/predisposição documentada pelos poemas da primeira fase de sua obra, ficou-nos mais seguro caminhar para a discussão das *Cartas Espirituais* a partir de um fundamento sobre o seu *modus scribendi*.

Nesse caminho, a disposição dos recursos retóricos nas cartas demonstrou prenúncios na poesia argumentativa, base essencial para nossa análise referente à apropriação e adequação do seu discurso às dadas circunstâncias: o poeta vira conselheiro.

Salientamos que, ao perscrutar as várias obras do autor, estas nos levaram a percorrer a história de Portugal e da Igreja Católica, como também os modelos de escrita seiscentista, em especial, o gênero epistolar, pois tornou-se o campo de reflexões ressignificadas, onde, pela voz de Chagas, o universo místico materializou-se, transformando a palavra no veículo para construir sua imagem aos leitores por meio de recursos expressivos próprios de sua criação literária.

Essas cartas, ricas em memórias, linguagem poética e recursos retóricos, desdobrando-se sob o viés da teologia, despertou-nos para os seguintes objetivos:

- a) Promover um estudo mais detalhado sobre a obra, com o propósito de ressaltar a contribuição do autor para o conhecimento da historiografia literária e, se possível, introduzi-lo no cânone luso-brasileiro;
- b) Articular uma análise que demonstre o fazer ornado dos discursos poéticos instituídos pela retórica do século XVII;

- c) Correlacionar o estilo do orador e conselheiro Frei António da Chagas com as produções de sua primeira fase enquanto poeta António da Fonseca Soares;
- d) Demonstrar, através da análise retórica das poesias, a validade da estrutura argumentativa das cartas, discutindo a apropriação e adequação do discurso do autor como um conselheiro.

Portanto, foi com o propósito de defender uma pesquisa acerca das contribuições literárias de Frei António das Chagas, que nos colocamos a serviço da análise das *Cartas Espirituais*, centrando-nos nos grandes mistérios da interpretação da linguagem do poeta/conselheiro, bem como os recursos retóricos que delineiam seus discursos.

Ressaltamos ainda que a importância dessa obra está nos procedimentos poéticos contemplados na “poesia ao divino” do século XVII, em Portugal, quando há uma difusão de poemas religiosos. Chagas adorna os seus textos com metáforas, símiles, comparações e analogias regulamentadas pela retórica que asseguram o decoro de tais ornatos.

A pesquisa assumiu, pois, um carácter qualitativo (interpretativo), bibliográfico e documental, uma vez que, após a multiplicidade de leitura e análise das cartas, esse estudo procurou contribuir para a documentação da vida e obra do autor, do estilo da escrita de cunho religioso no século XVII e dos recursos expressivos do autor.

Tendo em vista o estudo a que nos propusemos, dividimos a pesquisa em três capítulos.

No primeiro capítulo, demonstramos o panorama histórico de Portugal no século XVII, abordando, concomitantemente, a expressão religiosa da época, a fim de salientar o incessante trabalho de ação missionária contra a Reforma Protestante, iniciada por meio da ordem da Companhia de Jesus, a qual se responsabilizou por disseminar a fé católica. Com base nos estudos de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino e nos exercícios de Santo Inácio de Loyola, a vida espiritual desses religiosos era restrita e implicava uma série de abnegações. Dessa forma, instituía-se que só se alcançava a sua busca de ser pleno quando se rejeitava as ocupações e valores do mundo. Era, assim, a angústia existencial, particular desse período: a obsessão da salvação da alma. Ainda nesse capítulo, tratamos das características das expressões literárias da época, em especial da produção religiosa. Eram cartas, sermões, tratados, rebuscados de recursos retóricos, que revelavam o engenho poético do

século XVII. Fez-se necessária a abordagem sobre o gênero epistolar, pois, além de ser nosso material de estudo, foi um dos principais meios de comunicação da época, reintegrando como documentos de fatos históricos, testemunhos, críticas, além de valer como importante fonte literária.

No segundo capítulo, abordamos de forma sucinta a biografia comentada do poeta militar e missionário, ilustrada com fragmentos de suas composições para evidenciar dados de sua vida. Além disso, comentamos sobre os recursos expressivos de suas duas fases, o que nos conferiu subsídios para a análise das *Cartas Espirituais*. Para evidenciarmos os recursos, utilizamos as transcrições dos manuscritos dos poemas de António da Fonseca Soares, realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa “A escrita no Brasil colonial e suas relações”. Para complementar o capítulo, apresentamos a nossa transcrição da carta de Conversão do Frei, para que revelássemos, assim, as razões da sua escolha como missionário. Também arrolamos as mais destacadas obras do Frei a partir da pesquisa feita ao arquivo digital da Biblioteca Nacional de Portugal.

No terceiro capítulo, de comentário e análise das *Cartas Espirituais*, dentre as 380 cartas, foram selecionadas aquelas que continham um discurso mais articulado, e demos ênfase nos temas, nos recursos retóricos e poéticos, nas condições de enunciação das cartas e no discurso pedagógico patriarcal do Frei. Para isso, utilizamos teorias que colaboraram de alguma forma com a análise, principalmente da *Retórica e Poética* de Aristóteles, uma vez que configuravam modelos para a escrita seiscentista. Foi-nos importante também a leitura dos pensamentos filosóficos da época, a fim de compreendermos a construção do Frei enquanto sujeito ativo, histórico, social e ideológico do século XVII.

Nas Considerações Finais, avaliamos o resultado da análise da escrita do Frei, observando a linha estética e argumentativa de suas cartas. Contudo, não foi nossa intenção esgotá-las, mas fornecer contribuições para o estudo literário das obras de Frei António das Chagas. Ao lançar essa luz sobre a obra, percorrendo uma via de flores e espinhos, campos e despenhadeiros, encontramos o ecoar da voz daquele que desejou eternizar o seu amor a Deus.

I CAPÍTULO - FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS E O SEU TEMPO

Neste capítulo, procuramos focar no contexto histórico e literário do autor para averiguarmos as influências ideológico-religiosas e compreendermos a própria personalidade do Frei António das Chagas enquanto sujeito histórico e social, considerando ser possível reconstituirmos as condições de produção das *Cartas Espirituais*, que são o nosso objeto de estudo. Assim, encontramos a finalidade da escrita, bem como as ideias e os processos de composições utilizados pelo autor, viabilizando a proximidade entre o seu pensamento e o do seu ambiente de produção.

1.1. Contexto histórico religioso

Ao retomarmos a Idade Média, “fio condutor” da sabedoria, entendemos melhor os reflexos das teorias de Aristóteles (384 aC.-322 aC), Sócrates (399 aC – 469ou470 aC), Platão (428 ou 427 aC – 348 ou 347 aC), Virgílio (70 a.C. – 19 a.C.) e Horácio (65 a.C.- 8 a.C.) na cultura medieval religiosa recuperada de Santo Agostinho (354 dC – 430 dC) e fortalecida em São Tomás de Aquino (1225-1274), as quais, em virtude do Renascimento, repercutiram nos séculos XVI e XVII.

Santo Agostinho foi um destacado filósofo e teólogo no Cristianismo, o qual por meio de influência neoplatônica, buscava incessantemente pela verdade, mas pela verdade em Cristo. Longe de um pensamento irracional, Agostinho ensinava e ensejava a fé para compreender a si mesmo, procurando, em um diálogo com a razão buscar o outro que há em sua interioridade. Através de uma metodologia de perguntas e respostas, em sua obra *Soliloquios* (1998, p. 55), o filósofo apresenta sua tese:

Razão: Tu que queres conhecer-te a ti mesmo, sabes que existes?

Agostinho: Sei.

Razão: De onde sabes?

Agostinho: Não sei.

Razão: Sabes que te moves?

Agostinho: Não sei.

Razão: Sabes que te pensas?

Agostinho: Sim

Razão: Portanto, é verdade que pensas?

Agostinho: Sim.

Razão: Tu queres existir; viver e entender, mas existir para viver e viver para entender. Portanto, sabes que existes, sabes que vives, sabes que entendes.

A razão, segundo o filósofo, é o meio pelo qual nos conhecemos, pelo qual tomamos consciência de que pensamos, vivemos e, portanto, existimos. A razão é, pois, a origem do “eu”, e é nela que habita a verdade: Deus.

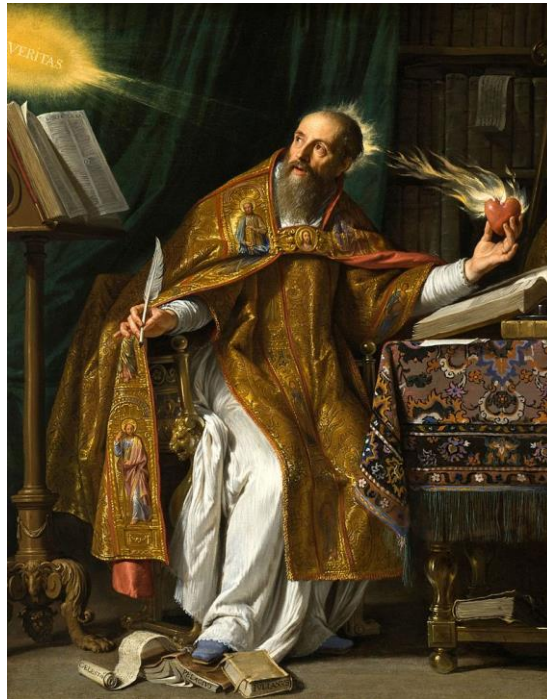


Figura 2

Santo Agostinho, retrato por Philippe de Champaigne, no século XVII.

Foram oito séculos voltados à resignação, quando a Idade Média chegou num momento de tensão ideológica, alterando os princípios da revelação divina, em que, mesmo buscando as doutrinas de Santo Agostinho, a Igreja deparou-se com a inversão desses valores.

Foi então que, conciliando a fé cristã com o pensamento aristotélico, São Tomás de Aquino (teólogo, filósofo e padre dominicano do século XIII), compõe a *Suma Teológica* (1273), que juntamente com a *Bíblia* e os *Atos Pontificiais*, tornou-se referência no Concílio de Trento (1545-1563). Esta representou uma grande obra escolástica¹, a qual privilegiou a razão e a vontade humana, trazendo o realismo

¹ Conforme Oliveira (1952, p. 158), era um método que consistia em expor sistematicamente verdades da fé a partir da filosofia grega, mais especialmente a de Aristóteles. Era uma doutrina ensinada nas escolas da Idade Média. “Até ao século XII, para as demonstrações teológicas usavam-se quase

aristotélico para a Igreja, no qual a razão deve ordenar o mundo para entendê-lo. Para o teólogo, o homem tem em seu ser a potência e o ato – Deus estaria acima de tudo, concebido como “ato puro”, ou seja, uma essência particular e os instrumentos necessários para desenvolvê-la são a razão e a prudência, as quais conduzem para a felicidade.



Figura 3

Francisco de Zurbarán, *Apotheose de Santo Tomás*, 1631, Museu Provincial de Belas Artes, Sevilha.

Ao adentrarmos a Idade Moderna, após o Renascimento Cultural, surgiu o idealismo de René Descartes (1596-1650)², que juntamente com o filósofo John Locke (1632-1704), induz um racionalismo condutor da realidade, de forma a defender os interesses coletivos a fim de evitar conflitos de classes na sociedade.

exclusivamente os argumentos tirados dos Santos Padres; desde Santo Anselmo, embora se não desprezassem os argumentos de autoridade, buscavam-se outros na metafísica e na dialética. Em princípio do século XVIII, conhecidas nas escolas as obras de Aristóteles, os mestres começaram a estudá-las apaixonadamente; deve-se a Santo Alberto Magno e a S. Tomás de Aquino o trabalho de adaptar a filosofia de Aristóteles ao dogma cristão”.

² O racionalismo cartesiano – principal pressuposto para o pensamento liberal – é abordado na obra de René Descartes – *Discurso sobre o Método*, onde demonstra como aplicar o método matemático na investigação de problemas científicos. Em sua obra, Descartes nega todos os conhecimentos tradicionais oriundos da Idade Antiga e Idade Média.

Nesses primeiros séculos da Idade Moderna, introduziram-se correntes filosóficas do Idealismo, Liberalismo, Iluminismo, Racionalismo, Socialismo. Segundo Torgal (1981), a Reforma Religiosa agravou as relações políticas entre os países europeus, envolvendo questões políticas e conflitos entre católicos e protestantes, ainda pelo tratado da Paz de Augsburg, assinado em 1555. Nesse contexto, o Racionalismo Cartesiano foi o principal pressuposto para o pensamento liberal, de forma que o Liberalismo propunha a liberdade nas atividades econômicas, políticas, religiosas e intelectuais.

Dessa forma, a fé, extremamente valorizada na Alta Idade Média, perdeu o seu espaço para a razão, considerada primordial para se alcançar a liberdade e a emancipação. A fé associava-se às mais diversas vigilâncias e reivindicava uma reforma urgente da Igreja Católica, principalmente em decorrência da Reforma Protestante provocada por Lutero, Calvino e outros reformistas.

Diante de uma crise religiosa em razão da corrupção do clero – monges preocupados só com dinheiro, comilança e prazeres, mundanismo e indiferença pela vida espiritual do povo cristão, padres preguiçosos e ignorantes –, da decadência das ordens religiosas, da reforma protestante, das perseguições aos católicos na Inglaterra e nos Países Baixos, necessitou-se agilizar a reforma católica.

Em razão da divisão entre católicos e protestantes, consciente de que a ciência ameaçava a religião, em uma atitude reacionária, a Igreja Católica realizou o Concílio de Trento (1545-63), um movimento reformador que, juntamente com a criação da Companhia de Jesus e a reativação da Inquisição, procurou assegurar o dogma da Igreja a partir de uma reforma disciplinar.

Encontramos em um dos sermões de Chagas, referência ao Santo Tribunal e à questão da “correção”, no caso, do povo judaico, em defesa da ideologia de sua época:

Sam estas palavras de Deos nosso senhor ditas ao Propheta Jeremias, ensinandolhe que aiua de fazer ao Povo Judaico. Pareceraõme acomodadas para este solene acto, em que a nossa santa Fé Catholica triumpho da perfidia Hebraea, e o Santo Tribunal da Inquisição justifica os rectissimos procedimentos, que tem com esta gente, cada dia mais contumaz, e mais rebelde, e de cada vez mais obstinada, na cegueira com que vive, baldandose com ella os termos da misericordia, posto que se tempere o rigor da justiça. (CHAGAS, 1654)

Na Europa, os espanhóis e os portugueses tornaram-se os representantes máximos da ideologia católica, e eram considerados o símbolo do cristianismo romano, não só na Península como no seu vasto império ultramarino (TORGAL, 1981, p. 148).

Havia desde há muito a exigência da reforma do clero, com a fundação de novas ordens religiosas, partindo de um espírito reformador que privilegiasse valores como a pobreza, a caridade, a assistência e o fazer missionário. Como parte desse projeto, a Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola³, ficou responsável por levar a fé católica às diversas terras conquistadas e difundi-la no seu território. Eram esses os missionários encarregados de avivar o espírito religioso e discutir com os pastores protestantes.

O Concílio de Trento foi, portanto, uma manifestação de vitalidade da Igreja, ou melhor, foi o renascimento da Igreja, preocupado com delinear a teologia católica nos pontos atacados pela Reforma, perdurando até o século XVII e expandido por toda a Europa.

Portugal não escapa desse propósito. Apesar de ter gozado de glórias, lucros imensos, luxos, crescimento da burguesia comercial e enriquecimento da nobreza pela exploração ultramarina⁴, iniciada no século XV e avançando para a exploração de colônias no século XVI, no fim de 1580, aproveitando-se de uma crise sucessória, o Duque de Alba conquistou Portugal para a Espanha, passando os dois países a constituir a União Ibérica sob o governo de Filipe II. Sob o domínio filipino, temos a imagem do cativo de um povo desprovido dos seus reis naturais.

O país vivia um período conturbado em razão de várias crises e protestos contra a pesada carga tributária imposta pelos últimos anos de governo filipino. Além disso, o padroado português foi afetado com a decadência do Império ultramarino e a

³ Loyola foi oficial do exército espanhol. Ferido em batalha, enquanto convalescia, fez leituras místicas e sentiu-se inspirado por uma religiosidade especial, trocando as armas pela religião, e compondo os *Exercícios Espirituais*.

⁴ Tanto Portugal como Espanha tinham sua posição periférica em relação às zonas que desde sempre exerceram um papel mais ativo no desenvolvimento da civilização europeia do ponto de vista material, atribuiu-lhe uma função especial. Sempre ocupou um lugar de fronteira, isto é, um lugar de combate, de confrontação entre culturas e civilizações diferentes. E, ao mesmo tempo, um lugar de passagem de homens, de mercadorias e de ideias importadas, que eles tenham sido assimilados ou rejeitados pela Europa(...) São lugares onde a identidade europeia é porventura mais vivamente sentida, do ponto de vista cultural, e como resultante da constante presença do outro. E, ao mesmo tempo, o lugar onde as contradições e as lacunas da civilização ocidental se apercebem mais agudamente, dando então lugar à crítica, à dúvida, às dificuldades de instaurar processos de resolução unânime dos problemas, em instaurar a ordem social (BOXER, 1978).

intrusão dos holandeses e ingleses no comércio marítimo. As derrotas ultramarinas “particularmente as que se registram na década de 1620 (Ormuz, Baía) contribuem para a intensificação da imagem de um Portugal outrora temido pelos seus inimigos, que hoje ninguém respeita” (CURTO, 1988, p. 22).

Em 1640, Portugal liberta-se do domínio espanhol, com a chamada Guerra da Restauração. Ao recuperar sua independência, novo rei foi aclamado, D. João IV. Contudo, este recebeu um país enfraquecido politicamente e empobrecido. Assim, Portugal empenhou-se, nos anos subsequentes, no reconhecimento da sua independência e na recuperação do poder ultramarino, adotando estratégias de alianças, tréguas e tratados com outros soberanos europeus.

1.2. A expressão religiosa no século XVII

Segundo Santos (2009), nos séculos XVI e XVII, formou-se em Portugal uma estrutura ideológica baseada no Antigo Regime, em que a Igreja e o poder monárquico continuam entrelaçados, apesar de todas as transformações políticas e culturais do Renascimento. Dividida em três estados – clero, nobreza e povo –, a sociedade portuguesa era consideravelmente influenciada pela Igreja, a qual detinha o poder ideológico, como detentora do conhecimento, e o poder divino, como provedora dos sacramentos. Por essa razão, era esta quem determinava a imagem da sociedade (FRANCO JUNIOR, 2001).

Como Portugal era um país conservador no que se refere à questão de valores religiosos, a Contrarreforma colaborou para que essa ideologia se enraizasse com vigor no país. A partir daí, foram fundadas e reativadas muitas ordens religiosas no século XVI. Tratavam-se de iniciativas de reforma no âmbito dos mendicantes (capuchinos, carmelitas descalços), ou institutos de clérigos regulares (jesuítas, teatinos, barnabitas etc). A Igreja, então, aparece renovada e pronta para a difusão universal pela obra missionária. Dessa forma, apesar das grandes transformações renascentistas, o lema humanista referia-se tanto à Antiguidade anterior ao cristianismo como à Antiguidade cristã. Nesse polo, o apóstolo São Paulo tornou-se tão importante quanto o filósofo Platão.

Ao verificarmos as escrituras de Chagas, recuperamos em um sermão essa ênfase no importante papel do apóstolo Paulo como pregador missionário:

Com estas palavras do Apóstolo S. Paulo damos principio às obrigações de hum Prêgador Missionario Apostolico, para que saiba o que lhe he necessario; assim quanto ao procedimento da vida, para ser capaz do altissimo ministério, que tem de Embaixador de Deos na terra; quanto à doutrina, com que ha de grangear para Deos as almas, a que a embaixada da Magestade infinita se dirige. (CHAGAS, 1687b, p. 26)

Além das importantes leituras resgatadas das teses de Santo Agostinho e de São Tomás de Aquino, outras obras significativas impulsionaram a ideia de um poder de Estado assegurado pelo poder religioso em Portugal.

Em 1597, na Espanha, o Padre Jesuíta Pedro de Rivadeneyra compõe o *Tratado de la religión y virtudes que debe tener el Príncipe Cristiano, para gobernar y conservar sus Estados*, na qual deixa explícita a relação entre política e religião. Segundo o teólogo, o príncipe necessita conhecer regras para gobernar. Contudo, essas regras têm como base a religião cristã:

Ante todas las cosas digo que hay razón de Estado, y que todos los Príncipes la deben tener siempre delante los ojos, si quieren acertar a gobernar y conservar sus Estados. Pero que esta razón de Estado no es una sola, sino dos: una falsa y aparente, otra sólida y verdadera; una engañosa y diabólica, otra cierta y divina; una que de el estado hace Religión, otra que de la Religión hace estado; una enseñada de los Políticos, y fundada en vana prudencia, y en humanos, y ruines medios, otra enseñada de Dios, que estriba en el mismo Dios, y en los medios que él con su paternal providencia descubre a los Príncipes, y les da fuerzas para usar bien de ellos, como Señor de todos los estados (RIVADENEYRA, 1788, p. 20).

Para o jesuíta, os reis e os príncipes devem guardar a santa lei de Deus e fazer com que todos os seus súditos também a guardem, pois, assim, Deus conservará seus reinos e sua prosperidade.

Também na mesma linha de uma razão de Estado católica, em Portugal, Pedro Barbosa Homem publica *Discursos de la jurídica y verdadera razón de Estado* (1629). O autor distingue a razão de Estado 'régia' e a 'tirânica':

A lei Regia suelen varios Autores señalar por otros títulos, porque y ala llaman Cristiana, ya Católica, ya justa, ya humana, ya legítima, y otros semejantes nombres, que como se ve, unos sueñan em Religión, otros en razonabilidad, y justicia. A la tiránica dan tambien otros diversos nombres, como son Gentílica, Pagana, Política, Despótica, Leonina, y otros tales, que a respecto contrario de la Regia, tocan a la irreligión, o a la injusticia (HOMEM, 1629).

Portanto, a ideologia católica dos séculos XVI e XVII abordou uma concepção de política cristã, em que se relacionou a base da religião católica aos princípios da arte política. Sob essa forte influência, expande-se uma visão escatológica, próxima das representações do Juízo Final, em que o homem, diante das delícias dos prazeres mundanos – banquetes, luxos, práticas sexuais adúlteras, incestuosas e homossexuais – assim como pela falta de justiça e o incessante desejo do poder e da riqueza, também é condenado pelos castigos divinos.



Figura 4- *O Juízo Final*, de Michelangelo, na parede do altar da Capela Sistina (1541).

Nessa ótica, houve a necessidade de uma ordem disciplinadora, difundindo a imagem de um Deus vingativo e punitivo, contudo, provedor das graças aos governantes que soubessem obedecer às leis da religião:

O Judeo, o Solomita, o Bigamo, o Feiticeiro, o Blasphemo estão alerta, abominão a união, e pureza da Igreja, por cada hum lança o Diabo suas espias para ver se acha parte por onde entrem nas nesarias feitas, e vícios; mas para isso he V. Magestade defensor da Igreja, e a Rainha nossa senhora; o Principe nosso senhor, e os senhores Infantes, todos ínclitos defensores, e principaes columnas della, para assistirem, como fazem, a seus Ministros, e não consentirem hua mínima entrada aos inimigo dela; assi o experimentamos na insigne piedade, e Real clemencia de Vossa Magestade, pella qual esperamos que nosso Senhor Jesu Christo, unico, e verdadeiro Redemptor, e Senhor nosso,

prosperare, e encaminhe sempre todas suas acções, dandolhe avantejadas victorias contra os inimigos dessa sua Coroa (CHAGAS, 1654, p. 48).

Dessa forma, os bispos da Igreja criaram uma base ideológica para justificar o papel de cada ordem dentro da sociedade, baseando-se nas passagens bíblicas e nas teorias de Santo Agostinho. Diante de uma filosofia em que a razão deveria prevalecer sobre a paixão, implicou-se na necessidade de implantar uma coerção sob forma de lei, uma vez que, segundo Curto (1988), os homens são mais inclinados às más obras, do que às boas, assim, precisa-se que haja leis que os obriguem a fazerem o bem. Como bem disse Freire Serrão em seu *Discurso Político*: “Quero vos eu bem / Digo de vos mal/ Por dissimular (...) Quero vos eu mal / Digo de vos bem / Porque me convém” (*apud* SILVA, 2013, p. 100).

Com as leis a partir da base teológica, o Estado assumiu o papel de ‘instrumento civilizador’, integrado na política católica, com evidente repúdio das teses maquiavélicas e protestantes:

A religião tem tanta força nos governos que, sem ela, qualquer outro fundamento do Estado vacila (...) Mas, entre todas as leis, não há nenhuma mais favorável aos Príncipes do que a Cristã, porque ela submete a estes não só os corpos e os bens dos súditos, como convém, mas também as almas e as consciências; e vincula não só as mãos, mas também os sentimentos e os pensamentos; e quer que se obedeça a Príncipes imoderados assim como a moderados e que se suporte seja o que for para não perturbar a paz. E não há coisa alguma que possa desobrigar o súbdito da obediência devida ao Príncipe, a não ser o que for contra a lei da natureza e de Deus (BOTERO, 1992, p. 69).

De acordo com Palomo (2009, p. 183), os monarcas portugueses, até mesmo durante anos após a Restauração, exerciam um papel determinante nos processos de eleição dos prelados do reino:

lo cierto es que, en función de criterios que podían variar de caso a caso y de acuerdo com las coyunturas que determinaban en cada momento las orientaciones de la política religiosa, la corona portuguesa, al igual que la mayoría de sus congéneres, no sólo dominaba el acceso a la dignidad episcopal y al gobierno de las diócesis, como regulaba asimismo las eventuales promociones de sus titulares a una sede más rica, convirtiendo de este modo a los obispos en auténticas ‘criaturas’ del rey, vinculados estrechamente a los propios intereses del monarca y, por consiguiente, instrumentos esenciales para la afirmación de la autoridad regia.

As consequências do Concílio de Trento, no reino de Portugal, expressaram-se, igualmente, nas relações entre a Igreja e a Coroa, uma vez que, ao promover a centralização das reformas religiosas nas figuras episcopais, a Igreja instaurou um processo mimético da centralização política, que perdurou ao longo dos séculos seguintes. A Coroa Portuguesa tinha, pois, absoluta consciência do valor da Igreja para o controle social.

Assim, o efeito da Reforma Tridentina com as ordens religiosas fortalecidas e as diversas transformações, perante os desafios da Modernidade, tornaram-se instrumentos de homogeneização do catolicismo. Como já comentamos, duas instituições foram relevantes para esse controle: a Inquisição e a Companhia de Jesus.

A Inquisição, com tribunais em Lisboa, Évora e Coimbra, estava concentrada em descobrir cristãos-novos e em julgar o protestantismo e outras heresias, sodomias, aberrações sexuais, feitiçarias. Segundo Boxer (1978, p. 107), “o que moveu a Inquisição foi uma intenção tida como verdadeira apoiada na crença da legitimidade do cristianismo que era tido como inestimável e incontestável, enfim, uma verdade absoluta”.



Figura 5 - Mapas dos itinerários das visitas inquisitoriais em Portugal continental, nos séculos XVI (à esquerda) e XVII (à direita). Fonte: Francisco Bethencourt, *As Inquisições*, p. 189.

Pressionada às mudanças, a Igreja também recorreu à educação como aliada na formação do comportamento do homem de acordo com a reprodução espiritual desejada na sociedade. Nesse prisma, a educação portuguesa estava precisamente ligada à religião, de forma a transmitir valores cristãos como fundamento da formação educacional da sociedade lusitana. Segundo a educação jesuítica,

a verdadeira adoração do culto se deve a Deus, o saber é o que os padres ensinavam em suas congregações, a verdade é que estava na Bíblia, nos escritos dos Doutores da Igreja e na autoridade do Papa, que se sobrepõe a todas as outras formas de saber cultural e educacional. (MARTINS, 2010, n.p.)

Enquanto isso, os jesuítas também eram os confessores, pregadores, catequizadores, praticavam obras de caridade, e tinham como sua principal atividade a pedagogia; tinham escolas bem estruturadas e adaptadas às realidades concretas.



Figura 6 - Em 1559, foi fundada pelo Cardeal D. Henrique a Universidade de Évora e entregue à Companhia de Jesus. Fotografia existente no Arquivo da Cúria Provincial da Prov. Port. da Companhia de Jesus.

Na primeira metade do século XVII, houve um crescimento de vocações religiosas, uma vez que havia a crença de que se integrando em conventos e mosteiros a salvação seria mais facilmente alcançada; ideia esta advinda de uma interpretação humanista do Cristianismo, centrada nas obras de Santo Agostinho, na qual os homens foram corrompidos pela desobediência de Adão e salvos pelo amor e misericórdia de Deus, assim, afirmando o primado da Fé sobre a Razão humana.

Os leigos integravam-se em Confrarias e Ordens Terceiras. Na época, ter um filho ou uma filha nas ordens religiosas significava certo *status* para as famílias, até

mesmo àquelas que não pertenciam à nobreza. Além disso, como era um momento conturbado de caça aos cristãos-novos, com denúncias e prisões inquisitoriais, ter um membro religioso na família era a forma de afirmar uma fé cristã, ou seja, uma forma de seguro, extensível aos outros familiares.⁵ Conforme Cardoso (2003), esta realidade permitia tanto um vínculo familiar, facilitando a sua integração, quanto fonte de conflitos, ressentimentos, representativos da vida familiar. Por outro lado, havia também os homens que, apesar do período de racionalismo, eram despertados pela fé, a partir de um otimismo ontológico em busca da salvação.

Dessa forma, os religiosos seguiam o programa dos santos, tais como, procurar corrigir a si mesmo e não criticar outrem, não se preocupar em mudar as estruturas da Igreja, mas reformar os homens que tinham cargos e funções nela, haja vista que o mal estava principalmente na mundanização do clero⁶. Esses religiosos eram orientados por diretores de consciência, os quais os guiavam na oração, meditação e leitura, a fim de que buscassem incessantemente a perfeição cristã. Frei Chagas abordou a importância desse guia de exercícios:

por isso para que nos comecemos a unir com Deos, he necessario entrar no Horto da Oração, descermos nella com humildade ao valle da nossa miseria, onde fertilizando esta terra, de que fomos feitos, com abundancia de amor, e lagrimas façamos por meditar, e dispomos para a Cruz, sem a qual não sendo semelhantes a Christo, não poderemos subir aos Ceos, e ser dos seus Predestinados. (CHAGAS, 1684, p. 2)

Ainda tinham como eleitos os seus intercessores celestes, os quais geralmente eram pessoas virtuosas, perseverantes, com destaque também na vida pública, que detinham e disseminavam valores como a austeridade, a caridade e a disciplina e era um verdadeiro missionário. Nesse campo, a fé era essencial, porque, por meio das pregações, despertavam-se suplícios e conversões. Em um de seus sermões, Frei Chagas destacou o importante papel do Pregador Apostólico, também chamado por ele de Serafim Evangélico:

São essas seis azas, seis cousas principaes, que os Serafins Evangelicos haõ de ter entre todas as mais virtudes com evidente vantagem, quanto ao procedimento da vida; a saber: a.1.vida exemplar; a.2. oração devota; a 3. mortificação prudente; a 4. intenção

⁵ Talvez essas sejam razões para que encontremos com frequência vários membros de uma família integrando uma ordem religiosa; o que invalida em parte a verdadeira vocação.

⁶ Dizia o teólogo Egidio de Viterbo na sua alocução introdutória ao Concílio de Latrão V (1512): *Homines per sacra immutari faz est, non sacra per homines* – os homens é que devem ser transformados pela religião e não a religião pelos homens. (CARDOSO, 2003)

pura; a 5. caridade fervente; a 6. zelo perseverante. (CHAGAS, 1687b, p. 28)

Para isso, os religiosos tinham que renunciar à riqueza e aos prazeres mundanos, penitenciando-se por meio da pobreza e da mortificação da carne; humilhando-se e considerando-se indignos do sofrimento de Cristo, num desejo árduo da morte, uma vez que essa seria o martírio que os levaria a Deus. Logo, o divino só se revelava àquele que negasse o profano e exaltasse o sagrado, sendo estas duas modalidades de ser no mundo:

O homem que não crê vive apenas a existência finita 'ao correr dos acontecimentos, nos limites do provável, no curso habitual das coisas, numa certa soma banal de experiência, só reconhecendo a responsabilidade consigo e com outros homens. O devoto vivencia as duas modalidades, a ordinária e a transcendental que transfigura e por isso, além dos deveres consigo mesmo e com os outros, coloca-se perante o seu Deus (Igreja Triunfante), a quem deve uma prestação de contas diária, mais rigorosa conforme a interiorização psicológica alcançada, o que, em contrapartida, lhe ameniza a solidão, alarga a imaginação, conforta e lhe dá esperanças nesta e na outra vida (CAMPOS, 2015, p. 377).

Dessa forma, o homem religioso só alcançava a sua busca de ser pleno quando não se completava com as ocupações do mundo. A angústia existencial, particular desse período, transpôs-se na obsessão de salvação da alma.



Figura 7 - Obras inquietas (1619) de Gian Lorenzo Bernini; à esquerda “Anima dannata” (Alma Danada); e à direita “Anima Beata” (Alma Abençoada)

Porém, não só os orientadores colaboravam para essa busca, mas havia diversas obras de espiritualidade destinadas a guiar os religiosos. As instruções de leituras advinham dos conselhos de diretores espirituais, de confessores, a fim de engrandecer a espiritualidade, contudo, estas deveriam se ater ao entendimento.

Os livros mais elogiados para essa finalidade eram *Os Exercícios* de Nicolau Esquio, *O tratado do Amor de Deus*, de S. Francisco de Sales, e os *Exercícios Espirituais*, de Inácio de Loyola. Além desses, no século XVII, houve uma ampla produção de relatos, memórias, cartas, com ensinamentos de práticas de oração mental, exercícios rotineiros de orações, meditações, de autores dominicanos, franciscanos, agostinhos e de outras ordens, com propostas de modelos e comportamentos a serem imitados. Nas obras de Chagas encontramos diversas orientações como essas:

Primeiro que tudo se ha de fazer costume da Oração , assim como fazia o Senhor , para que este costume se faça natureza , e a natureza se converta em graça, subindo deste valle de lagrimas ao monte da eterna Paz, que isto nos representa o Monte das Oliveiras , figura do Çeo, aonde pela Oração [que he subida da mente a Deos] se ha de erguer o nosso pensamento. (CHAGAS, 1684, p. 2)

Havia também grandes produções das biografias de santos, demonstrando os sacrifícios, penitências, mas também as graças e as maravilhas proporcionadas por Deus. Por meio da literatura catequética e moralizante, apresentava-se um modelo de disciplinamento social, ou seja, um discurso modelador doutrinal.

1.3. Produções literárias seiscentistas

O século XVII foi uma época de crise a qual afetava o homem nas atividades econômicas, políticas, religiosas, sociais, culturais, e, por consequência desse momento turbulento, decorriam variações intensas em suas vontades e sensibilidades.

Sob forte influência humanista, o período seiscentista inicia-se difundindo o moralismo, como tendência a insistir no esforço pessoal, desafiando os vícios, os pecados e os defeitos advindos da vida terrena por meio de exercícios sistematizados

das virtudes. Resultado da Contrarreforma, havia o incentivo de ações que refletissem penitências na perseverança pessoal de santificação. Assim, desponta uma literatura de produção de vários textos doutrinários, como sermões, cartas, poesias, tendo como base a religião.

Contudo, parece-nos conveniente apontar que a poesia seiscentista não só nasceu dentro da prática cristã, mas também em torneios realizados até mesmo em conventos femininos, cujos poemas tinham como tema os amores Freiráticos. Conforme já comentamos (em nota 5, da página 27), muitas religiosas não entraram para a vida monástica por vocação, mas obrigadas pelas famílias, ou por falta do casamento, ou pelo *status*, ou para salvar a família da perseguição aos cristãos novos. Dessa forma, as Freiras procuravam outras formas para libertarem-se da clausura, seja até mesmo pelo namoro versegante, propiciando-lhes devaneios e fantasias.

Além de vários poemas que ainda estão sob o trabalho de pesquisadores no intuito de transcrição de manuscritos, temos como destaque duas antologias consideradas como patrimônio literário nacional, as mais importantes da poesia seiscentista em Portugal. A primeira antologia é a *Fenix Renascida* ou *Obras Poéticas dos Melhores Engenheiros Portugueses*, publicada em cinco volumes, entre 1716 e 1728, e com acréscimos em 1746, por Matias Pereira da Silva, que revela agudezas seiscentistas desde glosa a soneto, tratando de temas épicos, mitológicos, satíricos, religiosos e lírico-amorosos. Dentre os poetas ali reunidos, destacam-se: Jeronimo Baia, Sórora Violante do céu, António da Fonseca Soares (Frei António das Chagas), D. Tomás de Noronha, Diogo Camacho, Antonio Barbosa Bacelar. Já *O Postilhão de Apolo*, outra antologia de destaque, é um cancionário de longo título, *Ecos que o Clarim da Fama Dá / Postilhão de Apolo montado no Pégaso*. Este foi publicado em dois volumes (Eco I e Eco II), em 1761 e 1762, por D. José Angelo de Moraes, e é composto por poesias de várias temáticas. Além de alguns poetas já referidos como participantes da *Fenix Renascida*, colaboraram no *Postilhão de Apolo*, dentre outros escritores quinhentistas, seiscentistas e setecentistas: Eusébio de Matos (1629-1692), Bernardo Vieira Ravasco (1617-1697), Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622), D. Francisco Xavier de Meneses (1673-1743). (REIS, 2001)

Nesse contexto, a Restauração não se reflete de imediato na literatura, uma vez que se centrava nos membros da alta aristocracia e faltava-lhe o cunho nacional. Por essa razão, os literatos pairavam nos modelos da corte filipina, no gongorismo e no quevedismo, inclusive, apresentando poemas na língua castelhana. A única

influência que compete com o gongorismo na época é a camoniana⁷, representada pelos poetas da *Fênix Renascida*.

A arte do momento deixou o equilíbrio, a simplicidade e a razão para dar espaço a uma literatura mais ardente e violenta, dessa forma, mostrando o estado de espírito conturbado, preso à dualidade conflituosa entre o mundo terreno e o mundo divino. Embora movido pelo racionalismo renascentista, o homem ainda era impulsionado pela fé e continuava à busca da religiosidade, pois encontrava-se atordoado pelas dúvidas existenciais – reflexo do contexto social e político – representadas nas obras de caráter religioso.

Segundo Reis (2001, p. 17), há no período um clima espiritual em que

as expressões vão desde uma produção de literatura obcecada por preocupações individuais de ordem religiosa até manifestações coletivas e teatrais, eufóricas ou dramáticas, de uma religiosidade triunfante. Época de atenção às ideias sobre espiritualidade, às formas de religiosidade, às manifestações de devoção.

Fato é que a literatura tenta conciliar os procedimentos medievais – reativados pelo Concílio de Trento – e o pensamento renascentista. Segundo Saraiva (1978, p. 495), à medida que avança o século XVII, o estilo torna-se mais intelectualista, centrando-se em tradições moralistas e pessimistas de Salústio, Tácito, Sêneca e do Eclesiastes, por meio do exagero patético e sublimação espiritual, e na prosa torturada de Quevedo e na doutrinária de Gracián. Contribuíram para isso tanto o estilo cultista quanto o conceptista, ambos representando a frustração e a efemeridade da vida diante da instabilidade do quadro social da época, bem como contrapondo o prazer mundano ao prazer celestial, em que diante do sofrimento haveria a compensação divina. Os poetas conceptistas figuravam de forma engenhosa o universo celestial criando analogias, metáforas, comparações e alegorias esteticamente belas e retoricamente persuasivas.

Como resultado, as grandes fontes das produções escritas desta época são as hagiografias, os sermões, as cartas de religiosos, os tratados, enfim, reflexos de religiosidade, com propósito de persuadir, por meio dos pregadores, o público letrado e iletrado, ou seja, têm caráter funcional. Dessa forma, a oratória sacra também foi

⁷ A influência camoniana aparece através da oitava rima, narrando os grandes acontecimentos da Guerra da Restauração; assim como o faz António da Fonseca Soares em que dedica as vitórias de Mourão e de Elias.

repleta de exageros do estilo cultista, como ocorreu com oradores que procuravam efeitos teatrais, como o próprio Frei António das Chagas.

Havia na Igreja dois posicionamentos dos sacerdotes: os que mantinham um discurso doutrinário e o soteriológico, ou seja, importava a pregação do evangelho e a salvação da alma, em que a Igreja se preocupava com o povo oprimido; e outro era o discurso universalista em que, sob o ponto de vista político, prezava pela dominação da Igreja de forma a expandir a religião e estender a perseguição àqueles que não aceitavam o cristianismo. Por essa razão, a retórica tornou-se importante instrumento para doutrinar os ouvintes, devendo utilizar métodos de orientação de Aristóteles, Quintiliano, São Bernardo, São Cipriano e outros oradores exemplares, quer aquele da Antiguidade Clássica, quer os doutores da Igreja.

1.3.1. A importância da retórica no século XVII

O termo Retórica tem uma longa história. Como aparecia nos discursos a arte em linguagem bem articulada, passou a ser objeto de estudo envolvendo técnicas para a sua realização. Os principais teóricos da Retórica Antiga foram o sofista Górgias de Leontinos, Platão, Aristóteles, Cícero e Quintiliano.



Figura 8- *Escola de Atenas* é um dos trabalhos mais conhecidos do famoso artista renascentista Rafael Sanzio. Composto de quatro afrescos principais, o painel retrata quatro ramos distintos do conhecimento - a Filosofia, a Poesia, a Teologia e o Direito

Enquanto os sofistas (século IV a.C.) gregos ensinavam a retórica como a arte de persuadir, Aristóteles colocava a retórica a serviço do verdadeiro e do justo e a definia como “instrumento de opinião”, sistematizando essa técnica ao firmar-lhe utilidade, cientificidade e caráter argumentativo. Segundo o filósofo, o orador que tivesse a intenção de persuadir seus ouvintes deveria preocupar-se com os três pilares da retórica: o *ethos* (imagem que o orador quer transmitir de si, o seu caráter, a sua autoridade); o *pathos* (emoções que animam nos ouvintes, apelos emocionais, figuras) e o *logos* (organização de seu discurso, uso do raciocínio para construção do argumento). E apresentava ainda três níveis da retórica: *inventio* (a busca das provas para os argumentos); *dispositivo* (a estrutura discursiva do argumento); e *elocutio* (a inserção das palavras no eixo sintagmático e no paradigmático).

Segundo Ricouer (1983), a retórica de Aristóteles cobriu três campos: uma teoria da argumentação (articulação com a lógica demonstrativa e a filosofia); uma teoria da elocução; e uma teoria da composição do discurso. Dessa forma, integrou o saber com a teoria, a arte, a ciência e a técnica.

A retórica Aristotélica (2005, p. 95) foi, pois, entendida “como a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir”. A partir de seus estudos, o filósofo tratou o tema de forma oposta ao tratado pelos retores e sofistas:

A retórica é a outra face da dialética, pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular. De facto, todas as pessoas de algum modo participam de uma e de outra, pois todas elas tentam, em certa medida, questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar (Rhet., I, 1354a).

Aristóteles, em seu primeiro livro, ainda fundamenta seus estudos em três gêneros retóricos: político ou deliberativo (que procura persuadir ou dissuadir); judicial (que acusa ou defende); demonstrativo ou epidítico (que elogia ou censura). No seu segundo livro, além de analisar as formas de argumentação, também aborda a preparação do público, no plano emocional, para recepção do discurso. No terceiro, explica as partes que estruturam o discurso e elementos expressivos que o compõem.

Levando em consideração todo o estudo feito por Aristóteles, no século III a.C., a cultura grega vem com toda força influenciar a cultura romana, esforçando-se para construir a imagem de orador perfeito, propondo a união da retórica e da filosofia. Para

Cícero, a retórica era um dom natural do homem, mas precisava da aquisição de cultura geral e erudição para que efetivasse seus objetivos (MOSCA, 2001, p.119).⁸

Após Cícero, o maior nome da retórica clássica foi o grande orador Marcos Fábio Quintiliano (35 a 96 d.C.), resgatando a oratória ciceroniana. Para Quintiliano, a retórica envolvia a arte de bem falar por meio de estudo, técnica e boa expressão.

O seu estudo *De Institutione Oratoria* reflete as várias definições mais representativas das convenções retóricas clássicas. Aristóteles diz que “a retórica é a faculdade de encontrar no discurso tudo o que é adequado a persuadir”; Hermágoras afirma que o objectivo da retórica é “dizer persuasivamente”; já Córax, Tísias, Platão e Górgias, dizem ser “o artífice da persuasão tanto nos tribunais como nas outras reuniões e tratar do justo e do injusto”; e Sócrates reconhece-lhe “a faculdade de persuadir” (QUINTILIANO, §13,14 e 17, p. 7 e 8). O prescriptor romano, entretanto, defendia a sua ideia de que a retórica era a ciência de bem falar, *scientia bene dicendi*:

O que vou dizer não é pois aquilo que descobri, mas o que considero certo: retórica é a ciência de bem dizer. E que uma vez achado o que é melhor, quem procurar algo de outro, quer algo pior. Estando de acordo com estas definições então também se torna simultaneamente claro qual o fim último e maior da retórica, a que se chama tóloc, e para o qual tende toda a arte: pois que se a retórica é a ciência de bem dizer, o seu fim maior é então bem dizer. (QUINTILIANO, §38, p.11).

Foi Quintiliano que também realizou uma completa classificação da matéria ensinada pela Retórica, catalogando as figuras de estilo em: figuras de dicção, figuras de linguagem e figuras de pensamento.

Nesse contexto, o bem dizer era demasiado importante, já que o orador era incumbido de construir o seu discurso com base nas referências sociais, culturais, valores morais, enfim, delineando um panorama de transformações políticas e sociais na sociedade romana. Tanto na Grécia como em Roma, o direito de se expressar foi fundamental para a afirmação do homem na sociedade e para que se desenvolvesse mais a capacidade de comunicar-se. Reconheceu-se, portanto, o poder da palavra, o qual acabou por exercer um papel preponderante em todo contexto social, seja na política ou no direito, seja na religião ou na ciência.

Entretanto, no decorrer da história, a retórica foi sendo desvalorizada em vários aspectos. Com o ofício dos sofistas e com a prática demagógica dos políticos,

⁸ Cícero deixou-nos alguns tratados, dentre eles: *De inuentione ou Rhetorici libri II*, por volta de 86 a.C., no qual falava de técnicas de invenção e disposição; e o *De oratore libri III* (55 a.C.), no qual procurava construir a figura do orador perfeito dentro da capacidade de retor e filósofo.

desvirtuou-se o seu sentido, que passou a ter uma imagem depreciativa tornando-se sinônimo de falsidade e enganação. O ponto auge da crise estabeleceu-se a partir do século XVI, arrastando-se até o século XX. Nessa época, a retórica representava apenas o falar bem, com arte e beleza, sem preocupação com a verdade. Não oferecia conteúdo para um conhecimento.

No final do século XIX, Friedrich Nietzsche⁹, em seus estudos, afirmou que a atividade filosófica era inseparável da reflexão sobre a linguagem, a qual na sua função é basicamente retórica. Nessa linha, levantaram-se novas pesquisas sobre essa arte. Mas, foi pelas obras de Chaim Perelman e Theodor Viehweg (1958) que a Retórica antiga voltou a um lugar de destaque, trazendo ao topo os estudos de Aristóteles no contexto intelectual do Ocidente. Perelman, jurfilósofo da escola belga, promoveu um estudo voltado aos processos argumentativos, relacionando o Direito e a Retórica; essa proposta ficou conhecida como “A Nova Retórica”. A partir de então, a Retórica tornou-se uma das práticas mais nobres, revalorizada como ciência e arte, um saber interdisciplinar e transdisciplinar, afirmando-se como a arte de pensar e a arte de comunicar o pensamento.

1.3.2. O engenho poético do século XVII

Segundo Carvalho (2007), em consonância com o contexto histórico cultural dos Seiscentos em Portugal, há o diálogo entre o poético e o sagrado, constituindo matéria de vários estudos literários, relacionando poesia e poética, arte, teologia, história, retórica e política. Por essa razão, para entendermos as produções literárias da época, bem como a poesia seiscentista em sua vertente *poesia da agudeza*, é necessário compreendermos a mentalidade, o modo de organização política e os padrões de comportamento da vida social.

A Agudeza era um padrão cultural, um modelo que concordava com as conveniências exigidas pelo decoro¹⁰ e pelo juízo. É ela que define a elegância, a

⁹ Filósofo, filólogo, crítico, poeta e compositor, nascido na Alemanha, Röcken (1844 – 1900), escreveu diversos textos críticos moral, cultura, religião e ciência.

¹⁰ Conforme Hansen (2006, p.48), “‘decoro’ é um operador de adequações discursivas, implicando a regulação das trocas simbólicas segundo o que é entendido como ‘conveniente’, num sentido ao mesmo tempo técnico e civil. A noção de decoro e decoroso como moral e, ainda, como *moral* sexual,

civilidade e o estilo do homem que tinha rapidez e percepção. Por isso o nome *poesia da Agudeza*, pois ela deveria prever decoro, prudência, moral, enfim, estar em harmonia com o comportamento do homem discreto.

Na obra de Emanuele Tesauro (1654), a agudeza tem um estudo significativo, e é considerada, segundo o autor,

gran madre d'ogni ingegnoso concetto; chiarissimo lume dell'oratoria e poetica elocuzione; spirito vitale delle morte pagine; piacevolissimo condimento della civil conversazione; ultimo sforzo dell'intelletto; vestigio della divinità nell'animo umano (TESAURO, 1654, p.1).¹¹

A agudeza, assim, é vestígio da divindade na alma humana, é uma aplicação da inteligência, uma engenhosidade capaz de provocar admiração e surpresa no estilo poético.

Para Hansen (2006, p. 71), agudeza¹² é a metáfora que resulta da capacidade do engenho de produzir o belo, o eficaz, o efeito inesperado que causa estranheza, agrada e persuade. Chama-se *engenho* a capacidade de os poetas criarem as agudezas, tomando por base a metáfora, a qual, segundo o autor, consiste na substituição de palavras analogicamente selecionadas, dentre as quais o juízo percebe o que é adequado ou não. Dessa maneira, *Agudeza, Engenho, Metáfora, Decoro e Juízo* são noções primordiais da poesia daquela época.

Os conceitos da poética vigentes no século XVII tiveram como fonte a arte aristotélica, concatenando modelos de verossimilhança, decoro e agudeza, com a sobreposição do ornato deleitoso e a dubiedade da metáfora. As composições apresentam uma relação estreita entre os discursos de poesia e da prosa ornada, fundamentadas na concepção de arte em que a imitação (*imitatio*) é a base da composição poética. Aos fenômenos que definem a descendência do discurso imitativo, Carvalho (2007) chama-os “retorização da poética” e “poetização da retórica”. Isto posto, a autora explica a verossimilhança na imitação poética e no plano do discurso.

vai-se cristalizando e afunilando desde o século XVI, para enrijecer-se na pornografia legalizada da censura contemporânea: ‘espetáculo indecoroso’ etc.”

¹¹ “Grande mãe de todo conceito engenhoso; luz muito clara da elocução oratória e poética; espírito vital das páginas da morte; tempero muito agradável de conversação civil; último esforço do intelecto; vestígio da divindade na alma humana” (tradução nossa).

¹² A agudeza, segundo Aristóteles, tem quatro causas: o engenho, a matéria (fundamento do discurso), o exemplo (modelos antigos imitados), a arte (técnica de embelezamento) (*ibidem*, p.71).

Na imitação poética, a ideia de perfeição nasce da condição de aproximação com a verdade (verossímil). Pelo engenho – o qual mantém seu respaldo na poética e na retórica antigas – os poetas são capazes de criar uma imitação perfeita de verossímeis, sendo isto a essência da poesia da agudeza. Já no plano do discurso, a verossimilhança é definida pela articulação interna das partes de um poema, dado que a obra de arte da palavra imitativa é constituída como um esboço dos pensamentos e sua produção por meio da linguagem.

Tanto a adequação de um discurso quanto a argumentação persuasiva estão condicionadas pela coerência entre coisas e nomes e pela equivalência das semelhanças entre coisas e palavras que possam exprimi-las adequadamente, devendo apresentar-se na composição do sentido.

Carvalho (2007, p.51) afirma que “a percepção de semelhanças, seguida da construção argumentativa expressa em palavras adequadas, resume o procedimento verossímil que assegura o efeito persuasivo também na arte poética”. No que concerne à construção de argumentos na poética da agudeza, é que esta apresenta mecanismo análogo da construção da metáfora, na medida em que se baseia na aproximação das semelhanças entre as coisas.

Dessa maneira, a metáfora – assim como já comentamos – apresenta-se como uma figura tanto da Poética quanto da Retórica aristotélica, tendo o papel de ornamento/elegância/deleite do discurso, como também de ensinamento por fazer conhecer o semelhante/imitação.

Segundo Aristóteles, uma metáfora bem elaborada pode ser valorizada tanto no plano do ornato como no plano argumentativo, uma vez que o silogismo¹³ da argumentação retórica equipara-se à ação dessa figura, realizando uma demonstração argumentativa no que se emparelha ao procedimento silogístico do entimema¹⁴.

A metáfora, portanto, possui ação argumentativa; tornando-se mais instrutiva e verossímil, volta-se mais persuasiva. Sua eficácia depende de sua estrutura não comparativa e ainda de expressão que pode gerar imagens realçantes.

¹³ Para Aristóteles (2005, p. 93), o silogismo é o argumento pelo qual podemos concluir um conseqüente a partir de premissas ligadas entre si.

¹⁴ Aristóteles (*ibidem*) institui o entimema como corpo de prova que se encontra no campo do provável (verossímil).

Como vimos, as agudezas das composições tinham uma combinação eficaz entre versos, rimas, sonoridades, argumentos e todos os ornatos. Entendendo bem essas caracterizações da poesia seiscentista, será ainda primordial o estudo do discurso cristão dessa época repercutindo nas epístolas de Frei António das Chagas.

1.3.3. O sagrado na poesia

Na tradição cristã do século XVII, em Portugal, a representação do sagrado na palavra constitui forte presença na prática literária, tomando como conceito o termo poesia “ao divino”, que seria a transposição de termos do amor humano ao plano divino, implicando uma ligação entre o mundo terreno e o universo celestial (CARVALHO, 2007, p. 289).

Uma das principais características dessa poesia é a metáforização poética dos elementos do poema, buscando a divinização poética do mundo material, tirando partido de signos da natureza para o ensino da moral cristã. A poesia “ao divino” também se aproxima da poesia mística na tentativa de representar as experiências que o homem faz de Deus, restritas a poucas pessoas.

De acordo com a autora (2007, p. 291), as relações entre os textos sacralizados e profanos, nesse período, deram-se em duas vias:

Por um lado, a relação com a escrita secular ocorre a partir do aproveitamento simbólico que a poesia mística e a poesia bíblica fizeram do vocabulário e das imagens originárias do mundo das representações do amor sensual. Por outro lado, [...], sabe-se a poesia mística exerceu influência sobre a poesia lírica secular e o teatro sacramental tanto em termo de provimentos de lugares-comuns, consolidados a partir de descrições emotivas dos esforços ascéticos, quanto em termos de representação afetiva de ideias, sentimentos e experiências da doutrina e da tradição religiosas.

O centro da poesia “ao divino” é articular analogias entre o divino oculto no mundo sensível e a possibilidade de o homem participar dessa experiência. A metáfora torna-se, então, um forte artifício que fará a conexão entre o mundo sensível (do homem) ao mundo divino (de Deus), em que os sentimentos religiosos são expressos por analogias do terreno humano.

Assim, os autores seiscentistas utilizavam a alegoria retórica de ordem metafórica, a qual ornamentava e interpretava os sentidos das palavras pela ação da

translatio. Nessa época, a alegoria também era considerada agudeza, uma vez que tratava oposições semânticas por meio de analogias¹⁵.

Hansen, em sua obra *Alegoria: construção e interpretação da metáfora* (2006), faz referência a uma série de conceitos sobre a alegoria, percorrendo o seu contexto histórico. Segundo o autor, há dois tipos de alegoria: alegoria dos poetas e alegoria dos teólogos.

A alegoria dos poetas consiste na maneira de falar e escrever conforme a poética e retórica antiga, levando em consideração um conjunto de técnicas que regulamentam as ocasiões em que o discurso pode ser ornamentado. Destarte, detém o conceito de tropo para realizar a transposição semântica de sentidos (sentido figurado para sentido próprio), sendo determinantes os critérios de brevidade e clareza. Já a alegoria dos teólogos – ou alegoria hermenêutica¹⁶ (de interpretação) –, consiste em “uma técnica de interpretação que decifra significações tidas como verdades sagradas em coisas, homens, ações e eventos das *Escrituras*.” As coisas, os seres e acontecimentos históricos são aqueles nomeados nas Palavras Sagradas (HANSEN, 2006, p. 91).

A alegoria hermenêutica trata de uma transposição semântica entre os episódios do mundo humano e as verdades da *Bíblia*. Assim, a alegoria do mundo espiritual não está nas palavras, mas naquilo que estas representam, buscando a presença divina nas coisas e nos homens. Diferente da alegoria dos poetas, que usa o conceito de tropo para a sua construção, os teólogos hermeneutas tinham como meio o conceito de tipo, procedimento pelo qual um sujeito ou episódio do *Velho Testamento* prefiguraria o que acontecerá (revelação) no *Novo Testamento* (HANSEN, 2006, p. 100).

A partir do estudo da alegoria dos teólogos, Hansen nos proporciona a possibilidade de um estudo mais detalhado sobre a metáfora bem como a sua composição no século XVII, abrindo o caminho para a interpretação e os efeitos de sentido provocados pela figura no discurso religioso de Chagas.

Por meio dessa base teórica que essas leituras e outras complementares nos propiciam, podemos vislumbrar o discurso religioso dessa época e compreender que a poesia ao divino se apropria de modelos poéticos para instaurar a moralização de

¹⁵ Já a Retórica Antiga considerava a alegoria como metáfora continuada, a qual consistia na substituição de um pensamento por outro, ambos ligados por uma relação de semelhança.

¹⁶ Técnica interpretativa dos padres e teóricos da Igreja Católica da Idade Média.

temas tradicionais. Razão esta porque, nesse contexto histórico, Portugal é marcado com o fortalecimento da Igreja Católica, após a Contrarreforma, e a Companhia de Jesus tornou-se o espaço de educação aos filhos da nobreza. Para assegurar a posição da Igreja, as composições documentam a ênfase da doutrina cristã, com a finalidade de ensinamento e instrução; natureza apresentada em vários textos dos religiosos seiscentistas.

Compreendendo, pois, a poesia “ao divino”, instruímo-nos para a análise das características encontradas nas *Cartas Espirituais*. Nelas temos, em conjunto, o discurso poético, atingindo a finalidade do deleite, do prazer e da satisfação, e o discurso persuasivo, reafirmando, instruindo, aconselhando e orientando a sua doutrina.

1.4. O gênero epistolar: documento historiográfico

A Igreja, instaurando suas novas ordens, principalmente a Companhia de Jesus, responsável pela ação missionária, e levando sua doutrinação às novas terras, compreendeu a necessidade de manter ligação entre os membros religiosos e o seu poder central, a fim de que não compromettesse a sua união. Estruturaram-se, assim, as Constituições dos Jesuítas, orientada por Inácio de Loyola que, dedicando uma das partes a *De lo que ayuda para unir los repartidos com su cabeza entre sí*, destacou-se a dificuldade de união entre o grupo: “(...) pues no conservarse puede ni regirse, ni por consiguiente conseguir el fin que pretiende la Compañia a mayor gloria divina sin estar entre si y com su cabeza unidos los miembros della” (LOYOLA, 1963, n. 655, p. 556).



Figura 9-Santo Ignácio de Loyola fazendo penitência na caverna de Manresa, óleo sobre tela, 213 x 142 cm, Sevilha, Museu de Belas Artes, séc. XVII, por Juan Valdés Leal.

Interessava, portanto, estabelecer os canais de comunicação, desde as corriqueiras às mais complexas, circulando de forma cautelosa informações por meio das cartas¹⁷, para que não houvesse dispersão e combatesse as divisões.

A partir disso, durante o século XVII, o gênero epistolográfico foi formando uma literatura autônoma, com a finalidade de informar, comentar casos particulares, pessoais, ou ainda relacionados à vida pública, social e religiosa. Com extrema profusão no período seiscentista, a carta passa a ser um exercício literário, tratada numerosas vezes como um diário, um confessor imaginário. Foi assim com vários escritores, tais como Padre Antônio Vieira, D. Francisco Manuel, Cavaleiro de Oliveira, Sórora Mariana Alcoforado e o próprio Frei Antônio das Chagas.

¹⁷ A carta como instrumento eleito para comunicação não nos surpreende, pois Loyola, entre 1524-1556, escreveu seis mil oitocentas e quinze cartas, era, pois, um homem da escrita. Ele escreveu os *Exercícios Espirituais* para ensinar e acompanhar, as *Constituições* para regulamentar, as *Instruções* aos membros da Companhia para manter a união, seus diários para entender sua própria espiritualidade, e as cartas como forma de agir e comunicar sobre os mais variados assuntos e situações. Loyola acreditava na comunicação como forma privilegiada de ação. (DOMINIQUE BERTRAND, 1985).

Segundo Muhana (2000), a carta ou epístola é um dos gêneros mais marcantes junto com a historiografia nos séculos XVI e XVII. Era uma ação esperada do homem cortês, que usava o espaço da carta para arte da antiga retórica, pois, como constituía o principal meio de comunicação, necessitava de uma técnica expressiva de organização, a qual, pela engenhosidade, perpassava a história da escrita literária e dos pensamentos filosóficos e teológicos.

Como o destinatário estava ausente, havia, pois, a preocupação em mediar o retrato da subjetividade da manifestação do pensamento que os autores quinhentistas e seiscentistas procuravam descrever, associando-o às metáforas, comparações, analogias, e estabelecendo a ponte de intimidade de pensamento com seu destinatário. Tornavam-se, assim, as narrativas e os fragmentos de memória ricos em imagens e linguagem poética, podendo situar nas fronteiras entre literário e o histórico, uma vez que a leitura das cartas possibilitava as observações do contexto sócio-político da época. Dessa forma, era um *locus* experimental para construção de pensamentos, ideias, comentário da vida social, cultural e política, correntes ideológicas e o próprio processo criativo da escrita a partir da composição estilística do autor.

É evidente que o modelo de carta não tenha só surgido nos Seiscentos, por isso, convém fazermos alguns apontamentos. O gênero epistolar é registrado desde a Antiguidade, cultuado em textos clássicos e religiosos como as Cartas de São Paulo (*Bíblia*). Na literatura latina, encontram-se inúmeros tipos de epístola: cartas familiares e íntimas¹⁸, públicas, oficiais, abertas, doutrinárias ou científicas, prêmios ou de dedicatória.

¹⁸ Cícero, em epístola endereçada a Curião (*fam. II, 4, 1*), fala brevemente sobre uma propriedade essencial da carta, o fato em que se alicerçaram, ao menos, as primeiras correspondências, e apresenta duas espécies epistolares. Leiamos o trecho inicial: *Epistularum genera multa esse non ignoras, sed unum illud certissimum, cuius causa inuenta res ipsa est, ut certiores faceremus absentis, si quid esset quod eos scire aut nostra aut ipsorum interesset. Huius generis litteras a me profecto non exspectas; domesticarum enim tuarum rerum domesticos habes et scriptores et nuntios, in meis autem rebus nihil est sane noui. Reliqua sunt epistularum genera duo, quae me magnopere delectant, unum familiare et iocosum, alterum seuerum et graue.* (CICERO, 2014, parte *priori*, 53). Tradução: “Não ignoras que há muitos tipos de epístolas, mas um único é o mais genuíno, que motivou a invenção da própria carta com a finalidade de informar os ausentes, se houvesse algo que interessasse que eles soubessem de nossa parte ou da parte deles. Na verdade, tu não esperas de mim uma carta desse tipo, pois tens em casa escribas e mensageiros dos teus negócios domésticos, e também em relação aos meus negócios, não há nada de novo. Restam ainda dois tipos de epístolas que me deleitam grandemente: um íntimo e jocoso, outro austero e grave.” (KERR, 2016)

Dentre elas, destaca-se a epístola de Horácio (65 a.C.-8 a.C.), a *Epistola ad Pisones*, em que expõe a formação do poeta e de suas composições a partir do acesso aos epígonos de Aristóteles. Horácio racionaliza conceitos e regras para a criação literária, mas também aconselha sobre o ofício, suas responsabilidades e sua ética. Preocupa-se também com a edição e o trabalho da crítica, o que mostra que as preocupações atuais não diferem muito das da Roma Antiga.

Outras cartas são as de Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.). Escritas no exílio, as *Cartas Pônticas* são testemunho de seus anos de desterro, carregadas de discurso poético, com recursos expressivos, revelando-o, assim, um poeta.

Destacam-se ainda as “Cartas a Lucílio” (*Epistulae Morales ad Lucilium*), principal obra de Sêneca (4 a.C.-75 d.C.), escritas durante seu retiro em sua fase mais madura. Não se sabe se, de fato, elas teriam sido fruto de uma correspondência real entre Sêneca e seu interlocutor, ou mera ficção literária criada pelo pensador latino, imbuído do intuito de manifestar suas reflexões sobre a vida, em sentido amplo, e a civilização.

Vemos nesse conjunto epistolar não somente a preocupação da correspondência com o outro, mas também a preocupação em compartilhar conceitos ligados à literatura ao modo de fazer da escrita. São, assim, poetas-pensadores que, pela via epistolar, posicionam-se frente à sua arte e à produção literária de sua época.

Segundo Seara (2006, p. 3),

Os textos epistolares são objectos discursivos paradoxais: intimamente amarrados às pessoas e à sua história, coleccionados fervorosamente, editados, comentados, queimados, violados, nómadas, vagabundos, reduzidos ao estatuto subalterno de dados biográficos ou sociológicos, o seu interesse é inestimável.

As epístolas estão agregadas às histórias de seus interlocutores, tanto contendo dados pessoais como sociais, tornando-se, assim, de interesse inestimável; são documentos de testemunhos, fatos históricos, impressões pessoais, constituindo uma ação sobre o outro, um mecanismo direcionado a agir a distância, num ato performativo, intencional, ou seja, de um pedido, de adesão, de reconhecimento. Dessa forma, na tradição clássica, a epístola definiu-se como uma conversa entre ausentes, um diálogo dirigido a um outro imaginado, diferente dele, isto é, dirigido a uma imagem construída do destinatário. Assim como, na recepção do texto, o destinatário evoca a imagem do emissor, conforme encontra os pareceres transcritos e subentendidos nas linhas e entrelinhas de seu discurso.

Para a literatura, esse lugar criativo da carta reflete a 'arte da alma', criando um espaço entre a realidade e a virtualidade, alternando a epifania do 'eu' e a epifania do 'outro'. Há, assim, uma circularidade da palavra proferida.

A respeito desta dimensão da Correspondência, explica Moraes (2001, p. 14):

O comungar da carta se espelha no desejo de estar junto, na constante troca de opinião, nas sugestões contestadas ou aceitas. O 'outro', no diálogo epistolar, concorre muitas vezes para a realização artística, funcionando como termômetro da criação. A carta é 'laboratório' onde se acompanha o engendramento do texto literário em filigranas, desvendando-se elementos de constituição técnica da poesia e seus problemas específicos. Propicia a análise (gênese e busca de sentido) e torna manifesto as motivações externas que 'precisam a circunstância' da criação. A escrita epistolográfica proporciona a experimentação linguística e o desvendamento confessional.

A epístola, então, é a oportunidade de provocar transformações ideológicas no destinatário, influenciando atitudes, comportamentos, provocando reflexões e propiciando diferentes caminhos de manifestação e representação. Enviada, a carta não constitui mais o lado do autor, mas alcança a amplitude de comentários, debates, críticas, questionamentos, opiniões feitas pelo outro, ou a partir do olhar do outro.

Pensando na carta como um contexto de diálogo, as condições de validade e aceitabilidade dos argumentos dependem das condições de afetividade ou contrato de convenções que deságua na necessidade de um decoro em relação a certas regras de escrita. Quanto maior a cumplicidade, aumenta-se o grau das condições de veracidade do discurso.

Essas condições de afetividade estão reveladas na forma carinhosa como se saúdam e se despendem, na linguagem mais pessoal, na informalidade, na preocupação em demonstrar o importar-se com outro, assim também, como o entusiasmo de partilhar novidades, opiniões. Entretanto, nada impede que se instaure um clima de agressividade entre os amigos por algum momento, seja por ideias divergentes, seja por correções.

O fato é que, referente à argumenção, a afetividade torna-se um dos fatores essenciais: emocionar para convencer. Quando se estabelece o diálogo em que o remetente procura ser espontâneo, com demonstração de saudade e de carência do destinatário, envolvem-se aí graus de emoção em que a forma gera uma inferência adicional de expressividade amorosa.

Aristóteles, em sua *Retórica*, configura os efeitos emocionais como parte da argumentação. No discurso persuasivo há três lados a se observar: caráter do orador

(*ethos*), as paixões provocadas no ouvinte/leitor (*pathos*) e o próprio discurso (*logos*). No seu segundo livro, trata da modificação dos juízos em razão das paixões, demonstrando a persuasão do discurso conforme a recepção. Dessa forma, o sentimento suscitado no destinatário é necessário para convencê-lo, uma vez que as paixões fixam imagens do 'eu' no 'outro', para ajustar as diferenças entre as partes (caráter, vínculo, distância) e iniciar o processo de persuasão. O *logos*, portanto, é a representação de seu *ethos*, reconhecido pela forma de sua escrita. Se prudente, virtuoso, solidário, maior será a persuasão, pois estabelecerá simpatia para com o outro.

A situação comunicativa estabelece o contrato entre *ethos* e seu destinatário, em que aquele fará um julgamento da ética de paixões adequadas a uma avaliação normativa, ou seja, o que seria justo e adequado diante da situação. A partir da reação na recepção do texto, o 'outro' construirá a imagem do autor.

Segundo Meyer (prefácio, *in* ARISTÓTELES, 2000, p. 35),

A paixão é a alternativa, sede da ordem do que é primeiro para nós, dissociada essa ordem daquilo que é em si e irreduzível a este. Ela é, por isso mesmo, o lugar do Outro, da possibilidade diferente do que somos afinal; o individual por oposição ao universal indiferenciado. A paixão é, portanto, relação com o outro e representação interiorizada da diferença entre nós e esse outro. A paixão e a própria alteridade, a alternativa que não se fará passar por tal, a relação humana que põe em dificuldade o homem e, eventualmente, o oporá a si mesmo. Compreende-se, nessas condições, que a paixão remete às soluções opostas, aos conflitos, a diferença entre os homens. A oponibilidade que une e desune os homens e precisamente o passional, a contingência que os libera ao mesmo tempo que pode entregá-los ao que a destrói e ao que os subjuga.

A estrutura retórica das paixões configura um ajuste da distância entre indivíduos, visando a identidade entre o autor e o destinatário, constituindo, assim, uma forma de argumentação, pois, pela disposição de ânimo do *pathos*, é que a intenção é reforçada ou recusada.

Porém, avaliando a enunciação de uma epístola, há de se pensar também no quadro implícito ou pressuposto na existência do enunciado. São as marcas que vinculam o discurso às condições sócios-históricas da produção, devendo ser percebidas no momento da recepção. Nesse jogo, o *ethos*, portanto, é o responsável pela construção do *pathos*, uma vez que é o sujeito imaginado, pertencente a um determinado contexto, que vai interpretar, avaliar, aceitar ou rejeitar a mensagem. Em

suma, o tipo de contrato estabelecido entre os interlocutores do gênero epistolar é que determina o teatro, o papel de cada um no processo da escrita.

Assim, ao longo da literatura, dentre os grandes místicos que utilizaram a escritura como meio privilegiado de comunicação, encontramos o nosso autor Frei António das Chagas, que como homem de seu tempo, fez de suas cartas o momento para exortar, orientar, testemunhar, pregar, motivar e encorajar, numa liberdade poética e de espírito, que atravessa o tempo e espaço, deixando eternizado não só seus escritos, mas a sua alma.

II CAPÍTULO - MEMÓRIAS SOBRE FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS

As notícias que se tem da vida de Frei António das Chagas, ou António da Fonseca Soares, saíram primeiramente da biografia escrita pelo Padre Manuel Godinho¹⁹ em 1687. Outras informações também advieram de cartas de suas irmãs²⁰, soror Leonor das Chagas e soror Brites de Lado, ambas franciscanas em Lisboa.

Estudo complementar também foi o do Frei beneditino Rafael de Jesus²¹, em 1683, com *Vida e Morte do Varão Apostólico e grande servo de Deus Frei António das Chagas*²². Mais adiante, em 1889, apresenta-se a obra, de Alberto Pimentel, *Vida Mundana de um frade virtuoso*.

Como pesquisa mais recente, temos a de Maria de Lourdes Belchior Pontes, em *Frei António das Chagas: um homem do século XVII* (1953), a qual consegue fazer um apanhado geral, procurando demonstrar apontamentos das referidas obras, bem como completar algumas lacunas.

Essas obras fornecem-nos o apoio para a composição da vida de António Fonseca Soares enquanto militar e missionário.

2.1. António da Fonseca Soares: o poeta militar

Conforme Pontes (1953), António da Fonseca Soares, primeiro nome de Frei António das Chagas, nasceu em Vidigueira, a 25 de junho de 1631. Filho de António Soares de Figueiroa, pertencente à principal nobreza daquela vila, e de Helena Elvira de Zúñiga, irlandesa, fugida da perseguição aos católicos em sua pátria, dividiu o lar com mais cinco irmãos: Maria, Leonor, Brites, Afonso e João.

Dessa família, exceto a irmã mais velha, Maria, que se casou, todos os outros se dedicaram à religião. Leonor e Brites tornaram-se dominicanas em Moura, Afonso

¹⁹ Obra *Vida, virtudes e Morte com opinião da santidade do Venerável Padre Frei António das Chagas, da ordem de São Francisco*, publicada em 1687, 1728 e 1762. Composta e repartida em cinco tratados.

²⁰ As cartas foram reunidas na *Inquirição da Vida e Morte do Venerável Padre Chagas a D. Pedro II*.

²¹ Frei Rafael de Jesus Beneditino Professo: Cronista-Mor do Reino.

²² Manuscrito 801, da Biblioteca Pública de Braga.

foi franciscano, assim como Frei António, e João tornou-se D. Frei João Soares de Figueroa.

Quando Fonseca tinha poucos meses, o pai foi nomeado para a judicatura da Vila Nova de Cerveira, ficando por lá cerca de cinco anos. Após, voltou à Vidigueira enquanto seu pai foi nomeado para Leiria, onde ficou por nove anos.

Já rapaz, Fonseca foi a Évora para estudar Latim e Filosofia, porém abandonou os seus estudos aos 18 anos em razão da morte de seu pai. Como filho mais velho, retornou a Vidigueira para viver com a mãe e os irmãos. Decorrem, então, os primeiros amores e as primeiras aventuras. Já desinteressado em estudar, levava vida de nobre, gastando-a em loucuras; uma delas, foi um duelo que teve como desfecho a morte do adversário João Sanches.

Pontes (1953), em suas pesquisas, tentou obter maiores detalhes sobre o conflito, porém, não se tem registro de quando e onde exatamente aconteceu o trágico fato. Conforme a autora, somente Rafael de Jesus afirma que o adversário era João Sanches. Há suspeitas que o duelo tenha ocorrido entre 1649 e 1650, anos em que Fonseca teria de 18 para 19 anos. Foi uma época em que os duelos estavam em moda, chegando ao excesso da loucura.

Fugindo, de certa forma, da punição do assassinato, Fonseca foi para Moura, próxima à Vidigueira, viver em casa de parentes, onde se tornou soldado de infantaria, ou seja, rendeu-se à sua natural inclinação, pois tinha a predileção para a carreira das armas: “os compêndios escolares enfasiavam-no tanto, quanto a vida do exército lhe sorria tentadora” (PIMENTEL, 1889, p. 4). Entretanto, correndo o risco de ser preso, decidiu partir para o Brasil com um primo co-irmão desembargador²³.

Pontes (1953, p. 26) marca as possíveis idades e fatos a seguir: aos 19 anos, mata o rival; dos 19 aos 22 anos, serve nos exércitos de Alentejo; e aos 22 anos, parte para o Brasil.

No que se refere aos seus escritos, já eram constatados versos que escrevia em Évora, além de romances que compõe em Vidigueira. Na sua estada em Moura (de 1650 a 1653), fazia romances às Tisbes, Amarílis e Fílis²⁴ (seu pseudônimo preferido), de forma a ocultar o nome das mulheres. Durante a guerra, nos anos 50,

²³ Dados esses confirmados pela sua irmã Leonor.

²⁴ Pimentel (1889, p. 33) afirma a possibilidade de o nome Fílis ser usado para invocar a mulher que amara e que morrera prematuramente, deixando-lhe a saudade profunda.

oferece poemas para encorajar os exércitos, como em *Filis e Demofonte* ao príncipe D. Teodósio:

Filis em este Sol, que la espessura
de aquellos montes, variamente amena,
Las sombras tristes desnudar procura
Que viste por....
Padres, de quien... su hermosura
La Co..... adonde...
De rayos, muestra, a quanto se obedece
Que donde ella se pone, ... amenece (PIMENTEL, 1889, p. 12)

Segundo Pimentel (1889, p. 33),

o amor efêmero e volúvel dava azas à sua imaginação de poeta. Entregou-se a um incessante borboletar de bella em bella, a julgar pela variedade dos nomes femininos de que dão testemunho as suas poesias inéditas, que em mais de um manuscrito pudemos ler.

Fonseca não partiu a contento para o Brasil, pois, como afirma Godinho, estava triste na viagem. Vendo a melancolia do passageiro, o piloto da nau deu-lhe um livro sobre a vida de Santa Gertrudes. Contudo, quando chegou ao seu destino, encantou-se com os prazeres que a terra poder-lhe-ia oferecer. Provavelmente, continuou escrevendo os seus versos também na Bahia.

Soldado das guerras da Restauração em Portugal e no Brasil, acompanhou a sua carreira de armas com as produções de poesias, as quais, quando não obscenas, eram improvisadas em versos bufões, jocosos. Por essa razão, Fonseca chegou a ter fama de “grande poeta vulgar”²⁵. Como era moço robusto, gentil e poeta, deixava-se levar pelo prestígio da farda e saboreou os ócios e fama que a campanha lhe proporcionava.

Na Bahia, ficavam os grandes edifícios episcopais, o Colégio dos Jesuítas – principal centro da vida religiosa e intelectual –, a Sé, a Casa do Governador, o bispo e o calvido. Provavelmente, foi com os jesuítas que Fonseca procurou orientações. Até arrependeu-se, buscou a penitência na vista daqueles que o viram como pecador.

Além do convívio com os jesuítas, Pimentel (1889, p.9) comenta a possibilidade de o poeta ter contato com os beneditinos, uma vez que estes tinham o poder de garantir “a tolerância das justiças da metrópole quanto ao crime de assassínio praticado em duello”. Buscou ainda um padre da Companhia como diretor espiritual,

²⁵ Poeta vulgar “equivalia, pois, a poeta que escrevia em romance, e a designação distingui-o dos que compunham versos na língua do Lácio, o que foi corrente entre nós, no século XVII. Em muitas academias, nas dos Singulares e noutras, versejava-se em latim, e Vieira foi um razoável poeta latino” (PONTES, p. 70).

como afirma numa carta a um amigo: “... vá-se á Companhia, que assim o fiz eu, quando lá estive; tome um pai espiritual, que achará muitos, que zelam a salvação das almas, peça-lhe a instrução ou conselho, etc”.

Também foi no Brasil que lhe falaram em casamento, mas Fonseca recusou-o. E, nesse período de sua estada no país, continuou produzindo seus romances dedicados às várias mulheres; cantou para damas, assim como também cantou à lavadeira, à menina que vende pão, à Isabel que vai buscar água à fonte. Assim, ficou três anos no Brasil, e não se sabe em que condições partiu e nem a razão de ter deixado o país.

Segundo Lopes (2010, p. 39), Frei António das Chagas, no manuscrito 345²⁶, faz menção de sua passagem pelo Brasil durante a sua vida militar:

Sette, ou outo havia q vivendo eu no Brazil entre os vicios, e deleites ambiciozo so das torturas que o seculo me prometia; fis com auxilio superior voto solemne da religiam movendome a esta diferença a liçam de S. Luis de Granada sem que algum disabor humano fosse misivo a esta mudança, q interior mto fui sentindo, e alta mto conhecendo deixando por esta cauza mtos augmentos, e venturas, que eu no melhor de minha esfera pudera ser por grandes ditas, e fazendo gosto dos desmandos com q eu compunha o meu designio, tornei sem[..] a este Reyno com tençam de tomar o habito (...).

Foi na casa de um amigo, o mesmo que o aconselhava a casar-se, que encontrou as obras espirituais de Frei Luiz de Granada. Ao meditá-las, percebeu o cansaço da vida mundana. Conforme Padre Godinho, foi o contato com a obra *Guia dos Pecadores*²⁷, desse autor (1567), que impulsionou Fonseca para a conversão. Essa obra consistia em ensinar o cristão a chegar à perfeição em sua vida religiosa, a tornar-se um homem bom e virtuoso na doutrina católica.

É certo que essa leitura teve alguma influência realmente na conversão de Fonseca, pois veremos mais adiante que os mesmos ensinamentos da obra *Guia dos Pecadores* aparecem nas *Cartas Espirituais*, de Frei Chagas, os quais acompanham as instruções, tais como “los tres principales medios con que se alcanza la divina gracia, que son confesión, comunión y oración”, além da obediência, em que o servo deve estar “húmilmente sujeto a la corrección de la Santa Madre Iglesia, abrazando lo que ella abraza y reprobando lo que reprueba”(GRANADA, 1567, p. 6 e 7).

²⁶ Ms. 345 da Sala de Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

²⁷ *En el cual se enseña todo lo que el cristiano debe hacer, desde el principio de su conversión hasta el fin de la perfección*. Primeira edição em 1556 e a edição expurgada e refundida de 1567.

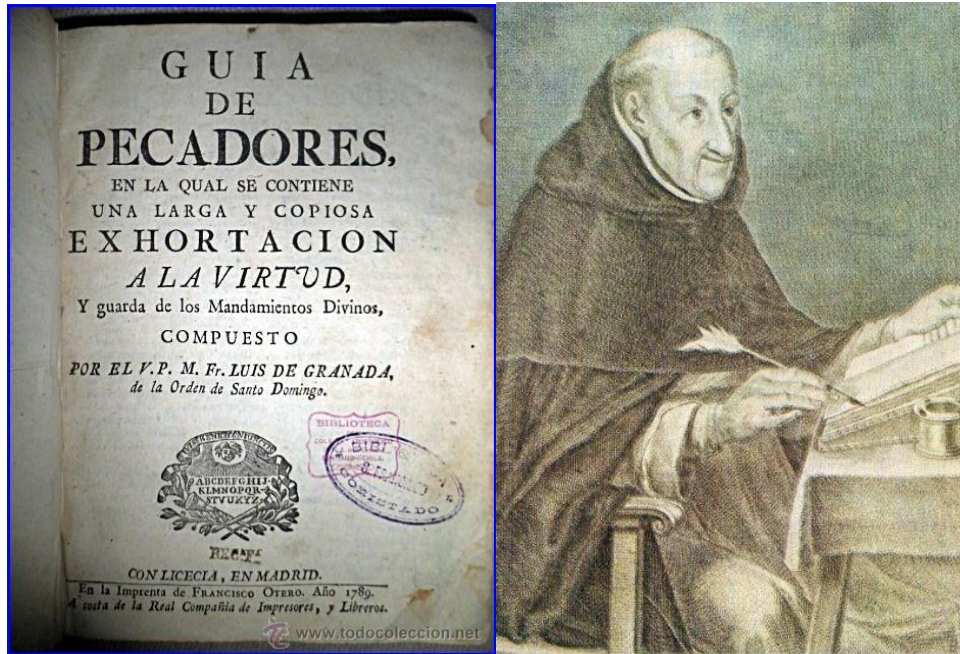


Figura 10 – Obra Guia dos Pecadores e autor Frei Luis de Granada.

Enfim, trata-se de uma obra que põe em questão a escolha de vida mundana ou espiritual, mostrando a efemeridade das coisas materiais e o engrandecimento das coisas espirituais:

Mas ellos andan tan beudos y tan empapados en el amor de las cosas desta vida, unos en busca de honras, otros de haciendas, otros de deleites, otros de oficios, de dignidades, de privanzas y de otros semejantes intereses, que ocupados y ahogados con los cuidados y con el amor encendidísimo destas cosas, ni tienen espacio, ni ojos, ni corazón para entrar un poco dentro de sí mismos, y abrir los ojos a la consideración de todo esto (GRANADA, 1567, p.9).

Padre Godinho afirma que Fonseca, ao meditar essa obra, fez o voto de servir a Deus no hábito de S. Francisco, uma vez que a leitura o havia chamado à realidade das coisas. Mas será mesmo que esta alma tivera tamanha impressão da obra, sendo que não estava ainda “definitivamente tocada pela graça divina”? Pois, apesar de ter se confessado no Brasil, procurado conselhos espirituais, convivido com a Companhia de Jesus, voltava ao Reino mais para as armas do que à religião. Mesmo tendo feito a confissão geral e solicitado a vida monástica, voltou a Lisboa sem ter realizado qualquer voto religioso. Segundo a soror Leonor, o irmão ainda voltou para o Reino como soldado. Também quando regressou do Brasil, apareceu-lhe uma doença grave²⁸, porém, não é revelada qual teria sido.

²⁸ Pimentel faz uma alusão quando diz que “num homem que tanto se aproximava de mulheres, e tão baldeado andava, nas aventuras galantes do tempo, pode a gente supôr que essa grave enfermidade,

Desiludido talvez por não conseguir entrar em alguma ordem, Fonseca volta ao mundo com as produções de suas poesias profanas. Era já um homem de vinte e tantos anos, galanteador insaciável. Nos intervalos do serviço das armas, compunha os romances que enviava às suas primas, escrevia notícias suas e da guerra aos amigos, sempre ocultando o interesse pela vida monástica. No entanto, apesar desse seu intuito, continuava a usufruir de todas circunstâncias, mesmo que estas ocorressem em lugares sagrados, como as Igrejas e os conventos:

Ao ouvir missa veio Fílis
Tão bela e tão de alfenim,
Que com a ver muitas vezes
Mais linda então a vi.

Esta pois é, Fábio amigo,
O pasmo deste país
Quem nela puser os olhos
Não tem mais que conseguir.²⁹

A erotização de algumas de suas composições reflete os excessos daquela vida, bem como os conflitos do seu espírito:

Sou no amarvos um santinho
E vos muito fogosa
Lá na vossa zombaria
Jogais comigo a choça

Quereis por matar-me ingrata
Ser cristã quando fora
Melhor dar-me a vida amante
Que matar-me rigorosa³⁰

Durante a guerra contra o exército castelhano, Fonseca acompanhou os desastres de Badajoz e Olivença, e alegrou-se com a reconquista de Mourão expressando sua emoção no poema “Mourão Restaurado” (1657), oferecido ao Senhor Joanne Mendes, Tenente General da Província do Alentejo:

a que se refere o padre Manoel Godinho, fosse uma que já então lavrava fundo nas classes sociais mais elevadas, se bem que pouco anos depois, recrudescesse.” (1889, p. 65)

²⁹ Ms. 384, fl.207 [nº 32]- *A uma dama indo a ouvir missa* (MALDONADO, 1992, p. 436).

³⁰ Romance 58, in ALFENA, 2005, p.100 (anexos).

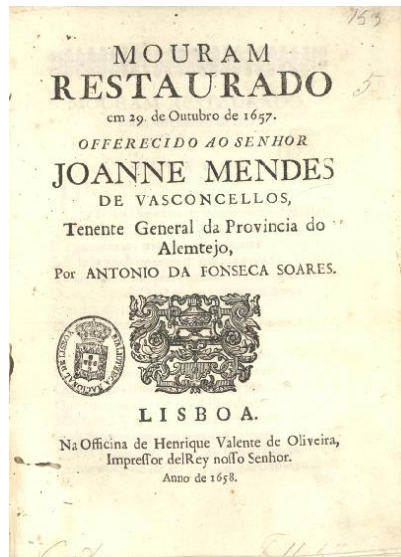


Figura 11 – Obra Mourão Restaurado (1658)

Estas de heroico assumpto altas memorias,
 Que Euterpe ao som das armas canta altiva
 E as grandezas, triunfos e victorias
 São de bronze immortal lamina viva,
 A vós, que a Hesperia medo, a Luso glorias
 Dais, (ó graõ General) e á planta esquiva
 A honra de coroarvos eminente,
 Quem admirado as vio, vota obediente.

A sua carreira militar foi bem sucedida, repleta de produções poéticas, romances burlescos, líricas gongóricas e poemas heroicos sobre vitórias da Restauração, dentre as quais o Canto Panegírico à Vitória de Elvas (1659):

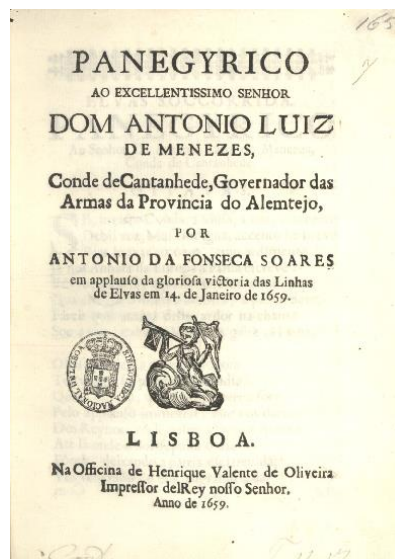


Figura 12 – Obra Panegyrico (1659)

Voltando rota em fuga declarada
 Toda Hespanha com vozes, e alaridos,

Já deixa a preza, e gente assinalada,
 E os mais dos cabos mortos, e feridos:
 Segue a victoria a Portugueza espada,
 E os clarins vivamente repetidos
 Celebrando do Conde excelso a glória
 Alegres já lhe cantaõ a victoria. ³¹

Além das notícias dos êxitos e reveses da guerra, faz diversas críticas ao exército português dizendo ser este incapaz de guerrear.

Participou das várias academias que se celebraram em 1660 e 1661, dentre elas a Academia dos Generosos³², obedecendo aos assuntos propostos pelos confrades e compondo glosas ou sonetos.

Em 1658, pela intervenção do general Joane Mendes de Vasconcelos, livrou-se do crime que o impedia de entrar na religião. E, pelos excelentes préstimos, foi nomeado Capitão de infantaria, em 1661, na cidade de Setúbal. Foi lá que “ganhou renome a fúria da sua inspiração poética; chamaram-lhe capitão Bonina e eram demasiadas conhecidas as suas proezas” (PONTES, 1953, p. 42). A figura do Capitão Bonina mescla o soldado e o poeta vulgar com sua galanteria, o poeta ardente, erótico e satírico.

Setúbal passou, pois, a ser o novo palco onde se entregou aos prazeres do mundo que o enfeitiçavam, deixando de lado a sua pretensão à vida religiosa:

Puz-me n'vlla, e em dous brincos
 que me fez, mostrou de pressa
 quão mau serei para frade,
 pois que não paro na cella. ³³

Novamente, envolveu-se em aventuras amorosas. Até que, certa noite, um tiro foi-lhe desferido, porém, não o atingiu. Este desastre, suspeitava-se ter vindo do Convento de Jesus, pois era o local próximo ao atentado. Assim, além do escândalo do convento em que se envolveu, Bonina ainda teria um rival perigoso. Pimentel (1889, p. 73) comenta que talvez tenha sido “Ignez, a bella dama que requestava”, a razão do atentado:

³¹ “Applauso da gloriosa victoria das linhas de Elvas”, alcançada em 14 de janeiro de 1659, XLIV, In: *Postilhão de Apollo*, 1761).

³² “Parte da colaboração de Fonseca nas academias dos Generosos encontram-se no manuscrito 5.864 da Biblioteca Nacional, intitulado “Academias dos Gene / rozos / que se começaram a celebrar em / 23 de Outubro de 1660 / Em caza de Dom Ant.º Alv.es da Cunha / secretario da ditta Academia / Dedicadas a Seu Pa / trono S. António.” (PONTES, 1953, 104)

³³ In Pimentel (1889, p. 78).

A viva côr de seu rosto
 novos realces aumenta,
 que é o pejo a melhor gala
 de que se louca a bellesa.³⁴

Esse episódio parece ter contribuído para a intenção de Fonseca renunciar ao mundo. Assim, voltou a Lisboa em consulta com o padre Filippe da Conceição e Frei António de Christo (carmelita descalço) que deram o parecer que Fonseca deveria aproveitar a redenção que Deus havia tido por ele.

Mais intensamente lhe bate o propósito de sua mudança e cresce no seu interior o conflito sobre a efemeridade das coisas do mundo e da vida – como podemos ver em uma elegia direcionada a seu amigo Gonçalo Vasques da Cunha, tentando persuadi-lo a aderir esse objetivo:

Vejamus que é relógio o desengano,
 Que vendo-nos nos riscos de hora em hora,
 Nos não mostra os avisos de anno em anno.

Conheçamos da vida, oh Fabio, agora
 Quanto em si, de si mesma combatida,
 Como contraria se lamenta, e chora.

Com taes contrariedade vive unida
 Que se Deus chamou pó á essencia humana,
 Também chamaste, oh Job, vento a uma vida.

Fonseca compunha em todas as ocasiões que lhe foram permitidas, aproveitando os momentos de descanso para isolar-se e escrever.

Pelos seus excelentes préstimos no serviço militar, recebe um presente de Francisco Pereira Coutinho, Mestre de Campo e Governador de Setúbal, o qual é agradecido com versos do poeta:

Camarada em fim das Musas,
 E em fim, sem fazer lisonja,
 O Benjamin da Fortuna,
 E o tudo da patria nossa.³⁵

Em 20 de janeiro de 1661, foi reconhecido com promoção a Capitão do terço de Setúbal. Contudo, não desistira de entrar na ordem franciscana. Nessa fase, apesar de estar livre do crime, transpunha uma desilusão que se reflete em sua alegoria poética *Desengano do Mundo*, onde exprime a agitação de seu espírito:

³⁴ *Ibidem*, p. 73.

³⁵ *Ibidem*, p. 47.

De que serve o amor, se quanto mais se vê mais cega? De que serve a monarquia, se quanto mais honra mais pesa? De que serve a flor, se quanto mais cheira mais murcha? De que serve a fortuna, se quanto mais exalta mais humilha? De que serve o diamante, se quanto mais brilha mais se endurece? De que serve a árvore, se quanto mais cresce mais se corta? De que serve a mitra, se quanto mais sagra mais unge? (PIMENTEL, 1889, p. 97)

Ainda com o objetivo da vida monástica, Fonseca por instantes se esquecia do fim que tinha em vista, e o poeta gongórico manifestava-se em louvor do cavalo do Conde de Sabugal:

Cantam teus pés e teu meneio pronto,
Nas fugas, não, nas cláusulas medido,
Mil consonâncias forma em cada ponto.

Pois em solfas airosas suspenso,
Ergues em cada quadro um contraponto,
Fazes em cada passo um suspenso.³⁶

Mesmo a produzir outras poesias, talvez tenha sido a alegoria *Desengano do Mundo pelo mais enganado dele* o primeiro ensaio missionário do Frei, assemelhado a um aviso patético com vestígios da leitura da obra de Granada.

2.2.Frei António das Chagas: o poeta místico

Decidido a trocar o serviço do Rei pelo de Deus, Fonseca, no convento de Évora, tomou o hábito como noviço orientado pelo Frei António da Madre de Deus em maio de 1662. É de lá que escreve cartas à família, a sua tia e a um dos irmãos.

No dia de sua cerimônia, Fonseca foi quase atingido por uma bala da artilharia inimiga, por isso, ficou determinado, pela sua segurança, que o ritual acontecesse na Casa dos Ossos no convento de Évora³⁷ – local bem propício, uma vez que a capela decorada com ossos demonstrava a transitoriedade da vida humana, ideia tão apregoada pelo Frei e que ganhava força no século XVII.

³⁶ In: *Fenix Renascida*, V.

³⁷A entrada o olhar perde-se numa inscrição. É um aviso para quem entra, uma lembrança de que tudo passará. No interior, um estreito corredor inquieta, parece ainda mais apertado do que à entrada. Há centenas de crânios a encher a sala. Uns empilhados, outros a fazer de colunas, de abóbadas, de muralhas. Há ossos de crianças, adultos e duas múmias retorcidas. Contemplam os vivos e aguardam-nos, dizendo que um dia também eles serão pó.



Figura 13- Entrada da Capela dos Ossos



Figura 14 – Interior da Capela dos Ossos

Ao entrar na vida religiosa, o poeta António Fonseca Soares assumiu o novo nome³⁸ Frei António das Chagas. Estudou no convento de Beja, seguindo, logo após, a Évora e Coimbra (1663-1666). Aos poucos, tentava afastar-se da vida mundana para adentrar na essência espiritual.

Como missionário em Varatojo³⁹, pregou em muitos cantos procurando reparar “as suas vergonhas” e demonstrando as escolhas de sua vida santa.

³⁸ A tradição da troca de nomes surgiu com o Papa João I, no século VI, pois o seu nome era de um deus pagão (Minerva). Assim, os papas passaram a mudar de nome, como também muitos padres e religiosos. A mudança de nome significa estar assumindo uma função específica, do mesmo modo que aparece na Bíblia quando Deus muda o nome de um discípulo quando este assume uma missão especial.

³⁹ De acordo com os registros a Torre do Tombo, o convento foi erguido por iniciativa de Afonso V de Portugal em cumprimento de um voto formulado a Santo António de Lisboa para auxílio às armas



Figura 15 – Convento de Varatojo

Dessa forma, pregou também em Setúbal, o espaço que melhor conheceu as peripécias do poeta. Para Setúbal, Padre Godinho escreve referindo-se à mudança de António da Fonseca: “Como n’aquelle povo fora muito o seu conhecimento, em tempo, que ele fora de Deus andava no mundo, era agora a todos exemplo, o que a todos fora escândalo” (apud PIMENTEL, 1889, p. 75).

Certamente, o Frei, ao encontrar-se no palco de suas proezas amorosas, temeu, pois defrontou com as Freiras – religiosas do Convento de Jesus – que conheciam as suas aventuras passadas e, sem clemência, tentavam abalá-lo com as recordações. Para Chagas, o sofrimento pelas lembranças era a punição para regenerar-se:

Verdade é, que inda ferve a natureza,
se os tons de Marte na memoria escuta,
e os éccos ouve á tuba portugueza.
(...)
Bem que me toquem alma o dia inteiro
as memorias do mundo, e n’este assalto
os raios chovam do infernal morteiro.⁴⁰

portuguesas nas conquistas do Norte de África. Foi o próprio soberano, em fevereiro de 1470, quem lançou a primeira pedra, com grande acompanhamento de clero, nobreza e povo. Desde o início o convento foi entregue à Ordem dos Frades Menores ou franciscanos. Em 1680, foi entregue a frei António das Chagas, a fim de ser destinado a seminário de Missões, ficando imediatamente sujeito ao Ministro Geral da Ordem.

⁴⁰ Pimentel (1889, p.90-1).

Enfim, tomou o hábito como defesa e enterrou as proezas de sua juventude. E, com o passar do tempo, alcançou a conversão, deixando as impurezas do mundo e aprofundando no universo espiritual.

Sua fama atingiu o ápice como missionário, pregador epistológrafo e poeta místico. Era exemplo vivo da dualidade experienciada pelos homens de sua época: prazeres mundanos em oposição aos prazeres espirituais.

Apesar de convertido, o seu temperamento pessoal e literário não mudou. Perduraram suas habilidades com a linguagem, as quais utilizou para tornar-se ativo pregador e educador de consciências pela sua atividade epistolar. Seus versos não eram mais profanos, eróticos, satíricos e dedicados às figuras femininas, mas direcionavam-se a um único prazer: o deleite espiritual. Pimentel (1889, p. 94) comenta: “Aquelle que fora, como Bocage havia de ser mais tarde, um incensador de mil deidades, quebra o prisma por que uzava contemplar a beleza feminina, e encara-a sob o aspecto terreno dos seus encantos fugazes.”

O Frei organizava procissões de penitência e, como pregador, falava de forma teatral, estapeava-se, jogava o crucifixo no auditório, usava uma caveira, imagens de Cristo, enfim, utilizava recursos que pudessem passar a sua mensagem. Pontes (1953, p. 191), segundo suas pesquisas, afirma que:

O seu modo de pregar, estranhado por alguns, era com um Cristo, que mostrava para mover os fiéis ao arrependimento; dava bofetadas em si próprio; mostrava uma caveira; arrastava e prendia os ouvintes que ficavam suspensos das suas palavras, duas, três, ou mais horas. Descia do púlpito cansado, esgotado. Nos papéis que dão notícia dos seus procedimentos vem dito como enxugava o rosto, depois da pregação, com uma toalha que logo era considerada relíquia.

Em razão disso, de acordo com Pontes (1953), foi muito criticado pelo Padre Antônio Vieira, que considerava que Chagas usava de forma indecorosa artifícios para as suas “apresentações”, além de fazer severas críticas aos seus sermões.

A cada missão, retirava-se a qualquer convento recolhido ou emida isolada para preparar-se.

Mesmo convertido profundamente, vemos em suas cartas que ainda carregava o peso de suas culpas nas lamentações e no sofrimento do desperdício de tantos anos gastos em aventuras e prazeres mundanos. Assinando-as muitas vezes como “servo inútil”, Chagas procurava demonstrar a grandeza da humildade, da obediência e dos

esforços para cumprir os exercícios a fim de alcançar a graça divina. Exaltar a glória de Deus e pedir orações para sua salvação também eram temas de suas cartas:

Lá havia de pedir a V. Senhoria, que me encommendasse muito a Deos, de cá faço a mesma petição; e de mais a mais peço a V. Senhoria me haja muitas orações de todos os que puder; que todas estas azas são necessárias a huma pobre, e miseravel alma, que anda por este mundo toda vestida de rémoras, e do chumbo de seus peccados (CHAGAS, 1687a, Carta LXXIV, V.2, p. 144).

Na sua árdua tarefa de evangelizar, gastou-se a saúde. Esgotava-se e perdia pouco a pouco a sua vitalidade e era tomado por vertigens e febres. Porém, logo que conseguia reerguer-se, pregava e pregava em Santarém, em Benavente, em Salvaterra, em Lisboa e no Varatojo, região centro-sul de Portugal. Tinha o Frei também predileção em pregar nos lugares por onde pecara.

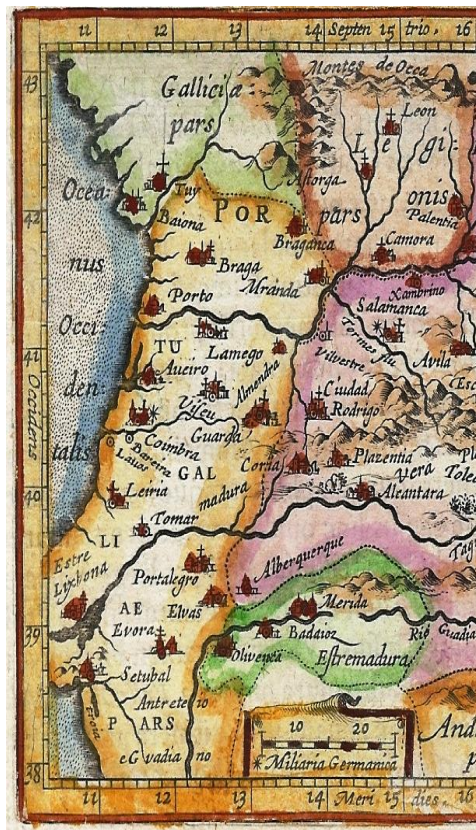


Figura 16 – Mapa de Portugal

Mapa de Paulo Merula (1558-1607), publicado na *Pavli Mervlae Cosmographiae*, Parte II, Livro II, Capítulo XIX, página 255. Edição de 1605, 1621 ou 1636.

Em 1679, é-lhe oferecida a mitra da Lamego, porém o Frei recusa-a, argumentando ser indigno de recebê-la, assim como também rejeitou honras, dedicando-se vigorosamente à atividade missionária. Na sua obra *Desengano do Mundo*, conseguimos perceber um desprezo, ainda que o apresente de maneira humilde, às altas posições eclesiásticas, razão esta, talvez, por não aceitar maiores posições dentro da religião.

Em 1680, institui no convento do Varatojo um colégio de pregadores apostólicos. Os missionários preparavam-se por dias e até meses com os exercícios espirituais antes de saírem em missão.

Persistente e sistemático em seus propósitos, mesmo agravando-lhe a doença, Chagas ainda pregava, confessava-se, escrevia cartas, aconselhava as pessoas que o procuravam, até o momento em que já não podia realizar missa, confissões e leituras. E no desgosto de não poder servir a Deus, faleceu em 20 de outubro de 1682 no convento de Varatojo. Adorado e tido como santo milagreiro, Frei António das Chagas esteve em processo de beatificação conforme processo arquivado na Torre do Tombo.

Da sua vida religiosa, restam tratados espirituais, sermões, obras de penitências e cartas, revelando um espírito exaltado na obsessão de levantar os espíritos adormecidos. Os grandes temas encontrados em outras obras espirituais são a efemeridade da vida e a Paixão de Cristo.

2.3. Do engenho de Fonseca ao estilo de Chagas: alguns traços da poesia seiscentista em Portugal

Segundo Pontes (1953), nos anos Seiscentos em Portugal, duas tendências marcaram o Parnaso: o estilo corriqueiro (vulgar) e o estilo culto. Os considerados cultos seguiam a moda espanhola, gongórica ou conceptista. Suas poesias brotavam irrealdade, produto de um universo imaginado e fictício. Seria uma transfiguração da realidade, a abstração como fuga do cotidiano, o dito *hacia arriba*, enfim, uma poesia que procurava a distração pelo imaginário. Descrevia quixotescas aventuras, levava às últimas consequências certas argúcias da poesia renascentista. Como seguia a linha de Gôngora, fazia exageradamente uso de “perlas preciosas” para tornar o texto

menos claro e exigir do leitor engenho na especulação. A poesia dos cultos, “baseava-se num jogo para inteligência e sentidos, predominando as agudezas no caso dos conceptistas e as metáforas no caso dos gongóricos”.⁴¹

Já os poetas vulgares, de estilo corriqueiro, compunham em xácaras e romances as realidades, limitadas à vida, com alusões chãs e rufianescas. Como procurava explorar o infra-humano num tom burlesco e satírico, era considerado o *hacia abajo*. Diferente do estilo culto, a poesia vulgar chegava a ser prosaica, quase sempre sem a perfeição formal, pois os versos encadeavam-se sem ritmo. A maneira de uma aventura contada em tom de conversa, as descrições e o pitoresco são características da poesia vulgar.

É durante esse período que vive o escritor António Fonseca Soares ou Frei António das Chagas, do qual tanto a vida como as suas obras ilustram a mentalidade da época. Representante vivo da dualidade encontrada no seiscentismo português – corpo e alma, condenação e salvação – dividiu sua vida entre o laicismo e a religiosidade, uma vez que parte de sua vida foi voltada aos prazeres e à guerra, depois foi tocada pela religião. Por isso, suas obras foram compostas em duas fases: produções durante sua vida mundana (1631 a 1662) e produções durante sua vida religiosa (1662 a 1682).

2.3.1. Primeira Fase: o poeta mundano

Fonseca como poeta usava seus romances para marcar encontros, lamentar sangrias, pedir desculpas, louvar beldades, descrever pícaras e picantes aventuras. Foi também poeta culto e ‘Acadêmico Generoso’ (PONTES, 1953, p. 72). Sua poesia era de caráter popular, mas ele dominava as técnicas e os conhecimentos formais e cultos da prática, tanto pelas imagens que emulava e gerava quanto por alguns poemas que excepcionalmente ele escreveu dentro do modelo heroico.

⁴¹ De acordo com Pontes (1953, p.98), “os gongorantes eram, pois, os imitadores de Gôngora, que só falavam cristais; há aliás uma intenção pejorativa na designação gongorante; os contemporâneos de Fonseca chamavam gongorantes aos poetas que imitavam, sem tino, Gôngora; com os tempos, a distinção entre gongorantes e cultos não subsistiu; confundiram-se numa mesma objurgação condenatória cultos, gongóricos e gongorantes”.

Há de se destacar a desenvoltura da escrita de Fonseca. É evidente que pertencendo a uma família de posses, com o acesso que tivera aos estudos – mesmo não os tendo concluído em razão da morte do pai –, foram-lhe facultados os saberes sobre Teologia Escolástica e Moral, Direito Canônico, Filosofia, Retórica, Humanidades e Gramática propiciados pelo *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu*⁴².

Além disso, devemos considerar também que o contexto de decadência em Portugal contribuíra para uma arte turbulenta. O cenário da Contrarreforma, o Tribunal da Inquisição – que ameaçava a liberdade de pensamento e perseguia os não adeptos ao culto católico – e a reação da Restauração do Estado formaram um contexto sociocultural que refletiu o conflito entre o antropocentrismo renascentista e o teocentrismo inspirado nas tradições medievais.

Na escrita, essa situação de embate face às contradições da vida era manifestada em sentimentos que faziam o homem oscilar entre a expressão do carnal e do espiritual, na tentativa de unificar a dualidade do homem entre o corpo e a alma, razão e emoção. Enfim, considerando esses aspectos relevantes para a análise de suas poesias, procuramos entender o estilo de Fonseca evidenciando os recursos estilísticos em suas composições.

Como poeta vulgar, compôs uma gama de poesias direcionadas às figuras femininas. Diferente da imagem platônica de beleza, não há nessas figuras nenhuma sublimação (neoplatonismo amoroso – herança clássica), pois as mulheres representadas são comuns, não fazendo distinção entre mulheres do povo e damas. Em muitas dessas composições faz a descrição, na intenção retórica de tecer um “retrato”. Assim, representa o sentimento amoroso e o efeito retórico está tanto na construção do elogio como na exaltação, por vezes sensual, da beleza feminina; ou seja, o oposto da construção é também verdadeiro.

Segundo Alfena (2005), esses romances de caráter amoroso tratam de elogios, atitudes contidas, sofrimentos, reprovações às atitudes das mulheres em provocar homens dedicados à vida religiosa; o que já demonstra um pudor religioso na poética do autor mundano.

⁴² Redigido por importantes jesuítas, sob a direção do Geral da Ordem, P. Acquaviva, adquiriu forma definitiva e obrigatoriedade em 1599, após 15 anos de estudos. O centro primordial do ordenamento era garantir a uniformidade de procedimentos, para a consecução dos objetivos propostos, opondo-se à turbulência desencadeada pelo movimento reformista do século XVI (FRANCA, 1952).

Para atingir a sua intenção, o autor procurava estratégias de aproximação com o objeto do poema e o realizava, muitas vezes, com o abundante uso do diminutivo. Dessa forma, além de expressar sensação de proximidade, de compaixão, conseguia chegar-se no tom de ternuras para a conquista:

dois brinquinhos de marfim / Em dois pés tão pequeninos (Romance 11, v. 73)
 mui prezadinho de ter (Romance 11, v. 35)
 um só cravo em does beicinhos (Romance 11, v. 63)
 Ai coitadinha contudo (Romance 51, v. 57)
 Ora não, meus amorinhos (Msc.364, n. 294, v. 9).

É relevante destacarmos aqui que o diminutivo não aparece somente com o tom da conquista, mas também como chocarreira.

Entretanto, não só poemas sobre figuras femininas Fonseca escreveu, mas sobre variados temas: desenganos, efemeridade da vida, ausências, boas-festas, satisfações, louvores a autoridades, despedidas, ira, ameaças, todos contados em tom de conversa ou repetindo tópicos da poesia renascentista. Nos romances-carta, narra acontecimentos da campanha, agradece presentes, noticia sua saúde, conta aventuras eróticas, faz pedidos, opina sobre poesias. Seus sonetos de lirismo gongórico são de amor, morais, panegíricos, comemorativos e de assunto acadêmico.

Para representar o conflito da época entre o homem mundano e o homem espiritual, por associação de ideias, invoca Deus, santos e anjos da corte celeste, bem como vocábulos e expressões relacionados ao plano divino (como fé, glória, tormento, esperança, medo, alma, ofensa, bem, indulgência), ou seja, reitera o pudor humano/religioso do poeta:

A Deus por que enfim não quero (Romance 8, v. 69);
 que sois na lindeza um Anjo / um serafim no capricho (Romance 25, v. 35 e 36);
 É o amor, se o define / A fé com que experimenta (Romance 31, v. 25 e 26);
 de tão Benigna prendas / se o bem não de lográ-las / a glória de emprendê-las (Romance 31, v. 70-72);
 Eu daqui perante Deus / Não quero perdoa-lhe esta / Que quem de matar faz graça / Culpa fará da indulgência (Romance 73, v. 33-36).

Inquietação ainda percebemos com a mistura do plano divino e a ornamentação mitológica, resquícios do Renascimento com a revalorização das referências culturais da antiguidade clássica:

Filho de Marte e de Vênus / vossa prosa que aplaudes (Romance 11, v. 33 e 34);

Artífice foi Cupido (Romance 32, v. 104);
 sacrificareis a Apolo (Romance 58, v. 39);
 que diga Lauro ofendido / as mãos de Diana morto (Romance 58, v. 48 e 49);
 serve Athenas de ostracismos (Romance 79, v.31).

Outra característica do poeta vulgar é o “tom de conversa” que busca representar a aproximação, o diálogo e até outras vozes no texto. Essa estratégia é alcançada por meio de fórmulas exclamativas e interjetivas, perguntas e respostas, assim como o vocativo:

mas ai meu bem, vida minha (Romance 1, v.2);
 Não seja assim minha flor (Romance 1, v. 29);
 Doce prisão da minha alma (Romance 25, v. 1);
 Considerai minha flor (Romance 25, v. 49);
 Oh que deleite ai que pena (Romance 32, v. 21);
 no céu oh Clori vos vejo (Romance 32, v. 89);
 Não sei menina entender-vos (Romance 45, v.5);
 Oh não queiras vida minha (Romance 51, v. 33);
 ainda estais triste! isto soffro / vos achareis? a é isto amores, / hora não, tudo foi sonho (Romance 58, v. 10-12);
 Uns olhos são Deus nos livre / tão mas almas, tão mas pessoas (Romance 73, v. 9 e 10);
 Quanto estimei novas vossas / amigo com mais certeza (Romance 79, v. 1 e 2);
 Deixai, querida, os receios (Ms. 364, nº 294 ,v.14).

Contudo, nos variados romances de exaltação da mulher parece-nos que as dores do poeta são fingidas, exceto nos poemas referidos à Fílis – nome que atribui a um possível amor, em que mesmo após a morte da amada continua a cantar a sua beleza –, os outros são mais de caráter libidinoso do que o de sublimação do amor, nos quais há um certo grau de obscenidade.

Fonseca não se preocupa em restringir seus vocábulos e expressões conforme o estilo culto, mas populariza suas poesias com um acervo de palavras vulgares, e, raras vezes, termos de baixo calão:

ela uma puta safada / ele um pobre Espadachim (Romance 11, v. 39, 40);
 que um filho da puta vil / não pode ter boas manhas (Romance 11, v. 114 e 115).

As palavras chistosas ou graçolas permeavam sua poesia de ditos picantes, obscenos ou até mesmo engraçados. A ironia é outro artifício para as críticas, apresentadas por vezes em formas silogísticas, seguindo o conceptismo da época:

presumi que logo amante / vos achaste muito Benigna / Que minha dita meus olhos / não passa de presumida (Romance 1, v.17-20);

Vós sois Rei lá para atrás / vós sois Deus por sonho sim / que os Reis nunca são ingratos / e nem Deus costuma mentir (Romance 11, v. 21-24);
 que quem me manda hoje o favo / à fava me mande cedo (Romance 37, v. 51 e 52);
 A senhora sua dona / É por certo uma boa alma / Metida com dois ladrões / Já na mesa já na cama (Romance 14, v. 17 a 20)

Já como poeta culto, abusa do jogo verbal que aviva suas composições: o trocadilho. Por essa figura de estilo, que era recorrente nos poetas líricos do século XVII, provoca um tom crítico e até mesmo engraçado de forma a dinamizar a poesia – lembrando que um dos recursos utilizados pelo estilo culto era a obscuridade, ou seja, a não clareza dos textos:

como vos conhece Rosa / Receia muitos espinhos (Romance 25, v. 55 e 56);
 Cinzas do lume dos olhos / são pois quando ao lume d'água / dos olhos se tira o lume / nelas a vista se apaga (Romance 30, v. 21-24);
 voai, subis, e não temas / vosso valor perigos, / incêndios vossa pena (Romance 31, v. 62 a 64)

No que se refere ao jogo de palavras e os elementos lexicais, estes ilustram o conflito interior do homem entre o prazer mundano e a vida espiritual. Nas antíteses, nos paradoxos e nos quiasmos essa contradição fica em evidência:

Para quem diz mudamente (Romance 8, v. 45)
 porque uma vida sem vós / é para mim morte viva (Romance 1, v. 47, 48)
 porque as que foram ingratas / nunca foram conhecidas / Mas por ingrata conheço (Romance 1, v. 55-57)
 que me souberam prender / Bem como a vontade de abrir (Romance 11, v. 79 e 80)
 que se por querer-vos morro / também por querer-vos vivo (Romance 25, v. 15 e 16)
 E gritos mudos de uma alma (Romance 30, v. 4)
 vereis o inferno que gozo / vereis a glória em que peno (Romance 32, v. 3 e 4).
 Entristecem-me lembranças / e com lembranças me alegro / custam muito valem pouco / preço têm, e não têm preço (Romance 32, v. 5-8)
 não quero o amor como posso / não posso o amor como quero (Romance 32, v. 67 e 68)
 vos vejo e cego de novo (Romance 32, v. 110)
 que pode ao fogo acender, / se pode a neve abrasar (Romance 51, v. 19 e 20)

Como poeta gongórico, o recurso da hipérbole é explorado de forma a despertar o afeto no seu leitor bem como criar imagens que ultrapassem a realidade; assim também o faz com o uso de superlativos:

Procurei-vos com mil ânsias / E topei mil tiranias (Romance 1, v. 13 e 14)
 Amor por esta vos juro / e por outras tantas mil (Romance 11, v. 1 e 2)
 Beleza com tanta [alejo] / Asseio com tanto pico (Romance 25, v. 39 e 40)
 compostos de mil firmezas / e de mil Lembranças, feitos (Romance 32, v. 83 e 84)
 são dulcíssima tirana (Romance 32, v. 94)
 Tantas coisas tão bem ditas (Romance 79, v. 5).

A sinestesia, recurso utilizado intensamente nessa época, desperta o deleite pelas imagens quase sempre sensoriais: “Estas lágrimas que são / mortais pinturas de uma ausência / vivas cores da eloquência / E gritos mudos de uma alma” (Romance 30, v. 1-4).

Nas suas construções sintáticas, o autor serve-se, em várias obras, do hipérbato, que também é outro artifício gongórico, que, ao imitar o latim clássico, invertia a ordem dos termos nas frases, assim, tornando mais terso e tenso o verso, o que enfatiza o efeito também pelo quiasmo: “Sempre que contemplo o rosto / que sempre o rosto contemplo” (Romance 32, v. 17 e 18); “se está louco quem se mata / que o matar-se é loucura” (Romance 45, v. 51 e 52); “se peca contra o discreto / também contra o fino peca” (Romance 79, v. 99 e 100).

Ainda nas construções sintáticas, despontam séries paratáticas, favorecendo a justaposição de múltiplas perspectivas, num ritmo doseado, cumulativo:

São maldades de um traidor, / ambições de um lascarim / ofensas de um desleal / tiranias de um cacis (Romance 11, v. 89-92)
 Encanto dos meus sentidos / A quem respeitam meus olhos, / A quem buscam meus suspiros / Se são finezas ofensa / Se são extremos delito (Romance 25, v. 2-6)
 Dignas de inveja a respeito / dignas de lástimas as creio / se de inveja pela coisa / de lástima pelo efeito (Romance 32, v. 9-12)
 Quando os dorme tudo rouba / Quando os move tudo abala, / Quando os serra tudo assombra / Quando os abre tudo mata (Romance 14, v. 25 a 28)

Quanto à estrutura das suas composições, a arquitetura é baseada em simetrias ou correspondências que se divisam logo. Está presente o “jogo das construções” nos sonetos e oitavas. Dá preferência aos versos trimembres, no entanto, encontram-se também os bimembres e quatrimembres.

Dentro do estilo de seus contemporâneos e atendendo às condições político-sociais da época, Fonseca compunha versos com castelhanismos, pois os

portugueses da revolução de 1640 falavam a língua castelhana, sendo esta a língua literária da época:

Oy, bellissima Infanta,
Del Lusitano Sol Alba nascisteis,
Y Aurora apenas de sus rayos fuisteis
Quando te juzgaron del futuro trono
Luz feliz, bello anuncio, ilustre abono.⁴³

Quanto à metáfora, esta tem função privilegiada na qualidade e na elegância do estilo: que a beleza é o alcaide / E vós o seu beleguim (Romance 11, v. 95 e 96); Andai menino Nestor, / andai eterno mal sim (Romance 11, v. 109 e 110); de uns bens que me anoiteceram / quando o gosto madrugava (Romance 30, v. 43 e 44).

Poeta culto, António da Fonseca não inventava imagens, mas buscava-as na poesia gongórica. O efeito estilístico próprio do autor é que suas imagens têm como uma desproporção entre os termos aproximados, entre a coisa comparada e a coisa que serve como segundo termo na comparação; ou seja, há uma distância expressiva entre as coisas aproximadas.

Encontramos na sua poesia, assim como em várias outras, a chamada, segundo Tesouro (1654), ‘metáfora- mãe’. Segundo o autor, a metáfora é apresentada por uma espécie de “alegoria genitora”, ou seja, metáforas que geram outras metáforas a partir das atribuições retóricas ou gramaticais de uma adequação de sentido, construindo o conceito de imitação figurado na metáfora genitora. Dessa forma, do desdobrar sucessivamente da primeira analogia, aparece o sentido do poema: “Alerta flores que Filis” / “é mar de belezas toda” (Romance 8)

Pelo “mar”, produz uma série de metáforas que relacionam Filis à água do mar. A partir do comparante (água do mar), amplia o seu discurso:

dilúvio de sedas
chamalote de águas
estais aguando uma vida
Para o ciúmes águas vivas/Para o desejo águas mortas
um dilúvio só de versos

O mesmo processo de amplificação há nos romances tanto no que se refere às partes descritivas quanto às estratégias argumentativas do autor, numa construção lógica de progressão significativa:

Filis entre dois extremos

⁴³ A los años de la serenísima señora D. Catalina, infanta de Portugal Y despues reyna de Inglaterra En el certamen del Conde de la Torre, con obligaciones en cada ramo, *El nacimiento*, CANCION.

O meu coração se enleia
Um que pede à **vontade**
Outro que manda a **obediência**
/ \

Pede a **vontade** juízo(...) Manda a **obediência** postrada(...)

/ \

Se falto as Leis da **vontade**(...) Se as leis da **obediência** falto(...)

(Romance 38)
(grifos nossos)

Enfim, Fonseca estrutura seus versos e estrofes, seleciona os elementos lexicais e as expressões e utiliza estratégias argumentativas na intenção de revelar o conflito do homem entre o prazer mundano e o prazer espiritual. Seus romances apresentam características cultistas e conceptistas, com jogos de palavras e construções sintáticas que provocam sentidos ambíguos capazes de provocar críticas como também deleite no leitor.

2.3.2.Segunda Fase: o poeta espiritual

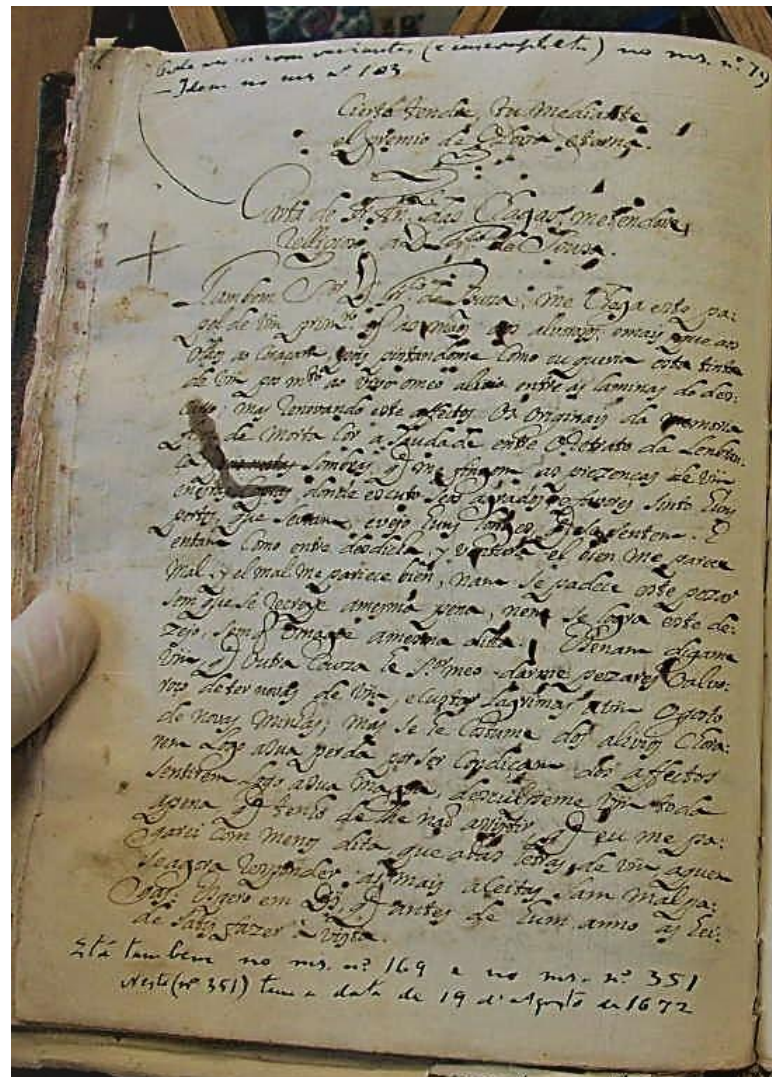
Esta seção inicia-se com a conhecida “carta de conversão”, dirigida ao Sr. Dom Francisco de Sousa⁴⁴, na qual diversos dados biográficos do autor são revelados para o estudo de fontes. A sua inclusão na pesquisa é fundamental para as análises do próximo capítulo.

Apresentamos a seguir o manuscrito nº 345 (figura 17) e a nossa transcrição feita na íntegra, transcrita segundo os seguintes critérios:

1. Transcrição conservadora, no que diz respeito à sintaxe e ortografia;
2. Desdobramento das abreviaturas;
3. Ajuste dos limites, separando vocábulos unidos e unindo vocábulos seccionados;

⁴⁴ Segundo pesquisas, cada religioso tinha um guia espiritual celeste. Este seria uma pessoa que vivera virtuosamente e tornara-se exemplo. No prólogo confirmado na obra *Lágrimas e faíscas do amor divino* (1680, p. A3) escrito pelo Frei João da Apresentação: “... parto em fim do Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas verdadeiro filho daquele Seraphim Humano Frãisco meu Padre que tanto se desvelava no zello da salvaçã das almas, que todo o seu cuidado era levalas a Deos: por isso sendo imitador deste Pay desejou ver nos fieis os coraçõens abrazados, e juntamente sentidos, para que desenganandose pelos olhos, mostrassem o sentimento nas lagrimas, e fogo nas faiscas.

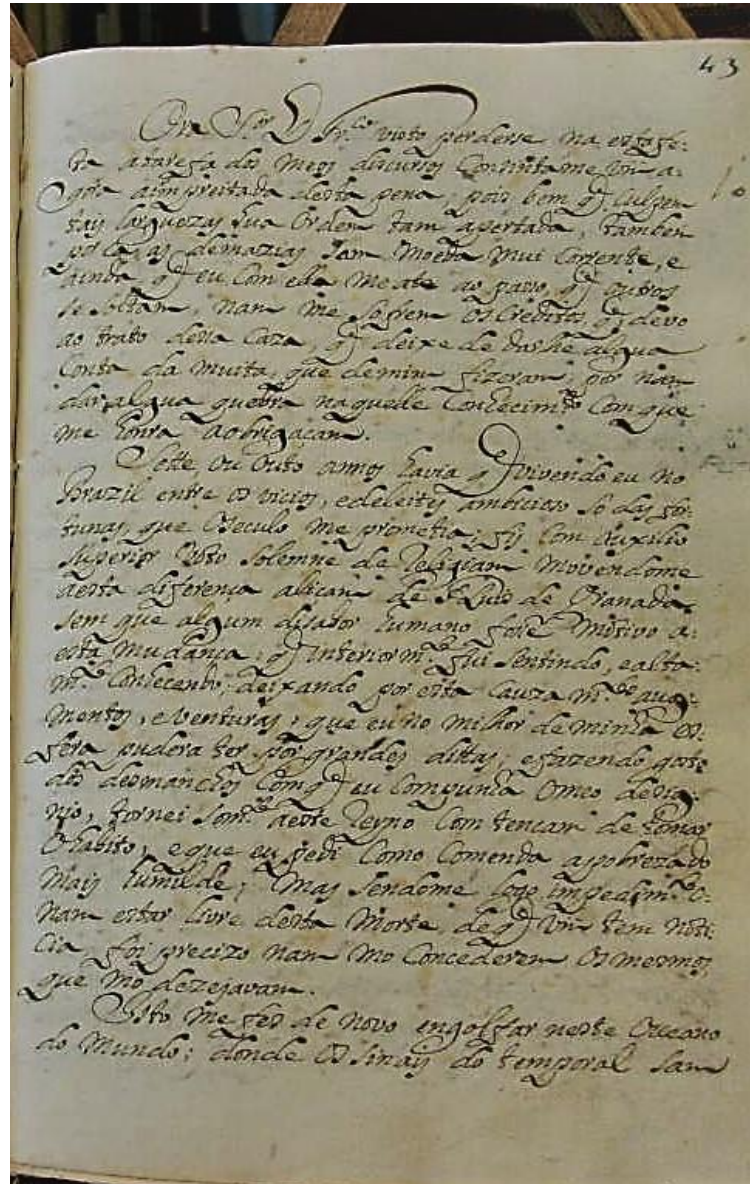
4. Indicação de mudança de linha por uma barra (/) e de mudança de página por duas barras (//) seguidas da numeração do fólio.



- [1] Carta de Frei António das Chagas
Ao religioso Dom Francisco de Sousa

Tambem Senhor Dom Francisco de Souza, me chega este pa- / pel de Vossa Mercê às mãos que aos alvoroços e mais que aos / olhos ao coração pois pintando-me como eu queria esta tinta / de Vossa Mercê pôr o meu alívio entre as laminas do dis- / curso mas renovando este affectos. Os originaes da memoria / ficou de morta cor a saudade entre o retrato da lembran- / ça nestas sombras que me fingem as prezenças de Vossa Mercê / e nestas copias donde escuto seus agrados e favores sinto huns / pertos que se viam que e vejo huns longes que se sentem. E / entãõ como entre desdicha y ventura el bien me parece

/ mal y el mal me parece bien, nam se padece este poco / sem que se recreye a mesma
pena, nam se logra este de- / zejo sem que o magoe a mesma ditta. Este nam diga me. / A
outra couza he so meo dar me pezares o alvo- / roço de ter novas de Vossa Mercê e custar
lagrimas de Vossa Mercê o gosto / de novas minhas; mas se he costume de alívios chora- /
ram logo a sua perda por ser condiçam dos affetos / sentirem. Logo a sua magoa desculpe
me Vossa Mercê toda / pena que tenho de lhe naõ assistir que eu me pa- / garei com
menos dita que a das letras de V. M. a quem / se agora responder as mais aceitas sam mal
pa- / gas. Espero em Deos que antes de hum anno as leis / de satisfazer a vista. //

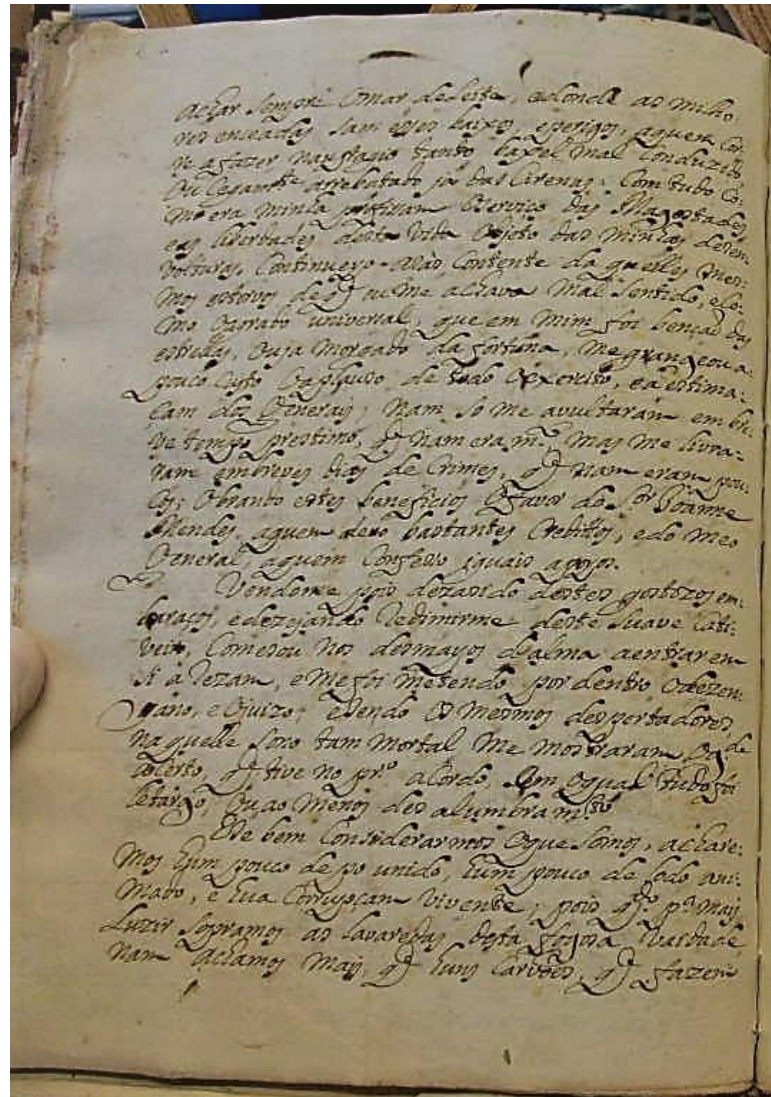


[2] Ora Senhor Dom Francisco visto perderse a nas estafe- / ta a tarefas dos meos discursos
consista me Vossa Mercê a- / gora a empreitada desta pena, pois bem que culpem / tais
larguezas hua ordem tam apertada, tambem / perca as demasyas sam moeda mui corrente,
e / ainda que eu com ella meado ao passo que outros / se soltam nam me sofrem os credits
que devo / ao trato dessa caza que deixe de dar-lhe alguma / conta da muita que de mim
fizeram por nam / dar alguma quebra naquelle conhecimento com que / me honra a obrigaçam.

Sette ou oito annos havia que vivendo eu no / Brazil entre os vicios, e deleites
ambicioso só das for- / tunas que o seculo me prometia; fiz com auxilio / superior voto,
solemne da religiam movendo-me / a esta diferença a liçam de Padre Luís de Granada / sem

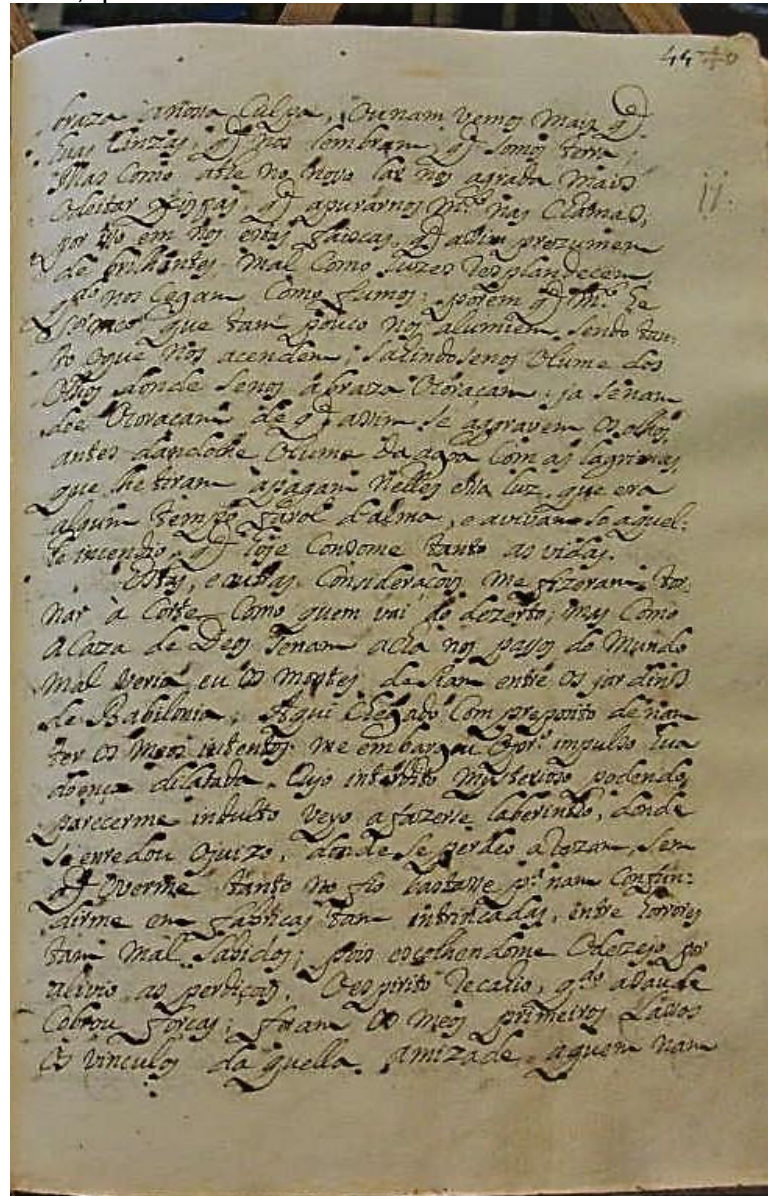
que algum dissabor humano fosse motivo a / esta mudança que interiormente fui sentindo, e
 alta- / mente conhecendo, deixando por esta cauza muitos au- / mentos e venturas, que eu
 no melhor de minha es- / fera pudera ser por grandes dittas e fazendo gosto / dos desmandos
 com que eu compunha o meo desíg- / nio, tornei somente este Reyno com tençam de tomar
 / o habito, e que eu pedi como comenda a pobreza do / mais humilde; mas sendo-me logo
 impedimento a / nam estar livre desta morte de que Vossa Mercê tem noti- / cia foi preciso
 nam mo concederem os mesmos / que mo dezejavam.

Isto me fez de novo engolfar neste oceano / do mundo; donde os sinais do temporal
 sam //



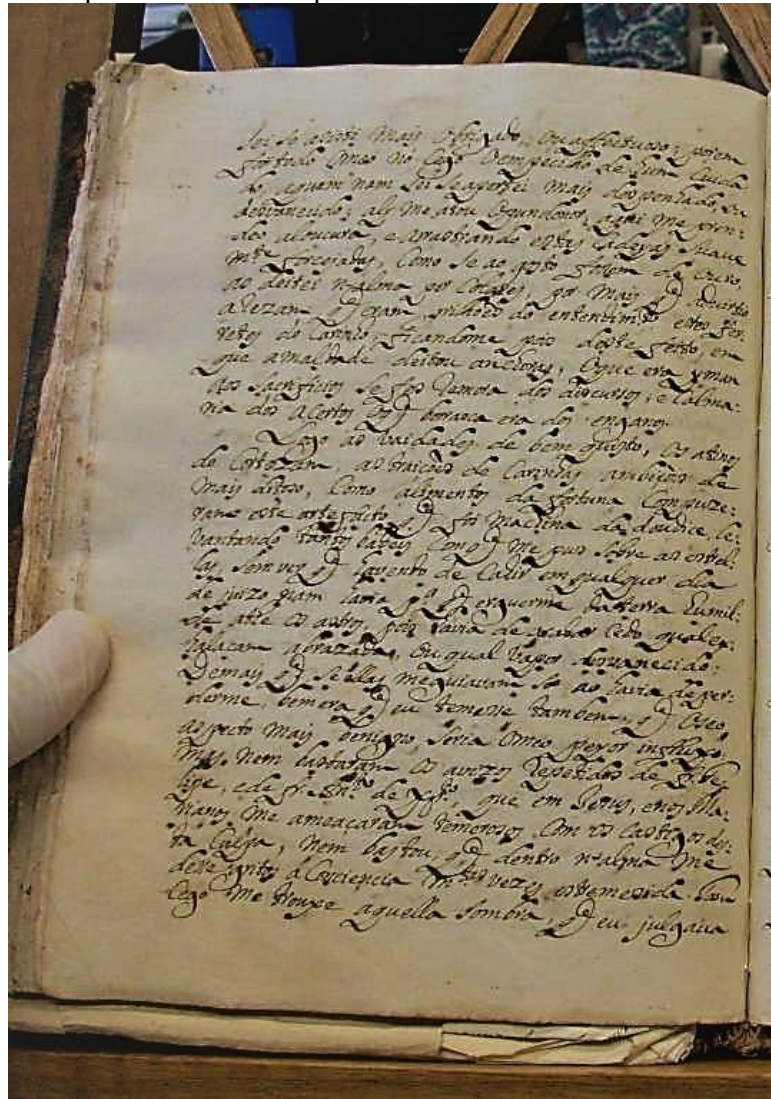
[3] achar sempre o mar de leite adonde as melho- / res enseadas sam esses baixos, e perigos
 a que co- / rre a fazer naufragio tanto baixel mal conduzido / ou cegamente arrebatado já das
 cirenes. Com tudo co- / mo era minha profissam os serviços da Magestades, / e as liberdades
 desta vida objeto das minhas desen- / volturas. Continua(?) vejo assas contente daquelles
 mes- / mos, estorvos de que eu me achava mal sentido, e co- / mo o agrado universal, que
 em mim foi bençaõ das / estrellas, ou ja morgado da fortuna, me grangeou a / pouco custo o
 aplauso de todo exército e a estima- / çam dos generais, nam so me avultaram em bre- / ve
 tempo prestimo, que nam muito mas me livra- / ram em breves dias de crimes, que nam eram
 pou- / cos, obrando estes beneficios a favor do Senhor Joam / Mendes a quem devo
 bastantes creditos, e do meo / General, a quem confesso iguais apoyos.

Vendo-me, pois dezasido destes gostosos em- / baraços, e dezejando redimir-me deste suave cati- / veiro, comesou nos desmayos da alma a entrar em / si a razam, e me foi metendo por dentro o dezen- / gano, e o juízo, e sendo os mesmos despertadores / naquelle sono tam mortal me mostraram o grande / acerto, que tive no primeiro acordo sem o qual tudo foi / letargo, ou ao menos desalubrimentos. / E se bem considerarmos o que somos, achare- / mos hum pouco de po unido, hum pouco de lodo ani- / mado, e hua corrupçam vivente, pois para mais / luzir sopramos as lavaderas desta fogosa vaidade / nam achamos mais que hus carvões, que fazem //



[4] braza à nossa culpa, ou nam vemos mais que / huas cinzas, que nos lembram que somos terra. / Mas como athe no nosso lar nos agrada mais / o deitar xispas que apurarmos muito nas chamas, / por isso em nos estas faíscas que assim presumem / de brilhantes mal como luzes resplandecem / quando nos cegam como fumos: porem, que muito he / Sr. meo que tam pouco nos alumiem sendo tan- / to o que nos acendem, sahindo se nos o lume dos / olhos donde se nos abraza o coraçam, ja senam / de o coraçam de que assim se agravem os olhos, / antes dando-lhe o lume da agoa com as lagrimas, / que lhe tiram apagam nelles essa luz que era / algum tempo farol d'alma, e avivam so aquel- / le incendio que hoje consome tanto as vidas.

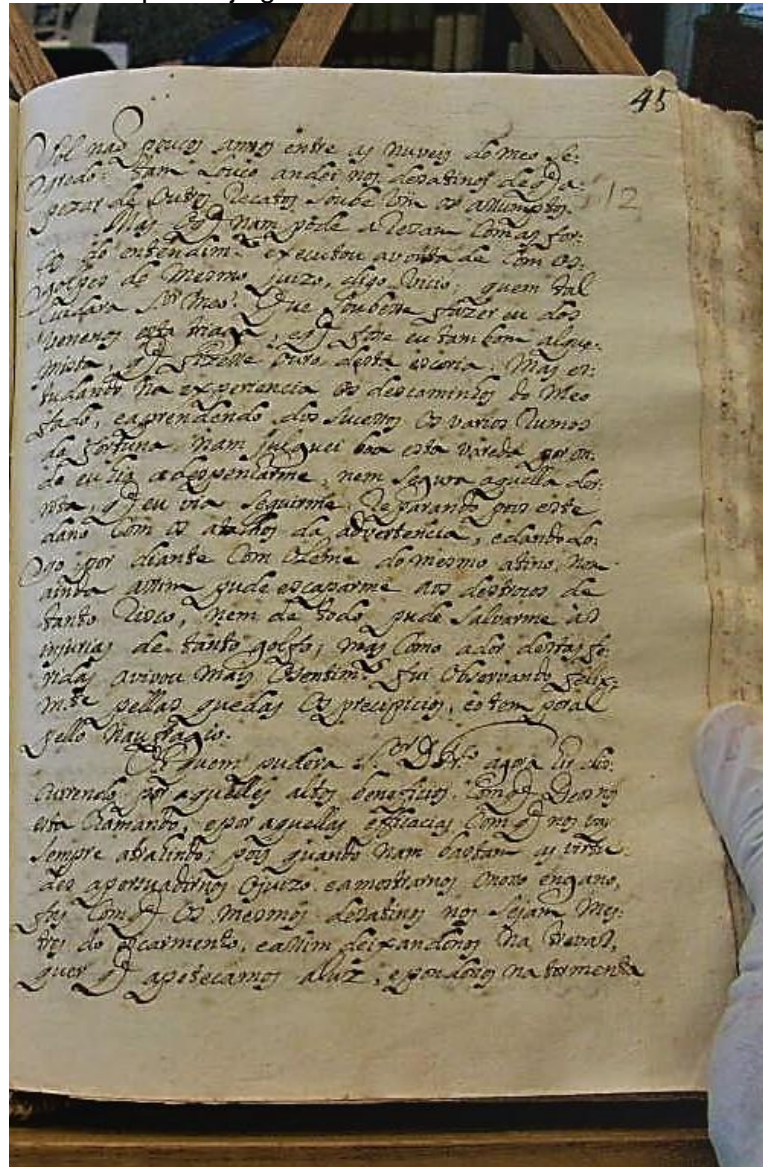
Estas e outras considerações me fizeram to- / nar à corte como quem vai ao deserto; mas como / a caza de Deos se nam acha nos passos do mundo / mal veria eu os montes de Siam entre os jardins / de Babilonia. Aqui chegando com proposito de nam / ter os meos intentos me embargou o primeiro impulso hua / doença dilatada, cujo interdito misteriozo podendo / parecer-me indulto veyo a fazer no labirinto, donde / se enredou o juizo, donde se perdeo a razam, sem / que o ver-me tanto no fio bastasse para nam confun- / dir-me em fabricas tam intrincadas, entre horrores / tam mal sabidos; pois escolhendo-me o dezejo por / alivio as perdições, o espirito recaio, quando a saude / cobrou forças foram os meos primeiros lasos / os vinculos daquella amizade a quem nam //



[5] sei se assisti mais obrigado ou affetuoso; porem / foi tudo o meo no cego o empecilho de hum cuida- / do aquem nam sei se apertei mais despenhado, ou / desvanecido ali o pundonor a que me pren- / deu a loucura, e arrastando estas cadeyas suave- / mente forcejadas, como se ao gosto fazem de ouro / as deitei n'alma por colares, por mais que advertiu / a razam que eram grilhões do entendimento estes fer- / retes do carinho ficando-me pois deste feito, em / que a maldade deitou anchoras, o que era que iman / aos sacrificios se fes remora dos discursos e calma- / ria dos acertos o que borrasca era dos enganos.

Logo as vaidades de bem quisto, os atinos / de cortezam, as traições de carinho ambição de / mais ditoso, como alimentos da fortuna compuze- / ram este artefato que fez machina da doudice le- / vantando tantos babeis com o que me pus sobre as estrel- / las sem ver que havendo de cahir em qualquer dia / de juízo nam havia para que erguer-me da terra humil- / de athe os astros, pois havia de acabar cedo qual exa- / laçam abrazada, ou qual

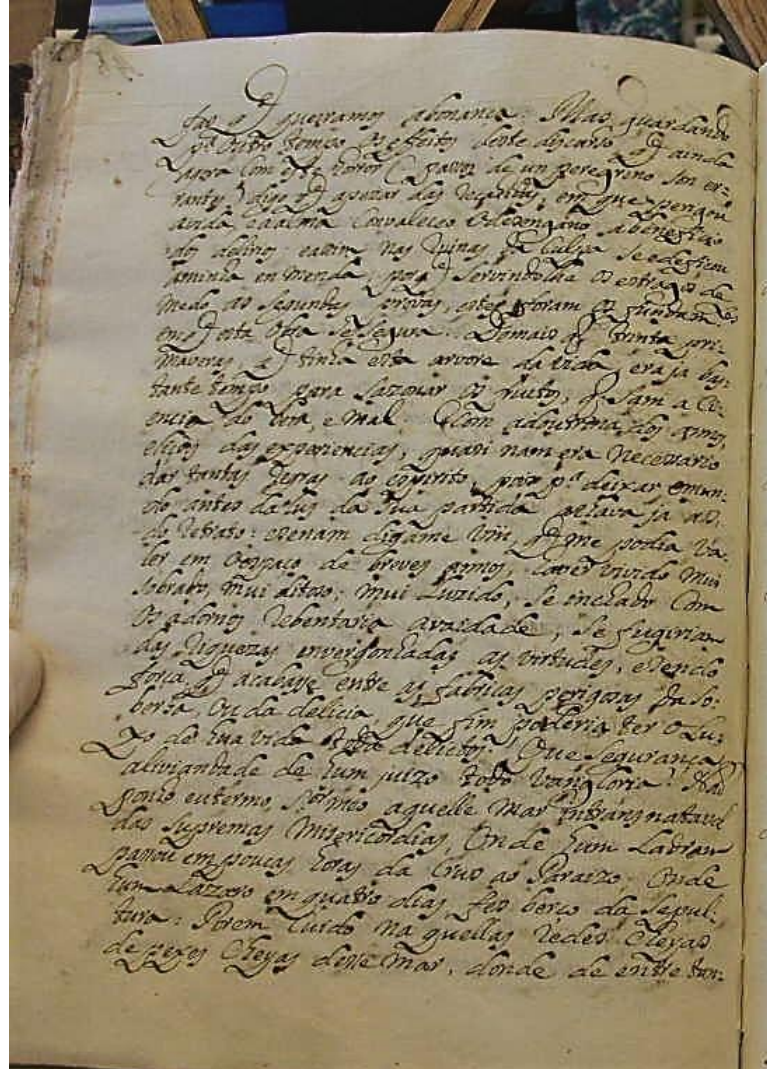
vapor desvanecido. / Demais que se elles me guiaram so ao que havia de per- / derme, bem era que eu temesse tambem que o seo / aspecto mais benigno seria o meo peyor influxo. / Mas nem bastaram avisos repetidos de Frei Fe- / lipe, e de Frei Antonio de Cristo que em Jesus, e nos ma- / rianos me ameaçavam temerosos com os castigos des- / ta culpa, nem bastou que dentro n'alma me / denegrio a consciencia muitas vezes estremecida. Tam / cego me trouxe aquella sombra que eu julgava //



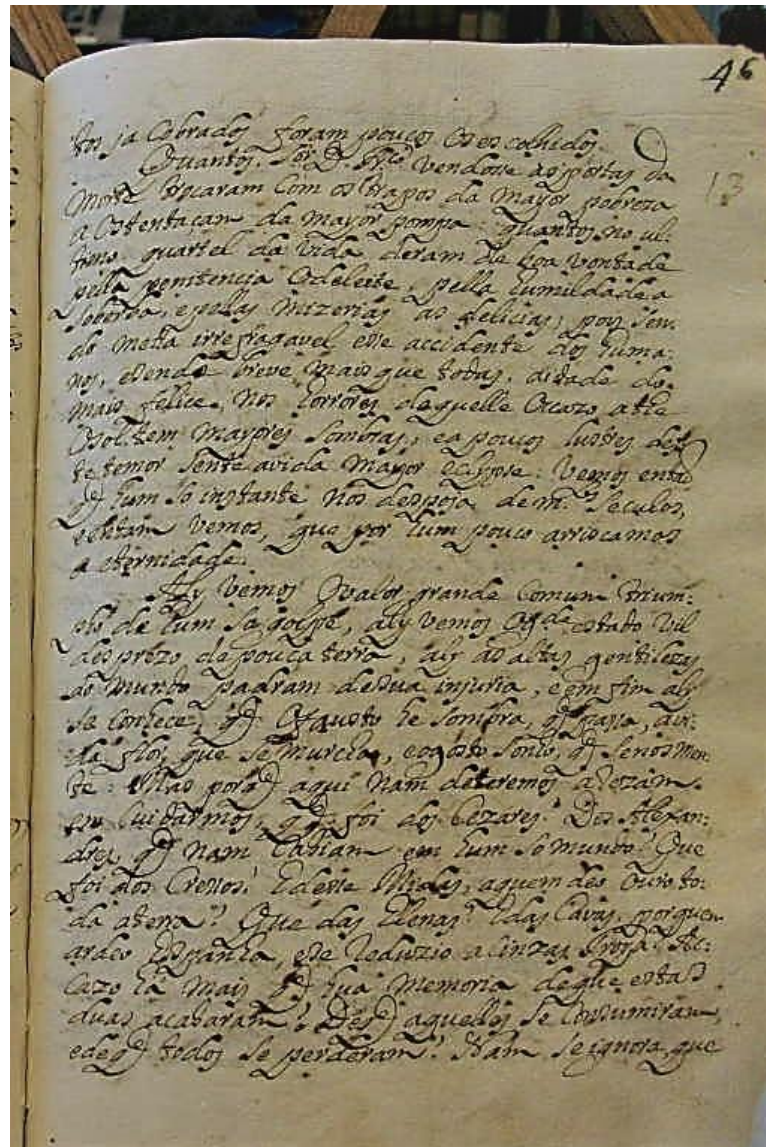
[6] Sol, nam poucos annos entre as nuvens do meo se- / gredo, tam louco andei nos desatinos de que a- / pezar de outros recatos soube V.M. os assumptos.

Mas o que nam pode a razam com as for- / ças do entendimento executou a vontade com os / golpes do mesmo juízo, digo vicio, quem tal / cuiadava Senhor meo, o que soubesse fazer eu dos / venenos esta triaga, e que fosse eu tam bom alqui- / mista que fizesse ouro desta escoria. Mas es- / tudando na experiencia os descaminhos do meo / fado, e aprendendo dos sucessos os vários rumos / da fortuna nam julguei boa esta vareda por on- / de eu hia a despenhar-me, nem segura aquella / vista, que eu via seguir-me. Reparando pois este / dano com os atalhos de advertencia e dando. Lo- / go por diante com o leme do mesmo atino. Nem / ainda assim pude escaparme aos destroços de / tanto risco, nem de todo pude salvar-me às / injurias de tanto golfo, mas como a dor destas fe- / ridas avivou mais o sentimento fui observando felis- / mente pelas que das os precipícios e o temporal / pello naufragio.

Oh! Quem pudera Senhor meo ir agora dis- / correndo por aquelles altos beneficios
com que Deos nos / esta chamando e por aquellas eficacias com que nos vai / sempre
atraindo, pois quando nam brotam as virtu- / des a persuadir o juizo e a mostram o nosso
engano, / faz com que os mesmos desatinos nos sejam mes- / tres do escarmento, e assim
deixando-nos na trevas / quer que apeteçamos a luz e pondo-nos na tormenta //

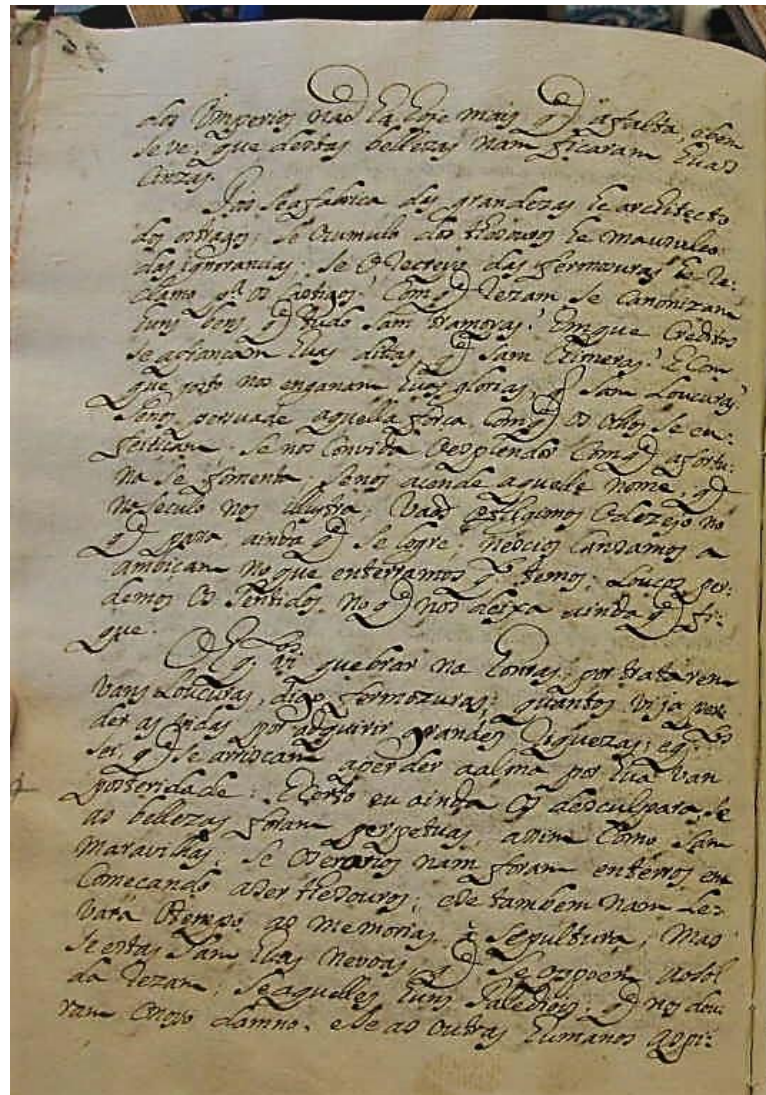


[7] faz que queiramos a bonança. Mas guardando / para outro tempo os efeitos deste discurso
que ainda / agora com este horror com passos de um peregrino er- / rantes, digo que apezar
das recaidas, em que perigou / a vida e a alma convaleceio o desengano a beneficio / dos
delirios e assim nas ruinas da culpa se edificou / minha emenda; porque servindo-lhe os
estragos de / medo as segundas provas estes foram os fundamentos / em que esta obra se
segura. Demais que trinta pri- / maveras que tinha esta arvore e a vida era já bas- / tante
tempo para sazonar os frutos, que sam a ci- / encia do bem e mal; e com a doutrina dos
annos / e liçam das experiencias, quase nam era necessario / dar tantas regras ao espirito,
pois para deixar o mun- / do antes da lei da sua partida achava ja as / do recato: se nam diga-
me Vossa Mercê que me podia va- / ler em oespaço de breves annos, haver vivido mui /
sobrado, mui ditoso, mui luzido, se inchado com / os adornos rebentaria vaidade, se fugiriam
/ das riquezas envergonhadas as virtudes e sendo / força que acabasse entre as fabricas
perigosas da so- / berba, ou da delicia, que fim poderia ter o lu- / xo de hua vida toda delictos.
Que segurança / a liviandade de hum juizo toda vangloria? Naõ / ponho eu termo meo aquelle
mar intransnatural / das supremas misericórdias, onde hum ladram / passou em poucas horas
da Crus ao Paraizo; onde / hum Lazaro em quatro dias fes berço da sepul- / tura: Porem cuido
naquellas redes cheyas / de peixes cheyas desse mar, donde de entre- //



[8] tantos ja cobrados foram poucos os escolhidos. / Quantos Senhor Dom Francisco vendosse às portas da / morte trocaram com os trapos da mayor pobreza / a ostentaçam da mayor pompa quantos no ul- / timo quartel da vida deram de boa vontade / pella penistencia o deleite, pella humildade a / soberba, e pellas miserias as delicias, pois sen- / do meta irrefragavel esse accidente dos huma- / nos, e sendo breve mais que todas, a idade / mais felice, nos horrores daquelle o cazo athe / o sol tem mayores sombras e a poucos lustres des- / te temos sente a vida mayor eclipse: vemos então / que hum so instante nos despoja de muitos seculos, / e entam vemos, que por hum pouco arriscamos / a eternidade.

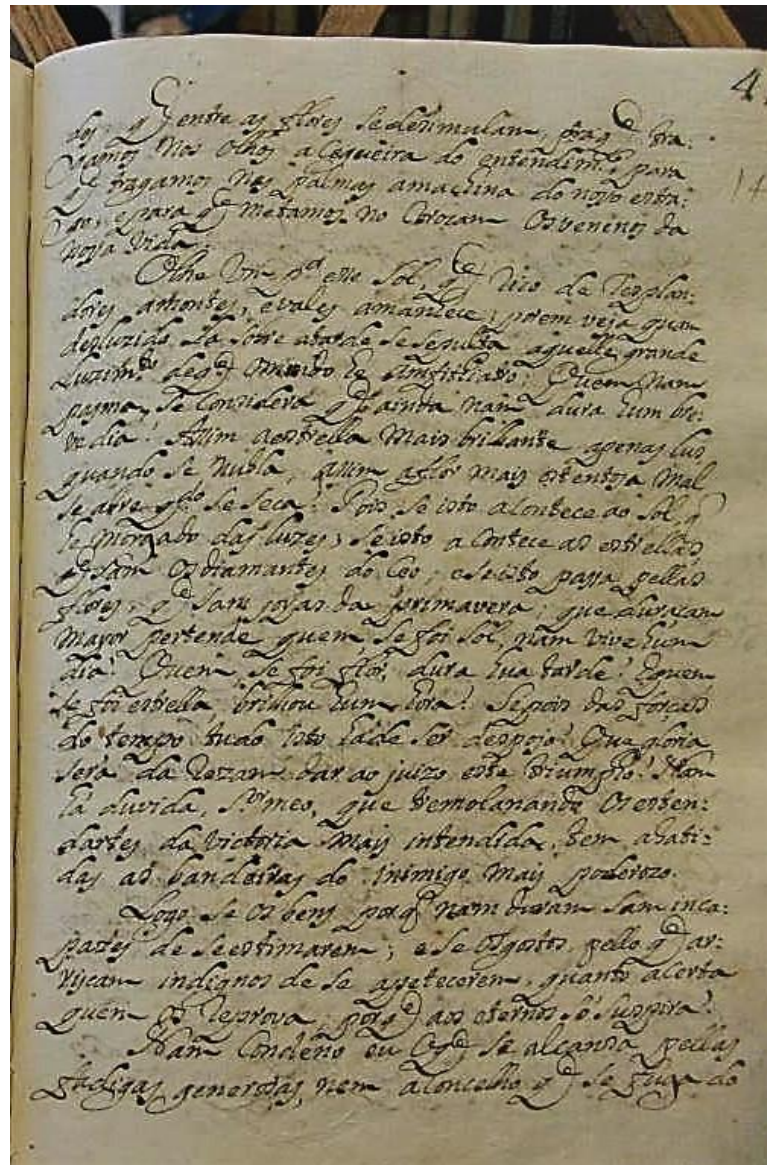
Aly vemos o valor grande comum triun- / fo de hum so golpe; aly vemos o grande estado vil / desprezo da pouca terra, aly as altas gentilezas / do mundo padram de sua injuria, e em fim aly / se conhece que o fausto he sombra, que passa, a vida / da flor que se murcha, e o gosto sonho que se nos men- / te. Mas por que aqui nam deteremos a razam / em cuidarmos, que foi dos cezares, dos Alexan- / dres que nam cabiam em hum so mundo? O que / foi dos Cresos e deste Midas a quem deu ouro to- / da a terra? O que dos Elenes? E das Cravas por quem / ardeo Espanha, ele reduzio a cinzas. A- / cazo há mais que hua memoria de que estas / duas acabaram? De que aquelles se consumiram / e de que todos se perderam? Nam se ignora que //



[9] dos Imperios não há hoje mais que a falta e bem / serve, que destas bellezas nam ficaram huas / cinzas.

Pois se a fabrica das grandezas he architecto / dos estragos, se acumulo dos thesouros he mausoleo / das ignorancias; Se o recreio das fermosuras he re- / clamo para os castigos; com que razam se canonizam / huns bens que tudo sam tramoias? Em que créditos / se afiançam huas ditas que sam quimeras? E com / que gosto nos enganam suas glorias, que sam loucuras? / Se nos persuade aquella força com que os olhos se en- / feitiçam; Se nos convida o esplendor com quer a fortu- / na se formenta; se nos acende aquele nome, que / no seculo nos illustra; vaõs afligimos o dezejo no / que passa ainda que se logre; nescios lansamos a / ambiçam no que enterramos que temos; loucos per- / demos os sentidos. No que nos deixa ainda que fi- / que.

Oh! Quantos vi quebrar nas honras por tratarem / vans loucuras, digos fermozuras; quantos vi já per- / der as vidas por adquirir grandes riquezas; e quantos / sei que se arriscam a peder a alma por sua van / posteridade. E certo eu ainda os desculpara se / as bellezas foram perpetuas, assim como, sam / maravilhas; se os erarios nam foram eternos em / começando a ser thesouros, e se tambem nam le- / vara o tempo as memorias à sepultura. Mas / se estas sam huas nevoas que se oppoem ao sol / da razam; se aquelles huns Palidões: que nos dou- / ram o nosso damno. Se as outras humanas aspi- //

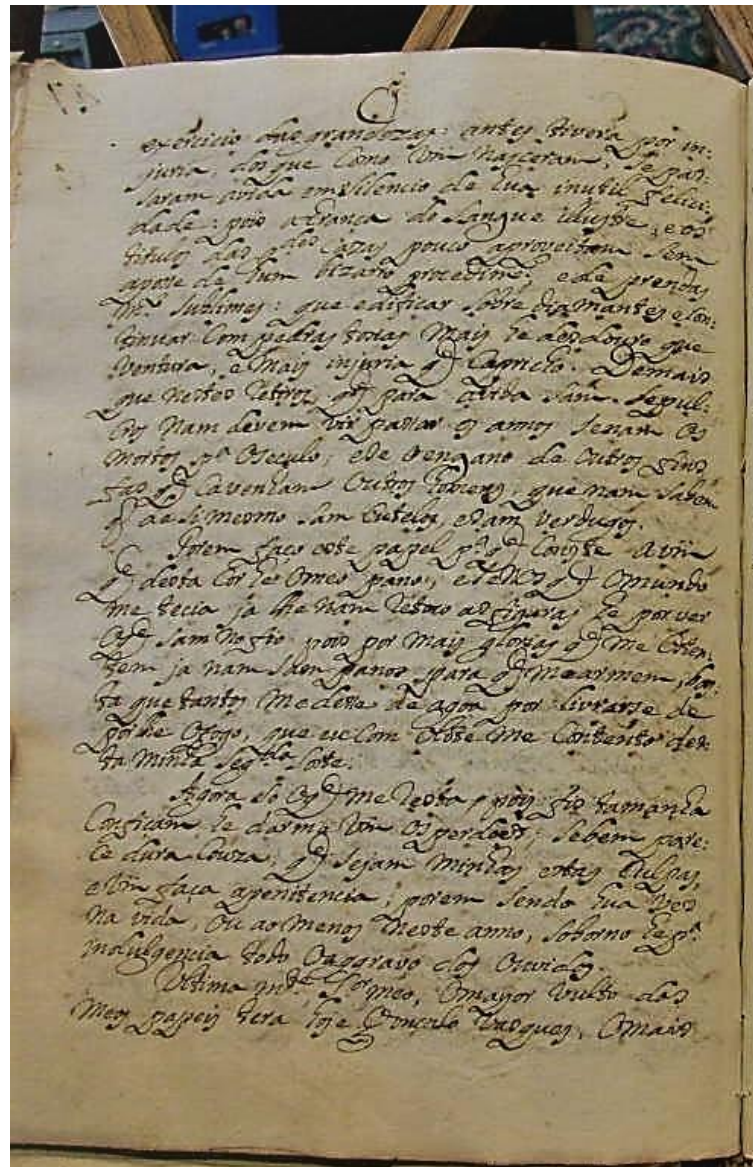


[10] des que entre as flores se dissimulam, para que tra- / gamos nos olhos a cegueira do
entendimento para / que tragamos nas palmas a machina do nosso estra- / go, e para que
metamos no corazon os venenos da / nossa vida.

Olhe Vossa Mercê para esse Sol, que rico de resplen- / dores, a montes e valles
amanhece, porem veja que / desluzida la sobre a tarde se sepulta aquelle grande
luzimento de que o mundo he anfiteatro: quem nam / pasma se considera que ainda nam dura hum bre-
/ ve dia! Assim a estrella mais brilhante apenas luz / quando se nubla, assim a flor mais
ostentosa mal / se abre quando se seca! Pois se isto acontece ao Sol, que / he morgado das
luzes, se isto acontece as estrellas, / que sam os diamantes do ceo; se isto passa pellas /
flores, que sam joyas da primavera; que duraçam / mayor pertende quem se foi Sol, nam vive hum
/ dia! Quem se foi flor, dura hua tarde? E quem / se foi estrella, brilhou huma hora? Se
pois as forças / do tempo tudo isto há de ser despojo? Que gloria / será da razam dar ao juízo
este triunfo? Nam / ha duvida, Senhor meo, que termolanando os estan- / dartes da victoria
mais entendida, tem abati- / das as bandeiras do inimigo mais poderoso.

Logo se os bens por que nam duram sam inca- / pazes de se estimarem; e se os
gostos pello que ar- / riscam indignos de se apeteçarem, quanto acerta / Quem os reprova,
porque aos eternos so suspira?

Nam condeno eu o que se alcança pellas / fadigas generosas, nem aconselho que se
fuja do //

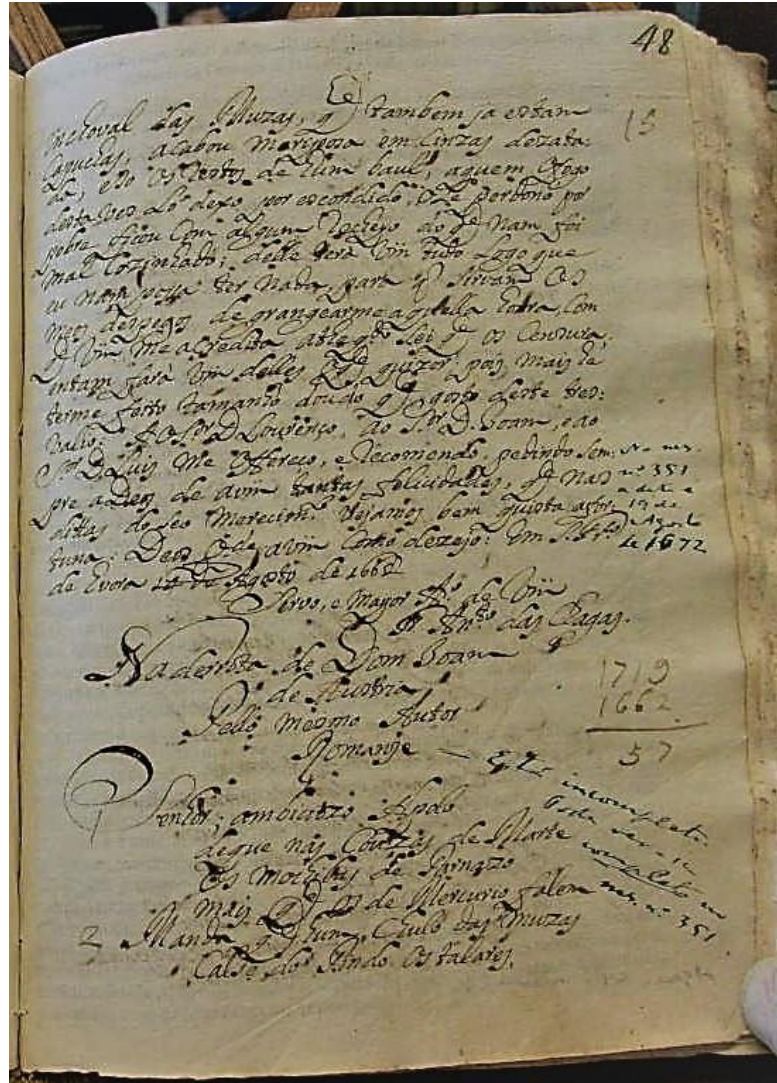


[11] exercício de grandezas antes tivera por in- / Juria dos que como Vossa Mercê nasceram,
se pas- / saram a vida em silencio de hua inutil felici- / dade: pois a herança do sangue ilustre,
e os / titulos das grandes cazas pouco aproveitam sem / a posse de hum bizarro procedimento;
e de prendas / muitos sublimes: que edificar sobre diamantes e con- / tinuar com pedras toscas
mais se he desdouro que / ventura, e mais injuria que capricho. Demais / que nestes retiros
que para a vida sam sepul- / cros nam devem vir passar os annos se nam os / mortos para o
seculo; e se o engano de outros fins / fas que ca venham outros homens que nam sabem /
que de si mesmo sam cutelos, e sam verdugos.

Porem faço este papel para que conste a Vossa Mercê / Que desta cor he o meo pano,
e se nos que o mundo / me tecia já lhe nam retoco as figuras he por ver / o que sam no fio,
pois por mais glorias que me osten- / tam ja nam sam panos para que me armem, bas- / ta
que tantos me desse de agoa por livrar-se de / por lhe o fogo, que eu com o lote me contento
des- / ta minha segunda sorte.

Agora so o que me resta, pois fis tamanha / confição he dar-me Vossa Mercê os
perdões; se bem pare- / ce dura couza; que sejam minhas estas culpas / e Vossa Mercê faça
a penitencia; porem sendo hua ves / na vida, ou ao menos neste anno, soborno he para /
indulgencia todo o agravo dos ouvidos.

Ultimamente Senhor meo, o mayor vulto dos / meos papeis terá hoje Gonçalo Vasques,
o mais //



[12] enxoval das Musas, que tambem ja estam / capuchas, acabou mariposa em cinzas desata- / da, e so os textos de hum baul, a quem o fogo / desta ves só deixou por escondido o le perdono por / pobre ficou com algum recheio de que nam foi / mal cozinhado; dele tera Vossa Mercê tudo logo que / eu nam possa ter nada para que sirvam os / meos despegos de grangear-me aquella honra, com / que Vossa Mercê me acredita athe quando sei que os censura; / entam farà Vossa Mercê delles o que quiser pois mais he / ter me feito tamanho doudo que gosto deste tra- / balho. Ao Senhor Dom Lourenço, ao Senhor Dom Joam, e ao / Senhor Dom Luis me offereço, e recomendo pedindo sem- / Peço a Deos de a Vossa Mercê tantas felicidades, que nas / ditas de seo merecimento vejamos bem quista a for- / tuna. Deos guarde Vossa Mercê como dezejo: em / Saõ Francisco de Evora, 14 de agosto de 1662.

Servo, e mayor amigo de Vossa Mercê
 Frei Antonio das Chagas.

Apesar de convertido, o temperamento pessoal e literário de Fonseca não mudou, uma vez que usou suas habilidades com a linguagem para tornar-se ativo pregador e educador de consciências pela sua intensa atividade epistolar. Trocando o profano pelo sagrado, seus versos não são mais eróticos e dedicados à figura feminina, mas direcionam-se a um único prazer: o espiritual.

Embora estivesse muito mais atento ao que dizia do que ao modo como dizia, as habilidades formais da escrita mantiveram-se. Não perdera, pois, a sua vocação de poeta e continuaram a sair-lhe os jogos de palavras e os recursos expressivos que marcaram sua obra.

A poesia de Frei António das Chagas revela um poeta bem diferente do autor dos romances ardilosos. Agora Fonseca é poeta “a lo divino”, que chora os seus desvarios e conclama que tudo no mundo é vaidade. Sua poesia é de dor: chora os seus pecados, confessa-se contrito, geme as recordações do passado, tendo como temas-mestres de suas composições o desengano do mundo e a efemeridade das coisas e da vida:

Da vaidade dos homens nasce a cegueira deste Mundo, e andando sempre acompanhada da ostentação, e da soberba, da presunção e da arrogância, das mentiras e das lisonjas (CHAGAS, 1680, p. 13).

Algumas vezes, suas obras procuram o louvor a Deus, glorificando-O, com o desejo de prolongar o tempo para louvar a Sua glória. Outras, aconselham a grandeza de alma e a resignação serena. Outras, são poesia inspirada na experiência de alma.

Em razão do desengano do mundo e da efemeridade da vida, as poesias apresentam certo tom de pessimismo, amargor pelo tempo perdido em perversões, e como só depois encontrara o verdadeiro sentido da vida, lamenta por já não haver tanto tempo para aproveitá-lo: “Pois aqueles que sem conta gastam tempo, / Quando o tempo chegar de prestar conta, / Chorarão, como eu, o não ter tempo.”⁴⁵

Como missionário, não guarda só para si os valores espirituais. Assim, podemos verificar, em suas composições, reflexões que tentam despertar as consciências adormecidas daqueles que se apegam aos valores mundanos, como em:

Ó míseros mortais, como não vedes,
Que pretendem colher vossas empresas

⁴⁵ Poesia: Conta e Tempo, de Frei António das Chagas.

Numa só concha o mar, o vento em redes!

Oh homes vaõs q vos engana? gente cega q vos obriga? Quem vos arroja, e vos despenha, quem vos eleva e vos atrahe? Por ventura sam as riquezas? (CHAGAS, 1680, p. 15)

Chagas não se assenta em direcionar as suas obras para mover os afetos dos leitores, mas também mantém uma intimidade com Deus, permitindo-lhe expressar diretamente a Ele: “Quem senão a Vós meu Deos, se hão de votar, e oferecer estes pedaços da minha Alma, q com a luz da Vossa graça achey perdidos pelo mundo.” (CHAGAS, 1680, p. 1-2)

Ao expressar o seu arrependimento, os suspiros, os ais, os tons de lamentação transpassam seu discurso. Não digamos que seja a intenção do autor alimentar a sensibilidade das almas religiosas da época, porém, de externar sentimentos na tentativa de amenizar o seu pesar: “Ó liberdade cega! ó vil memória, / Que encarceradas nestas vãs paredes / Fugis de dar aos Céus uma vitória!”

Versos tersos e austeros são outra característica; é uma forma de flagelação, suplício, penitência pelos seus desvarios. Há situação de angústia na busca constante pela misericórdia de Deus, receoso por sua salvação, além da necessidade de demonstrar uma conversão total, acusando-se violentamente:

Já do lacivo emendado
ja de pecador contrito,
de perverço penitente
de soberbo compongido.

Ja todo lagrimas, pranto,
ja todo fogo infendido,
ja todo amargos soluços
ja todo triste suspiro. (CHAGAS, 1756, p. 2)

As antíteses também colaboram para demonstrar a humildade do Frei perante a grandeza de Deus:

Como vos naõ correis de que tenha menos força em vós para chegar a Deos huma inclinação divina, sublime, e soberana, do que tem para chegar ao mar nas agoas huma inclinação taõ baixa, e humilde! (Carta VII, V. 2, p. 13)

Por meio de tom catequético, o Frei instrui seus leitores em como alcançar a salvação divina:

por isso para que nos comecemos a unir com Deos, he necessário entrar no Horto da Oração, descermos nella com humildade ao valle da nossa miséria, onde fertilizando esta terra, de que somos feitos, com abundancia de amor, e lagrimas façamos por meditar, e

dispormos para a Cruz, sem a qual não sendo semelhantes a Christo, não poderemos subir aos Ceos, e ser dos seus Prestinados (CHAGAS, 1685, p. 2).

As hipérbolos e as expressões superlativas, assim como na sua primeira fase, estão presentes também, e com maior constância, no discurso do Frei Chagas:

vós sois huma creatura miseravel, hum sacco de esterco, hum costal de bichos, e hum homem peccador (...) e sendo Deos a mesma formosura, e a maior Magestade, sabedoria, e bondade, e outras mil perfeições sem numero, não vos atreveis vós a fixar nelle os olhos por breve tempo, como se nesta memoria sua se deitara a perder a vossa vontade (Carta VII, V.2, p. 13).

Uso de parábolas e outros textos bíblicos auxiliam-no nas construções metafóricas: “Se filho prodigo fuy / e andei de vós fugitivo, / não me falte taõ bom Pay / inda que sou taõ mao filho.” (1756, p. 6)

É evidente que na escrita do Frei haveria vestígios do Fonseca. A metáfora genitora é uma dessas marcas. Servindo-se da primeira metáfora, amplia o seu discurso:

Obedece promptamente à ordem de Christo, lançando em seu nome as redes ao mar (...) Figura foi este sucesso da pregação Evangelica; porque pelas redes, entendem os Expositores sagrados a pregação da divina palavra (...) Por que vemos já taõ practicaada no mundo huã infernal politica contra o uso das redes da divina palavra, assim nos ouvintes, como nos Pregadores; nos ouvintes porque devendo como peixes simples ouvir a palavra de Deos para ficarem da sua mão presos naquela santa rede; vaõ às pregaçoens só para notar com grande especulação se tem a rede divina as malhas das palavras bem concertadas (CHAGAS, 1687b, p. 1-6).

O Frei faz uso da metáfora genitora tanto para gerar aprendizado ou descrever ações como para dar bons exemplos, mover afetos e construir argumentos, os quais, muitas vezes, são estruturados conforme o engenho de Fonseca em sua primeira fase ao empregar a amplificação:

Desta humildade nasce o conhecimento de nossa grande vileza, deste conhecimento nasce o ódio, que temos a nós mesmos, tratando mal o corpo; mas isto com prudencia: que o demasiado fogo à panella a faz rebentar.(...) Deste aborrecimento nasce o exercício da penitência, contra a qual se levanta o Mundo, o Diabo, e Carne com grande perseguição, tentação, e tribulação, que fervem como fornalhas para provar o espírito: se o espírito é falho, como palha vaã, e inutil, se abraza na fornalha: e se o espírito é verdadeiro, como ouro se apura nas levaredas, fase mais lustroso nestas tribulações (Carta I, V. 1, p. 2).

As suas obras e cartas espirituais são mescladas de metáforas, comparações e, por meio destas, os períodos organizam-se na estrutura de silogismos:

Eu estou certo, que de mim se não podem dizer milagre; que se digaõ diabruras, não estranharei muito. Porque he certo, que se disserem o peor, profetizaõ, e addivinhaõ o que há em mim. Do mar se não tira agoa, que não seja salgada, e amargosa: de mim se não pode dizer cousa, que não seja ruim (Carta II, V. 1, p. 7).

Os mosquitos contentaõ-se com picar, e zunir, eu sou mosquito de Deos, pico, para que os que dormem despertem; zuno, para que todos acordem; não quero mais nada a vêr a todos abrir os olhos, e que os ponhaõ no Ceo (Carta LXXXI, V. 2, p. 155).

As repetições aparecem em ordem inversa para desdobrá-las. Há correspondência entre estruturas frasais, tanto ao ritmo quanto ao valor sintático e as frases encadeiam-se tomando um movimento interior de alternância e bifurcando-se para a progressão textual. Como há a ânsia de expressar o que é indizível, inefável, o poeta usa as metáforas e comparações pela necessidade de concretizar, por isso, encadei-as formando as imagens e as alegorias e acumula ou sobrepõe-se pensamentos – como veremos mais adiante.

Apesar de direcionar sua escrita para o plano celestial, o poeta/orador não deixa de lado algumas expressões chocarreiras, críticas e irônicas, nem vocábulos que intermeiam a guerra de sua vida militar e a guerra no plano divino.

Enfim, as composições de Fonseca, tanto em sua fase mundana quanto na espiritual, não são construídas com palavras e metáforas soltas, mas organizam-se num rígido sistema que faz extrair delas as mais profundas significações. A sua elaboração criadora é complexa e engenhosa, já reveladas na primeira leitura, e seus períodos e parágrafos bem estruturados com expressões reiterantes que marcam a cadeia melódica.

António da Fonseca Soares foi, sem dúvida, um poeta completo que desenvolveu as mais variadas formas de composições e disponibilizou os diversos recursos estilísticos que puderam engrandecer suas obras. Viveu em período de contradições e, como reflexo dele, foi capaz de exprimir seus pensamentos, ansiedades, aventuras e êxtases por meio de composições que abrangeram, não digo a totalidade, mas grande parte das técnicas evidenciadas nas manifestações literárias da época.

2.4.Santidade e vida mística de Frei Chagas



Figura 18 – Frei António das Chagas

Fico para tomar o Habito em Saõ Francisco de Evora, donde espero que Deos me guie ao porto de minha salvaçaõ; que naõ he pequeno milagre depois que com as borrascas do perigo a vida correo fortuna, e com as tormentas do vicio a alma teve naufrágio (...) quebrou a razaõ das cadeas com que o mundo me tinha atado, ou o engano me tinha pezo.⁴⁶

E assim inicia a sua vida religiosa... Falar sobre a santidade de Frei António das Chagas é meter-se em um terreno desconhecido e procurar em estudos restritos dados de sua vida. Os registros são poucos. Por essa razão, investigamos também, por meio de seus escritos, informações que possam nos levar a conhecer

⁴⁶ Carta que escreve a uma tia três dias antes de tomar o hábito (Carta I, V. 2, p. 1).

um pouco mais desse homem poderoso em suas palavras e espiritualmente comprometido em sua missão.

Diante de um contexto conturbado, António da Fonseca Soares sentiu a necessidade de conversão e de seguir a Cristo em tudo que fizesse, na esperança de que aquele hábito produzisse mais virtudes do que os pecados que cometera. O Frei entregou-se a tal ponto à vida mística que logo as virtudes tomaram-lhe por inteiro. Para isso, professava que para seguir a Cristo dever-se-ia ter o ódio voluntário às coisas mundanas e a negação de tudo:

... a perfeição consiste em gozar-nos de tudo o que nos succede sem culpa, ou seja bem, ou seja mal, puramente, porque assim he vontade de Deos, e assim era a disposição Divina desde a Eternidade, e convêm que para chegar a isto não tenhamos, nem amor, nem gosto, nem vontade propria, nem escolha, ou eleição alguma, nem desejo de consolação sensível, nem ainda espiritual, senão, como sombra que segue o corpo, seguir os movimentos do Divino beneplácito, havendonos passivamente em tudo, paraque se imprima em nós o Divino agrado na imitação da Vida, Morte, e Paixão de Nosso Senhor Jesu Christo (Carta CCXXII, V.2, p. 400).

O objeto da negação de sua vida anterior não era conquistado facilmente, mas, segundo seu discurso, era renovado por meio de lutas diárias. Se concebermos que a vontade é um fenômeno do mundo e que aparece na realidade terrena em plena intensidade, para aqueles que desejam ultrapassá-la deve se pôr em constante luta, para que se obtenha a calma, a benevolência e a paciência. Paciência, aliás que o Frei emprega como maior virtude do que a penitência, uma vez que é necessária para o entendimento, inclusive, das coisas celestes. O entendimento era, pois, o caminho para as virtudes e, quando o “inimigo” o tentava, era no entendimento que o seu discurso encontrava as armas para vencê-lo.

Durante o seu tempo de Noviciado, Godinho (1687) relata que era oficioso, disposto a fazer as mais variadas tarefas, como varrer, cozinhar, lavar. Punha-se em humildade em tudo, pois esta era a virtude mais desejada por ele: o ser pequeno e humilde diante de Deus. Assim, aconselhava seus destinatários:

... e finalmente pondo-vos em verdadeira humildade, não sahireis do vosso cantinho senão em actos de obediencia (...), seja saber que sois nada, e que fostes nada, para que em todas as vossas acçoens, ou sejaõ boas, ou mãs; andeis sempre dizendo convosco: Nada sou, nada tenho, nada desejo, mais que o Amor de meu Deos: nada mereço, nada posso, porque o nada, não pode nada, o nada, nada merece; e por aqui andareis dizendo conforme o que vos suceder: O nada, não tem vangloria, o nada, não presta para nada, o nada, não falla, o nada, não se envergonha, o nada, não se agasta, o nada, não

se queixa, o nada, não se desculpa; e não façais pouco caso disto, porque nestes nadas, está quasi toda a perfeição do espirito (Carta XXXV, V. 2, p. 67).

Além de chegar à humildade para viver a fé, sua palavra despojou-se também dos afetos e dos orgulhos, aniquilando todos os seus sentidos de forma a não se conturbar com o mundo terreno, retirando de si todos resíduos, estrondos, memórias e figuras que inquietavam a imaginação, a fim de que esta ficasse limpa, sem considerações profanas.

Considerando a humildade como uma das principais virtudes, o conceito do “nada” aparece constantemente nas cartas implicando a renúncia de tudo. O termo “nada” é personificado ao mesmo tempo que tira de si todo traço de personificação. Tomando para si essa imagem, a humilhação, desfazia o sentido de todos os desejos, tudo que se ligava à humanidade, para alcançar a perfeição do espírito:

Tereis com esta negação hua grande paz, e socego em todos vossos sentidos; porque se negares os olhos ao petite do ver, os ouvidos, ao gosto de ouvir, o gosto, ao sabor do comer, e assim tambem a cheirar, e tocar o que não he necessario, escusareis quando recolheres a vista, e o pensamento para os desertos da alma, entrar-vos pelos olhos, e pelos mais sentidos, aquelles ruídos, estrondos, memorias, e figuras, que desenquietaõ e descompoem a imaginaçãõ, que deve estar limpa deste pó da terra, para receber a luz do Ceo, sem nuves, e nevoas de considerações profanas (Carta XXXV, V. 2, p. 67-8).

O prazer focou-se no silêncio, pois era o momento da conversação com Deus, por meio da oração e da meditação, que, em decorrência, atingia o êxtase, estado privilegiado alcançado pelos santos. Por isso, seus aconselhamentos explicavam às religiosas que era na prontidão para o silêncio que Deus fazia a obra:

porque desta sorte se aproveitaõ as marés do Espirito Santo, convertendo tudo pela conformidade, e indiferença, em bonança da consciencia, cuja gloria he aquietar entre as espinhas, onde crescem as flores de Deos, Deos faz o mais da obra, mas nós ajudamos nella, e assim purgamos nossas misérias, e merecemos dobrada gloria (CCXXII, V. 2, p. 400).

Molinos (1998, p.29) afirma que São João Damasceno e outros santos dizem que a prece é uma saída ou elevação da mente em direção a Deus. Deus está acima de todas as criaturas e a Alma não pode vê-lo ou conversar com ele, se não se erguer

acima de todas elas. Esta amistosa conversação que a Alma tem com Deus, na prece, é dividida em meditação e contemplação.⁴⁷

Considerando o ponto de vista adotado pelo Frei, este afirmava que para se chegar a Deus era preciso viver sem criaturas, aproveitando-se da solidão, a qual era a única capaz de oferecer o momento pleno para estar com Deus: “Se pois quereis chegar a tamanho bem como este, tres cousas deveis fazer: a primeira, fazeres e trabalhares muito por viver sem peccados, a segunda por viver sem deleites, a terceira por viver sem creaturas” (Carta XXXV, V. 2, p. 66), assim, ‘matando’ criaturas, memórias e alívios, ficar-se-ia só com Deus.

Várias vezes o exemplo de sua vida passada era utilizado como se o orador tivesse caído em um despenhadeiro. Contudo, na figura deste mergulho, produzia argumentos para perseverar na luta contra os vícios mundanos. Em postura repreensiva, criticava a si mesmo argumentando que sua pouca mortificação ainda não o tinha tirado do hábito de seus pecados. No processo de amplificação em que a cada dia retomava o seu esforço em virar as costas para o mundo falso, enganoso, de aparência, para não deixar que a vaidade voltasse a seduzi-lo, para ele, não importava ser senhor do mundo, coberto de riquezas, regalos e alegrias e todas as prosperidades, se “acabaraõ como flor de feno que cahe, como empola de agoa que se ergue, como escuma do mar que corre” (Carta VII, V. 2, p. 14).

Persistindo nos argumentos de sua vida de poeta e galanteador, exortava seus confessores e amigos religiosos para que apontassem seus defeitos e passassem-lhe penitências, porque lhe era agradável a mortificação pelos seus pecados. Por outro lado, criticava severamente àqueles que não usavam os rigores da correção fraterna:

A segunda cousa he que esse sujeito me não desse a mim pessoalmente a correção fraterna, e me advertisse, e reprehendesse, que isto he o que manda Deos; pois he certo que eu lhe havia de agradecer muito, tratar-me com esta caridade: que ainda que eu tenho pouca, desejo não faltar a ella em tudo o que lhe tóca, e se soubera alguma cousa sua, que me não parecera bem, antes a houvera de dizer a elle, que a outrem; e isto mesmo fizera com qualquer outra pessoa com a graça de Deos (Carta XVIII, V. 2, p. 38).

⁴⁷ Miguel de Molinos (1628-1697) foi sacerdote católico espanhol que tinha um profundo apelo místico e contemplativo. Era orientador espiritual e sua fama espalhou-se de forma que o incentivou a escrever o seu Guia Espiritual, o qual tornou uma grande celebridade por toda a Europa Cristã. Essas ideias de prática de método de oração interior proposta por Molinos, provocou um movimento chamado Quietismo.

O processo de acumulação/amplificação prossegue e, apesar do empenho de uma vida penitente, com renúncias e mortificação contínua, ainda deveria zelar em manter a desejosa salvação. A autopunição servia, assim, para que se sentisse digno de estar próximo de Deus livre de seus pecados. Entretanto, embora tenha-se colocado como servo da Sua vontade e penitenciado-se, lastima-se das culpas que incidem em sua consciência mesmo que já as tenha confessado, vivendo assim em constante martírio. Em uma situação de aconselhamento, comenta:

No que toca as cousas de confissões, e culpas passadas, desde aquella que V.M. fez commigo, lhe mando (se posso) que não cuide mais em cousa alguma; porque esta lembrança será, mais que necessidade imprudência, e inguirimanço do diabo, que nos prende pelos escrupulos: solte-se V.M. deste fio, ate-se nas cadeyas daquelles firmes propositos, e actos de Amor de Deos, e memorias, que a conservem na Divina presença. (...) porque bastavaõ os pezares, propositos, e desejos, para que a confissãõ fosse boa. (Carta XVIII, V. 2, p. 37).

Observe-se que o raciocínio incoerente do Frei: autocondenava-se e remoía as culpas passadas, mas aconselhava a sua destinatária a não se punir pelas culpas passadas. No entanto, sua argumentação retoma as rédeas da eficácia do discurso, ao demonstrar que ele, enquanto exemplo, era consciente de sua pequenez e do desejo de estar realmente firme em seu propósito com Deus, que não se sentia purificado o suficiente. Assim, considerava-se um “mar de culpas” e que qualquer outra alma seria mais pura que a dele. Dessa forma, a sua ‘incoerência’ transforma-se em hipérbole e revela a estratégica retórica: a maneira de Chagas pregar, aconselhar e persuadir é, a seu tempo, eficaz, pois demonstra aquilo que o discurso cristão quer demonstrar; é também pessoal, à medida que o Frei coloca-se acima das comparações para aconselhar, amplificando o combate aos pecados com exemplos pessoais, próprios, não passíveis de serem tomados por outros pregadores com o mesmo valor e a mesma propriedade.

Levar a vida sujeitando-se, amorosa e fielmente, a tudo o que Deus queria dele era a estratégia para demonstrar a sua obediência a Deus e à Igreja, em suas cartas. Contudo, encontramos a argumentação sustentando a tese de que não estava obrigado a pecar moralmente por obediência, ou seja, fazia o que lhe mandavam, desde que não fosse contra sua consciência. Uma dessas situações é quando não aceita o cargo de bispo:

A obediencia de meus Prelados me tem prompto para quanto quizerem de mim, como não seja contra a minha alma, e consciência;

para os açoutes não tenho replica, e se me metterem nos cárceres, não faço conta de fazer supplicas: tudo o mais de honras, e dignidades, para que não vim á Religião, ainda que sejam santas para outros, em mim, até imagindas, he cousa ridicula (Carta LXXXI, V. 2, p. 155)

Sua oratória política não foi sua seara. Não se preocupava em ser agradável à vida; suas palavras obedeciam às ordens divinas e aconselhavam as almas daqueles que lhe fossem enviados. Assim dizia da política: “mas della nada entendo, nem faço conta de meter-me nisso de nenhu modo: porque o que me toca he como Frade simples, que veio tratar e sua salvação, meter-me somente nesta.” (Carta XLIV, V. 2, p. 93). Portanto, não era o seu objetivo ser aceito pela Igreja, mas por Deus. Sua estratégia argumentativa levava a atitudes que tivessem que corresponder às atitudes de Cristo e, assim como Ele, não se poderia buscar consolação, mas sim o sofrimento, uma vez que a Paixão de Cristo é para ele o caminho por onde Deus mostrou o amor maior. Essa “equiparação” condiz com o tópico de sobrepujamento: quanto maior o obstáculo, mais valiosa a vitória. E, nesse sentido, imitar a Cristo é o auge do sacrifício e, por consequência, o eficaz inquestionável. Segundo o Frei, assim como Cristo, os fiéis deveriam levar a sua cruz com gosto e com a ajuda de Deus. Dessa forma, o ato de levar a cruz implicava em crucificar a si contra tudo o que desejava fora da vontade Dele.

Foi nesse intuito que Chagas evocou ápices de êxtases e, por conseguinte, foi capaz de aconselhar os seus para se chegar à perfeição demonstrando virtudes como a mortificação, caridade e desprezo de si:

Amai-o vós muito com todo vosso coração, como toda vossa alma, com toda vossa vontade, que isto he só o que elle quer por paga de quanto lhe deveis. Lançai na sua misericordia, e providencia o cuidado de todas as vossas cousas, e esperai de sua bondade, mais que dos conselhos de vossa prudência, e disposição; porque Deos he tão bom, e tão amigo nosso, que as vezes não quer que se faça o que desejamos quando nós o queremos, senão quando mais convêm, e quando fiados em sua condição de Pay amigo, e bem nosso, nos deixamos de todo na sua disposição, e beneplácito (Carta VII, V. 2, p. 12).

Era admirado pelos seus conselhos e sermões por onde passava. Padre Godinho (1687, p. 52) afirma que

... prègou logo muitos Sermões naquela Quaresma, com tanta aceitação do povo, e concurso de gente, quanta era a opinião que todos tinham de sua vida, a pureza, e fundo de sua doutrina, a sutileza de seus pensamentos, a eleição de suas palavras, a efficacia de suas

admoestações, a persuasão de seus discursos, animados com grande espírito, estimulado pelo mais abrazado zelo.

Pregava, confessava, ensinava a doutrina cristã e a oração mental, contudo humilhava-se, não deixando envolver-se de orgulho, mas considerando-se o pior dos servos:

Tudo o que se disse de mim, teve sua graça. E para nada me prestára, quem de mim sentira bem, ou o dissesse. Quantos tem a sua meditação nos meus preteritos, e futuros, me fazem algum proveito com ella. Porque me ensinão muitas cousas, que eu não soubera, se esta memoria, que tem de mim, faltára. Creio que o amor, que todos me tem, os faz desejar que eu seja perfeito; mas como sempre fui mentiroso, he muito pouco o fructo, que de tudo tiro (Carta III, V. 1, p. 10).

Na verdade, a sua “persona” do exemplo a não ser seguido era eficaz: preferia que dissessem o pior dele, que era terrível com seus conselhos; além de que não desejava professar e aconselhar pessoas que eram indiferentes e não queriam buscar a verdade. Afirmava que a pessoa deveria ter entendimento em relação à verdade, pois, o engano, onde não há malícia, não é delito, mas se a tiver, é ofensa. Compreendendo, pois, a seriedade da vida religiosa, o Frei declarava que não é bom equivocarse, pois lembrava da conta que teria de dar no dia do Juízo.

Por isso, conforme as orientações do Frei, o cristão deveria andar na memória da presença de Deus, querendo agradá-lo, assim, haveria de conseguir a paz, a alegria, boa consciência, e repetidos atos de amor, louvando e agradecendo a Deus até mesmo pelas aflições e sofrimentos, devendo odiar os pecados, as queixas, as tristezas e as tribulações:

Louve a Deos tambem no extraordinario trabalho em que Deos o poem, que muita merce lhe faz; e todas essas Cruzes são de palhinhas a respeito de outras que Deos lhe pudera dar no espirito: de blasfemias, de tentações, de desesperações, de salvação, de noite totalmente escura, em que se achão alguas almas (Carta XXI, V. 2, p. 44).

No processo de argumentação e contra-argumentação, demonstrava que o cristão, por viver neste mundo, não se isentava de ataques do Demônio e das tentações. Entretanto, aquele que fizesse a vontade Divina seria capaz de vencê-las. Com esse confronto, mantinha afetos e pensamentos próximos de Deus, demonstrando tudo o que não procedesse do amor divino. Seguindo esse modelo, noticia a sua decisão de tomar o hábito:

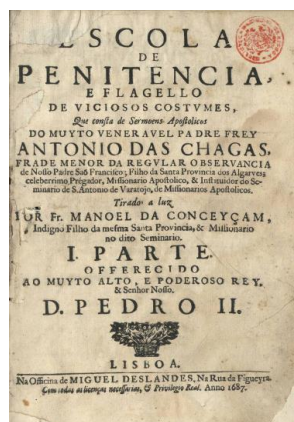
e não sem lágrimas tomo a pena para dizer a V.M. que esta vida, que servio de motivos aos escandalos, entra a ser exemplo de emendas, trocando as galas em burel, e os caprichos em cilícios; para que assim mude a razão os distraimentos em clausura, e os deleites em penitencia (Carta I, V. 2, p. 1).

Seus argumentos de preservação contra as tentações vinham nas enumerações de atitudes: guardava-se de todos seus sentidos, não se alimentava e não descansava direito para que pudesse sustentar-se em oração, mostrava-se amigo de todos e frisava a necessidade de ser bom com aqueles que lhe eram maus e preocupava-se, não só com a salvação de sua alma, mas dos outros também, afirmando que o melhor modo de desejar o amor de Deus era salvando almas para Ele.

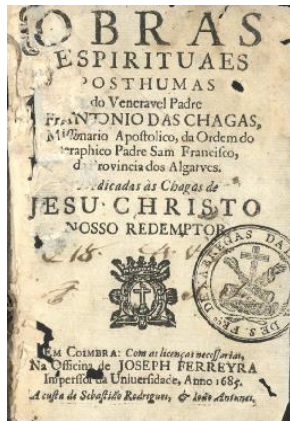
Assim, ao aconselhar ou consolar uma alma, em árdua insistência para prosseguir no caminho das virtudes, tentou frisar a efemeridade da vida, e, diante disso, esta não poderia perder tempo de derreter no amor de Deus e para dar eterna glória (Carta XXXV, V. 2, p. 73).

Foi assim o Fradinho Chagas – como era amorosamente chamado –, exemplo de homem penitente e virtuoso, esperança para os arrependidos, companheiro dos justos, despertador das comunhões sagradas, fomentador do Amor de Deus.

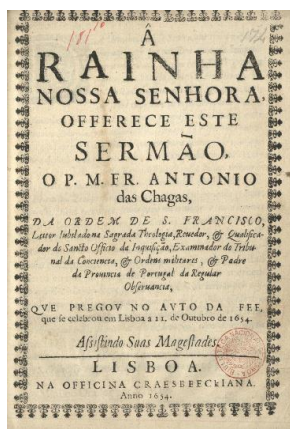
Empenhado em seu papel de missionário, compôs obras diversas com a função de evangelizar e salvar a almas. De acordo com os nossos estudos e de nossa investigação sobre o autor, apresentamos a seguir as principais obras do Frei arquivadas na Biblioteca Nacional de Portugal (Figura 19):



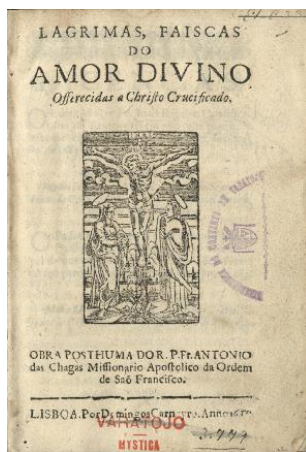
O livro apresenta sermões destinados à vida de emenda dos pecadores. Trata da Penitência necessária a todas as pessoas, principalmente, a seculares, confessores e pregadores, para a reforma da alma. Este livro “se apenha tanto nos grangeo dos gemidos como no desprezo dos aplausos”.



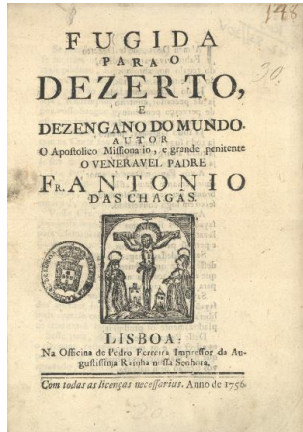
A obra trata de um guia de passos para uma vida no sumo bem. No primeiro, dita uma Semana Espiritual com Meditação. No segundo, ensina a ouvir as “Vozes do Céu” pela consciência, que tem muito das inspirações celestes, com o objetivo da emenda da vida e salvação da alma.



Neste sermão, o Frei pede a Deus que abençoe a Rainha, para que encaminhe todas as suas ações, seja defensora da Igreja e para que lhe dê vitórias sobre os inimigos da Coroa. Aproveita a ocasião para criticar aqueles que abominam a união da Igreja Católica.



São nove textos, denominados “Lágrimas”, de contemplação ao amor divino e de conversa com Deus. Em um tom íntimo e de lamentações, insiste com súplicas o perdão. As “Lágrimas” abordam também a vaidade do homem e os desenganos do mundo na perdição das almas.



Poema em que o Frei confessa a Deus os seus pecados e lamenta-se arrependido. Penitente e contrito, coloca-se humildemente na presença de Deus, atestando sua vergonha pelos erros e tratando-o como o mais Soberano Rei, Rei de todas as virtudes e juiz que o condenará por seus pecados.

Em suma, a “persona” adotada em seus discursos não abriu mão da figura anterior. Ao contrário, usou-se dela como mais evidente resultado da ação divina: Fonseca agora é Chagas.

III CAPÍTULO - AS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS NO DISCURSO DO FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS

A linguagem é inseparável do homem, pois é o instrumento pelo qual modela seu raciocínio, seu sentimento, sua emoção, influenciado pelo contexto histórico e pela sociedade. Assim, Frei António das Chagas, por meio da linguagem poética, dá-se num contínuo esforço em provocar o seu leitor no engajamento da vida religiosa. Nesse âmbito manipulador, a argumentação proporciona a percepção de uma ideia, a fim de levar à compreensão por meio de um discurso provido de recursos retóricos com o objetivo de persuadir e convencer. Dessa forma, a argumentação é a ação que visa promover a adesão dos interlocutores e a atuação nos espíritos fazendo-se presente em várias concepções da linguagem.

Aristóteles, compilador da retórica, explica que a argumentação trata, principalmente, do orador e suas qualidades, das paixões que movem o auditório e da organização do discurso. Para isso, o filósofo apresenta-nos o estudo de três gêneros: o judiciário, o deliberativo e o epidítico. No segundo momento de sua teoria, aborda a recepção do auditório, focalizando as emoções a partir da mensagem que recebe. Na terceira parte, enfoca a *lexis* e a *elocutio*, ou seja, as figuras, e a *taxis* e a *dispositivo*, que são as partes do discurso.

Assim, o argumento constitui a sustentação contra ou a favor a uma determinada tese, por isso, aquilo que enuncia um ponto de vista, opinião, dá-se, logo, um argumento. Segundo Mosca (2001, p.17), a argumentação é tratada como uma consideração do outro como capaz de reagir e interagir diante das propostas e teses que lhe são apresentadas, ou seja, “conferir-lhe status e a qualificá-lo para o exercício da discussão e do entendimento, através do diálogo”. Por essa razão, há de se considerar tanto os parâmetros situacionais quanto as interpretações subjetivas dos participantes do discurso, devendo-se assim, estabelecer uma ordem contratual entre os interlocutores para o potencial persuasivo das formas argumentativas.

O nosso objeto de estudo, as *Cartas Espirituais*, são textos de orações, contemplações, aconselhamentos e caracterizam-se por serem repletos de imagens e linguagem poética, podendo situar-se nas fronteiras entre a prosa e a poesia. Perfaz o total de 380 cartas divididas em dois volumes:

- Volume 1: *Cartas Espirituais*. Observadas por hum seu Amigo e dedicadas ao Serenissimo Rey de Portugal, Dom Pedro II, Nosso Senhor. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1684.
- Volume 2: *Cartas Espirituais*. Que consagra, e dedica a Magestade da Serenissima Maria Sofia Isabel, Rainha, e Senhora Nossa, o Padre Manoel Godinho, e c. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1687.

Além disso, as cartas permitem-nos observar as ideologias da Igreja e do período em que são escritas, adquirindo, de certa forma, estatuto de documento histórico. A importância dessa obra, apesar do gênero epistolar, está nos procedimentos poéticos contemplados na “poesia ao divino” do século XVII em Portugal, quando há uma difusão de poemas religiosos.

Pensar, portanto, na trajetória das Cartas Espirituais de Frei António das Chagas, é deter-nos no contexto do século XVII, compreendendo as fases de formação do discurso, bem como a linha de pensamento teológico da época. Por isso, abordamos as temáticas das cartas e os efeitos retóricos e estilísticos próprios do autor.

3.1. Desengano do mundo

Para compreendermos a temática das cartas, fez-se necessária a abordagem das características do pensamento estoico tal qual ele se apresentou, em sua matriz original, na Grécia fragmentada e na Roma Imperial. Esta recorrência dá-se pela incorporação dos princípios estoicos à Patrística, à Escolástica, como pensamentos que nortearam a teologia moral do século XVII, sobretudo no Império Português.

O estoicismo foi uma escola filosófica fundada por Zenão de Citio (340 – 264 a.C.) em Atenas. Professor que lecionava em um pórtico (Stoa) de Atenas para filosofar.

Os períodos desta filosofia são divididos em:

- estoicismo antigo (séc. IV a III a.C.): Zenão, Cleanto de Assos, Crisipo de Soles.
- estoicismo médio (séc. II a.C.): Panecio de Rodes e Posidônio de Apaneia – encontro com a cultura romana, mudança de algumas denominações.

- estoicismo eclético ou imperial (séc. I e II d.C.): Sêneca, Marco Aurélio e Epiteto. – filosofia oficial do império romano.

Esta teoria abordava a física (estudo da natureza), a lógica (estudo da razão e do discurso) e a ética (o que diz respeito à vida humana). Na física, relacionava o estudo da natureza com o acontecimento, ou seja, o encontro de dois corpos físicos que produz um acontecimento não corpóreo. Dessa forma, consideram os estoicos que não se deve preocupar com o que não está sob o seu controle, a fim de que não haja o estado de perturbação (ataraxia) que possa comprometer o prazer e a felicidade.

Segundo Epiteto (*apud* GILSON, 2006), o sujeito é agente quando as coisas dependem de seus impulsos, desejos, opiniões, por outro lado, o sujeito não é agente quando as coisas não dependem de si, como o corpo, a reputação, a riqueza, enfim as causas externas. Para que causas externas não interfiram no estado do indivíduo, é preciso exercitar o corpo e a mente para o controle daquilo que depende do sujeito. Seria essa a condição para alcançar a liberdade, a alma tranquila, pois, quando se fica preso aos bens materiais não se encontra a felicidade. Assim também, se se acolhe o que lhe acontece; vivendo de acordo, tem-se o controle da vida e passa a ser feliz, isto é, aproveitar dos acontecimentos e tirar proveito, transformar o que acontece em sua produção.

Muito desse pensamento estoico foi assimilado pela religião cristã no final do século XVI e início do século XVII – em razão do período de guerras religiosas e civis pela Europa –, chamada assim de neoestoicismo. Esse conceito foi estabelecido pelo filólogo e historiador Justus Lúpsio (1547-1606), que fez uma série de obras que recuperaram o estoicismo em comunhão com o cristianismo, baseando-se nos estudos de Lucius Annaeus Sêneca. Pensamentos como ‘não lamentar pelas coisas que acontecem’, ‘não se prender a determinada circunstância e aos bens materiais’, ‘buscar a felicidade dentro de si e não nas coisas externas’, tornaram-se de importante valia para a ação catequética, uma vez que o clero direcionava seus fiéis para canalizarem seus esforços em propósitos que valessem a pena: a busca de Deus. Para isso, o auto-controle, a sabedoria prática, a justiça, o caráter e a integridade eram qualidades que repercutiam tanto na vida religiosa, como social e política da época. A partir dessas virtudes, o homem saberia não desperdiçar sua vida e não se deixaria dominar pela paixão de aprender coisas inúteis. Há ainda nessa filosofia uma

aproximação aos dogmas cristãos no que se refere à ideia de um deus pessoal e na imortalidade da alma. (GILSON, 2006)

Lípsio, sob proteção de Felipe II, na Espanha, propagou suas ideias aspirando à educação moral, religiosa e política em geral, onde a virtude (juízo e razão) seria o meio para não cometer os enganos, as falsidades e as corrupções dos costumes, ou seja, as atitudes desmedidas causadas pelo desejo de poder que distorcem o intelecto humano e inclinam o homem a agir desonestamente: “sus jefes y, por así decir, sus generales son la Razón y la Opinión: la primera lucha en defensa del aliento y en el aliento; la segunda, en defensa del cuerpo y en el cuerpo” (JUSTO LIPSIO 2010, p.102). Aí residiria a importância da atuação do sábio estoico-cristão que se sobrepõe o destino, depreciando os bens exteriores e obrigando o seu ‘eu’ espiritual ao mais elevado domínio de si mesmo, a fim de purificar sua alma para a imortalidade.

A valorização do homem interior em detrimento do que é exterior, na visão neoestoicista, trará à discussão, pelo clero, questões como o livre-arbítrio e moralidade, de forma que o homem se torna responsável pelas causas internas, que dependem dele, para responder às causas externas. Assim, quanto mais o homem tem domínio de si e afasta das causas externas, mais perto está de seu ideal: Deus.

Ao analisar as *Cartas Espirituais*, de Frei António das Chagas, vemos nitidamente esses fundamentos do neoestoicismo, uma vez que de acordo com seu tempo, a ideologia vigente, os ensinamentos jesuíticos, contribuíram para que não só compusesse as suas cartas, mas vivesse aquilo que acreditava e assumisse a sua função de salvar as almas. Assim, abordamos a seguir, as temáticas de suas cartas.

3.1.1.Sofrimento da dor

A dor, na lógica do discurso de Frei António das Chagas, atua como uma opção de vida que, embora pareça sofrimento, é o melhor caminho para a busca da perfeição em Deus.

“Por que sem penas não serve para nada a vida, nem voaõ para o Ceo as almas”... Esse espírito de constante mortificação é o reflexo que Chagas nos deixa em suas cartas. A necessidade de sofrimento advinha da prova de sua coragem e

pureza de fé. A sua submissão ao sofrimento não lhe era um castigo, mas a forma de manter-se incorruptível à maldade do mundo e como testemunho de amor a Deus:

Esta caduca vida tão cercada de perigos, tão cheia de despenhadeiros, não foi dada para gozar, senão para padecer: custosa arte he esta para a ignorância, e mimo da natureza, mas muy proveitosa para o estudo da graça; por que sem penas não serve para nada a vida, nem voaõ para o Ceo as almas: huns padecem no corpo, outros no espirito, outros em tudo; dita, e felicidade da alma he, que em cada tormento saibamos dipôr, e fazer hum sacrifício; porque nestes, quanto o gosto morre, tanto o merecimento vive, e á perfeição se chega; a perfeição consiste em gozar-nos de tudo o que nos sucede sem culpa, ou seja bem, ou seja mal... (CCXXII, V.2, p. 399).

Segundo a filosofia estóica, o martírio da vida deve ser proveitoso a partir do momento em que o homem valoriza o sofrimento como forma de purificação, sejam os tormentos no espírito, sejam no corpo, compreendendo-o como um sacrifício para se chegar à perfeição. Assim, como afirma no trocadilho – “sem penas a vida não serve para nada”/ sem penas (asas) as almas “nem voaõ para o Céu” –, o mérito do sofrimento é a salvação da alma. Dessa forma, a felicidade está condicionada à significação do sofrimento, para que, por meio dele, cumpra-se o propósito divino. Ao enfrentar as dores, Deus aponta o caminho correto a seguir, disciplinando a conduta do homem, justificando que sofrimento é arte, mas é “custosa” àqueles que não conhecem a sua razão.

A alegoria da Cruz, tão presente nas cartas, aparece como sinônimo de sofrimento, não só para Cristo, mas a todos que desejam imitá-lo. Segundo Chagas, Jesus suportou o sofrimento para o benefício da humanidade. Por essa razão, o homem deve compreender que essa é uma ação permissiva de Deus e não de abandono. Assim, ela capacita-o a enfrentar os sofrimentos e consolar os que sofrem. Consolação é o que encontramos em seu discurso, pois através de suas palavras, o Frei tenta confortar outras pessoas procurando demonstrar as razões para o sofrimento, já que se baseia na perseverança e na persistência da fé para que gerem várias virtudes, como a paciência, afinal “ os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória a vir ser revelada em nós”.

O sofrimento é de difícil compreensão àqueles que são ignorantes, pois, àqueles que tem a sabedoria, o padecimento é justificado para uma vida com felicidade na alma, a qual dá a possibilidade de aproveitá-la sem o pecado. Para reforçar essa condição, constrói um argumento de reciprocidade que promove a

relação de duas ações correspondentes: “quanto mais sofre, mais alcança a felicidade”. Assim são condutas complementares, em que tal argumento existe na medida em que quanto maior for a ação, maior será a consequência. Esse princípio se apoia na lógica do sobrepujamento, anteriormente mencionado.

Na escolha de vida religiosa, torna-se assunto também a solidão, não uma solidão lastimosa, mas aquela que complementa os exercícios espirituais e a purificação do espírito, que estão intrínsecos no processo de conversão e penitência:

No que toca ao espírito, não desmaie, porque outra vez lhe digo que Deus não se ausenta; afastase a consolação, para irmos hum grão mais adiante, e esconde o Senhor a mão, porque se a viramos, que fizéramos em padecer, com certeza de o cōtentar? O mesmo Christo em a Cruz se queixou deste desamparo, mas era na parte sensível; basta hua vez a queixa, seja forte a imitação, que tudo tem seu fim, e seu premio (Carta XXVI, V. 2, p. 52).

De acordo com os argumentos do Frei, a ação permissiva de haver problemas, dificuldades, tribulações, está no sentido de crescimento espiritual, pois essa vivência estabelece maior dependência de Deus na necessidade de consolo e de fortaleza, o que demonstra a fragilidade humana diante da Sua onipotência, obrigando o homem a permanecer em Sua vontade. Para completar seu raciocínio, utiliza como argumento a passagem da *Sagrada Escritura* sobre a crucificação, no momento em que Cristo sentiu-se desamparado: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Mt 27:46). Esse grito de solidão revela que, até mesmo Seu Filho, no maior do sofrimento, diante da morte, sentiu o abandono. Assim, o homem deve imitar a Cristo e deixar de lastimar-se nos sofrimentos, mesmo se sentindo abandonado, entender que o sofrimento direciona ao prêmio da Eternidade. Em conexão com outras cartas, o missivista demonstra que Deus não está distante da dor de seus filhos, mas que estes precisam estar diante de desafios e tribulações para que alcancem com plenitude a salvação.

A Morte e Paixão de Cristo estão estampadas em muitas cartas, tornando-se argumento que dá mérito ao sofrimento, uma vez que, se Cristo, que é filho de Deus, sofreu até a morte, por que o homem não deveria sofrer para alcançar a vida eterna? Ao aconselhar uma religiosa orienta:

He necessario entender, que a vida de huma Religiosa, he huma vida crucificada, em quem Nosso Senhor Jesu Christo vay estampando, e esculpindo a Sua Morte, e Paixão; sendo as tintas as virtudes, com que huma hora a paciencia, outra a mortificação, a charidade, o sofrimento, o zelo, e todas as mais virtudes se hão de ver em quem em Christo crucificado se transformar (Carta LXXVIII, V. 1, p. 187).

O processo de transformação da vida de uma religiosa deve ser comparado à da Via Sacra de Cristo, tomando para si os mesmos sofrimentos de sua Paixão, que, num processo gradativo, constrói a imagem de Cristo em si a partir das virtudes que adquire. Para a religiosa é importante que entenda que a virtude da religião é crescer na intimidade com Deus, vivenciar o seu sofrimento, conforme reflete na carta LXXV, V.2, p. 145:

Hua alma, que ha tantos annos que tem oração, ha de estranhar as contradicoens, os desemparos de Deos que teve seu proprio filho, as cruces sem razão, os espinhos donde busca refrigerio, os afogos donde esperava o alivio?

Pelo modo de construção da pergunta, cria-se um conflito discursivo fundamentando a argumentação nos contrários. Há, pois, a manipulação que leva à seguinte pressuposição: se é pessoa de oração, o que implica intimidade com Deus, não deve estranhar os desamparos e sofrimentos; ou seja, se houver a negação dessas contradições, não há vida em oração. O cristão que resolve buscar a Deus, em Sua plenitude, aproxima-se Dele na dor e no silêncio e não na consolação.

Outra noção de sofrimento apontada nas cartas é o do arrependimento dos pecados:

As nossas Almas sem lagrimas, saõ como a terra sem agua, por falta da agua he a terra esteril, e inútil, naõ dá frutos, nam produz flores, só brota abrolhos, e espinhos. E ainda que às vezes produza algumas arvores frutuosas, ellas se fazem sylvestres; o fruto inútil, e imperfeito, agreste, e sem doçura, fruto em fim do Mato. Assim a nossa Alma sem lagrimas he infrutuosa, nam dá mais que abrolhos de vícios, estímulos de consciencia, e espinhos de escrupulos, e ruins imaginaçoens. E ainda que produza alguma hora algum pensamento bom, nam chegaõ à madureza da perfeiçam devida. São virtudes agrestes, frutas bravías, que nam se poem à mesa de Deos na Celeste Patria (Carta XLII, V. 1, p. 108)

A comparação de “Almas sem lagrimas” com a “terra sem agua” reforça argumentativamente que não há sentido na vida sem sofrimento, no caso, o doer-se pelos pecados, o sofrer pelos pecados cometidos. Reforça, assim, que o verdadeiro arrependimento, sentido, sofrido, faz com que a pessoa adquira as virtudes/frutos mais importantes para alcançar a salvação. Mesmo que ainda tenha bom pensamento, se não tiver um arrependimento verdadeiro, não perdurará, não chegará à perfeição. A gradação por meio do fruto – “fruto inútil, e imperfeito, agreste, e sem doçura, fruto em fim do Mato” – busca exemplificar “estímulos de consciência”, imperfeições, acidez, amargura, na vida, nos vícios e nas imaginações. Apesar da

oração consecutiva – “E ainda que produza alguma hora algum pensamento bom” –, não basta para mudar a orientação argumentativa da necessidade das tribulações, que é reforçada pelo enunciado a seguir que são sofrimentos indignos de apresentar a Deus.

Ao continuar seu discurso explica:

Para que os olhos tenhaõ estas lagrimas, e a Alma ande compungida tres saõ os remedios: ou pôr os olhos na fealdade do peccado, que he hum summo mal, pois nos priva da graça de Deos, que he o maior bem dos bens: ou pôr os olhos no fumo do Inferno, olhando espiritualmente para a fornalha dos condenados: ou erguendo a memoria aos gostos da Celeste Patria com saudades, e ansiosos dezejos daquella Eterna, e Celeste Vida, de que andamos ausentes, e desterrados neste Valle de miseria, de tribulaçam, e angustia (Carta XLII, V. 1, p. 108).

Apresenta, pois, três formas para exercitar-se no sofrimento pelos pecados: consciência de que o pecado priva da graça de Deus; consciência da imagem do inferno que atira os pecadores na fornalha; e consciência do desejo da vida eterna que, no arrependimento sincero do pecado, o homem deixará as tribulações e alcançará a salvação. A consciência limpa é, portanto, o requisito para ter a paz com Deus.

Há na apresentação do discurso o argumento comparativo quando trata da oposição da “fealdade do pecado”, da “fornalha” do inferno x “gostos da Celeste Patria”. Esses termos de comparação apresentados de forma antitética são elementos essenciais para obtenção da eficácia argumentativa, assim também como o uso do superlativo: “fealdade do pecado, que he hum summo mal, pois nos priva da graça de Deos, que he o maior bem dos bens”.

Em suma, nas cartas dirigidas a amigos, religiosos, parentes, encontramos a adesão de sua personalidade a partir do momento que escreve a seus interlocutores não destoando do que pregava e vivia, ao revelar o processo de conversão por meio do sofrimento espiritual na recusa de si e do mundo.

3.1.2. Negação de si e das coisas mundanas

As coisas mundanas, em complementação à seção anterior, são aquelas que afastam o homem de Deus. Conseqüentemente, aparecem nos discursos como valores negativos.

Observando a conexão geral nas cartas, Deus é a causa primeira para Chagas, por isso, ressalta a negação da vontade própria, a faculdade de consentir-se livre dos desejos do corpo: “Não falo impertinencias indiscretas, que he andar pelos arrebaldes. Dentro de nós esta o Reyno do Ceo, as mortificações de dentro, matando discrições, creaturas, memorias, e allivios, ficando só com Deos.” (Carta II, V. 1, p.7). Segundo o Frei, extinguindo todos os desejos, as vontades, deixando o espírito vazio das coisas mundanas, Deus poderá tomar o ser:

andeis sempre dizendo convosco: Nada sou, nada tenho, nada desejo, mais que o Amor de meu Deos: nada mereço, nada posso, porque o nada, não póde nada, o nada, nada merece, e por aqui andareis dizendo conforme o que vos suceder: O nada não tem vangloria, o nada não se envergonha, o nada não se agasta, o nada não se queixa, o nada não se desculpa e não façais pouco caso disto, porque nestes nadas está quase toda a perfeição do espirito (Carta XXXV, V. 2, p. 67).

De acordo com a *Bíblia*, Jesus “dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me.” (Lucas 9:23). Ao negar a si mesmo, o homem torna-se livre para seguir a Cristo, dando a vida a Deus para seu serviço. Deus é, pois, a satisfação plena.

A confiança em Deus e em sua promessa tornou o Frei mais inimigo de si, em um autoanulamento, a partir de um poder de autoconvencimento da exigência da negação de tudo que possa desviar as razões divinas. Essa ideia é reforçada com a epístrofe “o nada”, de forma coordenada, cumulativa, desconstruindo e esvaziando o ser. A forma enfática, embora personifique “nada”, vem descaracterizar o humano, anulá-lo, para que se encontre apenas o espírito. Por outro lado, o processo de paráfrase da *Bíblia* estabelece a força do argumento.

A capacidade de negar a si e às coisas mundanas faz com que se enfrente com mais força as tentações:

... e não se lhe dê nada dos despropositos, que o Demonio lhe põem taõ no sentido; porque em quanto o Inimigo não faz mais que bater á porta, signal he que não entra dentro, e em quanto estamos neste mundo, impossivel he viver sem tentação, nem ha outra diferença no estado dos que são juntos, mais que vencê-las melhor (Carta CXCI, V. 2, p. 351).

Enquanto o Inimigo (Demônio) estiver apenas oferecendo as tentações, o homem ainda não está corrompido pelo mal, e não há gosto maior do que a vitória de não ser atraído pelas tentações, ou seja, ser levado a cometer o pecado. Por essa

razão, o Frei aconselha que a mente seja tomada pela virtude, a qual é uma arma poderosa contra os maus pensamentos, pois, segundo Filipenses (4:8),

quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai.

Vemos que a ideia da figura sobrenatural do Demônio, própria do imaginário religioso cristão, aparece como a figura provocativa, que, por meio de tentações, trava a batalha entre as forças do Bem e do Mal, refletindo o confronto diário na vida terrena. Aí reside o ponto crucial da comparação com o imaginário.

Contudo, se há tentação é porque ainda o homem não entregou seu espírito ao demônio, o qual remete à imagem provocativa do medo, produzindo, assim, uma emoção poderosa capaz de convencer alguém a realizar algo. É pela manipulação por intimidação da figura imaginária do demônio que a manipulação por sedução do mundo perde o poder. Porém, há a relação de consequência, pois entregar-se ao mundo é entregar-se ao Demônio. Para os católicos este fato constitui uma verdade de fé, ou seja, àqueles que aderem à Igreja Católica deve crer na existência do Demônio e que este atua no mundo para perder as almas. Por isso, é também tratado como Inimigo, condição que se aplica também ao homem, uma vez que Jesus veio para livrar o homem do pecado, da morte e do Diabo.

O fato da negação de causas exteriores (mundanas) implica também na negação de causas interiores, pois são as paixões que levam à prisão da alma. Para o Frei, a liberdade do espírito

he estar a Alma livre de todos os dezejos da terra, e de seus vicios, ou sejam por memoria, ou por desejo de voar a Christo, de despir as prizoens da carne, e de morrer, e gozar a Deos claramente na Celeste Patria, tudo he suspirar ao Ceo, e chorar pelos bens da Gloria (Carta I, V. 1, p. 3).

O Frei aconselha seus leitores a serem inimigos de si, pois, assim, não serão envolvidos em pensamentos de poder, de ambição e de vaidade mundana.⁴⁸ Exercitando o esvaziar-se de si, o homem está pronto a entregar-se inteiramente a Deus:

⁴⁸ “V.M. se trate como inimiga de sy, desfazendo, e pizando seus pensamentos, vanqlorias, appetites, jactancias, altivezas, e toda a outra machina da enganosa, e mundana vaidade: que sem estar vencida, não se faz vida de espirito.” (Carta XVII, V. 1, p. 48).

Necessario he, que se seque a flor da discrição, e se seque a verdura de nossas paixões, e inclinações naturais, e que se ponha todo o cuidado em sazonar os frutos das obras virtuosas, sem que concorra a arvore para a folha, e para a flor com a sustância, que tira aos fructos (Carta VI, V. 1, p. 24).

A partir do exercício para esvaziar-se de si, o homem está pronto a entregar-se inteiramente a Deus, o que o leva ao plano espiritual e proporciona o estado de êxtase. De acordo com Mendonça (1997, *apud* SANTOS, 2004, p. 144),

o êxtase pode ser definido como um estado de consciência alterado, com maior ou menor intensidade, e que se caracteriza pela passagem que o individuo sofre de uma realidade para outra. Na maior parte das vezes o êxtase é procurado pelos indivíduos, especialmente nas práticas religiosas em que é valorizado como canal de comunicação com o sagrado.

O êxtase religioso é, pois, uma forma de experimentar o divino, como vemos na Carta LXXX, V.1, p. 194, o relato dessa experiência:

... crendo por Fé, que aquella Fogo Divino em faiscas abrazadas lhe caio no coração, e que cada hua levanta hua chama no espirito a que diz: Meu Deos, e meu amor, amor eterno meu, desejo eterno meu. E ande interior, e exteriormente, quanto puder, com esta abrasada noticia: crendo que huma faisca espiritual he a Ferosura Divina, outra a Omnipotencia, outra a Bondade, outra a Sabedoria, outra a Misericordia, e assim os mais Atributos de Deos. Mas quando cerre a memoria na essencia Divina, estendendo a Alma, deixe hir o espirito nesse fogo, nesse abrasado dezejo de se unir, ou entranhar com Deos, ainda que se suma, se absorva, se transfunda, se aniquile, e desapareça, sem deixar nada de sy e sobre tudo acomodandose passiva, ou activamente a obra do Espirito Santo.

Aqui, o êxtase significa estar fora de si, num estado de arrebatamento: “deixe hir o espirito nesse fogo”; levando-o a um estágio de felicidade e desligando-o do material, no desejo de entranhar com Deus, aprofundar, arraigar. Quanto mais unido a Deus nessa experiência, mais se perde de si, o que demonstra a gradação decrescente – “se suma, se absorva, se transfunda, se aniquile e desapareça” –, entregando-se passivamente à obra do Espírito Santo.

As cartas, assim, destacam-se pela clareza de raciocínio e eloquência em tom inspirado na convicção de que o espírito livre das paixões e das coisas mundanas alcança o amor de Deus. É essa conduta religiosa de negação e privação que o mantinha firme em seu crescimento espiritual.

3.1.3. Humildade

A humildade, que opõe à soberba quase natural dos homens, é o ponto destacado desta seção. Com ela, o caminho para Deus é mais curto.

De acordo com o Frei: “pondo-vos em verdadeira humildade, não sahireis do vosso cantinho senão em actos de obediencia.” (Carta XXXV, V. 2, p. 67). A humildade implica em reconhecer as limitações e aceitar os pontos vulneráveis da personalidade, assim, aprende-se a compreender melhor o outro, a evitar julgamentos e a ser grato por tudo que lhe acontece. O humilde é capaz de entender que a vida é transitória e que sua condição não é motivo para rebaixar o outro, nem para autoengrandecer-se. Seguindo as reflexões de Chagas,

E neste conhecimento haveis de ir sempre, para que não percais a Humildade, que he o alicerce de todas as virtudes. E quanto mais esta se mete por baixo da terra, conhecendo a sua vileza, e a sua ingratição, tanto mais sabe crescer, e entra pelo Ceo o amor de Deos, q mora nos humildes de coração, mais que em todos. E para saber isto como he, tende sentido bem no que vos digo (Carta IV, V.1, p. 14).

A humildade, portanto, é o fundamento para as outras virtudes. Dessa forma, não há como adquirir outras virtudes se não for pela primeira, visto que a humildade, de acordo com Chagas, leva o homem a ter consciência de seus vícios e suas fragilidades, suas falhas, e, quando se reconhece, Deus lhe propicia todas as virtudes que são necessárias para o seguimento de Cristo. Ademais,

A virtude da humildade consiste em vos ter por peor que todos quãtos há no Mundo, ainda que sejam màs mulhres, e homens perdidos; entendendo, que se Deos lhe déra o que vos deu a vós, que elles foram melhores que vós (Carta I, V.1, p. 2).

Implicitamente, há o argumento da reciprocidade que resulta na proposição: quanto mais se reconhecer pequeno, cheio de erros, mais se cresce na humildade, no caminhar pela verdade de quem é e no amor de Deus, agradecendo suas capacidades e colocando-se à disposição dos propósitos divinos.

Essa postura não estava só nas exortações e orientações, mas na repreensão que fazia a si mesmo, quando revelava suas inquietações do seu passado, de sua vida anterior à monástica, condenando-se constantemente em várias de suas cartas e admitindo seus erros e vícios: “porque he certo, que se disserem o peor, profetizaõ, e addivinhaõ o que há em mim. Do mar se não tira agoa, que não seja salgada, e

amargoza: de mim se não pode dizer cousa, que não seja ruim.” (Carta II, V. 1, p. 7).

Ou ainda:

... mas como sempre fui mentiroso, he muito pouco o fructo, que de tudo tiro. Ainda assim dou muitas graças a Deos, por haver disposto as cousas de modo, que eu não fosse já hoje tronco, ou tição do fogo eterno (Carta III, V. 1, p.10-1).

Reconhecendo seus erros, o discurso do Frei ainda carrega sua culpa, mas tem gratidão pela mudança de seu destino quando descobriu que Deus é como o “tudo” necessário para a felicidade:

o humilde de nada se queixa, de nada se doe, nada sente, nada estranha, em qualquer estado que Deos o sofre, o tem por felicidade summa: contentarse não com amar, senão com ter desejo de amar, de sofrer, de não sentir; estima as cruces, ama os desprezos, gosta das contrariedades, ignora as desculpas; porque neste nada do q a natureza busca, acha a Deos q he tudo que deseja, o que unicamente suspira, o que ansiosamente anella, o que singularmente abraça (Carta LXXV, V. 2, p. 145).

A ênfase dada à nulidade da humildade proporciona o conhecimento dos atos divinos, pois o posiciona a ser grato e a contentar-se diante de quaisquer contrariedades, desprezos, sofrimentos. Enquanto nega as causas externas e internas, o homem percebe que o único desejo é Deus, pelo qual gradativamente “suspira”, “anela” e “abraça”. Nesse fragmento, a humildade, então, contrapõe-se ao orgulho, soberba, prepotência, mas faz ter consciência da condição humana. O mecanismo utilizado para produzir este efeito, portanto, é o da acumulação/amplificação, que permite ao orador afirmar a posição pela negação do terreno, progredindo, portanto, para um estado de proximidade com Deus resultante do processo de negação.

Várias cartas demonstram essa avaliação que o Frei faz de si, entre elas:

A pessoa que quer meu parecer para as duas duvidas, diga VM que se não aconselhe commigo, que sou terrivel nos conselhos, mais que na execução: para os outros sempre digo grandes coisas, e não presto para mim. Sou como os trinchantes, que repartem iguarias aos outros, e ficaõ em jejum (Carta II, V.1, p. 7).

Eu arvore miseravel com frutos desiguaes que sou, que poderei esperar, senão a minha ruina? E sendo barquinha tam rota, e fraca, que esperarei de mim, senão naufragio? Melhor me acho com os meus piolhos, mais seguro estou com os meus remendos, e quero mais hum cantinho de huma pobre cella, em que siga a meu Padre Sam

Francisco, que os maiores Titulos, e Senhorios do mundo (Carta L, V. 1, p. 125).

Ser humilde também implica em aceitar a repreensão: “e assim lhe peço que entretanto me avise de tudo o que souber de mim, e que não só me avise, mas me repreenda, e se agaste muito comigo quando lhe parecer necessario” (Carta CXVII, V. 2, p. 217). Além de pôr-se sob a vontade Deus, é preciso não se preocupar em atender as expectativas das pessoas, mas admitir as suas faltas, de modo a não ser vangloriado ou exaltado neste mundo:

para não querer neste mundo gloria nenhua, nem ainda espiritual, nem mais que acompanhar ao seu Esposo na Cruz que leva, logo ficará taõ mergulhada, e sumida no pego da essencia Divina, que sempre andarã metida em Deos, como anda hu peixe no mar (Carta CXCI, V. 2, p. 351).

Na Carta CCXXXV, V.2, p. 423, Chagas alerta seu leitor para a verdadeira humildade:

... e por isso vede bem se a casa que levantai, tem bom alicerce, isto he verdadeira humildade, porque se a não tem, virãõ como disse Christo, os ventos, e as chuvas, e as ondas da tribulaçãõ, e darãõ com ella em baixo, isto he nas baixezas das cousas da terra; mas se a vossa casa estiver fundada sobre a pedra firme de Christo, e sobre a humildade profunda do conhecimento de quam vil, e indigna sois das misericordias de Deos, nem os ventos da vaidade, nem as ondas da tentaçaõ, nem os chuveiros da ira, e da impaciencia, vos farãõ mal, antes grande proveito: para terdes esta humildade, emquanto vos não puder mandar hu papel que vos estou fazendo, tomais este conselho.

A comparação de casa com bom alicerce à humildade verdadeira é o pólo terreno para explicar a vulnerabilidade de construções frágeis, em que ventos e chuvas põem-nas abaixo. Em oposição, encontra-se a humildade verdadeira/casa com bom alicerce, em que nem a vaidade, tentação, ira e impaciência podem derrubá-la. Cabe ao homem avaliar sua conduta diante de Deus. A figura de comparação é a estratégia para tornar concretos os argumentos acerca da adesão à vida religiosa.

3.1.4. Aperfeiçoamento da natureza humana

O aperfeiçoamento da vida humana está na renúncia. Este tópico predomina em algumas cartas.

A visão teocêntrica do autor sobrepõe-se a tudo; Deus é o centro, por isso, Nele se espera a salvação, não só se pondo em humildade, mas servindo para a salvação de mais almas. Como missionário, era seu papel ajudar os cristãos a identificarem seus vícios, suas imperfeições, olharem para si na intenção de corrigir seus desvios: “huma das maiores alegrias que terei no mundo será que V.M., cada dia mais cresça no desprezo dele, e no desengano de suas vaidades” (Carta CCXXII, V. 2, p. 401).

A tomada de consciência dos erros é o passo para Deus substituir o vício pela virtude e dar-lhe entendimento da efemeridade da vida e da negação dos valores mundanos. Esse processo de mudança, de transformação em um novo “eu”, faz-se pelo meio da confissão:

No que toca as cousas de confissões, e culpas passadas, desde aquella que V.M. fez commigo, lhe mando (se posso), que não cuide mais em cousa alguma; porque esta lembrança será, mais que necessidade imprudencia, e inguirimanço do diabo, que nos prende pelos escrúpulos; solte-se V.M. desse fio, ate-se nas cadeyas daquelles firmes propositos, e actos de Amor de Deos, e memorias, que a conservem na Divina presença; e zombe-se de maravilhas, que estão em cinza; faça mais caso das graças, que a Deos deve dar, que dos escrúpulos da pouca dor, que chegou a ter; porque bastavaõ os pezares, propositos e desejos, para que a confissãõ fosse boa, quando se não faltava á verdade (Carta XVIII, V. 2, p. 37).

A confissão consiste no perdão dos pecados revelados a um Frei, ou padre, ou bispo, que atue em nome de Cristo. Ao confessor é dado o sacramento da penitência, uma vez que, dito a verdade em suas faltas e admitindo a culpa e pondo-se em condições de humildade, essas faltas não deverão ser mais lembradas nem o oprimir, uma vez que já houve a reconciliação com Deus. Estando reconciliado com Deus, há mudança de vida. Seria, assim, um exame de consciência, um “bom senso” no que se refere à concepção de verdade, pois não há melhor prova do que o próprio sujeito confessando o seu erro:

fazer hum acto de Contrição, ou dizer a Confissãõ, e logo pedir a Nosso Senhor a luz necessaria para estar como convem na sua presença, para examinar as culpas, para offerecerlhe a Alma, e para melhorar de vida (Carta XXXIV, V. 1, p. 88).

Contudo, o Frei revela-nos um outro caminho diferente do que aconselha: “Como sou mar de culpas, que isto he o coração do peccador” (Carta XVIII, V. 2, p. 37). E ainda lamenta pelos seus pecados mesmo já confessados em várias cartas,

além da necessidade de que os outros soubessem de sua pena: “e me convinha muito que donde foraõ públicos, os meus peccados, visse o Ceo também em publico os meus arrependimentos” (Carta XLI, V. 2, p. 86).

Ao aconselhar as religiosas, o Frei aponta que se deve ser firme na fé e nos propósitos de Deus, pois há contrariedades no mundo, aliás, os cristãos devem ser a oposição no mundo para resistir ao espírito mau, ao desejo da carne e ao desejo dos olhos:

As outras senhoras, que estaõ para ser Religiosas, tem a sua provação nas contrariedades de fóra, para que vencendo-as mereçaõ ter approvação de dentro; quem naõ presta para vencer carrancas, menos prestará para degolar Hidras. Esforce-as VR, e diga-lhes que naõ póde ser grande o triunfo, sem que seja grande o conflito; nem serve para Deos quem, antes de entrar na sua casa, naõ traz debaixo dos pés o mundo (Carta XXX, V.1, p. 58).

O aperfeiçoamento do ser humano tem como objetivo alcançar a Deus, para isso deve ter severidade nos costumes, controle das paixões, conduta baseada na virtude e na racionalidade. Por essa razão, a missão do Frei se faz, até mesmo por suas missivas, na tentativa de educar a sociedade, mais especificamente os seus destinatários, para que entendessem a artificialidade das convenções sociais, valores, poderes e ostentação.

A perseverança de manter-se firme no caminho da fé é, para o Frei, a forma para o crescimento espiritual:

V.M. ainda agora começa seu mundo espiritual, tem muita terra por andar, muitos despenhadeiros por onde hir, muitos laberynthos por correr, naõ a desmaye o primeiro aceno do demonio: que a Hercules convidaraõno os conflitos, e fizeraõno Hercules os trabalhos. Os despojos desses Leões mortos saõ as nossas armas: pegar da clava ferrada de hum firme e determinado proposito: Senhor, antes morrer, que peccar (Carta XXIV, V. 1, p. 69).

Não há crescimento na fé se não se aprende a superar as provações. Só se vai se fortalecendo, ao resistir os combates da vida, lidando com paciência as provações e as provocações, a fim de que sejam elas motivos de alegria. Ao comentar sobre Hércules, um dos mais poderosos heróis da mitologia, dotado de força descomunal, enfatiza a necessidade dos difíceis trabalhos como penitência para poder redimir-se. Um dos trabalhos de Hércules era matar o leão de Nemeia, o qual era invulnerável a qualquer arma, mas o herói estrangulou-o apenas com as mãos, tirou-lhe a pele e utilizou-a como capa com as patas amarradas ao redor do pescoço e as presas sobre

a sua cabeça e a cauda balançando em suas costas. O domínio dos Leões é o domínio das paixões, ou seja, é necessário controlar desejos, ambições e até a violência dentro de si, enfim, vencer os instintos. A força bruta para realizar um trabalho implica em ter sabedoria e inteligência, entregar a tarefa diária por amor, dedicação, ter ética e coragem de ser verdadeiro e digno.

A perseverança na fé exige esforço e determinação, o Frei deixa claro nas cartas a importância da rotina de oração e outros exercícios espirituais. Este trabalho é a preparação para voltar-se a Deus: “Porque se não há perseverança, pouco importa começar bem; e havendo-a, a faísca se faz incêndio, a fonte rio, o vapor nuvem, e as plantas árvores” (Carta VII, V.2, p. 15). Portanto, se há perseverança, há crescimento da fé.

3.1.5. Livre-arbítrio e responsabilidade pelos próprios atos

As cartas evidenciam, pela linguagem acessível, a livre escolha de servir a Deus, pela liberdade de seus atos, mas também pela advertência no tocante a atos que não o agradam. Sendo o homem responsável pelos seus atos, a ele será dada a pena e o castigo com o peso da justiça divina. A punição, dessa maneira, é vista como uma correção necessária, pois Deus não fica passível diante de práticas pecaminosas, mas permite que o homem sofra as consequências de seu próprio pecado. A rigor, a estratégia de condução do discurso, baseado no desengano do mundo, segue esses pressupostos.

Para o Frei, a natureza dos instintos e das paixões são inferiores, e a natureza da razão é a superior. Dessa forma, sábio é o homem que consegue dominar seus instintos. Ser racional é, pois “exercitar a qualidade suprema do ser”, pois é ela que arrancará o homem dos vícios e o conduzirá às virtudes, distanciando das máscaras do mundo, das falsas aparências, da influência dos males da sociedade. Tem, assim, autonomia da razão de forma a separar os determinismos sociais e aperfeiçoar-se como ser humano e cristão.

Uma dessas formas é o amor ao próximo:

... porque acudir aos ricos e poderosos não he o que Deos mais quer; valer e ajudar aos miseraveis, e aos pobrezinhos (como eu) he o que

mais lhe agrada; neste Senhor espero pague tudo, pois posso tão pouco eu (Carta XVIII, V. 2, p. 37-8).

Em amar ao próximo, em primeiro lugar, ao pobre, Chagas demonstra a necessidade de promoção da justiça. O homem tem obrigação de olhar para os necessitados, e não ser submetido ao poder. Não só para velar pelas condições financeiras, mas o seu leitor também é convidado a orar pelos maus, para a salvação de sua alma: “Nem vos alegreis no mal, que pode vir a quem vos não quer bem: antes senti suas miserias espirituaes, muito mais que todos os males corporaes” (Carta LXXVIII, V. 1, p. 188).

Segundo o Frei, uma vez que o homem aprendeu a glorificar a Deus e tornou-se merecedor de Suas graças, tem, por Amor a Deus, a incumbência de levar a pessoa ímpia a abominar o pecado e a viver uma vida correta, e, por meio de suas orações, buscar a salvação das almas das pessoas que se deterioram nas iniquidades. O olhar o próximo, a caridade é, segundo o missivista, ato mais importante que oração:

Santa Isabel de Ungria, sendo filha de Rey, e sendo lançada do Reyno por seus vassallos com tanta infamia, e desamparo, que ninguem a quis agasalhar, passando a noite em huma casa, onde se recolhião porcos, e oferecendo em Oração a Deos suas boas obras por seus perseguidores, apparecéolhe Christo, e disselhe: Nunca tanto me agradarão todas tuas Oraçoens, como esta, que fizeste agora. E alli lhe fez grandes favores” (Carta LXXVIII, V. 1, p. 188-9).

A demonstração da caridade a partir do exemplo da narrativa de Santa Isabel implica não uma argumentação lógica, mas em valores fundados nas crenças, o que, de certa forma, pode ser instrumento no discurso religioso mais persuasivo na defesa de seu pensamento: “Só da caridade cuide, que he muito boa oraçaõ” (Carta XXI, V. 2, p. 45).

Outro aspecto que consideramos relevantes destacar é sobre a obediência do Frei, imposta àqueles que seguiam a hierarquia da Igreja. Não eram permitidos, aos religiosos, questionamentos, pois deveriam agir conforme as ordens que lhe eram impostas. Chagas afirma a importância da obediência do cristão, que esta é princípio fundamental para a salvação, pois, quando se deixa de seguir os desejos e as inclinações naturais, obedecendo a vontade de Deus, Ele livra-o do sofrimento do pecado e recompensa-o com a vida eterna. Entretanto, para o Frei, a lei de Deus está

acima da lei dos homens, até mesmo da Igreja, pois afirma que não obedecerá à Igreja se esta estiver contrária à vontade de Deus:

Eu não tenho petições no Paço: salvo o que me mandar a Obediencia, como nam seja contra a minha consciencia, e não sendo: quanto mais desbaratada for a petição, mais graça terá para mim. Obediencia he huma virtude, que então tem mais de obediencia, quanto de nós menos tem (Carta II, V. 1, p. 5).

Segundo o Frei, Deus vê todas as coisas e é justo, prometendo bênçãos àqueles que o obedecem, mas também julga os que desejam andar nas iniquidades. Sendo o direito de escolha um direito eterno, o homem pode escolher o plano de Deus ou o plano do Demônio. O livre-arbítrio, portanto, consiste nessa oportunidade de fazer escolhas, pois o homem é livre para realizar suas ações, todavia, não é livre para escolher suas consequências. Como o homem é dotado de razão, espera-se que tenha responsabilidade pelas suas decisões e ações, principalmente, na ideia de buscar livremente o seu Criador. Essa liberdade consiste no amadurecimento da fé e na busca da perfeição, já que quanto mais praticar o bem, mais livre torna-se. Do contrário, a escolha pelo pecado e pela desobediência conduz à escravidão.

Averte também o fato do homem não se decidir em suas escolhas:

mas querer ter hum pé na terra, outro no mar, hum olho no Ceo, outro na terra; querer caminhar para o Norte, dando passos para o Sul, não he cousa fácil, nem de muito proveito (Carta VII, V. 2, p. 14).

De acordo com a *Bíblia*: “Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará o outro, ou dedicar-se-á a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e à riqueza.” (Mateus 6:24). A vida é efêmera, por isso, quem não se compromete com sua escolha vive sem um ideal e sem identidade, ou seja, não consegue caminhar em direção à verdade, distraído-se com as inúmeras ideologias mundanas. Logo, não adianta viver um cristianismo de aparência, pois ao estar exposto aos perigos suscetíveis desse mundo, são presas fáceis, pois, para atingirem um melhor posicionamento, poder, riqueza, submetem-se ao poder no mundo, perdendo a paz interior e desviando-se das virtudes divinas, assim como demonstra o Frei em cartas que veremos mais adiante.

O fato é que, mesmo com o livre-arbítrio, dependendo das atitudes, haverá a condenação, em que o comportamento de cada um será avaliado por Deus, portanto, é Ele o juiz (judiciário), que aplicará a sua decisão (deliberativo). Dessa forma, as leis

aplicadas não pertencem às leis do mundo, mas divinas. Essa ideia de julgamento é potencialmente realizada no imaginário religioso, ou seja, há o modo privilegiado em torno da crença e valores cristãos.

3.1.6. Falsidade do mundo e efemeridade da vida

Este tópico, de acordo com a proposta geral do tema ‘desengano do mundo’, é a sua síntese.

O conceito de mundo como um palco onde as pessoas são atores, cheio de artifícios, ou mundo às avessas, ou máquina do mundo, corrobora o jogo de representações das ações humanas. O mundo oferece um atrativo para as fraquezas individuais. De acordo com o Frei, o mal conhece exatamente os desejos e as ambições humanas:

de tantos desenganos juntos quem não averá que tire hua certeza de que tudo quanto há na vida, e não he Deos, he fumo que nos cega, traição que se nos arma, mal que se nos encobre, e bem que se nos finge? (Carta XVII, V. 2, p. 34)

Assim, o Demônio conhece o que satisfaz as pessoas. Por essa razão, para desviar-se do mal, é preciso afastar-se da vaidade, da riqueza, do poder, da fraqueza, para que não enfraqueça seu caráter e desvie-se do objetivo primeiro: Amor de Deus. A vida, portanto, torna-se um grande palco de batalha espiritual entre o bem o mal, em que o sábio deve saber reconhecer o caminho da retidão: “vire as velas (mudar de direção), e sirva-se do seu valor contra si, e vença-se, sirva com sua pena a Deos, e desengane o mundo, empregue o seu juízo contra o mundo, e confunda o Demonio” (Carta IX, V. 2, p. 20).

A Carta CCXXIII, V. 2, p. 402, traz uma ferrenha crítica à corrupção de governantes e classes de poder que prejudicam a economia do país, as decisões e, por consequência, causam diversos problemas sociais:

A mim, e a outros taes, toca-nos chorar, e pedir a Deos mova os que sabem, e podem, e talvez porque não querem, usaõ mal do que podem, e peor do que sabem; e como eu não tenho serventia para nada disto, não me meto em nada mais que em rogar a Deos comunique seu espirito aos que são cabeças, e braços de Religião: V. Paternidade, e quase todos os que governaõ, sabem por onde esta Nao se vay ao fundo, e por onde entrou o mar da relaxação, e distrahimento, que especialmente he por ambições de mando, sequito,

senão repara na insuficiência, e incapacidade dos sujeitos, e ficando nestes as prelasias, imprimem em seus súbditos as suas semelhanças, dando cargos, e vivendo para passar a subir, e merecer ao humano, com pouca atenção ao Divino. Entraõ também as corruptelas sumamente pela musica, e pelo excessivo numero de Frades, e isto vay cada vez de mal em peor, e como as corruptelas senão emendaõ, e as relaxaçoes escandalizaõ os sujeitos que puderaõ entrar para ser colunas deste edificio, se afastaõ para outros. Aceitaõ-se também muitos por respeitos do mundo, com que nada se melhora, antes se peora a Religiaõ; se se a esta vem alguns que puderaõ aproveitar, não avendo quem os crie, nem os doutrine, e faltando magistério, e exemplo, tudo se arruína, ou não aproveita nada; logo as largas na pobreza, como correm sem Freio, acrescentão o danno, e não vemos que eficazmente se lhe ponha o remedio: que convinha em alguas cousas que ouvesse cáusticos, e violências.

De acordo com o Frei, a corrupção é, assim, instrumento de opressão para a negação aos direitos básicos dos pobres, é, pois, violência contra a dignidade humana. Aquele que se beneficia da corrupção, além de prejudicar seu povo, está cometendo um pecado contra Deus: “A terra, porém, estava corrompida diante de Deus, e cheia de violência. Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra” (Gn. 6:11-12). Ao tornar-se corrupto, o homem descaracteriza-se da imagem de Deus, uma vez que àqueles a que é dado poder devem praticar o bem maior da justiça. Portanto, àqueles atribuídos como homens públicos devem, em primeiro lugar, ter domínio de suas paixões, ou seja, serem capazes de governar a si mesmos, aí então, serão capazes de praticar a caridade e a justiça, já que buscam a salvação de Deus para si e para os outros.

Chagas ainda comenta sobre a corrupção na religião e, quando lhe é oferecido o cargo de Bispo, rejeita-o argumentando: “tudo o mais são honras e dignidades pelo qual não vim procurar na Religiaõ; ainda que honras e dignidades sejaõ santas para outros, para mim saõ coisas ridículas” (Carta LXXXI, V. 2, p. 155).

“Que ainda que duraraõ até o fim do mundo haviam de acabar cedo, pois taõ cedo há de ter o mundo fim?” (Carta IX, V. 2, p.18). A consciência da transitoriedade da vida também é um outro ponto que o Frei aborda, pois é devido a esse entendimento que o homem procura afastar-se dos enganos do mundo e valorizar o que é essencial:

Vede que os vossos melhores trinta anos já passaraõ, e que com a mesma pressa haõ de correr os cem se lá chegardes: que vos importará depois delles serdes senhor do mundo, se vos não salvardes? Que importaraõ entãõ as riquezas, os regalos, as alegrias, e as prosperidades todas; se passaraõ como sombra, acabaraõ como flor de feno que cahe, como empola de agoa que se ergue, como escuma do mar que corre? (Carta VII, V. 2, p.14)

Tomando como ideia a questão da efemeridade do tempo e da dedicação não às fortunas do mundo, mas à salvação, Chagas, por meio de reflexões, e pela sequência paralelística comparativa, procura demonstrar a brevidade da vida, em que a gradação reforça ainda mais a ideia de finitude dos bens materiais.

O contraste entre o plano espiritual e o plano terreno é muitas vezes abordado para enfatizar as decisões que devem ser tomadas nos verdadeiros valores da vida. O discurso do Frei apoia-se nas oposições: plano temporal (o mortal, o efêmero, o falível e o finito) e plano espiritual (imortalidade, eterno, infalível e infinito). Essas oposições podem ser vistas de variadas formas nas cartas, não só diretamente, mas também de forma implícita por meio de exemplos, comparações, metáforas:

... e com outras venturas que ainda vivem no meu segredo, não me sofrêo a consciência renunciar os tesouros do espirito por esses morgados da fortuna; que como a esses detroe o tempo, e o os outros duraõ hua Eternidade.(...) ahi estava o mundo com as promessas , e a estimação com as vaidades (Carta I, V. 2, p. 2).

Por isto a razaõ derrubou os Idolos, que a cegueira idolatrava, e arrastou a fé as estatuas, que a vangloria desvanecia, pois todas aquellas ostentaçõens, que foraõ gala do deleite, converteo já o escarmento em mortalhas do desengano, com que o gosto se poz à obediencia, e a vontade ao sacrificio (Carta I, V. 2, p. 3).

No discurso religioso, há a negação do negativo: o homem acumula os valores negativos e a mensagem religiosa mostra o caminho da salvação. O Frei, nas cartas, demonstra o sofrimento em relação às culpas do passado e a importância de sofrer por essas culpas para alcançar a salvação. Segundo ele, é melhor sofrer durante a vida, que é passageira, e pagar pelos pecados, pois a vitória da salvação será o bem eterno: “porque este purgatorio, que entãõ nos dá, he para dar-nos nesta vida o Inferno que mereciamos, e levar-nos depois ao Ceo.” (Carta XXXV, V. 2, p. 70).

Assim, as tribulações nada mais servem para que, durante a vida, o homem possa aperfeiçoar-se nos enganos do mundo para alcançar a Eternidade:

Irmaã, já tendes annos de conhecimento; quem cuida nas cousas muito, vem a conhecer o que saõ; quem muito de seu vagar está olhando para a vida como se vay, para a morte quam depressa vem, para o dia do Juizo quam terrible há de ser, para as profundesas do Inferno quam medonhas saõ, para o Ceo quam fermoso he: as glorias da Eternidade quam perduráveis, quam doces, quam aprazíveis; Deos quam amável, a companhia dos Anjos, e das Celestes fermosuras quanto para apetedidas, logo he força que de h~ua grande volta, e vire as costas

para este mundo falso, enganoso, e inimigo, que tanto nos leva os olhos (Carta XVII, V. 2, p. 34-5).

Em uma estrutura paralelística, o Frei trata a antítese entre o inferno e o céu. Em primeiro momento, atribui pontos negativos como terrível, profundezas, medonhas. Em outro momento, enaltece o céu (superlativo): fermoso, glorias, perduráveis, doces, aprazíveis. E, para complementar, que se anjos e as celestes formosuras são desejadas, o homem encontra força para não cair nos enganos do mundo. O qual é qualificado como falso e inimigo. Para ressaltar ainda mais essa oposição dos extremos antagônicos de céu e inferno, bom e mau, Deus e diabo, utiliza o superlativo, recurso presente frequentemente em sua escrita: “profundesas do Inferno quam medonhas” x “Ceo quam fermoso”; “as glorias da Eternidade quam perduráveis, quam doces, quam aprazíveis”; “Deos quam amável”. O gosto pela antítese dá-se pela necessidade de agir sobre o leitor, forçando a realidade pretendida pelo autor, de modo que o confronto fortalece ainda mais a orientação argumentativa quando se aproxima os dois planos em comparação: plano sobrenatural e o plano material do autor, pois o sentido dá-se tanto na contraposição quanto na aproximação destes termos: céu e inferno.

Em conexão com outras cartas, esta, enviada para a tia três dias antes de tomar o hábito já se configura a preocupação com a efemeridade da vida:

... porque se consideramos a vida, que he ella mais que hum momento: que aquillo se vai diminuindo, que começa a hir durando? Se discorremos pelas honras, que são mais que hum risco, que se compra, por hua vaidade que não dura? Se nos enlevaõ as grandezas, que são mais que huns precipícios donde se sobe a ignorancia para despenharse a modestia? Se nas riquezas nos detemos, que podem ser mais que huns venenos, que nos douraõ o que nos custaõ, por adoçar o com que mataõ? Se as fermosuras nos cegaõ, que são ellas mais que huas flores, a que a manhã serve de berço e a tarde de sepultura? (Carta I, V. 2, p. 2)

Com o conjunto de perguntas retóricas, o Frei serve-se das possibilidades de fazer pequenas coisas parecerem grandes, reconhecendo a forma persuasiva da emoção, apelando também para a oposição. Observemos:

Se considerarmos a vida(1), que é ela mais que um momento(2): que aquilo se **vai diminuindo**, (3) que começa a **ir durando**? (4)- oposição

Se discorremos pelas honras (1), que são mais que huns precipícios (2) donde se **sobe** a ignorância (3) para **despenhar** se a modéstia?(4)- oposição

Se nas riquezas nos detemos (1), que podem ser mais que huns venenos (2), que nos **douraõ** o que nos custaõ,(3) por adoçar o com que **mataõ**?(4) – oposição

Se as fermosuras nos cegaõ (1), que são ellas mais que huas flores(2), a que a manhã serve de **berço** (3) e a tarde de **sepultura**? (4) - oposição

Essas oposições demonstram a efemeridade dos bens terrenos, em que orações paralelísticas condicionais estimula a reflexão deixando transparecer o ponto de vista do autor e enfatizando a proposição primeira “a vida, que he ella mais que hum momento”.

Uma carta em especial deixou-nos inquietos: Carta IX, V. 2, p. 18. Trata-se de um amigo que compôs um livro histórico e envia-o para o Frei apreciá-lo. O Frei critica-o rigorosamente alegando que não deveria desperdiçar seu talento com os “séculos passados”, mas com as coisas divinas, e adverte:

Porèm Senhor, que maior vaidade que andar hu juizo Christaõ com estes vaõs desvelos, cançandose por dar memoria eterna ás cousas vaãs, e caducas, que ainda que duraraõ até o fim do mundo aviaõ de acabar cedo, pois taõ cedo há de ter o mundo fim? De que serve resolver os séculos, desinquietar as cinzas, e dar esta vida aos mortos, se de tantos em que V.S. fala lhe não servir a memoria para o desengano, as cinzas para momento e os séculos para o que é eterno? Como não será inútil este aprazível trabalho, se na fugacidade daquelles dias que Deos lhe dá a V.S. para tratar da sua salvação, V. S. os confunde, ou os perde, trocando os avisos do Ceo pelas diferiçoens da terra, as consideraçoens da morte pelo discurso das cousas da vida, as contas da Eternidade pelos contos do tempo, podendo aproveitar mais trabalhando menos, nos assumptos, e exercicios do desengano.

Inútil é, ao Frei, o trabalho desse historiador, uma vez que, sendo a vida passageira, deveria preocupar-se mais com o seu momento, não com folhas de papel, mapas, nações, costumes, negócios do mundo, personagens do passado, já que o fim para que foi criado é para louvar e glorificar a Deus. Por isso, aconselha-o a cuidar mais da sua salvação do que das coisas de suas histórias.

Em suma, pelas temáticas expostas acima, podemos considerar que o ambiente social do Frei é espelhado em suas cartas, procurando persuadir e amplificar a fé cristã, disciplinando condutas, condenando em certos casos, colocando tanto o leitor diante de si e de suas atitudes e pensamentos, como se revelando um missionário que procura viver os fundamentos de sua Igreja, demonstrando a sua relação com Deus.

3.2. O discurso didático, pedagógico e patriarcal

Educar para receber a luz da Fé e salvar a alma! Segundo Azevedo (1976, p. 16), esse era o projeto educacional jesuítico da época, formando homens nos princípios escolásticos. A partir do Concílio de Trento, a Ordem Jesuítica foi um poderoso instrumento de ação educacional e religiosa. Além de uma série de matérias exclusivas de aprendizagem, os seus recursos principais eram os Exercícios Espirituais, para o ensino dos passos para a conversão de leigos na religião Católica.

Nas cartas está exposto o poder da autoridade do Frei. Como vimos anteriormente, o número de interlocutores é limitado na certeza de seu discurso circular e ser transmitido, difundindo a doutrina, de forma a ter reciprocidade de seus leitores. Contudo, para que seja instaurada essa relação e obtenha sucesso, a condição necessária é o reconhecimento das mesmas verdades e a aceitação da conformidade dos discursos validados. Portanto, a “pertença doutrinal põe em causa o enunciado e o sujeito falante”, excluindo, dessa forma, qualquer procedimento de rejeição, seria um estatuto social e de interesse que liga os leitores aos enunciados num processo de reciprocidade; há dupla sujeição: do sujeito falante do discurso e dos leitores falantes na imagem de um discurso.

A autoridade no discurso religioso faz-se em um referente ausente, que encontra a sua qualificação em si mesmo; seria a “voz autorizada” a falar pelo próprio Deus. Portanto, Chagas, como Frei, pressupõe-se qualificável, e seu discurso compõe-se de afirmações de verdades, tentando vincular o plano terreno com o plano celeste. Há, assim, a ilusão de reversibilidade, pois o leitor, pertencendo ao mesmo universo religioso, acata a voz autorizada no discurso doutrinário do sacerdote.

Segundo Foucault (2008, p. 189),

o poder disciplinar fabrica o indivíduo. É com o adestramento do corpo, com a normalização do prazer, na regulação dos comportamentos, enfim nesta ação empreendida sobre o corpo com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, é que aparece a figura singular do homem, efeito do poder e objeto do saber.

Esse poder disciplinar está no discurso da Igreja no século XVII, em consequência do Concílio de Trento, e consistia na busca de um autocontrole diante de enganos pecaminosos. Havia a junção de “corpo e alma”, instituindo a mentalidade

de que ambos foram moldados para não pecar. Para isso, eram utilizadas várias técnicas, exercícios espirituais que faziam parte do cotidiano “eclesiástico”. Normatizou, assim, várias condutas que faziam parte da formação dos religiosos, uma vez que estes deveriam ser exemplos para a sociedade. Por meio dos exercícios, tinham uma vida reta, de virtudes.

Contudo, essas regras não se limitavam no Frei, mas ensinava as pessoas a governarem a si mesmas. A Igreja também passa a governar sua comunidade sob o pretexto de conduzi-la à salvação. Esse ato pedagógico de instrução de uma vida virtuosa, contribuía para educar religiosos e leigos convencendo-os a passar a imitá-los. Ao missionário, ou Frei responsável por alguma organização religiosa, era sua função dirigir as ações para que nenhum religioso se perdesse no caminho. Suas instruções ensinavam a proteger-se dos vícios terrenos de centrar o seu propósito na glória da vida eterna. No que se refere à atitude do educando, este deveria caracterizar-se pela obediência integral, de modo que seguisse com afinco e dedicação, renunciando às suas vontades e colocando-se integralmente ao propósito de Deus. Foram apresentados, assim, os *Exercícios Espirituais*⁴⁹, de Santo Inácio de Loyola (1999, p.10), no qual os religiosos encontravam regras para salvação, que tem como princípio:

2O homem é criado para louvar, prestar reverência e servir a Deus nosso Senhor e, mediante isto, salvar a sua alma; 3 e as outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem, para que o ajudem a conseguir o fim para que é criado. 4Donde se segue que o homem tanto há-de usar delas quanto o ajudam para o seu fim, e tanto deve deixar-se delas, quanto disso o impedem.

O foco nos exercícios cotidianos, realizados repetidas vezes, acabava por inculcar-se na mente dos leitores de forma que estes mesmos passassem a controlar suas vidas, decisões, escolhas. O Frei, portanto, torna-se o mediador da voz divina, detentor do saber, responsável pela transmissão do saber e pela salvação das almas, faz-se por meio de um discurso autoritário, manipulando seu interlocutor por meio da sanção chegar ou não à perfeição para salvação da alma. Caso cumpra todas as instruções, Deus confere a ele o poder e a fortaleza para continuar perseverante em

⁴⁹ Aprovação Pontifícia "...Aprovamos, louvamos e corroboramos, com o patrocínio do presente escrito, os Documentos e Exercícios mencionados, e todas e cada uma das coisas neles contidas, com a nossa autoridade, a teor das presentes letras, e com nossa ciência certa; exortamos muito no Senhor a todos e cada um dos Fíéis de Cristo, de ambos os sexos, em qualquer lugar do mundo onde se encontrem, a que usem tão piedosos Documentos e Exercícios, e queiram devotamente com eles instruir-se..." (Paulo III, no Breve "Pastoralis Officii" de 31 de Julho de 1548).

seu propósito no processo de perfeição espiritual. A conjunção está na injunção de despertar no leitor o querer-fazer, e o dever-fazer de acordo com os valores ideológicos da religião, especialmente por meio de procedimentos argumentativos estabelecidos pela racionalidade de causa e efeito.

O Frei como exemplo aproxima o seu leitor da obrigação de seguir a orientação dada, constituindo o enunciado proposto como verdadeiro meio para a graça divina.

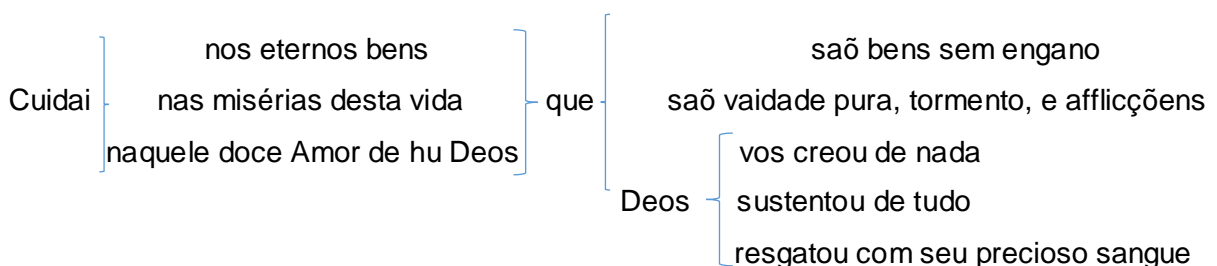
As cartas permitem-nos investigar como o discurso do Frei tem a capacidade de determinar a forma como os leitores devem agir, já que as fórmulas religiosas são usadas performativamente, isto é, como forma de ação sobre o outro. Assim, inserido numa perspectiva que busca compreender o papel da linguagem na condução da vida social, veremos como o discurso religioso do Frei dita o comportamento.

Em seu discurso instrucional encontramos tanto a persuasão didática, na qual há encaminhamento dos exercícios espirituais quanto a persuasão do conhecimento em que há conhecimentos atribuídos ao Frei religioso. As duas podem ser consideradas persuasão direta (menos argumento e mais imposição ou coerção) ou persuasão indireta (mais argumento).

Em sua Carta XVII, V. 2, p. 35, o Frei procura orientar uma religiosa como viver em Deus:

Cuidai pois nos eternos bens; que são bens sem engano; cuidai nas misérias desta vida, que são vaidade pura, tormentos, e afflicçoens, cuidai naquele doce Amor de hu Deos taõ bom, taõ amigo, que vos creou de nada, que vos sustentou de tudo, que vos resgatou com seu precioso sangue, sendo escrava do Demonio pela culpa em que nacemos; e agora com tantas finezas faz demonstraçoens de seu amor, e quis desposarse convosco, fazendo-vos tantos favores; e finalmente vos quer levar ao Ceo, e dar-vos a sua gloria para hu sempre da Eternidade, para hu nunca mais de penas; cuidai pois neste para sempre, que isto tudo deve cuidar hua criatura a quem Deos tratando-a como esposa sua a meteo no seu Palacio.

As orientações aparecem por meio da recorrência da semelhante estrutura paralelística:



Essa repetição estrutural indica o reforço da advertência em relação às misérias da vida e do zelo em relação aos eternos bem e amor de Deus. Há, assim, a antítese entre os bens desse mundo (vaidade, tormentos, e aflições) e os eternos bens (nunca mais de penas).

As orações subordinadas adjetivas restritivas são as responsáveis pela argumentação, pois, nelas se complementam e se intensificam a relação de oposição abordada no primeiro momento. A Deus é atribuída a função máxima, potencializando a intenção do Frei na escolha da religiosa: que vos criou do nada (humilhação, sem importância); que vos sustentou de tudo (antítese do nada/ dependência de Deus), que vos resgatou com seu precioso sangue (crucificação/ ato maior de amor).

Convém comentarmos que a referência à culpa pela qual nascemos está relacionada ao pecado original, que, segundo a doutrina cristã desenvolvida por Santo Agostinho, explica a origem da imperfeição humana, herdada por todo o gênero humano depois de Adão e Eva submeterem-se à tentação do Demônio, rejeitando a obediência a Deus. Assim, em Adão toda humanidade pecou, uma vez que seu ato abriu as portas para o mal no mundo.

Embora cheia de culpa, Deus volta-se para a religiosa “com tantas finezas”, com delicadeza – o que realça a oposição da agressividade do mundo –, e demonstra o seu amor no desejo de: “desposar-se convosco, fazendo tantos favores”, e levando-a para o céu para “dar-vos a sua glória”. A comparação atribuída, no final de seu raciocínio, ao convento como palácio, trata a religiosa como esposa de Deus, a rainha, a mulher que espera as atitudes do marido e cuida com zelo de seus bens.

Não demonstrar seus sentimentos de amor de Deus a outros é outra orientação do Frei:

Naõ se metta mais em Latinidades, nem em papeis de amores de Deos: faça o coração seu papel, imprima-se este amor no coração, sem dar fora sinaes de si; mais que em ser muito obediente, muito o pobre, muito desprezadora de si, e muito estimadora dos outros. Lustre a modestia, a gravidade, o silencio, a compostura exterior, e interior, e as cousas, que V.M. tem por preceito, ou por obrigação, e em tudo o mais seja o Reyno do Ceo tesouro escondido em V.M. (Carta II,V. 1, p. 5).

A instrução é complementada pelos atributos a seguir: ser obediente, pobre, desprezadora de si e estimadora dos outros. Além disso, prefira a modéstia, a gravidade, o silêncio e a compostura exterior e interior, tanto o que faz por desejo

próprio quanto por obrigação. Fecha o seu raciocínio retomando a importância de guardar para si seus sentimentos: que o seu tesouro, isto é, que o seu interior guarde o reino do céu.

A necessidade da oração também é um dos exercícios apontados como essencial na vida dos religiosos: “não pare nos exercícios da santa Oração, que ahi está Deos.” (Carta XXXVIII, V. 2, p. 80). Segundo os *Exercícios Espirituais*, a oração não implica um simples ato de rezar, mas de profunda meditação e avaliação da alma:

Muito encomendo a V.M. que duas vezes no dia com brevidade, no principio da Oração, ou quando puder; examine os fundos da Alma, com sede de aproveitamento: ou assentada, ou como puder, e tome esta residencia, sumamente necessaria para a perfeição (...) Entretanto encomendo-lhe muito huma grande circunspecção, e cautela, sem dizer mal, nem bem de quaesquer, que sahirem Prelados, e das mais cousas dos seculos, e governos: amor de Deos, mortificação espiritual, espancar quanto vier á memoria, que não seja Deos, ou cousa, que leve a Deos (Carta L, V.1, p. 45).

O Frei enfatiza a questão de não se preocupar em julgar os atos dos Prelados, porque a sua mente não deve estar tomada pelos atos de governos. Quando qualquer pensamento mau vier à mente, deve espancar-se, ou seja, deve se mortificar para que não venha à memória. Esvaziando-se a mente, Deus toma conta, pois os maus pensamentos só escravizam e não dão espaço para coisas de Deus.

No que se refere ao trato com as pessoas, certifica-se de não as julgar, nem repreender seus defeitos, uma vez que, segundo o Frei, não há um melhor que o outro, mas deve-se colocar em postura de amar e ajudar às pessoas a fugir das iniquidades:

No que toca aos outros, guardai-vos de outras duas cousas. A primeira, que não olheis, nem repareis com curiosidade as pessoas, ou os rostos, as disposições, os habitos, os gestos, as feições, os risos e as palavras, ou trato dos outros (...) A segunda he, que já que fugis de as julgar mal com a vista, fujais tamb~e muito de as reprender, e murmurar com o pensamento, e juizos temerarios (Carta XXXV, V. 2, p. 69).

Há também outros discursos que tratam as orientações com marcadores sequenciais de numerais ordinais, reforçando ainda mais a estruturação de texto didático, preocupando-se com a organização, com a retomada de ideias, enfim, com uma lógica textual que deixe claras as estratégias e a finalidade. Dessa forma, o Frei, aproximando-se da composição textual e das orientações dos *Exercícios Espirituais*, procura deixar claro não só apresentando as regras a serem seguidas, mas os

objetivos, e a funcionalidade de cada uma delas. Pela simplicidade, tornar o texto eficaz explicando os passos para integrar à cognição do leitor, favorecendo a aprendizagem. Toma-se o papel de um professor a ajudar o aluno a trabalhar com os exercícios da alma, selecionando, destacando, repetindo partes que considera importante, motivando e explicando o que o aluno/religioso necessita para trabalhar a atividade proposta e atingir o objetivo: Amor de Deus.

Essa seria, por assim dizer, uma escola para conduzir as almas numa maior intimidade com Deus, aprendendo a amar a virtude e os dons divinos e a responder por seu chamado:

Se pois quereis chegar a tamanho bem como este, tres cousas deveis fazer: a primeira, fazeres e trabalhares muito por viver sem peccados, a segunda pro viver sem deleites, a terceira por viver sem creaturas (...) Para viver sem peccados, he necessario ou confissão a meudo, ou continuo Amor de Deos. Para viver sem deleites, he necessário continua mortificaçã. Para viver sem creaturas, he necessario memoria de Deos continua (Carta XXXV, V.2, p. 66).

Numa ordem sequencial podemos verificar as seguintes prescrições: trabalhar muito por viver sem pecados(1), deleites(2) e criaturas(3). Por meio da amplificação, elucida ao leitor o meio para atingir cada etapa: (1) confissão a miúdo ou contínuo Amor de Deos; (2) contínua mortificação; (3) memória de Deus contínua. Segundo o Frei, a confissão traz o homem para a reconciliação com Deus, é, pois, o ato de penitência, ou seja, o homem deve estar livre de qualquer pecado para ficar na presença divina. Já a mortificação consiste na negação de si e das criaturas, vencendo as tentações e suportando com resignação as dificuldades. Só seguindo essas instruções haverá a verdadeira felicidade como consequência da intimidade com Deus.

É recorrente em suas cartas a necessidade de desapegar-se do outro:

O Amor de Deos perfeito, tres cousas ha mister para ficar em liberdade de espirito, que he a perfeiçã:a primeira, desapegar-se de creaturas; a segunda, desapegar-se de desejos de consolações do Ceo; a terceira, ficar-se a alma n'um ardente desejo da Gloria, e honra de Deos (Carta CXCI, V. 2, p. 351).

Para isto, he necessario, q vivamos sem creaturas na Memoria, sem discursos no Entendimento, sem outro amor na Vontade, mais que o Amor de Deos: e que juntamente andem sempre os sentidos como pasmados nas maravilhas de Deos, em tudo o que se puzer diante do sentido em oraçam continua (Carta IV, V. 1, p. 15).

Na Carta XXI (V. 2, p. 45), observamos a motivação do Frei nas suas orientações:

Trabalhe, coma, esforce-se, anime-se, e esteja em toda a parte, que isso he ser espirito: e entenda que ainda fazendo muito mais, não faz nada para o que deve. Louve a Deos com contentamento da vontade, porque até a tristeza do Não presto: Não sou nada: Quizera a ter mais oração, e outras cousas como estas, são finíssimas desculpas do amor próprio, e insígnias manifestas de pouca uniaõ que temos com Deos: que quem esta unido, com tudo folga: com Diabos, e com Anjos, com Infernos, e com Ceos, com cargas, e com alívios.

Procura estimular as religiosas no servir e no seguimento dos exercícios com alegria, pois mesmo a tristeza, o pensamento negativo em relação a si, são desculpas de amor próprio, e, sendo assim, não agrada a Deus.

A separação das normas, a classificação de regras e a vigilância são importantes revelações no discurso pedagógico do Frei, que procura dar destaque no cotidiano de uma atuação disciplinar. Como missionário, seu interesse era conduzir os comportamentos de seus leitores para que, além de servirem de espelhos para a sociedade, instruíam-os para o processo de conversão e intimidade com Deus.

Por meio de um discurso autoritário, mas, simultaneamente, sedutor, incentivou seus leitores a avaliar decididamente a condução da crença. Como o Frei comporta-se da mesma maneira, conforme verificamos na sua biografia e em outras produções de sua autoria, produz o efeito de identificação, anulando a distância e as impossibilidades de realização de tais atitudes. Sua composição, evidenciada pela composição de suas cartas, constitui um argumento de conclusão em relação à interdependência semântica, assumindo assim, um encadeamento argumentativo, de aspecto normativo. O Frei, portanto, tem credibilidade em seus argumentos, não por ser apenas o porta voz de Deus, mas pelo exemplo de vida que escolheu como tema e exemplo para apresentar-se aos seus leitores.

3.3. Dizer o indizível

De acordo com Cherubim (1989), a linguagem figurada não é o produto de uma linguagem estética, mas uma necessidade imposta pela própria condição humana. Ela é o produto da incapacidade do espírito do homem das necessidades da comunicação e da própria pobreza da língua nos seus meios de expressão. Dessa forma, as

diversas figuras retratam procedimentos de expressão que servem para atualizar diferentes formas do pensamento e do sentimento, refletindo na mentalidade do grupo social, tornando-se, assim, um índice social e psicológico. Na obra do Frei António das Chagas, a figura teve quase a função de aproximar um código colocando-o dentro de outro código: a religião e a linguagem.

Na ânsia de demonstrar os sentimentos, o Frei prima pelo exagero das sensações e dos adjetivos, pelos superlativos, pelas repetições, utilizando por vezes a gradação, como em: “caminhando sempre por aquelles ardentes desejos, abrazados fervores, e entranhaveis suspiros, onde se começaõ a provar as eternas doçuras” (Carta XXXV, V. 2, p. 68).

A exploração a um tempo sinestésica e hiperbólica pode conduzir ao máximo da sensação, na expressão do sentimento do Amor de Deus, tantas vezes com o destaque grafêmico da maiúscula em função hierarquizadora, evocando o lugar da felicidade, o sentimento da felicidade, fonte de felicidade imperecível. Assim tenta atribuir-lhe características:

... e além de tudo quanto se diz, puro, brando, forte, excessivo, veemente, incompreensível Amor de Deos, que nunca se farta, nunca se enfastia, nunca cessa, sempre arde, sempre voa, sempre se absorbe no pégo imenso, invadiavel, infinito, inexplicavel, sobreprofundo, além de imenso, e mais que infinito, além de sobreamavel, e incompreensível bondade, bondade, bondade, bondade, bondade e infinitas bõdades de Deos. (Carta XXX, V. 1, p. 83)

Por meio da hipérbole também, a realidade extralinguística manifesta-se em todos os níveis da língua, como acontece em: “Estimo que passasses já o furacão dos escrúpulos, que ordinariamente são Babilonia do espirito, e tempestade do animo” (LXXXI, V. 2, p. 156).

Quando a hipérbole não é o suficiente, o Frei recorre ao uso do superlativo como o faz nas atribuições das qualidades que se encontra em Deus: Imensa Magestade/ taõ Suprema Magestade/ soberana formosura; ou na sua caridade com o homem: “ dai-lho graças por mim das imensas, infinitas, inexplicaveis, e incomparaveis misericordias que comigo usa” (Carta XVII, V. 2, p. 35).

Quando importa a descrição da natureza divina, primeiramente o homem a reconhece no universo humano, para que, a partir das perfeições das criaturas, possa relacioná-las com Deus. Ao perceber Deus como criador, torna a Este a competência originária das perfeições, estando Nele o mais elevado grau de perfeição.

De acordo com Tomás de Aquino, na Suma Teológica (s/d, p. 142),

Deus encerra em si as perfeições de todos os seres e, por isso, é denominado ser universalmente perfeito; pois, no dizer do Comentador, não lhe falta nobreza de nenhum gênero. — E isto pode ser demonstrado de dois modos. Primeiro, porque toda a perfeição do efeito deve existir na causa eficiente. — Segundo, conforme a mesma noção, quando o agente é unívoco; tal o caso de um homem, que gera outro. Ou de modo mais eminente, sendo o agente equívoco; assim, no sol está o equivalente das coisas por virtude dele geradas. Ora, como é manifesto, o efeito preexiste virtualmente na causa agente. Mas, preexistir na virtude da causa agente é preexistir de modo não mais imperfeito, senão, mais perfeito. Pois, preexistir na potência da causa material é preexistir de modo mais imperfeito, porque a matéria, como tal, é imperfeita; ao contrário, o agente, como tal, é perfeito. Ora, sendo Deus a causa primeira eficiente das coisas, necessário é que as perfeições de todas nele preexistam de modo mais eminente. E nesta razão tocou Dionísio dizendo: Deus, sendo um ser deixa de ser outro, mas, é tudo, como causa de tudo. — Segundo, porque, como do sobredito resulta, Deus é o ser por si subsistente; por onde, é necessário encerre em si a perfeição total do ser. Ora, é manifesto que, se um corpo cáldo não tem toda a perfeição da calidez, é porque não participa do calor em toda a natureza deste; mas se o calor fosse por si subsistente, nada lhe poderia faltar da sua virtude. Donde, sendo Deus o próprio ser subsistente, nenhuma das perfeições do ser lhe pode faltar. Ora, na perfeição do ser se incluem as perfeições de todas as causas, pois cada uma é perfeita na medida em que é ser. Donde resulta que a Deus não pode faltar nenhuma das perfeições das causas. E também nesta razão toca Dionísio, dizendo, que Deus não existe, de certo modo, mas de modo primário e uniforme, encerra em si a totalidade do ser, pura, simples e incircunscritamente. E, depois, acrescenta que é ele o ser de tudo que subsiste.

Deus, portanto, é a causa primeira de todas as virtudes, e sendo o homem sua criatura, passa a ter o predicado de Deus; ou seja, dependendo da relação que o homem estabelece com Deus é o que definirá o sentido a ser Lhe dado. Dessa forma, a significação, a partir da linguagem teológica, deve partir da relação da criatura a Deus e não de Deus a criatura. Se a criatura é prudente, significa que a prudência preexiste em Deus. Ou seja, a competência definida em cada homem advém da relação que este estabelece com Deus. Contudo, sendo Deus a causa, o efeito superior, a primeira de todas as perfeições das criaturas, Este é nomeado a partir de todas as perfeições que podem ser encontradas em suas criaturas, pois, a partir delas, absolutamente se encontrariam todas em Deus, mas em grau mais eminente:

Deus, porém, é considerado como primeiro princípio, não material, mas, no gênero, da causa eficiente; e, então, há de necessariamente ser perfeitíssimo. Pois, assim como, em si mesma, a matéria é potencial, assim, o agente é, em si mesmo, atual. Por onde, o primeiro princípio ativo há de, por força, ser soberanamente ativo, e, por

conseqüência, perfeito em máximo grau. Pois, um ser é considerado perfeito na medida em que é atual; porque perfeito se chama aquilo ao que nada falta, nos limites da sua perfeição. (AQUINO, s/d, p. 140)

No entanto, como as perfeições que estão em Deus não se encontram no mesmo grau nas criaturas, os nomes que designamos só conseguem expressar-se por semelhanças ou metáforas, mesmo porque só conseguimos expressá-las das formas realizáveis nas criaturas. Na *Via Analogia*, enfatiza “ donde não poderem ser atribuídos a Deus senão metaforicamente (metaphorice)”. Porém, só as metáforas não são suficientes, pois o modo como os processos realizam-se nas criaturas são diversos, por exemplo, as virtudes, as sensações, os processos de transformação.

Por essa razão, o intelecto humano prende-se ao fato de ter substâncias sensíveis, compostas de matéria e forma para compreender a substância divina, a qual subsiste no sujeito, mas não é definida pelo concreto, pelo que concebemos como objeto e fato.

Desta feita, como desconhecemos o que seja uma forma simples subsistente em si mesma, escapa-nos também o “como” (“quomodo”) as perfeições comunicadas às substâncias compostas pela causa criadora se realizariam nesta mesma causa criadora, queremos dizer, na sua completa simplicidade, e isto, embora saibamos que, quanto ao que significam, estas perfeições são devidas por pleno direito a Deus. Por isso, diz Tomás de Aquino (s/d, p. 1040):

(...) em todos os nomes que damos, quanto ao modo de significação (modum significandi), há imperfeição (imperfectio invenitur), embora a coisa significada (res significata) convenha-lhe de modo eminente (...). Sob tal aspecto, porém, nenhum nome é apto para ser convenientemente atribuído a Deus, sendo somente quanto àquilo que deve ser significado pelo nome (significandum nomen) (...) Em outras palavras, certamente as perfeições encontradas nas criaturas se encontram em Deus. Aliás, pertencem-Lhe por pleno direito. Contudo, por não termos como conhecer o que é este ato puro de existir, desconhecemos, por isto mesmo, o “modo” como às perfeições tanto subsistem como se identificam na absoluta unidade da Deidade. De fato, desconhecemos o “quomodo” tais perfeições subsistem na simplicidade absoluta de Deus, porque desconhecemos também o que seja este ato puro de existir, e tudo o que está em Deus não é senão o seu próprio ato puro de existir.

Logo, os nomes das perfeições e sua significação pertencem a Deus, que é o Criador perfeito; porém, o modo como estas perfeições Lhe pertencem, como ato divino, não nos é revelado. Isto posto, diante de um universo sobrenatural, as figuras permitem não só o efeito estilístico de ornamentos, para o deleitar (*delectare*), agradar

(*placere*), mas os efeitos persuasivos, argumentativos, a fim de emocionar (*movere*), comover (*flectere*) e provar (*probare*). O efeito visual projetado na imagem por meio das metáforas, símiles, comparações e analogias, cria, além do efeito afetivo do discurso, vínculos associativos presentes no seu contexto, evocando a percepção projetada do desenho no seu espírito, passando-lhe a representar um conteúdo significativo.

Os textos sagrados punham à disposição dos pregadores um arsenal considerável de recursos expressivos, de figuras, de parábolas, metáforas, enfim, do recurso à imaginação nos aspectos da cultura e dos conceitos preconcebidos e predeterminados de produção dos efeitos prescritos / convencionados como suporte da racionalidade do homem seiscentista – o que era um método recomendado por Santo Inácio e exemplificado nos *Exercícios Espirituais*. Além disso, os esquemas de produção do discurso, baseados na retórica aristotélica e na oratória ciceroniana, implicavam em uma argumentação pragmática, proposta como estratégia discursiva de persuasão nos escritos religiosos.

3.3.1. A palavra transformada

De acordo com Horácio (1984, p.48), o artista deve ser “sutil e cauteloso, no arranjo das palavras, também dirás egregiamente se uma engenhosa associação transforma em nova uma palavra batida”.

No momento da expressão de dor, contentamento, saudade, a confissão pode se transformar em uma cadeia de alegorias, marcada por metáforas e exemplificada por histórias engenhosas. Ou seja, na ânsia de materializar os inumeráveis sentimentos, de dizer o indizível, a confissão para o artista torna-se a metáfora e oferece por meio dela o transporte para o espírito do interlocutor.

Contudo, esse conhecimento sobre a matéria da metáfora deu-se nos Seiscentos de modo sistemático; um conhecimento teórico e prático, que poderia assegurar que uma obra de arte fosse bela e perfeita, e ao mesmo tempo útil e agradável, regulamentada pela retórica de forma a assegurar o decoro de tais ornatos dentro do texto produzido. Na Retórica, esta metáfora associa-se à eficácia na elaboração de um discurso, adaptando o bem dizer ao auditório e à tese que se

defende. Já no universo literário, a figura vai se transformando em estilo, em ornamento, tendo como características a ambiguidade, a surpresa e a originalidade.

Segundo Mosca (2001, p. 35), no âmbito das figuras tanto poéticas quanto retóricas, a metáfora foi sempre a de maior destaque, constituindo um dos recursos mais importantes da léxis (*elocutio*), portanto do plano de expressão. A virtude do uso da metáfora apresenta-se nos mais variados discursos, tanto naqueles tidos como persuasivos quanto nos literários.

Na literatura, as metáforas justificam-se pela necessidade do locutor exprimir por palavras seu espaço interior e exterior, transcendendo a lógica, despertando o interesse do alocutário e provocando as várias interpretações possíveis.

Os estudos sobre a metáfora têm-se estendido por mais de vinte séculos. Marcados inicialmente por Aristóteles, outros homens das letras versados em filosofia como Cícero e Quintiliano seguiram a sua diretriz na questão do princípio do *decorum* na linguagem figurativa, tratando a metáfora como a figura mais nobre. A Retórica clássica inclui a metáfora como *tropo*⁵⁰, uma vez que consiste no desvio de sentido e emprego de palavras que divergem do seu significado literal.

Podemos dizer que os conceitos de metáfora são abordados de duas maneiras: a primeira, a partir do estudo de Aristóteles, em que se valorizam as relações entre o homem, sua criação e o universo; a segunda, centrada na intuição, na imaginação e nos sentidos que pode provocar.

Dentre os estudos atuais sobre a metáfora no campo retórico, vale destacar alguns deles. Pierre Fontanier (1827), compõe um tratado de uma retórica restrita à classificação das figuras literárias e deixa de lado a *elocutio* e a *inventio* abordadas por Aristóteles. Trata a figura retórica como um desvio da linguagem cotidiana e ainda faz a distinção de metáfora “de invenção” e metáfora “de uso”.

Conforme o autor, para entendermos a metáfora “de uso” é preciso que o *focus* seja isolado do seu sentido referencial e passe a ser visto no sistema de conotação. Dependendo do contexto, escolhe-se um dos sentidos figurados possíveis, colaborando para o seu entendimento o sistema de lugares comuns pertencentes a uma determinada comunidade. Já na metáfora “de invenção”, tanto o significado literal quanto o conotativo não são suficientes para abranger os sentidos possíveis, uma vez

⁵⁰ *Tropo*, termo derivado do grego, é sinónimo de "desvio", neste caso, uma mudança do sentido literal, referencial (denotativo) da palavra para um significado figurado (conotativo).

que, inserida em um contexto poético, torna-se uma palavra de estrutura aberta e pode voltar-se a uma série de significações inesperadas (MOSCA, 2001, p. 38).

Na obra *Elementos de Retórica Literária* (1972, p.163), Heinrich Lausberg, retórico alemão, considera que a metáfora insere-se nos tropos do salto que são tirados dos *locus a simili* “através de um processo de semelhança ou comparação”. Assim, é a substituição do que o autor chama de *verbum proprium* por uma palavra, “cujo significado está numa relação de semelhança com o significado da palavra substituída”.

O autor estabelece uma dualidade entre tropo de pensamento (no qual insere a alegoria) e tropo de palavra (metáfora, anáfora, paralelismo), ambos se inserem numa mesma categoria ornamental e estão implícitos em um mecanismo de transferência de um eixo paradigmático para um sintagmático. Dessa forma, o domínio da imagem realiza-se de forma mais expandida “no tropo de pensamento da alegoria”, numa cadeia de metáforas continuadas, estendidas.

O Grupo μ de Liège, em *Rhétorique Générale*⁵¹, procurou uma classificação mais abrangente das figuras retóricas sob o nome de metáboles, agrupadas em três conjuntos: de junção, de supressão e de permuta. A metáfora foi considerada como acoplamento de duas sinédoques. Segundo esse grupo, para a constituição da metáfora é necessário um termo de partida (o termo a definir/o real), o termo intermediário (o traço comum) e o termo de chegada (o plano poético/o comparante) (MOSCA, 2001, p.36).

O *Tratado da Argumentação* de Chaïm Perelman e Lucie Obrechts-Tyteca demonstrou várias técnicas retóricas utilizadas por oradores para persuadir seus auditórios. Nessa Nova Retórica, as figuras não são limitadas à classificação de figuras de estilo, mas, por meio delas, passou a se aplicar uma teoria da argumentação, resgatando a retórica aristotélica. Abandonando a ideia de serem consideradas simples ornamentos (apenas para deixarem o estilo artificial e floreado), explicaram o emprego de algumas figuras pela necessidade da argumentação:

É certo, de todo modo, que só há figura quando se pode operar uma dissociação entre o uso normal de uma estrutura e seu uso no discurso, quando o ouvinte faz uma distinção entre a forma e o fundo, que lhe parece impor-se. Mas é quando essa distinção, percebida logo de início, se extingue em virtude do efeito mesmo do discurso, que as figuras

⁵¹ Obra publicada em 1970, pelo Grupo de professores do Centro de Estudos Poéticos da Universidade de Liège, que aborda vários estudos dos processos metafórico e metonímico.

assumem todo o seu significado argumentativo (PERELMAN, 1996, p. 191).

A partir disso, os autores consideram que a figura é argumentativa se o seu emprego, ao acarretar mudança de perspectiva, parecer normal em relação à nova situação. Do contrário, caso não ocorra a adesão do ouvinte à forma argumentativa, a figura será apenas um ornamento, um estilo, restrito ao campo estético, podendo ou não provocar admiração.

Além de várias outras teorias, ainda temos a de George Lakoff e Mark Johnson⁵² (1980), que considera que o nosso sistema conceptual é fundamentalmente metafórico, ou seja, as metáforas estão no pensamento inconsciente e não na linguagem, a qual é designada a explicitar essas metáforas conceptuais por meio de expressões metafóricas. Para esses autores, a metáfora está no cotidiano de nossa linguagem e, principalmente, no pensamento e na ação (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.48).

O filósofo e pensador francês Paul Ricoeur, em sua obra *A metáfora viva* (1975), busca apresentar uma engenhosa capacidade da metáfora. Para o autor, a metáfora possui um deslocamento de sua essência semântica, porém deve participar do “jogo de sentidos” que existe entre o enunciado e a palavra. Ele propõe novas maneiras de observar a relação entre os discursos metafóricos e os especulativos. E explica:

Não há metáfora no dicionário, apenas existe no discurso; neste sentido, a atribuição metafórica revela melhor que qualquer outro emprego da linguagem o que é uma fala viva; esta constitui por excelência uma instância de discurso (RICOUER, 1983, p. 148).

O autor propõe tratar o que era uma “denominação desviante” como uma “predicação impertinente”. Assim, a unidade do tropo deixa de ser a palavra e passa a ser o discurso, partindo dos conceitos de Aristóteles, faz um percurso da metáfora no nível retórico, semântico e hermenêutico.

Entretanto, apesar dos estudos mais atuais acerca da metáfora, não podemos esquecer da contribuição de Aristóteles sobre o assunto. Aliás, é a linha aristotélica que tem a devida importância na nossa pesquisa.

⁵² Lakoff foi um dos fundadores da *Linguística Gerativa* (1960) e da *Linguística Cognitiva* (1970). Johnson é filósofo, com contribuições em ciência cognitiva e linguística cognitiva.

Aristóteles, ao propor um estudo sobre a metáfora, trata do assunto tanto na *Arte Poética* [2004] como na *Arte Retórica* [2005], ressaltando, porém, que a sua função difere em cada campo, uma vez que, na Retórica, o seu valor é argumentativo e, na Poética, busca-se a mimese. Assim, a distinção não está no procedimento metafórico, mas na estratégia de sua utilização.

Segundo o filósofo, em sua *Arte Poética* [2004, p.83], a metáfora (*metapherien*) associa-se a um significado semântico de ‘transportar’ e ‘aproximar’ coisas distantes entre si através de símiles pela associação de traços comuns. A metáfora é a transferência de uma palavra que pertence a outra coisa, ou “do gênero para a espécie ou da espécie para o gênero ou de uma espécie para outra ou por analogia”.

Aparecendo também a metáfora como sinônimo de *lexis*, o filósofo afirma que a elocução é a sua expressão e parte dela são: letra, sílaba, conjunção, nome, verbo, flexão e locução. O elemento comum entre essas partes da elocução e da metáfora é o “nome”. Dessa forma, a metáfora acontece no nome e é definida em termos de movimento [ARISTÓTELES, 2004, §1, Cap. XX].

O pensador, ao definir a etimologia da palavra: *meta/além* e *pher/transportar*, aponta que, além de uma figura que desvia de uma coisa e que designa um nome a outro objeto, a metáfora existe somente na ação de expressão oral ou escrita, pertencendo à *lexis* (ato de fala) e também à *dianoia* (o ato do pensamento).

Na *Arte Retórica*, Aristóteles [2005, p. 265] conceitua a metáfora como um artefato estilístico direcionado à arte de seduzir, de bem dizer, atribuindo-lhe a função heurística e pedagógica:

Que seja o seguinte o nosso pressuposto: uma aprendizagem fácil é, por natureza, agradável para todos; por seu turno, as palavras têm determinado significado, de tal forma que as mais agradáveis são todas as palavras que nos proporcionam também conhecimento. É certo que há palavras que nos são desconhecidas, embora as conheçamos no seu sentido ‘apropriado’; mas é sobretudo a metáfora que provoca tal.

Conforme o autor, a metáfora apresenta um duplo dinamismo: a *homoiosis* (semelhança) e a *mimesis* (imitação), abrangendo o conjunto de práticas miméticas, como da poesia, e a convicção do discurso, como alguma coisa que direciona para uma função analógica fundamental ao desenvolvimento de uma retórica. Assim, o processo de metaforização envolve tanto o discurso poético como a situação discursiva.

Outro importante estudo sobre a metáfora é o de Emanuelle Tesauro, em // *Cannocchiale Aristotélico*, publicado em 1654, e resultante de um estudo vertical e sistemático de Aristóteles nas suas reflexões em todos os campos do saber. Seu conteúdo trata entre tantos temas aristotélicos, do *modus faciendi* na escrita, abordando tanto a poética quanto à retórica, e passa a reavaliar o conceito de metáfora, radicalizando a definição aristotélica. A metáfora é vista como argumento humorado e engenhoso do qual deriva o prazer e a admiração. Rompendo a convenção que regula as relações entre significantes e significados, a invenção metafórica abre o caminho para a renovação e o enriquecimento do significativo potencial dos termos específicos.

Segundo o autor, a metáfora é apresentada por uma espécie de “alegoria genitora”, ou seja, metáforas que geram outras metáforas a partir das atribuições retóricas ou gramaticais de uma adequação de sentido, construindo o conceito de imitação figurado na metáfora genitora. Dessa forma, do desdobrar sucessivamente da primeira analogia, aparece o sentido do poema: “Eccoti quante Metafore partorisce una sola Metafora; tutte significatrici di una sola proprietá” (TESAURO, 1654, p. 117).⁵³

Recorrendo a teorias sobre a metáfora – principalmente àquelas que fazem referência ao discurso do século XVII –, faremos a análise da sua construção e significação nas *Cartas Espirituais*, pesquisando o seu sentido primeiro – encontrado nas coisas, nos homens e nos acontecimentos –, para que fiquemos o mais próximo possível da intenção do autor. Logo, é necessário recorrer a trabalhos que demonstrem as circunstâncias em que a figura foi produzida, verificar o seu papel na produção geral de sentido no discurso, perceber se ela dá margem para estabelecer outro ponto de vista sobre o mundo, ou seja, a exploração de outra perspectiva, contando com a sua capacidade de reorganização cognitiva e sensorial, pois a metáfora tem a virtude de tornar sensível um conteúdo ausente, sob a forma de uma linguagem conotativa, e, por conseguinte, propiciar a criação de uma ilusão referencial.

Qualquer que seja a forma assumida pelo processo metafórico, ele necessariamente trará uma visão de mundo, que pode ir de estereotipia ao contrassenso, seja reiterando saberes partilhados, seja estabelecendo relações

⁵³ “Aqui estão tantas metáforas que dão origem a uma única metáfora; todos os significantes de uma única propriedade.” (tradução nossa).

inéditas entre as coisas, seja permitindo que os efeitos produzidos pelas estratégias de produção de metáforas conceituais suplantem a compreensão mais direta, o que é bastante usual no século XVII. O que importa é, portanto, avaliar a sua função poética e retórica dentro daquele determinado tipo de discurso, ou seja, avaliar os efeitos por ela produzidos.

No entanto, como os nossos textos de análise são tratados como cartas religiosas compostas no século XVII, compete-nos um estudo sobre a poesia religiosa e sobre a metáfora aguda seiscentista em Portugal, para que o estudo se realize adequadamente em relação ao *corpus* e seu tempo/contexto.

3.3.2. Metáforas, comparações e analogias no texto sagrado seiscentista

Nas tendências que marcaram as composições literárias portuguesas, tanto no estilo corriqueiro quanto no estilo vulgar, a metáfora torna-se instrumento cuja estrutura é essencialmente semântica com forte potencial de significação. Por essa razão, é muito bem aproveitada nos sermões, cartas, profecias religiosas no século XVII. Como, no contexto seiscentista, o pensamento é envolto pelas preocupações quanto à efemeridade da vida, essa situação acaba por provocar a angústia, responsável pelos estados contraditórios do homem, e a necessidade da busca da espiritualidade. E essa problemática figura-se claramente nos discursos religiosos da época.

O bem dizer é, pois, demasiado importante, já que o orador fica incumbido de construir o seu discurso com base nas referências sociais, culturais, valores morais, enfim, delineando um panorama de transformações políticas e sociais na sociedade, sem perder a ótica da religião.

Apesar da arte de falar em público já ter nascido na Grécia Antiga com o nome de Retórica, o cristianismo, no século XVII, passa a fazer uso desta arte como meio de composição e de pregação, chamada de Homilética – a arte de pregar –, para evangelizar e transmitir os dogmas da Igreja Católica.

Portugal, durante esse período, é marcado pela fortificação da Igreja Católica, em pleno processo de Contrarreforma, e a Companhia de Jesus torna-se a ordem responsável pela educação dos filhos da nobreza, a fim de assegurar a posição da

Igreja, bem como expandir a doutrina cristã. Assim, a retórica jesuítica, baseada nas normas da *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu*⁵⁴, toma o seu lugar como modelo de oratória e como *compositio loci* proposta pelos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola.

Os *Exercícios Espirituais* [1996] consistem em um método pedagógico que envolve os sentidos no objetivo de organizar um lugar mental próprio para representação do mundo divino que possibilite o diálogo com Deus. Assim, características visuais, que provoquem a imaginação e fomentem os sentidos projetados por meio de objetos, imagens e personagens, são estimulados para instigar a memória e a paixão dos ouvintes.

Desse modo, o pregador seleciona as figuras mais pertinentes para detalhar as imagens de acordo com a sua intencionalidade, ou seja, o seu objetivo no discurso. A *compositio loci* funcionava, portanto, como um modo de *evidentia*, projetando o encontro entre os recursos retóricos visual e emocional.

Na tradição cristã desse período, a representação do sagrado na palavra constitui forte presença na prática literária, tomando como conceito o termo poesia “ao divino”, que é a transposição de termos do amor humano ao plano divino, implicando uma ligação entre o mundo terreno e o universo divino (CARVALHO, 2007, p.289). A metaforização nessa poesia busca a divinização poética do mundo material, valendo-se de signos da natureza para instrução da moral cristã.

Na intenção de articular analogia entre o divino oculto e o mundo sensível, a metáfora torna-se um forte artifício para estabelecer a conexão entre os dois mundos, de forma que o homem possa racionalizar os sentimentos religiosos a partir do terreno humano.

Assim, os teólogos seiscentistas utilizam a alegoria retórica de ordem metafórica, a qual não só ornamenta e interpreta os sentidos das palavras pela ação da *translatio*, mas também orienta argumentativamente os discursos.

Nessa época, a alegoria também é considerada agudeza, uma vez que trata oposições semânticas por meio de analogias⁵⁵. Aos teólogos, há a alegoria

⁵⁴ Redigido por importantes jesuítas, sob a direção do Geral da Ordem, P. Acquaviva, o *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu* adquiriu forma definitiva e obrigatoriedade em 1599, após 15 anos de estudos. O centro primordial do ordenamento era garantir a uniformidade de procedimentos, para a consecução dos objetivos propostos, opondo-se à turbulência desencadeada pelo movimento reformista do século XVI (FRANCA, 1952).

⁵⁵ Já a Retórica Antiga considerava a alegoria como metáfora continuada, a qual consistia na substituição de um pensamento por outro, ambos ligados por uma relação de semelhança.

hermenêutica⁵⁶ (de interpretação) –, a qual consiste em “uma técnica de interpretação que decifra significações tidas como verdades sagradas em coisas, homens, ações e eventos das *Escrituras*” (HANSEN, 2006, p. 91). As coisas, os seres e acontecimentos históricos são aqueles nomeados nas *Palavras Sagradas*. É, assim, uma transposição semântica entre os episódios do mundo humano e as verdades da *Bíblia*. Dessa forma, a alegoria do mundo espiritual não está na palavra, mas naquilo que estas representam, buscando a presença divina nas coisas e nos homens.

Nessas composições, temos, em conjunto, o discurso poético, atingindo a finalidade do deleite, do prazer e da satisfação, e o discurso persuasivo, reafirmando, instruindo, aconselhando e orientando a sua doutrina. A virtude da metáfora, então, é que, além de constituir um dos recursos mais importantes da léxis (*elocutio*) – no plano de expressão –, apresenta-se como um meio eficiente de persuasão. Ela tem a capacidade de expressar ideias, emoções e sentimentos que não conseguem ser expressos pela linguagem literal, propiciando ao ouvinte a possibilidade de adentrar um universo de imagens relacionadas com palavras e expressões do mundo conhecido pelo ouvinte de forma compacta, ou seja, na forma que o ouvinte possa ter acesso, para que garanta que informações complexas sejam mais facilmente compreendidas.

Chagas, não diferente de outros religiosos de sua época, procura, pelas suas composições, levar o espírito do ouvinte a compreender seus sentimentos e emoções. Em suas cartas temos, em conjunto, o discurso poético, atingindo a finalidade do deleite, do prazer e da satisfação, e o discurso persuasivo, reafirmando, instruindo, aconselhando e orientando a sua doutrina.

3.3.3. As figuras no engenho de Frei António das Chagas

Compreendendo a relevância desse escritor no século XVII, utilizamos alguns fragmentos de suas cartas para ilustrar o perfil estilístico de suas obras.

O autor, ao tornar seu discurso mais atrativo pelos efeitos proporcionados pelo recurso expressivo das figuras, é capaz de persuadir e, por consequência, produzir determinados resultados eficazes, como a compreensão e a aceitação do discurso pelo seu leitor. Portanto, a imagem figurativa da metáfora religiosa procura direcionar

⁵⁶ Técnica interpretativa dos padres e teóricos da Igreja Católica da Idade Média.

a um entendimento sagrado, tanto pela razão como pela emoção, aproximando o mundo material do mundo divino, com a finalidade de instruir, como vemos, por exemplo, em: “A arvore, a quem derruba o sopro de huma viração leve, como resistirá a hum grande pé de vento, ou a huma tempestade grande?” (Carta XXXV, v. 2, p. 69). Com a imagem de fenômenos naturais, explica que aquele que não resistir a um pequeno sofrimento não resistirá ao sofrimento de sua Cruz, ou seja, os sofrimentos mais intensos. Partilhando um conhecimento comum entre os interlocutores, o efeito persuasivo dá-se no processo de concretização do imaterial (divino) – ou seja, a Cruz, que por si só é alegórico – aproximando-o do interlocutor por meio de imagens da natureza, para que assim, este interlocutor chegue à conclusão pretendida pelo missivista: a necessidade de viver como Cristo – impressão abordada também em outras cartas e obras do Frei –, pois aquele que se abala por qualquer sofrimento, palavra injuriosa, perseguição, não será capaz de “levar aos ombros da paciencia, até o Monte Calvário, outra mais pezada Cruz!”

As observações da natureza seguiam o padrão alegórico, ou seja, havia a tentativa de explicar o invisível por meio de um sinal da realidade, com o objetivo de atingir o conhecimento partilhado capaz de estabelecer a interação entre o autor/leitor, orador/ouvinte.

O mesmo acontece na Carta VII, V. 2, p. 13:

Correi-vos, e envergonhai-vos disto: vede a sede com que os rios, que não tem entendimento, correm para o mar; vede como rompendo por tudo, nem os montes os detem, nem os troncos, nem as pedras, porque a natural inclinação de correr para o seu centro para aquella origem donde sahiraõ, os faz não parar até não chegar ao seu fim ultimo.

Ainda indaga, propondo ao leitor avaliar a intensidade de seu desejo e esforço para alcançar a Deus:

Como vos não correis de que tenha menos força em vós para chegar a Deos huma inclinação divina, sublime, e soberana, do que tem para chegar ao mar nas agoas huma inclinação taõ baixa, e humilde!

Segundo São Tomás, uma das razões do homem é o desejo de conhecer a sua essência divina, já que, conhecendo o efeito, sente a necessidade de conhecer a essência da causa. Como, nessa vida, o homem está impossibilitado de conhecer Deus, mas é estimulado pela razão natural de identificá-lo, encontra, nessa lacuna, a questão da analogia, a partir da linguagem teológica, uma vez que ela representa, a

partir da imitação própria do conhecimento humano, a força dinâmica do desejo humano.

No discurso, o Frei constrói, por meio de um argumento lógico-dedutivo, uma forma abstrata para uma estrutura racional *stricto sensu*, as premissas baseadas na natureza que, tidas como verdadeiras a partir do argumento de autoridade, não devem levar a conclusões falsas, mas a uma certeza da abstração baseada em dados concretos. Ou seja, “se os rios, que não tem entendimento, correm para o mar” (B), é lógico que “o homem, que tem entendimento, deve correr para Deus” (A). Se o B é verdade, é razão para acreditar em A (pensamento silogístico). Em conjunto a esse processo argumentativo, a afetividade, que se apresenta na indagação “Como vos não correis”, agregada à maximização de Deus (inclinação divina, sublime, soberana) e enfatizada pela minimização do mar (inclinação tão baixa e humilde), traz em conjunto um estado emocional provocativo, criando a expectativa de estímulo para o “conseguir chegar-se a Deus”. Dessa forma, para o leitor, a condição de verdade também se relaciona à condição de afetividade, pois a argumentação dedutiva é, por meio da abstração de diversas situações de uso de argumentos, aquela que leva às conclusões necessárias para que se concretize a persuasão.

É preciso esclarecer que o autor não se propõe a descrever uma realidade qualquer, mas apreender uma realidade substancial. Uma característica do Frei Chagas é que faz questão de esclarecer a identidade que propõe entre a imagem e o conceito que determina em seu objetivo. Encontramos assim, uma série de imagens metafóricas as quais, em seguida, são acompanhadas por períodos que procuram justificar o seu raciocínio, cujo objetivo consiste em estabelecer uma correspondência exata entre imagem e conceito, explicada pelo autor:

Para isto já que vos determinastes a ser Religiosas, convem que sigais esta resolução tão determinadamente, que até não chegar ao summo da perfeição, e do Amor de Deos, não levanteis mão desta obra, fazendo todos os dias por dar algum passo adiante nas virtudes, para que servindo-vos de escada para o Ceo, e para o Divino Amor, não pareis até não chegar ao fim desta Divina empresa, assim como não parao os rios, até não chegar ao mar, não, não faça pois mais por amor do mar hum rio, que huma alma por Amor de Deos (Carta XXXV, V.2, p. 65-6).

Dentro do mesmo esquema anterior, o autor reforça a mesma relação metafórica, segundo a qual conduz a ideia de que as religiosas devem buscar incessantemente a Deus.

Segundo Hansen (2006), as metáforas comuns e cotidianas aparecem nos discursos religiosos para atingir o maior grau de receptividade, pois é necessário que sejam de fácil assimilação:

Os mosquitos contentaõ-se com picar e zunir eu sou mosquito de Deos; pico, para que os que dormem despertem; zuno, para que todos acordem; não quero mais nada que ver a todos abrir os olhos, e que os ponhaõ no Ceo (Carta LXXXI, V. 2, p. 155).

A visualização provocada pela sinestesia passa a ser mais persuasiva do que a argumentação lógica. Ao compor um discurso, no qual, de certa forma, a mensagem em si não pertence ao produtor, mas a uma autoridade irrefutável que é Deus, o autor usa implicações de sentidos segundo seus próprios pareceres. Contudo, apesar de não recorrer a argumentos com comprovações científicas, há a preocupação em elaborar um discurso compreensível. Toma a si a função de “falar em nome de Deus”, de forma como tão natural é o fazer do mosquito em “picar” e “zunir”, que assim também o é, para o Frei, evangelizar. Torna-se, pois, representante da palavra de Deus no plano terreno. Na retórica, trata-se de argumento de autoridade. Incontestável pelo peso de quem o endossa. Por essa razão, baseia-se em fatos empíricos que estejam aliados ao conhecimento de seus interlocutores. Uma vez que a verdade divina é inquestionável, imutável e sacramentada, ou seja, não é possível que haja reversibilidade no discurso religioso, a construção do pensamento analógico possibilita conectar conhecimentos, por meio de associações de fatos cotidianos, já conhecidos, vividos pelos leitores e/ou ouvintes, ou similitudes entre fenômenos, a fim de tentar explicar as sensações do universo divino.

Com vasto campo de estudo desde a Idade Média na Europa, a modalidade da analogia de raciocínio teve grande influência na cultura cristã. A *Bíblia* apresenta diversas analogias que perpassam o *Antigo Testamento* e o *Novo Testamento*, demonstrando o mundo, a partir da visão de Deus, materializado pelas palavras. Na intenção de aproximarem-se de Deus, os cristãos atentam-se à natureza, entendendo as leis naturais, para relações comparativas ao universo divino, o que no processo de construção dos argumentos do Frei os habilita mentalmente (e, portanto, persuade-os) a participar das ações divinas.

De acordo com os estudos de São Tomás de Aquino (s/d, p.147),

(...) nosso conhecimento natural se origina nos sentidos. Portanto, este conhecimento natural pode se estender até onde pode ser conduzido pelos objetos sensíveis. Ora, a partir dos objetos sensíveis nosso intelecto não pode alcançar a visão da

essência divina; porque as criaturas sensíveis são efeitos de Deus que não se igualam ao poder da causa. Por esta razão, a partir do conhecimento das coisas sensíveis, não se pode conhecer todo o poder de Deus, nem por conseguinte ver sua essência (...) Deve-se dizer que Deus é conhecido naturalmente por meio das representações imaginativas de seus efeitos.

Portanto, sendo as coisas sensíveis efeitos de Deus, é por elas que se pode conhecê-Lo, uma vez que Ele é a causa. Ou seja, o homem é a imagem do Criador – “Façamos o *homem* à nossa *imagem*, conforme a nossa *semelhança*” (Gênesis 1:26) – e a criação, fora do homem, é vestígio, indício de Deus – :

Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido observados claramente, podendo ser compreendidos por intermédio de tudo o que foi criado (Romanos, 1:20).

Por isso, seus vestígios produzem conhecimento sobre a obra do Criador.

A partir da doutrina tomasiana, o recurso à analogia é tratado frequentemente como procedimento de argumentação na teologia. Em várias passagens da liturgia cristã, são corriqueiras as estruturas analógicas para preservar os atos divinos em documentos humanos. Assim, pensar recorrendo à analogia significa estabelecer laços entre o mundo terreno e o mundo divino, estabelecendo relações de semelhança entre realidades completamente diferentes, de forma que a razão seja capaz de determinar mais de perto a analogia com a natureza ou algum fato de entendimento do leitor,

A busca dos autores religiosos seiscentistas na formulação de um discurso acessível está na intenção de que o leitor/ouvinte possa compreendê-lo, uma vez que a eficácia da metáfora só se concretiza na proporção em que este acreditar em sua existência.

Portanto, é fundamental definir o recorte espaço-temporal na análise das metáforas – visto que ela é retirada de seu contexto original e revestida em outro por uma nova relação de semelhança –, bem como definir as teorias retóricas, para verificar sua eficácia nos ouvintes.

Assim, por meio de figuras, de oposições clássicas como céu/inferno, Deus/Diabo e de outras expressões cristalizadas, somos capazes de resgatar as matrizes do pensamento de uma comunidade religiosa e entender a potencialidade dessas expressões nos discursos. O Frei Chagas utiliza-as vastamente: “que quem está unido, com tudo folga: com Diabos, e com Anjos, com Infernos, e com Ceos, com

cargas, e com alívios” (Carta XXI, V. 2, p. 45); ou ainda, vemos em: “Longe está V.M. de fazer o officio do diabo no que me diz, antes nunca fez mais os officios de Anjo da Guarda” (Carta XVIII, V. 2, p. 38). A metáfora, dessa forma, participa como estratégia argumentativa no discurso e não se centraliza apenas na palavra, pois o seu sentido é revelado em toda estrutura discursiva. Não temos, pois, palavras metafóricas, mas estruturas metafóricas.

Vejamos, o que acontece, por exemplo, nesses casos:

porque estes são os sinaes, assim como são sinaes de estar perto a Primavera, comecem a arrebentar as arvores; entendei pois, que quando andardes arrebentando, mas alegres (isto he com que Deos faz) de vós, passando o Inverno das friezas do Amor de Deos, começais a florecer, e dar flores fermosas, e cheirosas, das virtudes, e depois fruto de obras heroicas, e que enfim passando este Veraõ da alma, para o Estio abrasado do Amor de Deos ardentíssimo, com o calor de suas communições, favores, e beneficios, vireis todas a derreter-vos, e transformar-vos nelle (Carta XXXV, v. 2, p. 71).

O inverno representa a distância do Amor de Deus, enquanto a primavera representa o momento de realização das virtudes, o qual trará, como consequência, as boas obras, também associadas aos bons frutos. No Verão se encontra o ponto auge daquele que só realiza boas obras: colher os benefícios do amor de Deus; e o faz tão profundamente que transfigura o homem no próprio amor de Deus. Quando se sente complacente à transformação, é o momento de “arrebentar”, assim como as flores. A hipérbole metafórica “arrebentar de alegria” apresenta o significado de desabrochar, brotar, e, no sentido figurado, de estar repleto da sensação ou do sentimento de ser fruto/obra de Deus.

Numa série de marcadores temporais, sejam conjunções ou advérbios, as estações passam numa gradação crescente, proporcionais ao ato de o homem chegar até o Amor de Deus. A metáfora entre ‘homem’ e ‘árvore’, traz a significação partilhada de gerar algo proveitoso. Dessa forma, o que os diferencia são os sememas de cada um: homem = virtudes, obras heroicas; árvores = flores, frutos. Há o processo das estações, que se realiza na passagem das flores ao fruto, assim como o homem aproxima-se de Deus no caminho das virtudes em direção obras heroicas. Nas metáforas flores = virtudes e frutos = obras heroicas, efetiva-se a sinestesia em flores fermosas e cheirosas das virtudes, “a beleza que exala”. A alegoria ocorre para ligar o plano terreno ao plano celestial, para a representação do terreno, próxima do interlocutor, passar do plano humano para o plano divino. O “Estio” será, portanto, o outono, o ponto máximo, que é o Amor de Deus.

Há, assim, um processo contínuo, gradativo: Inverno – Primavera – Verão – Outono: arrebenta, floresce, sai fruto, amadurece. O fruto é consequência dos processos anteriores, assim como as obras heroicas são consequências das virtudes. O Verão intensifica-se (abrasado, ardentíssimo, calor, derreter-vos) até chegar ao Estio, ou seja, a árvore seca. Ao tratar de um pensamento hiperbólico, há o que chamamos de gradação, de modo crescente, para despertar afetos e a criação de imagens afetivas que ultrapassam a realidade. Essa gradação mostra-se por meio de uma sequência amplificada de construção coordenada (“começais a florescer, e dar flores fermosas, e cheirosas, das virtudes, e depois fruto de obras heroicas, e que emfim passando este Veraõ da alma”), conduzindo ao clímax (Estio = Amor de Deus).

Afastado de Deus, o homem enfrenta os rigores do inverno que se traduzem em sofrimentos (as chuvas, as tempestades, e as perturbações do ar, as carrancas dos céus, as inclemências dos tempos, as inundações do mar, e as asperezas da terra), ligados ao mundo terreno, pois qualquer perturbação traz dor:

Quem caminha em tempo de Inverno, sente muito o vento, que lhe dá no rosto, e por isso com a capa, ou com o braço faz por se defender do vento. No tempo do Estio não he assim: antes aquelle mesmo ar, que no Inverno dava pena, he viração, que dá gosto. E o que antes por penoso se aborrecia, entãõ por suave se ama; e por isso se abre o peito, se descobre o rosto, e se tira a roupa, para que por toda a parte o vento se receba. E de que nasce isto? De que o Inverno há muito frio, e no Veraõ muito calor. No Divino amor he o mesmo. A quem está frio no espirito, qualquer vento de mortificação he tormento. Por isto contra a enfermidade, afflicção, e adversidades se usaõ milhares de artificios, defensivos, e remedios. E isso he sinal de estar huma Alma no Inverno das tibiezas se o calor divino. Ao contrario, os que estão no Veraõ da Graça, no Estio do Amor de Deos, abrem-se, expõem-se, anhelãõ, suspirãõ pelas mesmas afflicções, que eraõ o seu fastio, amaõ as mortificações, os desprezos, e adversidades no gosto, e no espirito, de fóra, e de dentro (Carta II, V. 1, p.6).

Representando as fases da vida do religioso, o Frei deixa claro que aqueles que estão no Verão, ou seja, tomados pelo Amor de Deus, entendem que o sofrimento deve ser uma mortificação, um prazer para quem procura as coisas divinas.

Temos a seguinte oposição:

Tempo de inverno	x	tempo de Estio
Vento= pena		ar suave (viração que dá gosto)

Aborrecia	se ama
Consequência:	Consequência:
Capa ou braço para se defender do vento	se abre o peito, se descobre o rosto e se tira a roupa para receber o vento

Essa oposição, refere-se à seguinte estrutura metafórica:

Alma sem Deus (frio no espírito)	x	Verão da Graça Estio do amor de Deus
Vento de mortificação		Vento de mortificação
Tormento (fastio)		abrem-se pelas mesmas aflições
Consequência contra as Adversidades, enfermidade, Aflição: artifícios, defensivos, remédios.		amam as mortificações, o desprezo e adversidades no gosto, e no espírito, de fora, e de dentro.

Para compreendermos o raciocínio nesse discurso, é preciso entendermos o clima de Portugal. As estações do ano, na Europa, mais especificamente em Portugal, podem atingir, no verão, cidades com temperaturas muito elevadas (40°C nos dias mais quentes). No inverno, as temperaturas caem abaixo dos 10°C, com fortes ventos e, nas regiões mais altas do país, encontra-se neve em abundância. Além disso, há possibilidades de atingir até 10 dias de chuvas incessantes. Na primavera e no outono, as temperaturas são amenas, variando entre os 10°C e os 20°C. Já na primavera e no outono, as temperaturas são mais amenas, variando entre os 10°C e os 20°C.

As fases sucessivas de ações: “abrem-se, expõem-se, anhelão, suspirão” (coordenação dos verbos) há ordem correspondente com o isocólon de frases

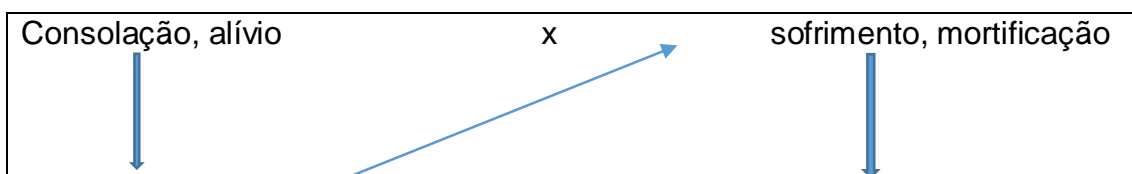
completas sintaticamente coordenadas: “se abre o peito, se descobre o rosto, e se tira a roupa”. A partir do campo lexical de Verão, o Sol faz também parte do universo religioso como metáfora de Deus, sendo este a luz e o calor da alma daqueles que O deixam fazer morada. Verão, diante de Deus, é parar de viver no pecado (despirmos das vestes pesadas do pecado) e de buscar a santidade (revestir da veste leve e pura da santidade). O Verão é a fase de ver as virtudes gerarem obras heroicas e sentir prazer, não ter temor das mortificações, desprezos e adversidades. Por outro lado, o Inverno refere-se a um tempo de adversidade espiritual, tempos difíceis, lutas, batalhas, de tibiezas (fraqueza, frieza, desânimo).

Nessa referência ao tempo, – tempo cosmogônico, por projeção temporal (tempo elástico) – o autor, pela construção metafórica, leva o leitor a comparar sua vida (nascimento, fertilidade, maturidade, velhice) ao ciclo solar divino – aurora, meio dia – ou ao ciclo anual das estações. Por conseguinte, considerando que o homem compreenda a linguagem da natureza, assim como experimenta os reflexos das estações do ano, a sua alma também vive as quatro fases.

Outra estrutura metafórica de opostos encontramos na escolha entre dois caminhos, os prazeres mundanos ou a salvação eterna, o terreno e o divino. O autor constrói alegorias a fim de demonstrar a dualidade do homem, causa de conflito existencial da época:

Quem fosse ao Monte Calvario a comer pessegos, e cereijas, e em lhe faltando isto não quizera estar alli, que espirito tivera? que disseramos de sua devoçãõ? Assim cuidando nas penas de Christo, querer consolação nesta pena; cuidando nos seus desamparos, estranhar não ter allivios; he ir buscar a fructa, e naõ a Christo; o gosto e naõ o Divino Amor (Carta CL, V. 2, p. 276).

Segundo o trecho, não são os caminhos mais fáceis que levam a Deus, os mais fáceis enganam, por isso, é preciso sofrimento, humilhação, mortificação para ir a Deus. Pelo recurso da argumentação interrogativa, dá a entender que não se deve buscar a consolação para ter o amor de Deus, senão encontrá-lo no sofrimento. Há, pois, uma amplificação na peripécia da busca do objeto: em não encontrando a fruta, a mortificação resulta no encontro com Cristo:





E completa que, para alcançar o Divino Amor, deve-se ser como Cristo: “padecendo, amando, imitando, sentindo, e transformando-nos no mesmo Senhor”. Oferecem-se, assim, dois caminhos, mas é preciso refletir sobre o objetivo que cada um deles atingirá. Eis aí a marca da persuasão pelo recurso retórico da interrogação, pois, ao enunciar “que disséramos de sua devoção?”, o autor solicita ao público um conselho acerca da conformação do discurso, em razão da dificuldade da matéria, atribuindo ao interlocutor a sua opinião, ainda que a opção esperada seja aquela que está no ponto final da persuasão: Deus.

Ao fazer referência ao Monte Calvário, a própria intertextualidade com a Bíblia já implica sofrimento, como se este fosse consequência do lugar, por se tratar do local onde Cristo foi crucificado. A intenção direcionada por meio desses questionamentos leva a compreender que não se deve pedir a Deus que o livre dos sofrimentos, mas que este ajude a suportá-los, pois, é pela mortificação e espírito de penitência que se aprende, segundo suas cartas, a tirar os defeitos da vida pessoal e a amar mais a Deus, uma vez que toda a vida cristã deve basear-se no seguimento de Jesus, que carregou a cruz. Por conseguinte, o Monte Calvário tem como virtuem a o sofrimento, o que estabelece uma relação antitética com querer ter gosto de buscar frutos terrenos ao subir ao Monte Calvário.

A antítese fundamentada pela coordenação – “he ir buscar a fructa, e não a Christo; o gosto e não o Divino Amor” – constitui um meio da refutação, é a polaridade disjuntiva como premissa, chamando-se a esta última dilema. O esquema do isócolo como sequência linear paralela dos correspondentes constitutivos cria, do engano da peripécia, a metáfora da mortificação como prova espiritual.

Seu pensamento reforça-se em: “se pois não podemos sofrer por seu amor huma palavra, que he vento, huma injuria, que he proveito, e huma perseguição, que he nada; como prestaremos para levar aos hombros da paciencia, até o Monte Calvario, outra mais pezada Cruz?” (Carta XXXV, V. 2, p. 68-9). Ou seja: palavra= vento; injuria=proveito; perseguição = nada. Essas orações adjetivas refletem na minimização de tribulações de forma a demonstrar que não podem fazer o homem

desistir de sua cruz. Se não suporta as tribulações como poderá suportar sofrimento maior? Deduz, portanto, que o fraco não conseguirá suportar seus sofrimentos.

Em mesma relação antitética, Chagas aborda os contrários neste trecho:

O caminho de hua alma para Deos, ás vezes espiritualmente se parece com os caminhos da terra, hua hora se vay por campos de flores, outra hora por mattos de espinhos, ora por valles, ora por serras, o negocio de quem caminha, consiste em naõ parar, e ir por diante, ou seja por serras ásperas, ou por valles aprazíveis, ou por flores de consolação, ou por espinhas de tribulação, a pezar de que picaõ, e magoaõ. (Carta XXXVIII, V. 2, p.79)

Temos, assim, as seguintes oposições: campos de flores x matos de espinhos; vales x serras; vales aprazíveis x serras ásperas; flores de consolação x espinhas de tribulação. A partir do isocolo (paralelismo) sintaticamente coordenado, pela conjunção 'ora' e 'ou', os grupos de frases no fragmento tornam-se dependentes semanticamente entre si, uma vez que os quais podem ser sintaticamente abrangidos (zeugma, *adiunctio*) por meio de uma parte frásica, instalando uma polaridade contraditória – polaridade disjuntiva – não excluindo as possibilidades, mas direcionando argumentativamente a um fim único: Deus. Dessa forma, ao ser mais específico, determinando serras, vales, flores e espinhas, com adjetivos e adjuntos ásperas, aprazíveis, de consolação, de tribulação, o autor utiliza imagem sinestésica para provocar os sentidos para despertar prazer e sofrimento.

Ao aproximar “os caminhos da terra” ao “caminho de hua alma pra Deos”, o Frei enfatiza que, diante das oposições, Deus trilha caminhos inesperados. Assim, não importa como está cada caminho, mas a forma que o homem escolhe de valorizar tais obras, seja na consolação, seja na tribulação. Tanto o prazer quanto o sofrimento só têm significado a partir do seu propósito. Portanto, a relação não está no lugar físico, mas em como o espírito encara as provações e os desafios.

Outro caso de relação antitética há em:

A queda que para o vidro he ruina, para a pedra he descanso, e sossego: os fracos como o vidro quebraõ, em cahindo perdem-se, quebrandoselhe o coração, o animo, e a confiança; e maior dano lhe faz a sua fragilidade, que a sua queda. A pedra como he forte, na sua queda descanso, e quanto he maior o baixo a que se despenhou, maior segurança adquirio; porque no mesmo precipício achou fundamento para maior fortaleza (Carta XXIV, V.2, p. 47).

A antítese inicial imposta entre vidro e pedra determina argumentativamente todo o raciocínio posterior:

Vidro (frágil)	x	Pedra (forte)
Ruína	x	descanço e sossego
Quebrão	x	descança
Perde ânimo e confiança	x	ganha segurança e fortaleza

Por meio de um estudo bíblico, o apóstolo Paulo, em Romanos (14:1-15:13), volta-se para dois grupos de comunidade cristã: os fracos e os fortes. Segundo ele, ao fraco não lhe falta vontade, mas falta a força, a impotência, ou melhor, a liberdade de consciência advinda de uma fé debilitada. Já o forte, atribui àquele capaz de suportar as calamidades com coragem, paciência, pois é maduro na fé e firme nas virtudes.

As consequências para os dois tipos de fé não advêm da causa, mas de seu entendimento da liberdade cristã, ou seja, o livre-arbítrio (frágil, para o vidro; forte, para a pedra), pois, enquanto o homem frágil é impossibilitado de carregar seus fardos, o homem forte, instruído pela consciência da fé, aprende a ter mais forças na mesma experiência vivida pelo outro: “porque no mesmo precipício achou fundamento para maior fortaleza”.

Essa mesma ideia está desenvolvida em várias outras cartas⁵⁷, em que o homem se assemelha à árvore, e o vento, às tribulações: “A árvore que está no cume de um monte, por leve que seja o vento, ou a viração que sopra, logo se move, e se inquieta. Não é assim a que está no fundo do valle, a quem por sumida no profundo, nem ainda as tempestades movam.” (Carta XXIV, V.2, p. 48) O homem que se vangloria sofre com qualquer tribulação, mas aquele que permanece na humildade não se abala com os sofrimentos. O livre-arbítrio está na escolha dos caminhos, contudo, dentro de limitações (= valle). Assim, reconhecer os defeitos, as fragilidades, é assegurar-se na humildade, na qual consiste em fugir das armadilhas do ego.

⁵⁷ “Senhora Arvore, que com pequena tempestade cahe, ou tem poucas raízes, ou he muito tenra ainda; VS. que com pouco se turba, ou a virtude he tenra, ou não tem nenhum fundamento, e as raízes da humildade; queira Deos que ainda não seja peyor” (Carta XXXVI, V. 2, p. 74).

“Nam se lhe dê que a reprehendam. Porque he muito tenra arvorezinha, que tem medo de hum pouco de ar, tendo mais razão para temer o fogo” (Carta II, V. 1, p. 8).

“A arvore, a quem derruba o sopro de huma viração leve, como resistirá a hum grande pé de vento, ou huma tempestade grande? (Carta XXXV, V.2, p. 69).

Na Carta CCXXII, V. 2, p. 400-1 – “toda a Náo, e navegação, senão há naufrágio, mais hoje, mais a manhaã vai parar ao porto, assim chegaremos nós, sendo Deos servido, a essa terra, se a morte nos não despachar desta vida” –, há uma relação cíclica que nos remete, pela condicional (“se a morte nos não despachar desta vida”), à relação metafórica entre: nau, navegação=homem, Deus = porto, naufrágio=morte.

No que se refere à navegação, o homem enfrenta e submete-se ao oceano ou a terra (plano cósmico). O destino é chegar ao porto, ou seja, o fim do homem é chegar até Deus. Contudo, para se chegar a Deus implica uma possibilidade: se a morte não a despachar da vida (tragédia), que, como raciocínio final, torna-se um tom provocativo, patético, a fim de abalar com grau violento de afeto, cuja influência pretendida pelo orador visa excitar a sua finalidade, a mediação feita entre as duas isotopias [naufrágio (i1) = morte (i2)] é feita de modo menos abrupto, pois, ao invés de apresentar a (i2) logo no início, revelando a equivalência, introduz no final de seu raciocínio, por meio do advérbio “assim”, ordenando o pensamento consecutivamente.

Além disso, há o quiasmo, reforçando o emparelhamento da metáfora: A. Toda nau é navegação/condicional/ destino; B. Destino/condicional. Portanto, a condição para chegar a Deus: “sendo Deus servido na terra”, é a condição para o destino certo; é a delimitação que diverge de toda nau. Quanto à questão temporal - “mais hoje, mais amanhã” –, esta simplesmente não determina nada, pois, não importa o tempo que leve o destino, ele é certo, mas depende da ação do homem na terra, isto é ‘a arte de navegar’, a condução individual da vida.

A Carta III (V. 1, p. 11) de Frei António das Chagas aborda o mesmo raciocínio: “Porque na tempestade ninguém navega como quer, senão como póde. Mas sempre que possa, entre por esta porta: que o mais, he ser ladraõ. E no Ceo, não se entra, senão por caminho direito.” Vejamos, que o verbo “poder” indica duas significações: possuir a capacidade de; e ser autorizado para. Possuir a capacidade de enfrentar a tempestade ou navegar conforme as leis de Deus. Mas, nas duas ideias, é necessário enfrentar as tribulações (tempestade), pois é o sofrimento a porta de entrada no céu. Mais uma vez se reforça a argumentação da necessidade do sofrimento, uma vez que o sofrimento permitido aos ímpios tem por objetivo levar o homem a viver uma vida correta, leal à sua fé e aos seus propósitos mesmo sob as maiores tribulações.

Nas relações antitéticas, conceitua a sua maneira as diferenças entre o homem e Deus:

vós sois huma creatura miseravel, hum sacco de esterco, hum costal de bichos, e hum homem peccador (...) e sendo Deos a mesma formosura, e a maior Magestade, sabedoria, e bondade, e outras mil perfeições sem numero, não vos atreveis vós a fixar nelle os olhos por breve tempo, como se nesta memoria sua se deitara a perder a vossa vontade (Carta VII , V. 2, p. 13).

Há uma amplificação coordenante assindética de definições em função de predicativo, primeiramente disfóricos e depois eufóricos. O adjetivo, ou atributos adjetivos, tem uma função enunciativa que vai além do sentido próprio, pois constitui um *status* em função de um ponto de vista partidário, empregado com intenção de causar estranhamento. A amplificação negativa referente ao homem e a amplificação crescente em adjetivos positivos sobre Deus constroem a imagem degradante do homem em oposição à superioridade de Deus. Assim, o Frei traça a separação entre o homem e Deus e a santidade compara-se à Sua glória, ou seja, é um atributo em padrão absoluto somente de Deus. A santidade de Deus indica que é perfeito, puro, verdadeiro, justo e bondoso, com toda perfeição moral. Portanto, é o próprio bem, se isso, o pecado, consequência da maldade, acaba por contrariar a própria natureza divina, pois, sendo o homem criatura, faz parte de seu ser apenas o que vem de seu criador.

Continua, assim, a explicação dos propósitos de Deus:

... porque ninguém tempera o veneno com fel, com açúcar muitas vezes: assim quando o que se sente he mais suave, pode ser às vezes mais suspeito, porque o Demonio, que se veste de Anjo para nosso cozinheiro, guisa os seus pratos com o que sabe bem, para que faça mal; e Sua Divina Magestade exercita-nos na influencia do que parece mal, para que dalli se tire bem (Carta CL, V. 2, p. 275).

A carta apresenta a oposição em um paralelismo antitético: fel x açúcar; demônio x anjo; mal x bem. Bem e mal são apresentados como opostos engajados em um combate espiritual, em que o Demônio, disfarçado de Anjo, seduz o homem com coisas que o agradam. Dessa forma, o mal aparece como algo mais atraente, agradável, difícil de resistir, contudo é estratégia para que forme um pecador. Observemos que o Frei utilizou os sentidos (visão: anjo e paladar: açúcar) para demonstrar os enganos do Demônio. Por provocar esses sentidos, mesmo sendo mal e destrutivo, deseja para si, cometendo, em consequência, o pecado.

Segundo o autor, o demônio tem como objetivo fazer com que o homem perca a sua alma. Portanto, nem sempre lhe é interessante tentar o homem pelo sofrimento,

mas mantê-lo no conforto dos bens materiais, metonimicamente representado pelos “pratos temperados com açúcar”, assim, estando envolvido com esse mundo, não resistindo às tentações (açúcar), o homem perderá a sua alma. Em contraposição, está o propósito de Deus, pois “exercita-nos na influencia do que parece mal”, isto é, oferece bens que podem ficar desagradáveis. Conforme a *Sagrada Escritura*, “ninguém, ao ser tentado, deve dizer: ‘É Deus que me tenta’, pois Deus não pode ser tentado pelo mal e tampouco tenta alguém.” (Tg 1:13), o que é permitida é a provação para que o homem cresça no amor, na fortaleza e na santidade⁵⁸, atributos estes importantes aos que almejam chegar a Deus, assim como declara em:

A morte é espantinho de miseraveis; mas he sede continua dos que amaõ a Deos. Porque he meyo necessario para nos unir com a presença, e vista Divina.(..) Toda a frieza que nos ata, e embaraça, he falta de amor de Deos: que se houvera amor, a mesma pena, que na frieza nos espanta, no ardente do amor grande alegria nos dera. (Carta II, V. 1, p. 6)

Há duas visões para a “morte”: “espantinho de miseraveis” x “sede continua dos que amaõ a Deus”. Nesse antagonismo, miseráveis são aqueles que tem frieza espiritual, ou seja, o menosprezo da necessidade de estar em comunhão com Deus, causada pela falta de amor de Deus. Já, àqueles que possuem o amor, não tem a frieza, portanto, o sofrimento só dá a alegria. Dessa maneira, para os que já conhecem a Deus, a morte é um desejo, mas para aqueles que não se aproximam, a morte é temor. Por outro lado, “o espantinho” pode se referir ao engano do mundo, em contraposição à busca do eterno (invisível).

A progressão de sua ideia primeira ocorre por meio das oposições: frieza do amor de Deus x ardente amor de Deus; pena x alegria, apresentadas na mesma sequenciação proposta no tópico, com o recurso do hipérbato, a fim de enfatizar e progredir argumentativamente a morte como “sede continua dos que amaõ a Deos”.

Caso relevante é a tentativa do Frei explicar um estado de êxtase espiritual, e fá-lo de forma clara ao estabelecer a comparação com uma panela no fogo:

E como Graça, e o Amor de Deos, he infinito, logo que a creatura tem alguma cousa della, ferve, e deseja ardentemente sahir de sy toda, e chegarsse àquelle infinito Senhor, como a panella, que tem grande fogo, q entrou na agua, este sobe em cachoens fóra da panella, e se dezeja ir, e sahe. Porque aquelle calor de fogo, q entrou na agua,

⁵⁸ Mesmo caso: enfrentar as provações, porém ainda não tem a força para fazê-lo: “lembrese V.M. do que está devendo a Deos sendo muito miserável, e que o peita elle com essas branduras porque lhe não caya no caminho, e porque ainda não he tão forte que o possa sustentar com fel de Dragões, e Biboras, que a outros se lhe poem por mesa” (Carta XXI, V. 2, p. 44-5).

dezeja unirse com o fogo, que està fóra, que he o seu centro; e dezeja tambem deitar fóra toda a agua, que lho impede: que isto he a nossa vida, e a panella nosso corpo, e a quentura o Amor de Deos, de que as fervuras nascem (Carta IV, V. 1, p. 14).

O êxtase espiritual, diferente do êxtase físico, provocado por substâncias, parece-nos ser, segundo as cartas do Frei, privilégio daqueles que vivem nos constantes exercícios espirituais.⁵⁹

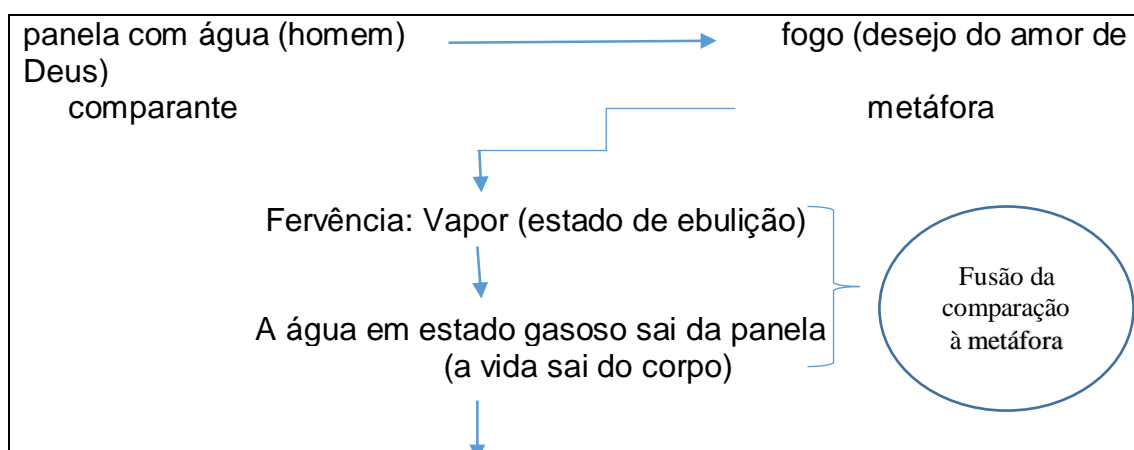
Várias passagens bíblicas comentam este fenômeno:

No dia seguinte, por volta do meio dia, enquanto eles viajavam e se aproximavam da cidade, Pedro subiu ao terraço para orar. Tendo fome, queria comer; enquanto a refeição estava sendo preparada, caiu em êxtase. (Atos 10:9,10)

Ao pôr do sol, Abrão foi tomado de sono profundo, e eis que vieram sobre ele trevas densas e apavorantes. (Gênesis 15:12)

E levantou-me o Espírito, e ouvi por detrás de mim uma voz de grande estrondo, que dizia: Bendita seja a glória do Senhor, desde o seu lugar. (Ezequiel 3:12)

Na tentativa de explicação do estado de êxtase, daquilo que escapa à compreensão do ser humano (rodeado de mistérios), persuasivamente Chagas constitui por si só uma alavanca da curiosidade, desperta o interesse em experienciar o sentimento, reforçando, assim, as causas, ou seja, os exercícios espirituais. São essas práticas que excitam, no caso, os orantes, a entrar em um estado parcial ou totalmente psicoespiritual, e, para concretizar as sensações deste estado indizível, estabelece a seguinte relação:



⁵⁹ Etimologicamente, significa, pelo dicionário da língua portuguesa *Aurélio*, do grego *ékstasis*, pelo latim *extase*, como "arrebato íntimo; enlevo, arroubo, encanto" ou "admiração de coisas sobrenaturais; pasmo, assombro" ou, ainda (e, neste caso, com sentido psiquiátrico), como "fenômeno observado na histeria e nos delírios místicos, e que consiste em sentimento profundo e indizível que aparenta corresponder a enorme alegria, mas que é mesclado de certa angústia: fica o paciente quase de todo imobilizado, parecendo haver perdido qualquer contato com o mundo exterior".

Sobe para unir-se a Deus (primeiro fogo:centro) → eficácia

A complementação da explicação analógica aparece no último período, deixando clara a relação estabelecida entre os termos, característica esta vista em vários outros trechos das cartas.

Portanto, de acordo com as amostras, podemos afirmar que, no que diz respeito aos conceitos teológicos, o homem apresenta dificuldades em apreender um conceito, ou seja, conceber uma ideia sem um contato com a realidade concreta. Assim, as noções abstratas devem ser ligadas à sua percepção sensorial, a fim de que o discurso seja compreensível ao outro. As figuras de analogia, comparações, metáforas, dessa forma, propiciam essa representação tornando o conhecimento sensível.

Ao utilizar a figura de linguagem, há, na sua limitação dois pólos: o significado presente e o ausente. No que concerne à sua receptividade, o leitor deve ter consciência da importância de compreensão que há a ambiguidade do significado, que a expressão a ele é apresentada está além do literal, uma vez que a metáfora deixa o seu significado e passa a buscar outro numa relação de semelhança; é a essa significação, transferência de sentido, a qual compete ao conhecimento, ao contexto e ao valor afetivo do leitor. Por essa razão, podemos afirmar que a metáfora é uma manifestação da subjetividade.

Pensando assim, foi pertinente ao Frei manejar seus argumentos de forma mais próxima possível da lógica e da verdade – de uma lógica que se funda uma verdade convencionada à autoridade bíblica como forma de condução de seus argumentos –, já que, ao manifestar o seu ideal argumentativo, o qual não existe no plano terreno, necessitou de sua condição de porta-voz da palavra de Deus para expressar-se com verdades incontestáveis, valores universais admitidos por todos os seres que creem na doutrina cristã.

Contudo, há ainda o risco de sua ideia ser negada mais adiante, de forma que ao leitor é permitida a discordância (figura utópica do equívoco), razão para que o Frei, por meio das estruturas metafóricas, exemplifique, esclareça, justifique por meio da comparação com a realidade objetiva, argumentos do senso comum da experiência do público em geral.

Além disso, precisamos considerar que os interlocutores ideais das cartas correspondem a leitores pertencentes ao universo católico, o que trata de um universo de dogmas e crenças partilhado, ou seja, a argumentação do Frei, suas proposições e afirmações, são dirigidas a esses interlocutores, cientes de que há entre autor e leitor uma convicção.

A busca do Frei por produzir provas para intensificar a adesão é amenizada quando se instaura o seu discurso por meio das cartas, a interlocutores que não só versam sobre a realidade concreta, mas partilham valores, hierarquias, em consonância ao ponto de vista determinado e identificado com o do emissor. Por conseguinte, aqueles que partilham um conjunto de valores colocam-se mais receptivos às teses do escritor/orador.

Assim também se realiza esse processo nos casos de símile e de analogia, contudo, o que os faz divergir da metáfora é que dois termos são colocados em confronto como se a metáfora fosse um microuniverso estruturado pela comparação, partindo para uma função explicativa e racional, tendo como fim um processo didático. Portanto, os termos são preservados no seu mesmo universo de relações semânticas sem que a estrutura lhes altere as significações (CHERUBIM, 1989).

Quanto à analogia, os argumentos estabelecem semelhanças entre dois casos, os quais partilham de certos atributos, estabelecendo uma relação de semelhança. O pressuposto, ou subentendido, está na premissa implícita em que, por serem semelhantes em alguns pontos, serão também semelhantes em outro, constituindo, assim, argumentos plausíveis segundo tal analogia, como vemos em:

Assim como o fim de quem cava na vinha, he achar o thesouro; assim como o fim de quem lavra, e semea a terra he recolher o fructo; assim o intento de serdes Religiosas, e esposas de Christo, he serdes santas (Carta XXXV, v. 2, p. 65).

Fazendo alusão à experiência humana – do plantio e da colheita –, o Frei, por meio de estruturas paralelas traça o objetivo das religiosas, de forma que este será proveitoso e trará satisfação. O uso do conectivo “assim”, para explicar a associação de sentido entre imagem e conceito, repete-se várias vezes, de forma a relacionar fatos cotidianos com a ideia que pretende passar. Há, pois, o seguinte modelo A está para B, assim como C está para D:

O intento de serdes Religiosas, e esposas de Christo (A), he serdes santas (B)
--

O fim de quem cava na vinha (C), he achar o thesouro (D)
 O fim de quem lavra, e semea a terra (C), he recolher o fructo (D)

Ou seja, a relação que “o intento de serdes religiosas” estabelece com “serdes santas” é idêntica à relação que “o fim de quem cava na vinha/o fim de quem lavra, e semea a terra” estabelecem com “he achar o thesouro/he recolher o fructo”.

No entanto, essas relações não provam que seja rigorosamente a verdade, mesmo porque, por uma análise mais detalhada há divergências, pois, por exemplo, “intento” tem proximidade significativa com “fim”, porém, não iguais. Vejamos a seguir.

O paralelismo estabelecido pelo conectivo “assim como” estabelece a analogia conduzindo a uma finalidade, um objetivo, uma circunstância com fim certo:

o fim de quem cava na vinha ----- achar o tesouro
 o fim de quem lavra se semeia a terra----- recolher o fruto

Estabelece um pensamento silogístico, conduzindo seu discurso argumentativamente na demonstração da seguinte finalidade:

o intento de serdes religiosas e esposas de Cristo ----- serdes santas

Há, portanto, paralelismo trimembre em: tesouro/fruto/santas, além da oposição em significações distantes, uma vez que tesouro se relaciona a valor material; fruto a valor alimentício e santas a valor espiritual. O que há em comum entre estes lexemas é que todos representam a consequência de um trabalho, ou seja, de um processo:

Trabalho: Serdes religiosas = cavar na vinha / Lavrar e semear a terra
 Consequência do trabalho, finalidade, objetivo: Serdes santas = tesouro, fruto

Dessa forma, “serdes religiosas” implica trabalho, e assim, uma série de ações para atingir o objetivo “serdes santas”, ou seja, um processo:

religiosas—esposas de Cristo --- santas

Assim, Chagas argumenta que o trabalho é essencial para que se obtenha a aproximação com Deus, ou melhor, há um processo de dedicação, de esforço, de comprometimentos, de renúncias como vemos em suas cartas.

Porém, há um ponto que diverge. Observemo-lo:

Cavar na vinha—tesouro / lavrar e semear a terra --- fruto = finalidade, algo que termina, certo, circunstância com o fim certo.
Ser Religiosa, esposa de Cristo ---- santas = intento; intenção, motivação interna, propósito; aquilo que se procura alcançar (vontade, desejo, plano).

No mesmo aspecto linguístico, Chagas recorre às palavras da *Sagrada Escritura* e pronuncia:

pondo-vos totalmente nas suas mãos, como o livro nas mãos de quem ovira como lhe parece: como o barro nas mãos do Oleyro que faz dele o que quer: como a lamina nas mãos do pintor, que pinta à sua vontade, e não tendes cuidado; no que vos acontecer, de perguntar, nem inquirir donde vos vem a Cruz (Carta XXXV, V. 2, p. 70).

Propõe o missivista, nesse fragmento, deixar Deus conduzir a vida sem questionar o que lhe suceder. Quando se abre para este caminho, o homem passa a se aproximar mais de Cristo, a seguir o seu exemplo.⁶⁰

Nessa mesma relação paralelística, constitui-se uma analogia entre homem (animado), comparado a objetos inanimados (livro, barro, lâmina). Essa construção de proximidade semântica dá-se pelo paralelismo de frases subordinadas comparativas e adjetivas, conduzindo o pensamento para o final que tanto o homem quanto os objetos só adquirem maior valor quando são usados, ou seja, quando deixam de ser matéria prima e são transformados, moldados.

⁶⁰ O mesmo vemos em: “O Barro não governa ao Oleyro, poem-se nas suas mãos, para que sem resistência faça elle a sua obra na roda” (Carta CXCII, V. 2, p. 214).

Dessa forma, é estabelecida a relação de posse entre o profissional (leitor, oleiro, pintor) e seu objeto (livro, barro, lâmina), assim também é a mesma relação entre Deus (profissional) e o homem (objeto). Essa relação de posse é bem posta nos seguintes enunciados: “como lhe parece”; “que faz dele o que quer”; “que pinta à sua vontade”. No caso do homem, como sentir-se pertencente a Deus, implica em não ser cauteloso no que vai acontecer, o que significa entregar-se incondicionalmente, como se fosse objeto do ‘artesão’ Deus.

Há, pois, o reforço argumentativo da necessidade do homem entregar-se a Deus, o qual fará a tarefa (o trabalho) de transformá-lo; transformação que lhe atribuirá um novo valor. Portanto, implica um processo para tornar-se um vaso sólido, como o resultado da transformação, da leitura de um livro, da arte final da pintura de um quadro. A redundância “de perguntar, nem inquirir”, palavras com significados próximos, implica intencionalidade, uma vez que o homem despidido de personificação não questiona os desígnios de Deus.

A imagem do barro nas mãos do oleiro, refere-se ao trecho bíblico de Isaías, 64:8, que diz: “Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai; nós o barro e tu o nosso oleiro; e todos nós a obra das tuas mãos.” Deus, portanto, dará a forma que quiser ao homem, segundo o seu propósito. O Frei direciona seu discurso para que o leitor compreenda que o homem não pode ser o dono de sua vida e conduzi-la como quer, senão, deve deixar-se ser dependente para que Deus faça o que quer, mesmo porque, diferente dos objetos, o homem tem poder de decidir o que deseja – o livre-arbítrio que é trabalhado no conteúdo da carta.

A representação da Cruz é um símbolo do sofrimento, visto que o simbolismo é um procedimento de conjugação entre o conhecimento concreto e o experimental. O homem pertence, pois, tanto ao mundo dos objetos e causalidade física, como ao da matéria do inconsciente, e esses dois campos engendram as imagens.

O cristianismo adotou a cruz como seu símbolo máximo e, desse modo, percorreu a história, influenciando as culturas por meio de sua imagem icônica e de sua mensagem redentora. A Crucificação é a retratação da brutalidade que sofreu Cristo que reflete luto, agonia e aflição. A tradição de veneração à crucificação dá-se na meditação da Via-Sacra, na qual os fiéis percorriam os lugares santos, onde Jesus viveu, morreu e foi glorificado. Essa via dolorosa era dividida em estações em que cada uma dessas era dedicada a um fato do caminho da Cruz. Apesar desse exercício de

retratar os passos de Cristo até o Calvário remontar os primeiros séculos da Igreja, o nome Via-Sacra surgiu apenas em 1600, conforme Frei Artemio.

Assim, Chagas confirma em:

Segui pois a Christo, como a Cruz que elle vos der, ou as suas creaturas, abraçado-a, como a medianeira de vossa salvação, como escada para o Ceo, como leito para Christo, como Trono para vós (Carta XXXV, V. 2, p. 70).

Essa devoção e desejo da Cruz é explicada através da comparação em estrutura paralelística. Cruz é o sofrimento e o sofrimento leva à salvação:

Cruz = medianeira de vossa salvação
 = escada – ação/ascensão do humano à aspiração divina
 = leito – descanso
 = trono – prêmio

Essa comparação da Cruz reflete um processo que ultrapassa os limites do plano terreno, e que por estes, não é perceptível, senão quando é comparado: a) com um fenômeno infinito da natureza extra-humana, perceptível pelos sentidos (salvação); b) com um fenômeno humano infinito, perceptível pelos sentidos (cruz=imagem do sofrimento).

Por meio da gradação, cria-se um paralelismo clímax, em um ritmo cadenciado, marcando a sequência das comparações: primeiro, “escada para o Ceo”, segundo, “leito para Christo”, e terceiro, o ponto auge, “Trono para vós”. Portanto, a intensificação instaura-se na imagem da Cruz, ou crucificação, que significa o máximo da degradação humana.

Voltando a outras cartas, Chagas fala sobre a Cruz:

Louve a Deos tambem no extraordinário trabalho em que Deos o poem, que muita merce lhe faz; e todas essas cruces são de palhinhas a respeito de outras que Deus lhe pudéra dar no espirito: de blasfemias, de tentações, de desesperações de salvação, de noite totalmente escura, em que se achão alguas almas (Carta XXI, V. 2, p. 44).

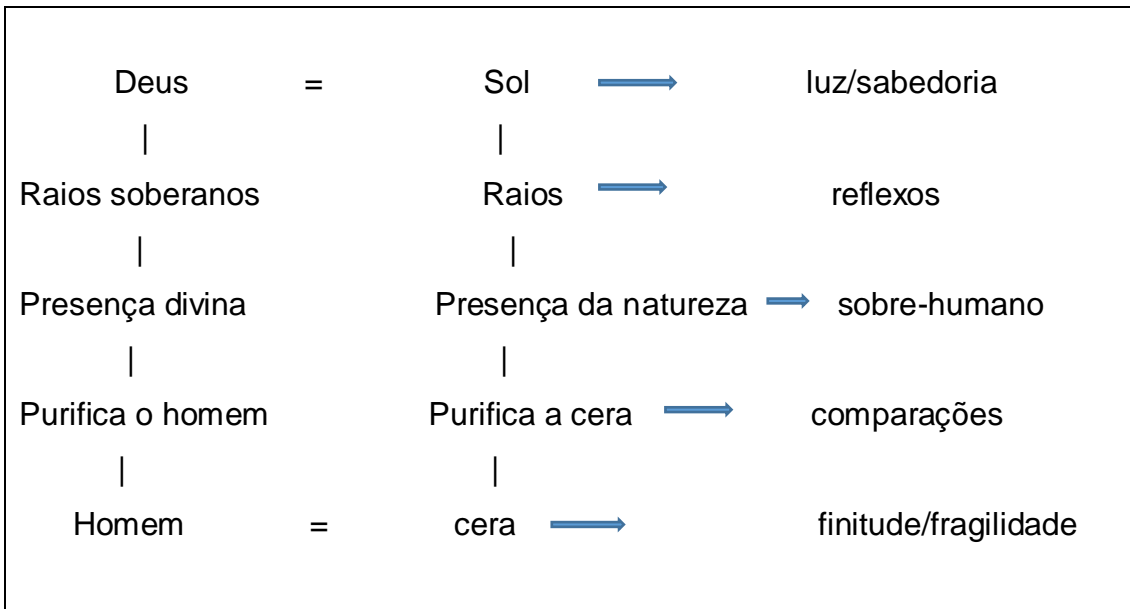
Por esses dois fragmentos a cruz constitui então, não uma exceção, mas a regra para promover o crescimento espiritual, pois não é possível seguir Jesus sem

ela, como na *Bíblia* aponta: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz, cada dia, e siga-me” (Lc 9, 23). O Frei confere as mais pesadas cruzes as de “blasfêmias, tentações, desesperações de salvação”, em antagonismo com as cruzes “de palhinhas”, frágeis, referindo-se aos pequenos sofrimentos, em comparação ao sacrifício de Cristo. Assim, a salvação não está nas “cruzes de palhinhas”, mas na cruz que Cristo carregou, com o peso dos pecados e iniquidades de todos. Por essa razão, o homem não deve temer enfrentar pequenos sofrimentos e até mesmo “blasfêmias, tentações, desesperações de salvação” – que são sofrimentos vividos por Cristo –, pois o verdadeiro modo de viver, segundo a doutrina cristã, é imitar a Cristo, mesmo que signifique negar a si mesmo, dar a vida a Deus e para Seu serviço.

Outra analogia que persiste em seus textos é a referência do Sol a Deus, como:

Torno a encomendar a Santa Oração. Porque as nossas Almas são como a cera, e Deus como Sol: a cera, por amarela que seja, se se põem ao Sol, quanto mais vezes a põem, tanto se faz mais branca; assim a Alma, quantas mais vezes se põem na presença Divina, tanto a seus soberanos rayos se faz mais pura (Carta II, V. 1, p. 8).

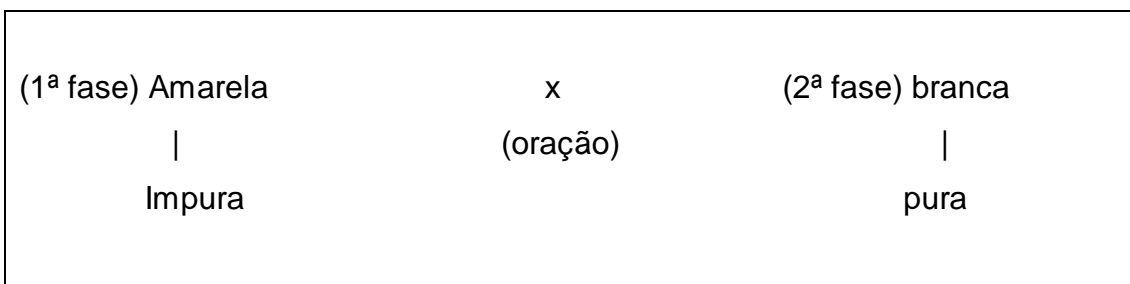
Deus é comparado ao Sol:



Há clara evidência do processo gradativo, o qual é alcançado pela oração, e demonstrado em comparação a uma transformação química projetada na transformação da alma. O sol é o responsável pela transformação, pela mudança de

estado, pois transfere energia por meio de seus raios. Deus é o responsável pela transformação, pois purifica, ou seja, tira as máculas do pecado, da alma. Sob o calor do sol, a cera amolece cedendo à modelagem, assim como o homem, ao aproximar-se de Deus, permite que Ele construa o seu caráter.

Implicitamente, há uma outra metáfora de “por mais amarela que seja”, isto é impura, ligada a alma cheia de pecados, em oposição à cor branca, que significa pureza. A oração, portanto, é o meio pelo qual o homem aproxima-se de Deus e transforma a sua alma:



Na colocação de uma oposição, e da mediação dessa oposição, permite que se reúnam os contrários, realizando na linguagem a *coincidentia oppositorum*, permitindo ao homem o meio para superar suas limitações, ou concede-lhe a ilusão dessa superação, da transformação. Essa superação é apontada pela oração subordinada proporcional “quanto mais... tanto se”, que direciona para a elevação da alma, quanto mais se expõe para Deus. Seria assim o efeito, a consequência, da oração.

Na Patrística, Salmos (51-100 – vol. 9/2), Santo Agostinho-19, encontra-se o raciocínio:

Se não quereis derreter como cera, e perecer longe da face de Deus. Não este sol visível aos animais, às moscas, aos bons e aos maus, porque Deus faz seu sol nascer para bons e maus (Mt 5, 45). Mas trata-se de outro sol, a propósito do qual dirão os pecadores: ‘Para nós não nasceu o sol. Tudo isso passou como uma sombra. Assim, extraviamo-nos do caminho da verdade; a luz da justiça não brilhou para nós, para nós não nasceu o sol’. (Sb. 5, 6-9)

A partir desse raciocínio, o fragmento direciona argumentativamente ao entendimento: assim como a cera, as dificuldades que o homem passa devem amolecer o orgulho, sensibilizá-lo, tornando-o consciente de sua dependência. E quantas mais vezes se põe na presença Divina, por meio de orações, ele sai das tribulações melhor do que entra. Quanto mais O procura, mais puro fica, mais se põe

em submissão ao propósito de Deus, que o capacita para enfrentar com perseverança a provação.

Anunciadas sob a forma analítica, o mesmo que a metáfora faz sob a forma sintética, essas associações estão fundamentadas em relações lógicas, vagas ou até mesmo ilógicas. Mas, seu uso revela, ao leitor-pensador, a natureza exterior representando o que o seu cérebro não pode representar sob a forma de abstração pura. Cria-se, dessa forma, uma linguagem figurada em prol da compreensão coletiva, estabelecida na verdade das *Escrituras*, e desperta no seu consciente a personificação concreta dos objetos de mundo exterior, da natureza, da causalidade física. De acordo com Ulmann, (1968, *apud* CHERUBIM 1989, p. 153) “toda imagem poética é, em certo grau, metafórica, vê-se num espelho no qual a vida é percebida sob algum aspecto ou como alguma verdade sobre seu aspecto.” Portanto, tanto o símile como a analogia não deixam de ter em si uma imagem metafórica sintetizada.

3.4. Paralelismos e seu efeito retórico

Artifício poderoso, o paralelismo é uma das estratégias persuasivas utilizada pelo Frei em seus discursos a fim de atrair e manter seus destinatários fiéis a Deus. Elaborando uma estrutura que mantém a coerência entre as unidades sequenciais, o autor manifesta sua intenção no contexto partilhado da capacidade do interlocutor, de forma que garanta que este reconheça o sentido do texto. Tanto a estrutura paralelística quanto as construções metafóricas elaboradas no seu interior, colaboram para que o texto seja compreendido de modo dinâmico e coerente num processo de idealização mental do raciocínio.

Essa repetição de estruturas, sejam morfológicas ou sintáticas, é recurso para deixar o discurso mais compreensível. O desdobramento de um só pensamento em dois ou mais membros paralelos, leva à ideia da reiteração, formando, o que Jakobson (1975, p. 294) conceitua como “rede de múltiplas afinidades vinculantes”. Dessa forma, encontramos no discurso do Frei a sobreposição de imagens justapostas paralelísticamente, tornando visível o conceito abstrato.

Vejamos como o escritor procede no trato desse mecanismo linguístico:

Para Deos estar em vossas almas, como esposo no leyto, como o manna na Arca, como sello na Carta, como imagem no espelho, como estrela no Ceo, como Sol na nuvem, como azeite na lampada, como flor nos jardins, como lirio nos valles, necessario he que sejais na humildade valles, que se abaixão a tudo, e que sejais jardins para Deos, cujas flores são virtudes, que sejais alampadas ardentes do Espirito Santo, cujo fogo he amor, que sejais Ceos na pureza, que faz as almas Celestes, que sejais na oração nuvem, que se ergue da terra, ao Ceo, que sejais na castidade claras como huns epelhos, donde Deos se veja, que na obediência sejais Cartas donde se escondaõ, e venerem os segredos de Deos, que sejais na paz, e quietação do espirito, leytos, donde o Senhor repouse (Carta XXXV, V. 2, p. 66).

Neste trecho, a estrutura sintática composta essencialmente pelo conector “como” – no caso, conectivo de analogias – soma argumentos que conduzem para uma mesma conclusão, a qual consiste na demonstração da necessidade de Deus estar nas almas, a fim de que essa estreita relação seja reconhecida pelo destinatário, aproximando-o de fatos de seu universo cotidiano. A repetição dessa mesma estrutura sintática produz, para progressão textual, uma simetria de construção entre os enunciados que, assim como todo procedimento de repetição, incute o raciocínio com eficiência na mente do alocutário, tornando-se um mecanismo persuasivo, pois a recorrência de termos e estruturas reforçam a argumentação. Este tipo de paralelismo emblemático ou de sinônimos, o pensamento é expresso em parte literalmente, em parte metaforicamente. Observemos as análises a seguir.

Cada um dos elementos das partes coordenadas organizam-se paralelamente, ou seja, apresentam formas sintáticas correspondentes compondo várias partes de um todo sintático. Os vários elementos seguem-se respectivamente uns aos outros em ordem correspondente:

Para Deus estar na alma= esposo no leito (a)

maná na Arca (b)

selo na carta (c)

imagem no espelho (d)

estrela no céu (e)

sol na nuvem (f)

azeite na lâmpada (g)

flor nos jardins (h)

Lírio nos valles (i)

Nessa primeira parte do discurso, a analogia estabelece relações entre os sintagmas (a, b....i) e o objetivo “Deus estar na alma”. Já a segunda parte, fornece a condição para que se alcance o objetivo, arquitetando a recorrência anafórica de forma a complementar com justificativas e finalidades:

Necessário é que sejas na humildade (condição):

- (i') valles (porque) se abaixão a tudo
- (h') jardins para Deus (porque) flores são virtudes
- (g') lâmpadas ardentes do Espírito Santo (porque) fogo é amor
- (e') céu na pureza (porque) faz as almas celestes
- (f') nuvem (porque) se ergue da terra ao céu
- (d') espelho (para que) Deus se veja
- (c') carta (para que) se veja a regra de Deus
- (b') arca (para que) se escondam e venerem os segredos de Deus
- (a') leito (para que) Deus repouse.

Apesar dos abrandamentos que se estabelecem aos princípios da *variatio* e às respectivas condições textuais da *compositio*, há um movimento de recorrência em sentido oposto, ou seja, o paralelismo quiasmático ampliado (a,b,c,d/d',c',b',a'), no qual os termos frásicos paralelos entre as partes das seções correspondentes são evidentes, como: C' repete o palavreado de C enquanto B' recorda o destaque do tema em B, e A' reforça A, e a condição, segundo o fragmento em análise, é a dobradiça estrutural: “necessário é que sejas na humildade”. A recorrência da mesma forma verbal em “sejas”, tenciona atingir o emocional do leitor, através um ‘martelar’ enfático, que evidencia a mesma ideia no transcorrer do texto.

Mesmo caso há em: “Deixam Senhor o ouro pelo cobre, o cristal pelo vidro, as pérolas pelo barro; os que pelo barro do mundo, pelo vidro da vaidade, e pelo cobre destes bens profanos.” (Carta IX, V. 2, p. 21). Contudo, mais do que o quiasmo, a antítese configura-se como ponto essencial, não só pela oposição, mas pela retomada na especificação dos termos constratados:

Objetos de valor	x	Objetos sem valor
Ouro		cobre (destes bens profanos)
Cristal		vidro (da vaidade)
Pérolas		barro (do mundo)

Se analisarmos os objetos sem valor e considerarmos a especificação como o virtuema de cada um deles, podemos atribuir, a partir dos mesmos campos semânticos, ao ouro os bens celestiais, ao vidro a humildade e às pérolas as virtudes. Dessa forma, é apresentada a ideia sobre “o livre arbítrio”, isto é, a liberdade do homem escolher ou os bens do mundo, os quais não tem valor, ou os bens celestiais, ou seja, escolher estar com Deus. Porém, pela engenhosidade do discurso, é patente o propósito do Frei, haja vista a seleção de termos desfavoráveis (depreciativos) em relação aos bens mundanos. Segundo a *Sagrada Escritura*, do livre-arbítrio depende a salvação do homem, por isso, este terá que se posicionar e responsabilizar-se pelos seus atos, de acordo com o Frei.

A partir da mesma condução intencionada encontramos “ou morrer na empresa, ou alcançar a victoria, ou chegar ao monte da perfeição, ou morrer nos suspiros da devoção.” (Carta I, V. 1 p.1). A conjunção alternativa direciona argumentativamente a uma escolha, excluindo a possibilidade de ter duas coisas opostas:

morrer na empresa / morrer nos suspiros da devoção = cuidar das coisas da divindade de Cristo.

alcançar a vitória / chegar ao monte da perfeição = seguir os passos da vida de Cristo e de sua crucificada humanidade.

Há estruturas em antítese, fundamentada pela coordenação, no caso alternativo, com esquema do isócolo como sequência paralela dos correspondentes elementos constitutivos. Assim como o caso anterior, essa demarcação argumentativa salientada pelo conectivo “ou” coage os leitores a concentrarem seu raciocínio na escolha proposta pelo enunciador, suavizando a presença do discurso autoritário.

Contrário ao abrandamento do anterior, o discurso a seguir consiste num forte apelo emocional, a fim de afligir e inquietar o leitor, dinamizando o medo, o qual é um forte recurso persuasivo:

Deste aborrecimento nasce o exercício da penitência, contra a qual se levanta o Mundo, o Diabo, e Carne com grande perseguiçam, tentaçam, e tribulaçam, que fervem como fornalhas para provar o espírito: se o espírito é falso, como palha vaã, e inutil, se abraza na fornalha: e se o espírito é verdadeiro, como ouro se apura nas levaredas, fae mais lustroso nestas tribulaçoens. (Carta I, V.1, p. 2)

A analogia determinada entre 'fornalha' e 'perseguição, tentação e tribulação' remete às provações do espírito, cuja necessidade da penitência⁶¹ é suprida por meio de exercícios espirituais (disciplina nas orações), donde advém a força espiritual para enfrentar essas situações:

O mundo (a)	perseguição (b')
O diabo (b)	tentação (c')
A carne (c)	tribulação (a')

Por meio do paralelismo quiasmático (a, b, c/ b', c', a') são apresentados os opositores da penitência, que evoca a ideia de um sofrimento que se inflige a si mesmo para expiação dos pecados. Quanto mais penitência, mais tribulação, mais o espírito torna-se verdadeiro, puro, incluindo, pois, um processo de transformação. Portanto, o Frei atribui a necessidade das tribulações para a purificação do espírito.

Em seguida, por meio do paralelismo analítico, o autor explicita, fazendo uso da analogia, a associação entre causa e consequência: espírito falho=palha vaã : abraza na fornalha // espírito verdadeiro=ouro : faz mais lustroso. Há, dessa forma, frases antitéticas, reforçadas pela conjunção "se", implicando a condição de escolha; ou seja, volta-se ao raciocínio do livre-arbítrio como vimos anteriormente:

⁶¹ Na história da Igreja a reforma tinha como intenção reparar os males por meio das mortificações e penitências. Nos séculos XVI e XVII, os religiosos praticaram voto quaresmal perpétuo que não só deixa de alimentar-se de carne, mas também de ovos, leite e todos os seus derivados. Alguns faziam o sacrifício de comer a refeição no chão, misturada com cinzas. Outros, a penitência dava-se nos jejuns, diminuição de horas de repouso e até sofrer repreensões públicas.

1. Se palha – abraza e acaba na fomalha (cae em tentação, perseguição, tribulação, desenganos do mundo)
2. Se ouro – faz-se mais lustroso nas labaredas (fortalece-se nas tribulações)

De acordo com as *Escrituras*, São Tiago faz a mesma assertiva que mostra a ação de Deus a partir das provações vencidas:

Considerai uma grande alegria, meus irmãos, quando tiverdes de passar por diversas provações, pois sabeis que a prova da fé produz em vós a constância. Ora, a constância deve levar a uma obra perfeita: que vos torneis perfeitos e íntegros, sem falta ou deficiência alguma (Tg 1:2-4).

Dessa forma, a analogia proposta caracteriza a “palha vã” àquele que é fraco, inútil na fé, em contraposição ao “ouro” que é fortalecido pela fé e torna-se mais puro com os sofrimentos.

O período, pois, constitui uma construção frásica cíclica, já que há a união de vários pensamentos numa frase, de maneira que seguidamente a um elemento (proposição), que cria tensão, vem um elemento (apódose) que dissolve a tensão (clausula). A relação fundamental semântica, pois, é a síntese.

Ao retornarmos ao contexto do fragmento, observamos a simetria sintática: “Deste x nasce y. Deste y, nasce z.” (anadiplose), em um processo gradativo, sendo que a poliptoto tem a função de assegurar a cada membro, na acumulação coordenativo-amplificante existência autônoma. Esta faz que a amplificação apareça, não como um meio estilístico, que depressa se atenua nos seus efeitos, mas reforça-se, por meio de seu caráter insistente, alegoricamente com abstratos personificados.

O paralelismo antitético também se manifesta por meio da estrutura interrogativa:

Vede que os vossos melhores trinta anos já passaraõ, e que com a mesma pressa haõ de correr os cem se lá chegardes: que vos importará depois delles serdes senhor do mundo, se vos naõ salvardes? Que importaraõ entaõ as riquezas, os regalos, as alegrias, e as prosperidades todas; se passaraõ como sombra, acabaraõ como flor de feno que cahe, como empola de agoa que se ergue, como escuma do mar que corre? (Carta VII, V. 2, p. 14).

Embora seja desnecessária uma formulação interrogativa, uma vez que não se espera uma resposta, pois ela já é por si próxima da *exclamatio* de uma afirmação, o Frei visa provocar os afetos. Tratando-se de cartas, o Frei, pelo artifício da

interrogação, parece deliberar com si próprio (diaporesis), assim, o discurso aparenta-se menos como imposição e aproxima-se mais de tom convidativo, menos arrogante.

Ao demonstrar a escolha entre “senhor do mundo” em oposição à “salvação”, o Frei direciona argumentativamente a desconstruir os prazeres mudanos, riquezas, regalos, alegrias e prosperidades, uma vez que são valores efêmeros e passam como ‘sombra, flor de feno que cai, empola de água que se ergue, espuma do mar que corre’.

A sistematização do uso do elemento coesivo “como”, ao agregar analogias, serve para abordar a repetição de um pensamento idêntico (commoratio una in re), ou seja, através do paralelismo de sinonímia, articula argumentos que conduzem a um mesmo fim, de forma a enfatizá-lo:

Acabarão como – flor de feno que cai

- empola de água que se ergue

- espuma do mar que corre

A fundamentação do raciocínio na efemeridade da vida, além de consistir em uma corrente de pensamento da época, estimula as emoções do leitor de modo que, pelo medo, consiga como resposta a salvação das almas. Além disso, a efemeridade tem base bíblica o que constitui um argumento de autoridade quando retomamos o Salmo 144:4: “O homem é como um sopro; seus dias são como uma sombra passageira”.⁶²

Assim, na mesma temática, declara:

... pois se dentro de tão poucos dias estalaõ os melhores, e mais verdes annos, se a vida quebra como vidro, passa como vento, desaparece como sombra, corre como agua ao mar, e se murcha como flor ao Sol: de tantos desenganos juntos quem não averá que tire hua certeza de que tudo quanto há na vida, e não he Deos, he fumo que nos cega, traição que se nos arma, mal que se nos encobre, e bem que se nos finge? (Carta XVII, V. 2, p. 34).

⁶² No Examerão, (Patrística, Santo Ambrósio, editora Paulus, p. 259), diz o seguinte: “toda carne e feno. Em verdade, pois a glória do homem floresceu na carne como o ferro e, embora pareça ser sublime, é fraca como a erva. Prematura como a flor, perecível como o feno, germina o verdor na aparência e não a solidez no fruto, como uma flor, promete os prazeres de uma vida alegre, mas em breve cairá por terra, como a erva do feno, que seca antes de ser arrancada”(…) “Assim, pois, a glória do homem é semelhante à flor do feno, pois ela também nada acrescenta às obras depois de subtraída; nela não se obtém nenhum fruto; ao ser perdida, desaparece, abandonando repentina e completamente a vida do homem”.

A expressão metafórica verdes anos faz referência à juventude e a progressão textual baseia-se na efemeridade da vida, expondo, por meio do paralelismo emblemático, ilustrações da proposição central:

- quebra como vidro
- passa como vento
- desaparece como sombra
- corre como água ao mar
- se murcha como flor ao sol.

Esses argumentos visam reforçar a fugacidade do tempo e como o homem não pode ter o controle sobre isso. Entretanto, ao demonstrar a fragilidade humana, o autor propõe uma questão, atribuindo a sua mesma intenção ao leitor, tornando-o cúmplice do raciocínio partilhado, quando introduz a asserção “quem não haverá que tire uma certeza”. É evidente, pois, que a resposta já preceda a exclusão de ‘Deus’ como responsável pelos desenganos, conforme orientação argumentativa da pergunta, a qual corresponderá a do leitor. Dessa forma, personifica conceitos abstratos atribuindo-lhes a autoria:

Desenganos	Consequências
Fumo	cegueira
Traição	arma
Mal	encobre (tomado pelo mal)
Bem (mundano)	finge (o bem é falso)

Há referência à voz reflexiva (arma-se, encobre-se, finge-se) prefigurando o domínio do mundo sobre o homem, tratando como sujeito passivo, vulnerável:

Fumo – cega a nós – somos cegados pelo fumo
Traição arma a nós – somos armados pela traição
Mal que se nos encobre – somos cobertos pelo mal
Bem que finge a nós – somos fingidos pelo bem / enganado pelo bem fingido.

Nesse paralelismo por gradação, a eficiência persuasiva dá-se pelo envolvimento do leitor no jogo do raciocínio, organizando de forma sequencial as etapas envolvidas, desde de ‘he fumo que nos cega’ até ‘bem que se nos finge’, a fim de realçar os falsos valores, sem que se recorra à demonstração dos valores legítimos no ponto de vista do discurso religioso, pois, a associação entre a repetição de estruturas e a gradação potencializa os efeitos enfáticos e persuasivos da mensagem.

Já no âmbito da construção do paralelismo sintético construtivo, há fortes recorrências como:

assim era a disposição Divina desde a Eternidade, e convêm que para chegar a isto não tenhamos, nem amor, nem gosto, nem vontade propria, nem escolha, ou eleição alguma, nem desejo de consolação sensível, nem ainda espiritual, senão, como sombra que segue o corpo, seguir os movimentos do Divino beneplácito (Carta CCXXII, V.2, p. 400).

A simetria estrutural proporcionada pela construção anafórica com a conjunção “nem” encadeia segmentos de valor sintático idênticos. Levando-se em consideração a construção do período, a conjunção “nem” faz o texto progredir, visto que, inclui outras proposições similares. Mas, do ponto de vista argumentativo, o operador discursivo “nem” acrescenta enunciações negativas, que nada mais são que argumentos fundamentais à defesa de um ponto de vista, ou seja, só se alcança a Eternidade, se não tiver ‘amor, gosto, vontade própria, escolha, desejo de consolação’. Desta forma, a presença do paralelismo formado pela repetição do operador apresentou uma série de argumentos, amplificando o discurso em direção à proposta inicial da mensagem: ‘condição para se chegar a Deus’.

A negação de todos os sentidos e vontades é reforçada pela analogia “como sombra que segue o corpo”, ou seja, algo indistinto, escuro, sem luz, sem vontade, que só tem movimento ligado a um corpo, movimento este que não é próprio, mas o do corpo a que está ligado; enfim, que não se ilumina a não ser com a luz de Deus sobre ela.

Ainda em outras cartas, percebemos a relevância da temática negação:

Tereis com essa negação uma grande paz, e socego em todos os vossos sentidos; porque se negares os olhos ao appetite de ver, os ouvidos ao gosto de ouvir, o gosto ao sabor do comer, e assim tambem a cheirar, e tocar o que não he necessario, escusareis; quando recolheres a vista, e o pensamento para os desertos da alma, entrar-vos pelos olhos, e pelos mais sentidos, aquelles ruidos, estrondos, memorias, e figuras, que desinquietaõ, e descompõem a imaginação, que deve estar limpa deste pó da terra, para receber a luz do Ceo, sem nuvens,

e nevoas de considerações profanas (Carta XXXV, V. 2, p. 67).

Tomado pelo recurso sinestésico, o discurso visa demonstrar as razões e consequências da negação, o qual o faz através do paralelismo analítico:

Negação – aos olhos ao apetite de ver
 os ouvidos ao gosto de ouvir
 o gosto ao sabor de comer
 a cheirar e tocar o que não é necessário

Em consequência, a imaginação estará limpa do “pó da terra”, que representa metaforicamente os ‘ruídos, estrondos, memórias e figuras’, e pronta para receber a luz do Ceo, ou seja, sem nada que atrapalhe a luz divina, como ‘nuvens e névoas de considerações profanas’.

Ao analisarmos a estrutura sintática, o discurso ampara-se na explicativa, apresentando as razões, na condicional denominando uma possibilidade de escolha, na temporal reforçando a consequência exposta posteriormente na última frase “receber a luz do Ceo”, a qual recorrerá anaforicamente o efeito da primeira proposição, “Tereis com essa negação uma grande paz, e socego em todos os vossos sentidos”, pois, organiza-se em uma conduta cíclica recíproca: “negação dos sentidos” – luz do Ceo – fortaleza para negar os sentidos.

Essa reciprocidade fica bem elucidada no seguinte fragmento:

Fazei muito por dar a Deos o que podeis; não nos pede Deos impossíveis, quer de nós o que nos deo, para dar-lhe; deo-nos a vida, demos-lhe a vida; deo-nos a alma, demos-lhe também a alma; deo-nos o entendimento, sacrifiquemos este a seu amor; deo-nos a vontade livre, rendamo-la a seu beneplácito, e assim o satisfaremos (Carta VII, V. 2, p. 14).

No paralelismo construtivo, a segunda linha complementa a primeira compondo um pensamento completo:

Deu-nos a vida (a)	demos-lhe a vida (a')
Deu-nos a alma (b)	demos-lhe também a alma (b')
Deu-nos o entendimento (c)	sacrifiquemos este a seu amor (c')
Deu-nos a vontade livre (d)	rendamo-la a seu beneplácito (d')

A anáfora representada pela repetição do verbo “dar” faz-se útil na medida em que se retoma a ideia, tanto no caso do sujeito agente, quanto no do sujeito passivo, do ofertar, não de maneira impositiva, mas, conforme o autor, como uma dívida, uma devolução. Lembremo-nos do versículo “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.” (Mateus 22:21). Não diferente das escrituras, o Frei propõe, a partir de um raciocínio lógico, que, como cada ser humano é criatura Deus, o homem deve render-se e sacrificar-se por Ele; ou seja, a vida é uma dádiva de Deus, Deus é a fonte da vida, logo, a vida é de Deus.

Essa posição é reafirmada em várias de suas cartas, como:

creatura em solidão de espirito ouve Deos e deseja unir-se a Ele porque: he o seu princípio, donde sahiu, a fonte donde nasceo, origem donde manou, e o centro onde finalmente acquieta, quanto nelle: se recolhe, e se mete, e se entra de todo (Carta IV, V.1, p. 15).

O fragmento configura-se num paralelismo de sinonímia, pois cada proposição expressa o mesmo pensamento: (1) saiu, nasceu, manou / (2) se recolhe, se mete, se entra. No primeiro conjunto, a orientação argumentativa refere-se a demonstrar que o homem teve sua origem em Deus. Já no segundo conjunto, refere-se à necessidade de estar unido a Deus. A dobradiça desse paralelismo estabelece-se em “centro onde aquieta”, ou seja, estar em Deus significa paz. Volta-se a mesma significação abordada na analogia entre rio=homem; mar=Deus, uma vez que há o desejo interno do homem voltar a sua causa. Assim, o homem origina-se de Deus e intenciona viver Nele, uma vez que gradativamente, na articulação discursiva, há um processo que evidencia: quanto maior intimidade com Deus, mais haverá o desejo de entregar-se a Ele: recolher-se: refugiar-se, acomodar-se; meter-se: penetrar-se; entrar-se por inteiro: introduzir-se por inteiro.

Contudo, é no discurso metodológico que o Frei demonstra o processo para se alcançar a Deus:

Se pois quereis chegar a tamanho bem como este, tres cousas deveis fazer: a primeira, fazeres e trabalhares muito por viver sem peccados, a segunda pro viver sem deleites, a terceira por viver sem creaturas. Para viver sem peccados, he necessario ou confissão a meudo, ou continuo Amor de Deos. Para viver sem deleites, he necessário continua mortificaçãõ. Para viver sem creaturas, he necessario memoria de Deos continua. A memoria de Deos continua não se tem solidão, a mortificaçãõ continua, não se tem sem Amor de Deos, o continuo Amor de Deos não o podeis ter sem vos aborrecer a vòs, aborrecei-vos a vòs; e logo amareis a Deos, amais a Deos, e logo vos mortificareis,

mortificai-vos, e logo vos negarei a tudo. Pela negação de tudo se acaba o amor próprio, pela morte, começa o Amor de Deos, e em tendo Amor de Deos, tudo tereis junto, e tudo achareis feito (Carta XXXV, V. 2, p.66).

Em uma sequência paralelística, em contínua recorrência, o Frei produz o seu discurso propiciando um ritmo cadenciado, lento, na intenção da necessidade de demarcar exatamente passo a passo a instrução para se chegar ao fim pretendido. Observemos a cautela de sua justificativa deste trecho instrucional:

Três coisas deveis fazer:

- 1ª. – trabalhares muito para viver sem pecado
- 2ª. – trabalhares muito para viver sem deleites
- 3ª. – trabalhares muito para viver sem criaturas

I-Como fazer:

Para viver sem pecados (1ª.): confissão a miúdo e contínuo Amor de Deus (1ª.A)

Para viver sem deleites (2ª.): continua mortificação (2ª.A)

Para viver sem criaturas (3ª.): memória de Deus contínua (3ª.A)

II-Para que:

A memória de Deus contínua (3ª.A): solidão (viver sem criaturas-3ª.)

A mortificação contínua (2ª.A): Amor de Deus (1ª.A)

O contínuo Amor de Deus (1ª.A); aborrecer-vos a vós (4ª.)

III-Conclusão:

Aborrecei-vos a vós (4ª.), e logo amareis a Deus (5ª.),

Amai a Deus (5ª.), e logo vos mortificareis (2ª.A)

Mortificai-vos (2ª.A), e logo vos negareis a tudo (1ª., 2ª., 3ª./pecados, deleites, criaturas)

IV-Assim, dessa forma, o meio pelo qual:

Pela negação de tudo (1ª., 2ª., 3ª.): acaba o amor próprio (6ª.)

Pela morte do amor próprio (6ª.): começa o Amor de Deus (1ª.A)

Discurso elaborado que atinge o ponto auge em: 'E tendo o Amor de Deos' (1ª.A), 'tereis tudo junto' (1ª.A, 2ª.A, 3ª.A). Apresenta-se aqui um paralelismo

complexo, o qual utiliza estruturas complexas, como as formadas por mais de dois membros estruturais relacionando-se a enunciados complementares entre si: I – oração adverbial final, em hipérbato; II – elipse da conjunção, mas prevalece o sentido de finalidade em recorrência anafórica; III – conclusiva; IV – consecutiva.

O paralelismo em questão alcança uma grande extensão textual, pois relaciona uma série de segmentos com ideias paralelas que juntas potencializam a argumentação. São as orações que implicam as justificativas e as finalidades de forma a detalhar as três coisas (1ª., 2ª., 3ª.) para se ter o Amor de Deus. Essas recorrências de estruturas complexas estabelecem-se como sequências didáticas, que se assemelham às justificativas para dar respaldo ao argumento principal.

Segundo Jakobson (1975), há no paralelismo uma visão binocular criada pela sobreposição de duas imagens, em que a justaposição de ideias contrastantes é utilizada para desencadear significações na mente do leitor. Dessa forma, o paralelismo está a serviço da visualização, visto que o efeito de sedução parte da estrutura paralelística que compõe o discurso. Por conseguinte, prestando-se à visualização dos eventos paralelos, o leitor pode experienciar por meio destes as subjetividades e abstrações.

Os efeitos do paralelismo, portanto, não se caracterizam apenas na sua articulação sintática repletas de inversões e simetrias, com função enfática, mas têm essencial papel na composição discursiva como um todo, pois propicia a visualização do trajeto no encadeamento das imagens.

3.5. O processo enunciativo nas *Cartas Espirituais*

Como qualquer situação comunicativa, as cartas apresentam elementos como: quem escreveu, donde vêm, para quem vai. Além disso, o autor deve dar unidade ao seu texto e assumir como seu, revelando o seu íntimo, se assim convier, ou escondendo os sentidos através de suas palavras. A ele é permitido refletir sua vida pessoal e suas experiências, ou idealizar uma representação de si, conforme Ihe é solicitado ou o que se projeta. Enfim, é o autor que nos apresenta a figura de si, ou, pelo menos, o que deseja passar de si para o leitor, congruentemente a sua inserção social.

As *Cartas Espirituais* apresentam-nos um único enunciador: Frei António das Chagas, com alguns resquícios de sua vida passada como António Soares da Fonseca. Enfatizamos sem esse momento do poeta místico porque há, de acordo com suas correspondências, a tentativa de esquecer-se de sua ‘vida anterior’, pois quando faz alguma referência, demonstra tratá-la como pena, lamentação e arrependimento. Portanto, Chagas é o enunciador, direcionando agora seu discurso a leitores do universo restrito de uma comunidade que partilha o mesmo dogma cristão.

Assina como: “Irmaõ, e amigo Frey Antonio (Carta II, V.2, p. 4); “Servo inutil Frey Antonio das Chagas” (Carta XXI, V. 2, p. 45) ; “Irmaõ inutil Frey Antonio das Chagas” (Carta XXXV, V. 2, p. 73); “Servo, e amigo inutil Fr. Antonio das Chagas” (Carta XLI, V. 2, p. 87). E seus leitores são: religiosas, parentes, amigos, eclesiásticos (reverendo, padre, seu confessor), senhoras titulares, sujeito desconhecido, pessoas de qualidade. Por eles, demonstra valores afetivos conforme verificados na saudação de suas cartas: “O Amor de Deos arda, e ferva na alma de V.M.” ou “O Amor de Deos more na alma de V.M.”.

A partir desses elementos, instaura-se, assim, a relação de cumplicidade entre o eu e o tu, o Frei e o leitor, e a carta torna-se o universo místico do Frei que adentra no leitor, trabalhando assim, prazeres estéticos, prazeres espirituais e, em decorrência, a emotividade. Esses vínculos emocionais despertam paixões que determinam a aceitação dos conselhos, das orientações, das críticas, bem como a forma de raciocínio do missivista, pelos seus leitores, pois, segundo Aristóteles (2000, p. 85), “são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer”. Em maior ou menor grau as emoções fazem aceitar a intencionalidade do leitor, no caso será o “amor”, e o supremo amor: “Amor de Deos”.

Nessas cartas encontramos os atos de acusação de recepeção de outras cartas de seus leitores, o que confirma a proximidade entre eles:

Tres de V.M. recebi estes dias, duas por via do Senhor N. outra por não sei quem: não tenho palavras, com que encarecer a V.M. a consolação que nelas acho (Carta CCXLI, V. 2, p. 437).

Senhora minha. Deos lhe dé a V.M. muitos gostos espirituais, pelos que me dá com suas novas, as quaes estimo quanto posso, pois não posso quanto devo (Carta CXCI, V. 2, p. 350).

Em Pinhel recebi hua de V.M. escrita em onze de Setembro, e não podia ser pouca a estimação deste alivio, depois de tanto silencio (Carta CCXXII, V. 2, p. 399).

Minha Irmaã, e Senhora. Alegro-me com as vossas novas (Carta CCXXXV, V. 2, p. 422).

...louvo muito a Deos por achar neste papel de V.S. huas letras de pó, e cinza que não cegaõ os olhos, antes podem servir de espelho para alma, que quiser ver nas palavras de V.S. clara, e conhecida esta vaidade do mundo, tanto menos vista, quanto mais se traz nos olhos, nas palmas, e na cabeça (Carta XIII, V. 2, p. 28).

Chegava o correio, e me tráz novas de V.M. que muito estimo, e festejo (Carta XXVIII, V. 2, p. 54).

Huma de V.M. recebi o anno passado, com que tive hua grande consolação, e assim sera sempre que V.M. em conceda o favor de mui boas novas suas (Carta XLI, V. 2, p. 86).

Graças a Deos que me dá lugar para poder responder aos papeis dessa casa, e a V.M. a quem em quanto posso agradeço esta consolação de suas boas novas, e na verdade que hu dos empenhos q hoje tenho com Deos, he, que dé a V.M. a vida, e o espirito necessario para o trabalho, e exercicio continuo que lhe considero (Carta XLVI, V. 2, p. 95).

Chegava o correio, e me tráz novas de V.M. que muito estimo, e festejo (Carta XXVIII, V. 2, p. 54).

As Cartas de V.R. escritas em onze do corrente, me chegaraõ, mas não as veronicas; ainda assim saõ de pouco menos gosto as Cartas, porque as desse Convento, estimo como reliquias, e o que sinto he não poder guardalas mais que nas labaredas (Carta XXX, V. 2, p. 57).

Ato de pedido de desculpas por, em razão de algum inconveniente, quebrar o contrato do diálogo estabelecido por meio das cartas:

Aos nossos amigos minhas lembranças, e desculpar com os a quem não escrevo que o tempo he limitado, e prègo todos os dias, além das mais ocupaço~es que saõ muitas. (Carta CXVII, V. 2, p. 218).

Aceite V.M. esta como derradeiros abraços, e perdoeme se me não alargo nas letras, porque as lagrimas, que me impedem o correr mais com esta penna, he a pena que só me obriga, a que não corraõ mais que as lagrimas.(Carta I, V. 2, p. 3).

Meu Amigo, e Senhor: fatalidade foi faltarvos Carta minha. (Carta VII, V. 2, p. 11).

...miseravel de mim, que no espelho deste papel de V.S. vejo a menor das minhas faltas com tantas manchas negras. (Carta XXXVI, V. 2, p. 74).

Atos de justificação do impedimento de escrever as cartas, valorizando o vínculo dos interlocutores:

porque as lagrimas, que me impedem o correr mais com esta pennas, he a pena que só me obriga, a que não corraõ mais que as lagrimas (Carta I, V. 2, p.3).

Naõ respondi atè agora, nem envie a V. S. o seu papel por entender que mandandome a obediencia a Coimbra passaria por essa Corte; já que Deos foi servido de me mandar para Evora (de cuja sepultura só me tirará a obediencia) razaõ he que não falte ao que prometi a V.S. ao menos por papel, e tinta (Carta IX, V. 2, p. 17).

Nestes dias de retiro, perdi dous correios, em que não escrevi a V.R. porque em elles, não faltei, nem li, nem escrevi carta alguma, tratei de ler por mim, e por Deos, e atègora não comecei (Carta XXVI, V. 2, p. 51).

Reverenda Madre Soror N. e Senhora minha, não posso acabar de entender, que sumidouros há para as minhas Cartas, não tendo ellas cousas de que se possa fazer Reliquias, nem misterios, nem reparos. E pelo que colho das que recebi de V.M. conheço que lhe são dadas poucas, ou nenh~uas Cartas minhas, e o mesmo tenho entendido, avendo escrito outras a varias pessoas dessa Corte; quer Deos que tudo o que escrevo, na praça se possa ler, com que ninguem se póde sobresaltar, mas façase a vontade Deos, e V.M. se conforme com ella (Carta XXXIX, V. 2, p. 81).

Nosso Muito Reverendo Padre, V. Paternidade se queixa de que lhe faley hu Correyo, elle faltaria, mas eu não, porque depois daquelles dous que estive recolhido em todos escrevi a V. Paternidade, quererá Nosso Senhor que tenha já chegado assim como succedeo em outros, e que veja V. Paternidade que não falto eu em desejar merecerlhe o favor, e memoria, que tem de mim (Carta XLIV, V. 2, p. 92).

Ao final de suas missivas, não encontramos a humildade só em sua assinatura, mas no pedido de oração, ou seja, coloca-se em dependência da oração de seus leitores:

...e sobre tudo encomende-me a Deos (Carta CXCI, V. 2, p. 351).

... e se lembre da minha quanto lhe desejo merecer diante de nosso Senhor (Carta CCXXII, V. 2, p. 401).

Encomendaime muito a Deos que vos guarde como lhe peço, e desejo (Carta II, V. 2, p. 6).

... pedi a Deos me dé sua graça, que he o que só importa, e eu desejo (Carta V, V. 2, p. 10).

... socorrime V.R. e peçame as oraçoens de todas (Carta XXX, V. 2, p. 58).

... e pedilhe que os ponha com piedade na minha miseria, e culpas (Carta XXXV, V.2, p. 73).

...a quem peço suas santas Oraçoens (Carta XXXVIII, V.2, p. 80).

... e peça a Nosso Senhor por este peccador, que tal qual he senão esquece no que póde (Carta XLI, V. 2, p. 87).

... e rogarlhe muito por mim, que agora o hei mister mais, pois sou cada vez peor (Carta LXX, V. 2, p. 139).

Dono de um discurso autoritário, Frei António das Chagas, em suas *Cartas Espirituais*, põe-se como o enunciador que detém o poder da palavra, o que, segundo o situa na forma mais visível de persuasão e do mais invisível eu persuasivo.

Isso produz alguns efeitos:

a) **Chagas como representante de Deus:** autoridade dada pelo cargo que assume como Frei – tornando-se inquestionável, uma vez que a Deus se atribui a verdade absoluta. O discurso religioso tem difícil contestação, pois apresenta uma mensagem professada por Deus e expressa a verdade imutável e inquestionável. Não há argumentos que possam modificar o que se fala em nome de Deus. A sustentação de seus discursos dá-se pela autoria indiscutível, convertendo uma suposta contra-argumentação passível de punição pela transgressão.

O uso de trechos bíblicos e o latinismo confere-lhe o título de porta-voz de Deus, transmite suas palavras, representa-o legitimamente, mas não se confunde com Ele; e deixa claro isso quando se mostra submisso em vários momentos de suas cartas. A sua submissão persuade em razão de alguém passar a crer naquilo que o outro se põe plenamente. É o que acontece em: “Bemaventurados daqueles que padecem pela Justiça, disse o Senhor” (XXXV, V. 2, p. 68); ou “pois o Senhor disse: *Quia in pauca fui sti fidelis*” (Carta XXVI, V. 2, p. 52).

O recurso da intertextualidade de excertos bíblicos outorga autoridade à fala do Frei, garantindo maior aprovação pois está conforme às palavras de Deus. Assim, pela fé instaura-se a ilusão de quem diz, o qual não é o autor do texto primeiro, mas implica numa co-autoria quando correlacionado com o contexto a que está inserido, além de que, a instituição religiosa configura ao missionário o falar em nome de Deus, o que reforça a incontestabilidade de seus argumentos, dada pela conformação e submissão de seu discurso autoritário. O leitor, dessa forma, é advertido, pois ou segue as palavras de Deus ou está condenado, assim, se o leitor localiza-se na

representação do Divino como valor supremo, será atingido emocionalmente e responderá com confiança e respeito.

Assim encontramos as seguintes referências em suas cartas: Ovelha perdida (Carta I, V. 2, p. 1), (Carta II, V. 2, p. 3); Latinismo (Carta XVIII, v. 2, p. 37) (Carta XXVI, V. 2, p. 52); Bem aventurança (Carta XXXV, V. 2, p. 68); David (Carta XLI, V. 2, p. 87); Santos (Carta LXI, V. 2, p. 125); Santa Teresa (Carta LXX, V. 2, p. 139); Santa Clara (Carta LXXVIII, V. 2, p. 150); Moyses, Josué (Carta XXVIII., V. 2, p. 55); São Boaventura (Carta XXXV, V. 2, p. 68).

b)Chagas e seus apontamentos pessoais: quando conseguimos ter nítida representação dos seus pensamentos, críticas, ideologias, inclusive quando defende suas ideias religiosas. Por exemplo,

Eu, seja Deos bendito, vou continuando esta peregrinação, para ver se com estes passos me chego á celeste Patria, mas como estrangeiro das virtudes, e dos exercícos celestes, cada vez me metto mais na terra, onde pelo natural não sei estranhar os males. Pasmoo ainda assim cada dia das Divinas misericórdias, que andaõ buscando a maior miseria, para que nella, como branco sobre negro, reluza mais aquella bondade infinita, que eternamente seja louvada (CCXXII, V. 2, p. 400).

Representante de suas cartas, o Frei evidencia o seu processo de purificação de espírito, enfatizando que já tenha acostumado aos males, mas que ainda se surpreende com as divinas misericórdias.

Observemos neste outro texto em que faz uma crítica àqueles que governam, os quais, distraídos pela ambição de mando, poder e cortejos, não reparam nas incapacidades de seus súditos, oferecendo-lhes cargos, ou seja, ligam-se mais ao humano do que ao Divino. Além disso, acrescenta que as corruptelas acabam por afastar vários frades que procuram a religião para edificação, uma vez que muito se respeita às coisas do mundo e pouco a religião, por isso, não há quem os doutrine:

a Deos mova os que sabem, e podem, e talvez porque não querem, usaõ mal do que podem, e peor do que sabem; e como eu não tenho serventia para nada disto, não me metto em nada mais que em rogar a Deos communique seu espirito aos que saõ cabeças, e braços de Religião (Carta CCXXIII, V. 2, p. 402).

Ao dar os seus pareceres individuais, Chagas sai da posição de mensageiro e se põe a fazer significações próprias, pareceres individuais, ligados ou não à ideologia da Igreja, o que parece sentir-se à vontade, uma vez que se percebe o vínculo que

cumplicidade que estabelece com seus leitores. Nas cartas, no entanto, não há colaboração maior do seu destinatário, uma vez que o autor centraliza o assunto em críticas sociais, passos para alcançar as graças e a exaltação a Deus; ou seja, mesmo a carta configurando um gênero que provoca a aproximação, a imagem do Frei centraliza-se quando fala de si.

c) **Chagas assume a voz do interlocutor**: em algumas cartas, há trechos em que o Frei assume o papel de seu próprio interlocutor, a fim de ensiná-lo a falar com Deus: “Meu Esposo, e meu Senhor, único amor da minha alma, gloria minha, delicia minha, que querereis de mim meu Deos, que eu não queira, vossa sou, eisme aqui, fezei de mim o que quiserdes” (Carta XVII, V. 2, p. 35).

Esse mesmo processo ocorre ainda nos momentos de êxtase, nos quais, ao conferir a instrução de oração ao seu destinatário, toma-a para si: “Meu Deos, meu Amor, meu Creador, meu Redemptor, Esposo meu, Pay meu, summa gloria minha, summa delicia minha, summo bem meu, ultimo fim de meus desejos, meu Deos.” (Carta XXXV, V. 2, p. 72). Ele assume um diálogo com Deus e não mais com o seu interlocutor. Mais adiante, assume a posição de Deus para falar com o seu interlocutor: “Filha, eu hei de ver agora, quem primeiro tira os olhos hu do outro: eu estarei olhando para ti, e tu para mim (Carta XXXV, V. 2, p. 73).

Podemos verificar esse mesmo efeito e outras cartas:

... dizendo: Meu Deos, e minha saudade, quando será possível, que esta saudade acabe na vossa vista? Quando, quando, meu Deos? (Carta LXXX, V. 1, p. 193)

Meu Deos, daime vossa luz, para conhecer vossa Bondade infinita, e amalla quanto posso, e para conhecer minhas misérias, e chorallas quanto devo (Carta XXXIV, V. 1, p. 88).

Amica mea ficut lilium inter spinas, e se entre ellas senaõ perde a amizade de Deos: Amica mea, antes se conserva melhor, digalhe V.M. sempre de coração: Aqui me quero, meu Deos, e assim vos quero donde vós quereis que eu viva (Carta XXXVIII, v. 2, p. 80).

Em suma, o capítulo se dividiu em cinco seções, das quais uma é predominante: temática. Trata-se do desengano do mundo, em que a persona António das Chagas baseia o seu plano de conhecimento de mundo e a experiência de vida na produção de sua escrita. Toma a si próprio como exemplo a não ser seguido e produz uma série de subcategorias dentro do tema: desengano, renúncia, sofrimento,

mortificação, autopunição, e outras. Já a segunda seção, reuniu uma temática ampla, própria do século XVII, à estratégia formal de composição, produzindo um discurso didático e pedagógico, do ponto de vista estratégico, e patriarcal, no que diz respeito à posição de conselheiro que assume. Nas três seções seguintes, a análise organizou-se segundo estratégias de condução/argumentação. São elas: como dizer o indizível, paralelismos e seus efeitos e o processo enunciativo.

As evocações e as imagens projetadas no campo enunciativo configuram o deleite e o envolvimento do leitor, sendo a fé o bastante para o Frei e seus destinatários que pertencem ao mesmo universo (crença religiosa). Dessa forma, a partir das estratégias analisadas, confirmamos que o discurso de Frei António das Chagas tem caráter poético, mas, sobretudo, caráter persuasivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*porque o ardente afecto com que amava seu Senhor,
não exauriu na comunicação de muitos,
ficando mais vigoroso quanto mais comunicado.
(Um amigo de Frei António das Chagas; sem referência)*

Nos escritos do Frei António das Chagas, particularmente em suas *Cartas Espirituais*, verificamos que o autor representa um homem próprio do seu tempo, envolvido ativamente com as ideologias difundidas pela Igreja Católica, em um cenário de Contrarreforma e de inquietação existencial. Sua vida, conforme apontamos, foi exemplo vivo dessa angústia, pois, de acordo com sua biografia, encontramô-la dividida em duas fases: a vida de militar e a vida de conselheiro espiritual.

A partir de nosso envolvimento com os romances de António da Fonseca Soares, por meio das transcrições dos manuscritos realizadas pelo grupo de pesquisa *A escrita no Brasil colonial e suas relações*, conseguimos traçar determinadas características que compõem a engenhosidade do poeta, as quais são levadas para sua vida religiosa, mudando a temática de seus textos agora com foco na religião.

Dessa escolha de vida, nascem as denominadas *Cartas Espirituais*, que são textos com a finalidade de aconselhar seus leitores para uma ação decidida de transformação plena. A relevância de suas composições está no modo como expressava-se ao fazer tais orientações, pois seu raciocínio articulado e persuasivo demonstrava que para se chegar a Deus é indispensável o despojamento das coisas do mundo, uma vez que estas não devem ser obstáculos para receber as virtudes divinas.

Cumprindo seu papel de missionário, o Frei tornou-se um guia para os leitores religiosos que ansiavam pela salvação da alma. Valendo-se de um discurso didático e da autoridade que lhe foi atribuída, traçava as regras de conduta para se alcançar a perfeição do espírito em uma linguagem sistemática, cautelosa, ora intimidadora, ora sedutora.

Em suas missivas, ficaram evidentes várias temáticas tratadas pelo neoestoicismo – pensamento consoante à época –, o que revigorava ainda mais seus discursos. No campo enunciativo, estabeleceu-se um contrato entre o Frei e seus destinatários, pois ambos tinham crenças e valores partilhados, ou seja, estavam

ligados à doutrina da Igreja Católica. Dava-se, portanto, um discurso manipulador, pois pressupunha-se que, para os homens fora da condição de fé organizada sob a forma de religião, não haveria salvação. Dessa forma, seu discurso tem a orientação argumentativa de um público ideal, garantindo-lhe, em maior grau, a eficácia dos recursos de sua linguagem.

Seus argumentos baseavam-se firmemente na condição de vida terrena proposta pela imitação de Jesus Cristo, sua Paixão e Morte. A Cruz simbolizava, pois, o sofrimento, e este era o meio pelo qual o homem atingiria a perfeição. Logo, a escolha de uma vida religiosa implicava numa vida de obediência, mortificação, renúncia e sacrifício, uma vez que a felicidade só se realizaria no encontro com Deus. Ademais, salientamos que, conforme a biografia abordada no II Capítulo, o pensamento do Frei não se desvinculou da sua conduta, pois relembra de sua vida com lamentações e arrependimentos, condenando-se pelos seus erros passados. Contudo, fazia questão de que os seus leitores soubessem de sua fase mundana, revelando-se como exemplo de conversão.

As cartas ainda apontam questões pessoais, demonstrando um homem crítico, e sem medo de dar voz as suas opiniões no contato que mantinha com aqueles que o acompanhavam na sua edificação espiritual. Encontramos críticas a si, a religiosos, a pessoas da sociedade; e sua severidade estava na ‘ponta da pena’ quando optava pela correção de seu leitor. Não aceitava para si títulos dentro da Igreja – pois considerava-os regalos da vaidade – e determinava a obediência à Igreja como necessária para a vida religiosa, desde que não transpusesse a vontade de Deus.

Para o Frei a humildade era o caminho para alcançar todas as virtudes, atribuindo-a a si próprio quando assinava tantas vezes suas missivas como “servo inútil”. Configura-se, assim, tanto em suas palavras quanto nas relações de similitude que constrói nos seus textos, a ideia de que quanto mais humilde, mais próximo de Deus se chega.

A sua maneira de transpor todas essas abstrações na escrita é que tornou o seu epistolário campo para os procedimentos criativos com características essenciais da linguagem mística. Assumindo o papel de porta-voz de Deus e empenhado em sua missão de salvar as almas, o Frei buscou levar a doutrina cristã e, para isso, construía seus discursos procurando aproximar o imaginário do seu leitor com as representações concretas, intermediando o plano terrestre e o plano divino. Assim, as

noções de retórica foram essenciais para a compreensão de tal procedimento. Quanto mais inteligível ao seu leitor, maior a possibilidade de adesão a sua ideia.

As cartas, então, desdobraram-se nas imagens que buscavam a materialização do pensamento do Frei, com a finalidade de instruir seus destinatários, direcionando-os a estabelecerem relação entre o universo humano e o universo das perfeições divinas. O efeito visual projetado nesses textos cria, além do efeito afetivo do discurso, vínculos associativos presentes no seu contexto, evocando a percepção projetada do desenho no seu espírito, passando-lhe a representar um conteúdo significativo.

A fim de garantir que informações complexas sejam mais facilmente compreendidas, o Frei utiliza exemplos da natureza e fatos do cotidiano para tornar sensível um conteúdo ausente. Assim, usa metáforas, alegorias, comparações para essa finalidade. E as metáforas vão formando outras metáforas, dentro do processo de amplificação, produzindo alegorias, não apenas na palavra, mas naquilo que estas representam. Vimos, então, as “estações do ano” como “fases da vida”, os “homens-rio” correndo para o “mar-Deus”, “a raiz de uma árvore” e o “alicerce forte” de uma casa como a humildade que persiste na busca de outras virtudes, imagens explicadas e justificadas pela busca do “Sol-Amor de Deus”. Dessa forma, as figuras deixam de apenas fazer parte do ornato na poesia e passam a possuir força argumentativa; temos, portanto, não a metáfora, a comparação, a analogia, mas estruturas argumentativas dessas figuras que, ao ressignificar essa imagem, persuadem seus destinatários.

O Frei, além de estabelecer essas comparações, explica em seguida qual o sentido que pretende. Há a preocupação em elaborar um discurso compreensível, evitando que seu destinatário faça interpretações próprias. Assim, procede da mesma maneira nas suas reflexões.

As emoções que essas imagens provocam no deleite e prazer do leitor, percorrem as cartas também como força persuasiva, despertando as paixões, medo, afetividade, uma vez que o gênero epistolar já impõe uma cumplicidade entre seus interlocutores e pressupõe-se já um conhecimento prévio sobre o outro. O temor provocado pela batalha do Bem e do Mal, pela imagem do Demônio e do Inferno, em contraposição ao prazer provocado pelos Anjos, Pátria Celeste, Supremo Deus, são oposições clássicas, matrizes de pensamento de uma comunidade religiosa.

As relações antitéticas têm a finalidade da aproximação da oposição, mas, com força de exclusão. O Frei expõe as duas possibilidades, respeitando o livre-arbítrio de

seus interlocutores, porém, deixa claro sua orientação no caminho a escolher, visto que apresenta suas consequências. Como seu discurso é claro e de fácil compreensão, porque é um discurso esclarecedor, encontramos constância de orações explicativas e consecutivas, vazão que dá para a sustentação de seu raciocínio.

É evidente nos discursos o uso do superlativo marcando predominantemente a maximização de Deus e a minimização do homem, com o objetivo de mostrar a dependência do homem em Deus. O superlativo tem a função de marcar esse grau de oposição, na tentativa de evidenciar a grandiosidade das virtudes divinas. Em colaboração a esse procedimento, a gradação e a amplificação acompanham muitos de seus discursos como também uma estratégia argumentativa, com a intenção de frisar ainda maior grau de diferença nas relações antitéticas.

Em relação à estrutura frásica de seu discurso o paralelismo está em maior ocorrência, mantendo uma estrutura coerente entre as unidades sequenciais, garantindo, assim, o reconhecimento de sentido do texto no processo de idealização mental do raciocínio. Dessa forma, as construções das figuras, o desdobramento de um pensamento em membros paralelos, formam uma unidade significativa e tornam-se, assim, mais compreensível ao interlocutor, garantindo a eficácia de seu discurso. Ademais, facilitam no uso de silogismos quando o Frei procura uma reflexão conduzindo para o caminho de sua intenção.

Seus paralelismos são marcados pelo quiasmo, com o propósito de relacionar oposições e provocar recorrências tanto de abrandamento quanto de forte apelo emocional, fazendo a função não só do contraste, mas da retomada de termos que garantem a unidade e a fixação da ideia do discurso.

Em relação ao efeito de sentido desses mecanismos, fica claro, durante a leitura das cartas, o destaque no processo de transformação do homem. Não há, segundo seus escritos, a mudança instantânea, mas há a transformação persistente, que se compromete com os desígnios da vida cristã: sofrimento, mortificação, perseverança.

O cuidado do seu estilo já era comentado pelos seus contemporâneos, como pudemos observar no prólogo de uma de suas obras, quando diz que:

... como trombeta Evangelica, já sonora, e agradável pela brandura, e commiseração dos fracos, e rendidos: já rouca, e terrível com ameaças da ira de Deos contra os rebeldes e obstinados, levado do fervoroso zelo da salvação das almas, gastou todos os annos de sua

Religiosa vida, percorrendo por todos os parcos, e paizes deste Reyno, despertando aos adormecidos na culpa, e chamando-os á penitencia, com taõ conhecida reforma nas vidas, como testificaõ as conversoens, que obrou ate morrer na empresa. Hoje ambicioso de mais ganancia, e ao parecer sentido de naõ pescar mais almas para Deos com as redes de sua doutrina no tempestuoso mar deste presente seculo, por lhe atalhar a morte os passos: quebrando seus foros, e rompendo suas cadeas, torna nestes escritos a sair do carcere de seu tumulto, dando vozes (se muda para surdos) clamorosas contra os descuidos humanos.

A ligação do poeta Frei Chagas com seu ambiente religioso, colocou-o como uma alavanca para os propósitos da religião, os quais potencializou-os na sua escrita tornando-se parte de outras vidas por meio de suas obras. Dessa forma, falar de sua contribuição literária é compreender o seu discurso poético, na finalidade do deleite, e no discurso persuasivo, que por meio de recursos retóricos, aconselhou e orientou seus leitores na sua doutrina. Nesse sentido, as construções de suas missivas inserem-se no contexto literário religioso, que impulsionou uma essência religiosa, pois, voltada à criação de imagens poéticas, teve um fim exclusivamente prático: chegar a Deus. Tecidas essas considerações, o Frei António das Chagas constitui-se um homem de seu tempo, dedicado à propagação da ideologia da fé católica estabelecendo o poder por meio do seu engenho poético, atrelando a argumentação à elocução ornada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA DE ANTÓNIO FONSECA SOARES/FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS

CHAGAS, Frei António das. *Sermão à Rainha Nossa Senhora* que pregou no auto da fee em Lisboa, de outubro de 1654. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1654.

_____, _____. *Lágrimas e Faíscas do Amor Divino*. Offerecidas a Christo Crucificado. Lisboa: Por Domingos Carnevro, 1680.

_____, _____. *Obras Espirituais Phostumas*. Dedicadas as Chagas de Jesu Christo Nosso Redemptor. Em Coimbra: Officina de Joseph Ferreyra Imperssor da Universidade, 1685.

_____, _____. *Cartas Espirituais*. Observadas por hum seu Amigo e dedicadas ao Serenissimo Rey de Portugal, Dom Pedro II, Nosso Senhor. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1684. (Volume 1)

_____, _____. *Cartas Espirituais*. Que consagra, e dedica a Magestade da Serenissima Maria Sofia Isabel, Rainha, e Senhora Nossa, o Padre Manoel Godinho, e c. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1687a.

_____, _____. *Escola de Penitencia e flagello de vicisosos costumes*. Por Frei Manoel da Conceyçam, parte I. Offerecido ao muito alto, e poderoso Rey e Senhor Nosso D. Pedro II. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1687b.

_____, _____. *Fugida para o Dezerto e Desengano do Mundo*. Lisboa: Officina de Pedro Ferreira, 1756.

SOARES, António da Fonseca. *Mouram Restaurado*. Offerecido ao Senhor Joanne Mendes de Vasconcellos, Tenente General da Província de Alentejo, Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor del Rey Nosso Senhor, 1658.

SOARES, António da Fonseca. *Panegyrico* ao Excelentíssimo Senhor Dom António Luiz de Menezes Conde de Cantanhede, Governador das Armas da Provincia do Alentejo, Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor del Rey Nosso Senhor, 1659.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ACHAR, F. *Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo: Edusp, 1994.

AGOSTINHO. *Solilóquios*. Tradução: Adauray Fiorotti. Revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998.

ALFENA, G. *Santinho do pau oco: sensualidade e religiosidade nos romances do Padre Antônio da Fonseca*. Assis: [s.n.], 2005. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP).

AMBRÓSIO. *Examerão*: Patrística. Editora Paulus, 1988.

ANTONIO, Frei S. S. *Ensaio de Rhetorica, conforme o methodo e doutrina de Quintiliano, e as reflexões dos autores mais celebres, que trataram desta materia*. Lisboa: Officina Luisiana, 1779.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Livros Católicos para download. Sem data. Disponível em: < <http://alexandriacatolica.blogspot.com/2017/04/suma-teologica-traducao-de-alexandre.html> > Acesso em 23 de jun. 2016.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto; Alberto do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Col. Clássicos, 2005.

_____. *Poética*. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

_____. *Retórica das Paixões*. Prefácio Michel Meyer. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AUERBACH, E. *Introdução aos estudos literários*. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

AZEVEDO FILHO, L. A. *Iniciação à Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

BOTERO, João. *Da Razão de Estado*. Coord. e Introdução Luís Reis Torgal. Trad. Raffaella Longobardi Ralha. Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1992.

BRAGA, T. *História da literatura portuguesa: os seiscentistas*. v. 3. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2005.

BOXER, C.R. *A Igreja e a expansão ibérica (1440-1770)*. Lisboa; Edições 70, 1978.

BURKE, G.T., “Estoicos, Estoicismo”. In Enciclopedia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, São Paulo: Vida Nova, 2009, vol. II.

CAMPS, Maria da Conceição; CARVALHO, Mário Santiago de. *Presenças do estoicismo no curso aristotélico jesuíta conimbricense (1592 -1606)*. Revista Filosófica de Coimbra — n.o pp. 349-374 46 (2014) Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/dfci/public_/publicacoes/vol_23_n_46_textos/presencas_do_e_stoicismo> Acesso em agosto de 2017.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A visão barroca de mundo em D. Frei de Guadalupe (1672-1740): seu testamento pastoral. (364-380)*, 2015. Disponível: <https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572b4d9a4d088e15d93352c5/1462455707536/25_Campos%2C+Adalgisa+Arantes.pdf> Acesso: 28 jun. 2017.

CARDOSO, Adelaide Filomena Amaro Lopes. *As religiosas e a Inquisição no século XVII: quadro de vida e espiritualidade*. Dissertação de Mestrado em História Moderna. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Porto, 2003. 209 p.

CARVALHO, M. S. F. *Poesia de Agudeza em Portugal*. São Paulo: Humanitas; Edusp; FAPESP, 2007.

CÍCERO. *Complete Works of Cícero*. IV. Cícero S. D. Curioni, Romae: parte priori 53? – Delphi Classics, United Kingdow, 2014.

CHERUBIM, Sebastião. *Dicionário de Figuras de Linguagem*. São Paulo: Pioneira, 1989.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e idade média latina*. Tradução Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1996.

CURTO, Diogo Ramada. *O discurso político em Portugal (1600-1650)*. Centro de Estudos de História e Cultura Portuguesa. Lisboa: Porjeto Universidade Alberta, 1988 (Coleção Temas de Cultura Portuguesa).

D'ARCADIA, Luís Fernando Campos. *Ut pictura poesis : a poesia vulgar "pintada" por Antônio da Fonseca Soares / Luís Fernando Campos D'Arcadia*. Assis : [s.n.], 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, campus de Assis, 2012. Orientador: Carlos Eduardo Mendes de Moraes.

DOMINIQUE BERTRAND, S.J., *La politique de Saint Ignace de Loyola*. Paris: Lês Editions du Cerf, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Petropolis, RJ: Vozes, 2014.

FRANCA, Leonel. *O Método pedagógico dos jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média, nascimento do Ocidente*. 2ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 2001

GABEL, J. B. e Wheeler, C.B. *A Bíblia como literatura: uma introdução*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

GILSON, Étienne. *O espírito da filosofia medieval*. Tradução Eduardo Brandão. Martins Fontes. São Paulo, 2006.

GODINHO, Padre Manoel. *Vida, virtudes e morte do Venerável Padre Frei António das Chagas*. Lisboa, 1687. Disponível em:<
https://books.google.com.br/books?id=71HclH7EYtUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em 14 ago. 2016.

GRANADA, L. *En el cual se enseña todo lo que el cristiano debe hacer, desde el principio de su conversión hasta el fin de la perfección*. Primeira edição em 1556 e a edição expurgada e refundida de 1567.

HANSEN, J. A. *A Alegoria*. São Paulo, SP: Hedra; Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006.

_____. *A sátira e o engenho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOMEM, Pedro Barbosa. *Discursos de la jurídica y verdadera razón de Estado* En la imprenta de Carvallo, 1629 Disponível em<
<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k134322c>>. 19 out. 2017.

HORÁCIO. *Arte Poética*. Introdução, tradução e comentários de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito, 1984.

Justo Lipsis. *De la constancia*. Traduzido por Juan Baptista de Mesa. Madri: Imprenta Real, 1616. p. 22.

HUGON, Padre Édouard, O. P. *Os princípios da Filosofia de São Tomás de Aquino : as vinte e quatro teses Fundamentais*. trad. Odilão Moura,D. . Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. 318p. (Coleção Filosofia; n. 77)

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. In: *Linguística e comunicação*. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.p. 118-162.

KERR, Larissa de Souza Lopes. *Si uales, bene est, ego ualeo: algumas concepções do gênero epistolar greco-romano*. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil, 2016. Disponível em: <
<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/viewFile/757/1097>>

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Tradução, prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. 2ª.ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

LOPES, André da Costa. *Antônio da Fonseca Soares: homem de letras e armas. Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas.* (Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima - Hernandez, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem, 2010 p. 35-49.

LOYOLA, Inácio. *Exercícios espirituais.* Tradução por Vital Cordeiro Dias Pereira, S.J. 3 ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1999.

MALDONADO, M. H. *Antônio da Fonseca Soares (Frei Antônio das Chagas): Trinta Romances Inéditos.* Coimbra: Universidade de Coimbra, 1992.

MARTINS, Flat James de Souza, COSTA, Célio Juvenal. *Religiosidade Portuguesa no século XVI: análise do catolicismo tridentino na educação jesuítica.* Seminário de pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá 27 e 28/04/2010. Disponível em http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/023.pdf > agost. 2017.

MATTOSO, José. *A Escrita da História: teoria e métodos.* Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

MAYORAL, J. A. *Figuras retóricas.* Madrid: Ed. Síntesis, [s.d.].

MELO, Mônica Santos Souza (Org.) . *Reflexões sobre o discurso religioso.* Belo Horizonte : Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017.

MOLINOS, Miguel de. *O Guia Espiritual.* Trad. Humberto Maggi. Rio de Janeiro: Safira Estrela Editorial, 1998.

MORAES, C. E. M. *Fonseca, Chagas ou Ribeiro da Costa?.* Revista Philologus, v. 39, p. 7, 2007.

_____ (Org.). *Erotismo e religiosidade: romances de Antônio da Fonseca Soares sobre mulheres.* São Paulo: Editora Unesp, 2013.

MORAES, Marcos Antônio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira.* São Paulo: EDUSP, 2001.

MOSCA, L. L. S. *Retóricas de ontem e de hoje.* Organização Lineide L. S. Mosca, 2^a ed. São Paulo: Humanitas Editora/FFLCH/USP, 2001.

MOTA, Bento Machado. "O Estoicismo Maquiavélico: Justo Lípsio e o Maquiavelismo Ibérico no início dos Seiscentos". *Revista 7 Mares* – no.1. Outubro de 2012. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/7mares/wp-content/uploads/2014/04/v01n01a03.pdf> Acesso em: setembro, 2017

MUHANA, A. *O gênero epistolar: diálogo per absentiam*. Discurso, (31), 329-346. Disponível em <<https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2000.38043>>, Acesso em agosto de 2018,

_____. *A epopeia em prosa seiscentista: uma definição de gênero*. São Paulo: UNESP, 1997.

NUNES, Rui Afonso da Costa. *História da Educação no século XVII*. São Paulo: EPU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

OLIVEIRA, Padre Miguel de. *História da Igreja*. Lisboa: União Gráfica, 1952.

ORLANDI, Enni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3ª ed, Campinas: UNICAMP, 1995.

PALOMO, Federico. "Una bibliografía imperfecta o el analisis fragmentario a treinta años de estudios sobre historia religiosa de la península Ibérica en los siglos XVI-XVIII". Lusitania Sacra Revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. *Da História Eclesiástica à História Religiosa*. 2ª. Série. Tomo XXI. Fundação Calouste Gulbenkian. FCT. Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009.

PÉCORA, A. *Teatro do Sacramento*. São Paulo: Universidade de Campinas, 1994.

_____. *Poesia seiscentista: fênix renascida e postilhão de Apolo*. Introdução Adolfo Hansen. São Paulo: Hedra, 2002.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. *O religioso e o social na comunicação face a face*. Aracaju: Edição da Autora, 2002.

PETERLINI, Ariovaldo Augusto. A Retórica na Tradição Latina; In *Retórica de ontem e hoje*; Lineide do Lago Salvador Mosca (org). São Paulo, Humanitas editora/FFLCH/USP, 2001.

PERELMAN, ChaimChaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumantação: A Nova Retórica*. [Traité de L'argumentation: la nouvelle rhetorique] Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Prefácio de Fábio Ulhôa Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIMENTEL, A. *Vida mundane de um frade virtuoso*. Lisboa: Livraria Antonio Maria Pereira, 1889.

PLEBE, A. *Breve história da retórica antiga*. Tradução Gilda Maciel de Barros. São Paulo: EDUSP, 1978.

PONTES, M. L. B. *Frei António das Chagas: um homem e um estilo do séc. XVII*. Lisboa: Sa da Costa, 1953.

_____. *Os homens e os livros (séculos XVI e XVII)*. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

QUINTILIANO, M. F. *Institutio Oratoria*, Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/~fidalgo/retorica/quintiliano-institutio.pdf>>, Acesso em: 28 de jan. 2015.

REIS, Carlos (org.). *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Volume III. Maneirismo e Barroco (por Maria Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Carvalho). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2001.

RICHARDS, I. A. *The philosophy of rhetoric*. Oxford, Univ. Press, 1936.

RICOEUR, P. *A metáfora viva*. Porto: Rés, 1983.

RIVADENEYRA, Pedro. *Tratado de la religión y virtudes que debe tener el Príncipe Cristiano, para gobernar y conservar sus Estados*. Pantaleon, 1788, p. 20.

ROHDEN, Luiz. *O poder da linguagem: a Arte Retórica de Aristóteles*. 2ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010 (Coleção Filosofia, 54).

SANTOS, Maria Conceição da Glória. "As relações entre a Igreja e o poder monárquico português: os sermões de Antonio Vieira como base ideológica para a manutenção da Restauração. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.

SANTOS, Rosinely Alves dos. *Entre a razão e o êxtase*. São Paulo: Loyola, 2004.

SARAIVA, Antônio J. *O Discurso Engenhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SEARA, Isabel Maria Loureiro de Roboredo. *Da epístola à mensagem electrónica metamorfoses das rotinas verbais*. Tese de Doutoramento em Linguística, na especialidade de Linguística Portuguesa, sob a orientação da Professora Catedrática Maria Emília Ricardo Marques. Universidade Aberta Departamento de língua e cultura portuguesas. Lisboa, 2006.

SPINA, S. *Introdução à edótica*. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

SILVA, Hugo Ribeiro da. *O clero catedralício português e os equilíbrios sociais de poder (1564-1670)*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2013.

TESAURO, E. *Il Cannocchiale Aristotelico (1654)*. Disponível em: <<https://archive.org/stream/ilcannocchialear00tesa#page/82/mode/2up>> Acesso em: 05 de fev. 2015.

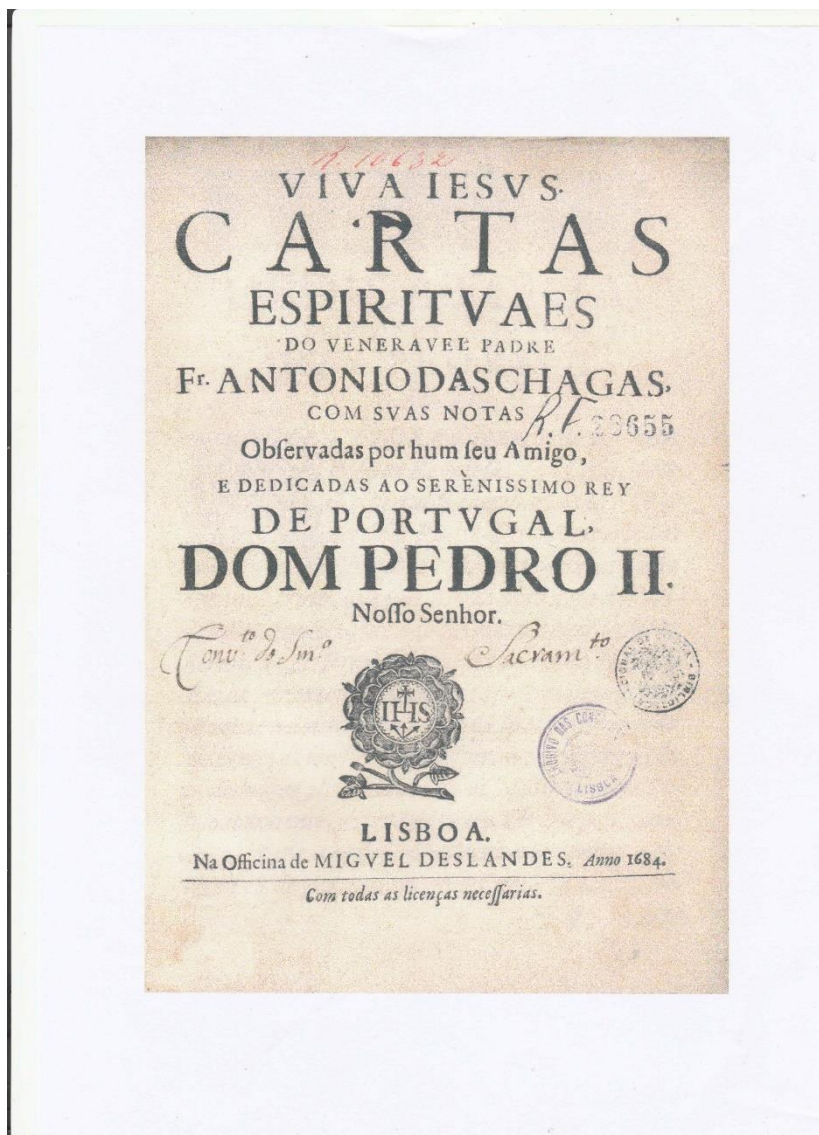
TORGAL, Luís Reis. *Ideologia Política e Teoria do Estado na Restauração*. Vol. I. Biblioteca Geral da Universidade Coimbra 1981.

VILAR, Socorro de Fátima Pacífico. *A invenção de uma escrita: Anchieta, os jesuítas e suas histórias*. EDPUCRS, Porto Alegre: EDPUCRS, 2006 (Coleção Memória das Letras, 21).

ANEXOS

Anexo 01

CHAGAS, Frei António das. *Cartas Espirituais*. Observadas por hum seu Amigo e dedicadas ao Serenissimo Rey de Portugal, Dom Pedro II, Nosso Senhor. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1684. (Volume 1)





PRIMEIRA
CARTA
 DO VENERAVEL PADRE
 FREY ANTONIO DAS CHAGAS
 Para huma sua Irmaã.

O Amor de Deos arda, & ferva em nossas entranhas.



IRMAA, ou morrer na empresa, ou alcançar a victoria, ou chegar ao monte da perfeiçam, ou morrer nos suspiros da devoção. Seguir a Christo he o mais alto cume. O seguir a Christo nam consiste em cuidar altas cousas de sua Divindade, senão em seguir os passos de sua vida, & crucificada Humanidade. Oh quem fizera isto! Imitar, & seguir a Christo he fazer o que elle fez, exercitar as virtudes, que elle exercitou, convem a saber: louvar a seu Eterno Pay, darlhe toda a gloria, & honra, & ser esta a tençam de todas as nossas obras: ter misericordia do proximo, ou seja máo, ou seja bom; se he bom, amallo, pois Deos o ama, & se he máo, soffrello, pois Deos o soffre.

Haveis de dezejar a salvaçam de cada hum como a vossa mesma. Tanta pena vos há de dar ver que se perde qualquer Alma, como se fora a vossa propria: se nam fazeis isto perfeitamente, nam guardais a Ley de Deos perfeitamente. Vede vós, que poucos a guardaó? Choraí isto muito. Porque isto he o que faz chorar aos bons, encommendar muito a Deos; que tenha piedade dos máos, sem vos escandalizar de nenhum. Oh doutrina do Ceo, quem te guardára à risca, que logo fora Santo!

Melhor he, Irmaã, obrar bem, que conhecer o bem. Por isso a santida-

A de

Cartas do Veneravel Padre

de nam consiste em muito contemplar, senam em muito obrar. Mais val hũa dia, em que andais fazendo obras de charidade, ou de humildade, ou de obediencia, ou de paciencia, que estar hum mez em contemplaçam, extasis, & em raptos. Porque isto he comer a iguaria sem a merecer, & aquillo he merecêlla, ainda que a nam chegueis a comer. Finalmente nam tenho tempo, ainda que a marè he boa. Lembraivos do que aqui vos digo. Entendei que volo manda dizer o Espirito Santo, & a todos os que o lerem.

Começar: começa quem bem dezeja, aproveita quem se resolve, chega à perfeiçam quem poem por obra tudo. O alicerce desta casa he a humildade. A virtude da humildade consiste em vos ter por peor que todos quãtos ha no Mundo, ainda que sejaõ mãs mulheres, & homens perdidos; entendendo, que se Deos lhe dêra o que vos deu a vòs, que elles foram meliores que vòs. Desta humildade nasce o conhecimento de nossa grande vileza, deste conhecimento nasce o odio, que temos a nòs mesmos, tratando mal o corpo, mas isto com prudencia; que o demasiado fogo à panella a faz rebentar. Deste odio nasce a mortificaçam de nòs mesmos, desta mortificaçam o amor de Deos, deste amor de Deos o aborrecimento de tudo o mais, & desprezo do Mundo. Deste aborrecimento nasce o exercicio da penitência, contra a qual se levanta o Mundo, Diabo, & Carne com grande perfeiçam, tentaçam, & tribulaçam, que servem como de fornalhas para provar o espirito: se o espirito he falso, como palha vaã, & inutil se abraza na fornalha: & se o espirito he verdadeiro, como o ouro se apura nas lavaredas, fae mais lustroso nestas tribulaçoens, que ou vem de Deos para nossa prova, ou do proximo pela murmuraçam, ou de nòs por nossa natural fraqueza. Exercitase a paciencia, da paciencia nasce a mansidaõ, da qual Deos muito se enamõra. Desta mansidaõ nasce a devoçaõ, que he hum dezejo ardente de Deos, deste ardente dezejo de Deos nasce a pura intençaõ, que he amar a Deos, nam por nos salvar, nem por nos dar gofsto, nem por interesse algum, senaõ por sua immensa, & sobre infinita, & além de amavel bondade, benignidade, & fermosura. Desta pureza nasce o tratarmos de ajuntar a nossa com a sua vontade. E aqui està o ponto de tudo. Desta vontade, que temos de nam ter vontade, nasce a resignaçãõ. A resignaçam he huma entrega, que fazemos a Deos da vontade propria.

Esta resignaçam se exercita de dous modos: hum em conformidade cõ Deos, dandolhe graças portudo quanto nos succeder, ou seja bem, ou mal, como naõ seja peccado: ou por indiferença, que leva indeterminaçãõ, como que nos pemos a esperar de Deos igualmente as consolaçens com tençam de entender a vontade de Deos pelo que nos succede, como naõ seja culpa. Desta indeterminaçam, que he altissima virtude, nasce a uniaõ com Deos, desta uniaõ huma paixãõ doce na Alma, que bem se sente na Alma, que nos abra-

Frey Antonio das Chagas.

abraça Deos. Desta paz nasce a liberdade do espirito. Liberdade do espirito he estar a Alma livre de todos os desejos da terra, & de seus vicios, ou seja por memoria, ou por desejo de voar a Christo, de despir as prizoens da carne, & de morrer, & gozar a Deos claramente na Celeste Patria, tudo he suspirar ao Ceo, & chorar pelos bens da Gloria. E como vemos, que nam quer Deos soltarnos tam depressa do carcere deste corpo, viremos a padecer solidão, isto he andar fugindo da gente, & communicagam, buscar lugares tristes, & solitarios, soliloquios interiores com Christo. Estes se apertam mais com a sagrada Communhaõ, com a qual se une o Senhor muito a Alma. Desta conversaçam com Deos nasce desejo da Cruz para acabar crucificados com Christo, & para q̄ mais cedo subamos ao Ceo por esta Cruz. E desta, tomada por gloria, nasce a esperança certa, & infallivel, de que Deos ha de salvarnos. E aqui acaba o pégo, ou para melhor dizer, se chega ao cume do monte da perfeiçã, quanto ao nosso conhecimento; ainda que muito ha de perfeiçã daqui para diante. Mas quem chegar aqui, bem pôde dizer com S. Paulo: *Eu já nam vivo em mim; porque vive em mim Iesu Christo.* Elle vos guarde, & guarde a todos os que lerem este papel, que soy vontade sua, q̄ este indigno, & miseravel, inutil, falso, & mentiroso a Deos, de sua vontade o escrevesse para sua gloria, honra, & bem de todas as Almas de todos aquelles, que o guardarem à risca. Guardai ao menos este papel, que algum dia pôde ser, que me aproveite do que elle diz. E Deos vos faça Santa. Imão inutil, & sem proveito,

Frey Antonio das Chagas.

NOTA.

Esta Carta do Veneravel Padre para huma Irmaã sua, he escrita com tanta fortaleza, charidade, & espirito, que parece huma Epistola de Sam Paulo. Começa: Ou morrer na demanda, ou conseguir a vitoria. Para nos dizer, que tambem he conseguir a vitoria, morrer na demanda. Que esta differença fazem as pertençaens com Deos às pertençaens do Mundo: & por isso diz logo, que a perfeiçã estã em seguir a Christo crucificado, & exercitar suas virtudes, & perseverar na imitaçam de seus exercicios. E nam sey que sendas, ou que atalhos andãõ buscando muitos espirituales, depois que se nos deu do Ceo este Exemplar soberano. Diz, que havemos dezejar a salvaçã alheia como a nossa propria, & encomendar a Deos os bens, & os máos. A razãõ he, por que quem nam dezeja o que dezejou Christo, & nam roga pelo que elle rogar, nam imita a Christo. E sentir menos a perdiçã alheia, que a perdiçã nossa, he amarmos mais a nos, que amar a Deos: por que não amamos, nem como Christo nos ensina, nem como Deos nos ama. Diz, que melhor he obrar bem, que conhecer o bem. E não

A ij pa

CARTA II.

O Amor de Deos more em a Alma de V. M.



MVITOS dias ha que me vejo com muitas dividas a V.M. & com impossivel de pagar a V.M. estas letras, nem ainda a responder, pela occupação continua de toda a hora, que nas Missões havia: agora que me acha menos impedido, começo dando a V.M. as graças destas memorias suas, que se nam cabem no que mereço, dezejo agafalhallas bem no que as estimo. Senti os quebrantos, & desalentos de V.M. & estimo as melhorias. Os apertos do coração, se são da natureza, devemse com resignação soffrer, se são da Graça, devemse com favor estimar. Deos carrega no coração as Esposas, para que o sello se imprima, aperta porque não larga aos que de sua Graça toca. O que importa, he louvar a Deos por tudo, sem que as molestias do corpo cauſem o menor desalçoego no espirito. O Padre Provincial teve gosto de que eu ficasse aqui, onde o espero. Elle resolverá para onde as Missões haõ de ser, ou para onde o Missionario ha de hir. Eu não tenho petições no Paço: salvo o que me mandar a Obediencia, como nam seja contra a minha consciencia, & não sendo: quanto mais desbaratada for a petição, mais graça terá para mim. Obediencia he huma virtude, que então tem mais de obediencia, quanto de nos menos tem: exercitarſe na tó-taria, he sua discricam; porque no que era acerto, & razão, pouco se mere-ce. Folgára, que me mandarão fazer despropósitos toda a vida, & que eu os fizera sem carranca, nem esgravatar com o juizo. Porque nos acertos ha mayor perigo pelos applausos, & complacencia; nos despropósitos me-nos. Além disto, a mim não me toca alcançar bom despacho; fazer o que me mandão, & fazello bem, he só o que me toca. Neste papel, que cá veyo, vejo, que V.M. está pouco aproveitada. Nam se meta mais em Latinida-des, nem em papeis de amores de Deos: faça o coração seu papel, imprimase este amor no coração, sem dar por fóra ſinaes de ſy; mais que em ser muito obediênte, & muito pobre, & muito desprezadora de ſy, & muito esti-madora dos outros. Luffre a modestia, a gravidade, o ſilencio, a compostu-ra exterior, & interior, & as couſas, que V.M. tem por preceito, ou por obri-gação, & em tudo o mais seja o Reyno do Ceo theſouro eſcõcido em V.M. Porque todas effas borboletas de papel nam nos daõ outras boas novas, q de

A iij aver

aver em V.M. muitas vaidades ao Divino, & pouca mortificação ao humano. Queime todos os papeis, que achar. E os meus, se tem algum gofio nelles; façahe tambem o mesmo. E ponha essas cinzas por mementos, de que tudo o mais he engano, & vaidade; doendose sò de seus peccados. E nam sendo como os mininos, que nam sentem perder a joya, nem manchar o vestido; mas perder bonecos, derribarem lhe cafinhas de lodo, & tomarem lhe huma maçã. Já nam he tempo de engatinhar, senão de correr. O modo de engatinhar, he hir para Deos ao geito da natureza: o correr, he buscar a Christo, Senhor nosso, pelas valentias da Graça, vivendo sempre em huma amorosa violencia, com que nos crucificamos contra tudo o que queremos fóra da obediencia, ou vontade de Deos. A vontade de Deos he, que V.M. seja fanta. E para o ser, nam ha de fazer o que quer, senão o que nam quer. Morrer mais cedo nam danná nada, antes importa muito; porque se chega mais cedo ao porto, para onde se navega. A morte he espantallho de miseraveis; mas he sede continua dos que amão a Deos. Porque he meyo necessario para nos unir com a presença, & vista Divina; & sem passar pela morte, nam pôde ser. Toda a frieza, que nos ata, & embaraça, he falta de amor de Deos: que se houvera amor, a mesma pena, que na frieza nos espanta, no ardente do amor, grande alegria nos déra. Quem caminha em tempo de Inverno, sente muito o vento, que lhe dá no rosto, & por isso com a capa, ou com o braço faz por se defender do vento. No tempo do Estio nam he assim: antes aquelle mesmo ar, que no Inverno dava pena, he viraçam, que dá gofio. E o que antes por penoso se aborrecia, entam por suave se ama: & por isso se abre o peito, se descobre o rosto, & se tira a roupa, para que por toda a parte o vento se receba. E de que nasce isto? De que no Inverno ha muito frio, & no Verao muito calor. No Divino Amor he o mesmo. A que está frio no espirito, qualquer vento de mortificação he tormêto grave. Por isto contra a enfermidade, afflicçam, & adversidades se usaõ milhares de artificios, defensivos, & remedios. E isto he final de estar huma Alma no Inverno das tibiezas sem o calor divino. Ao contrario, os que estão no Verao da Graça, no Estio do Amor de Deos, abremse, expoemse, anhelão, suspirão pelas mesmas afflicçoens, que eraõ o seu fastio, amão as mortificaçoens, os desprezos, & adversidades no gofio, no espirito, de fóra, & de dentro. Veja V.M. como lhe vay disto, & se ainda se agasta, & nam gofsta desta viraçam do Ceo. Saiba que até o gofio he Inverno. Tenho achado (miseravel de mim!) que quanto acho bom, & he discurso, & nam prova de experiencia, que nam ha neste Mundo verdadeiro amor de Deos, mais que padecer por elle; tudo o mais, até os actos de amor, que com o coração se dizem, & sem se padecer se fazem, tenho para mim que he arte de perguiçosos, ou quando muito, perguiça de predestinados. Mas ainda assim he bom para os aprendi-

Frey Antonio das Chagas.

7

dizes, quando em continua memoria de Deos nam tem respiraçam sem acto de amor: Meu Deos, & meu amor, amor eterno meu. Isto faz quem nisto cuida sempre, & quem se resolveo a nam cuidar mais que nisto para amar isto. Mas daqui passa a aborrecese, & a atormentarse a sy, quem ao fino sabe amar a Deos. Veja V.M. o que mais lhe custa, & isto faça. Nam fallo impertinencias indiscretas, que he andar pelos arrebaldes. Dentro de nós esta o Reyno do Ceo, as mortificaçoens de dentro, matando diseriçoens, criaturas, memorias, & alivios, ficando só com Deos, & com quanto a elle eleva, para tudo o mais ser grimpa sem voz, que ao vento da Obediencia, & da obrigaçam se muda, ou esteja sem movimento. E se pelo caminho, que digo, vier alguma mortificaçam exquisita, festejalla, & recebella bem, sem desculpas, sem queixas, nem carrancas; antes com huma alegria modesta, unida com a memoria de meu Crucificado Senhor, que tudo suaviza; & logo dà às Almas outros sabóres, que antes nam souberão. Mas nam por isto, se nam pelo agradar, se ha de fazer tudo. Dou a V.M. de alviças pelas boas novas de Lamego, as mortificaçoens que lhe tenho dado: que esta he a melhor moeda daquelles, que em Deos são amigos. O Padre Frey Iacinto foy neste ponto de meu parecer. A outro Padre escrevi, mas nam tive resposta sua. A melhor para mim será, que elles, & todos se ponhão contra mim. Bemdito seja Deos, que nam presto mais, que para queixa dos amigos, & escandalo dos mais! Galante graça era meterme em lutas com o Diabo. E nam sey onde aqui esteve a graça, para ser conto. Bem folgára de estar já em estado, que fiara Deos esta batalha de mim, ainda que sahira com as mãos na cabeça. Mas miseravel de mim, que tam pouco cuidado dou ao Demonio, que ainda me nam vi nessas pressas, nem metido nessas tallas. Naõ me estivera mal, que elle me puzesse as mãos, & a boa vontade nesta vida; com tanto, q nos nam vissemos, nem fallassemos mais na outra. Quem pois assim anda feito farça do Diabo, que muito, que ande entre os dentes dos myste- riosos. Eu estou certo, que de mim se nam podem dizer milagres; que se digaõ diabruras, nam estranharei muito. Porque he certo, que se disserem o peor, profetizaõ, & adivinhaõ o que ha em mim. Do mar se naõ tira agua, que nam seja salgada, & amargoza: de mim se nam podem dizer cousa, que nam seja ruim. A pessoa, que quer meu parecer para as suas duvidas, diga V.M. que se nam aconselhe comigo, que sou terrivel nos conselhos, mais q na execuçam: para os outros sempre digo grandes cousas, & nam presto para mim. Sou como os trinchantes, que repartem iguarias aos outros, & ficam em jejum. No que toca ao exercicio de V.M. já lhe escrevi o que havia de fazer. Quanto às mortificaçoens, faça o que lhe aconselhei no Confissio- nario, até que de mais perto tomemos novas noticias. A outra mortificaçãõ extraordinaria, nam a faça sem ordem expressa; salvo se lho mandar a Obedien-
cia:

diencia. A Oraçam nam a largue, ou seja assim, ou assim. Peço a V.M. que se eu morrer, peça ao Senhor N. me mande dizer cinco Missas pela minha Alma. Seja a Missa das Chagas de meu Senhor Iesu Christo; para que por ellas me perdoe as terriveis penas, que mereço; se me houver perdoado as culpas horrendas, que tenho commetido, como espero, sem o merecer, que por sua Misericordia me perdoe. Nas suas confissoens, ainda que mortifique o brio, declarese sempre de modo, que fique sem escrupulo. Os peccados veniaes basta dizer hum, ou dous, ou os que quizer; mas he necessario ter tambem proposito da emenda. Nam se lhe dê que a reprehendam. Porque he muito tenra arvorezinha, que tem medo de hum pouco de ar, tendo mais razaõ para temer o fogo. Tornolhe a encomendar a santa Oraçam. Porque as nossas Almas são como a cera, & Deos como Sol: a cera, por amarella que seja, se se poem ao Sol, quanto mais vezes a poem, tanto se faz mais branca: assim a Alma, quantas mais vezes se poem na presença Divina, tanto a seus soberanos rayos se faz mais pura. Continúe V.M. nella o cuidado, q tem de mim. Deos, que ha de pagar tudo, elle guarde a V.M. como lhe peço, & dezejo. Servó inutil,

Frey Antonio das Chagas.

NOTA.

O Veneravel Padre escreve nesta Carta, como ordinariamente faz em todas, tam altas doutrinas, que só elle poderá bastantemente ponderallas: & assim nam he a minha tençam, mais que tocar alguns pontos nellas, por que quem ler faça mais alguma reflexam por causa das Notas. A primer a he, que diz, que os apertos do coração, que sentia esta Religiosa, a quem escreve, se devem sofrer cõ resignaçam, se são da natureza, & estimar como favor, se são da Graça. E supposto que não he facil de alcançar, de qual destas cousas procedem, ambas se abraçam, quando se aceitaõ com humildade: & por isso diz que se recebaõ sem o menor desasçoego do espirito. Diz, que nam tem peticoens que fazer no Paço, mais que as que lhe mandam a Obediencia, & que quanto mais desbaratada for a petiçam, teria mais graça. Oh que grande paz terião as Religioens, se a todos os Religiosos fosse agradavel esta doutrina! Diz, que folgára, que lhe mandarão fazer desbarates; nam por que nam amasse muito os acertos dos Superiores; mas por que aqui fallava só no que tocava à sua pessoa: aonde tirava mais proveito a sua Alma, quando achava mais repugnancia a natureza. Por que muitas vezes dezejamos fazer o que nos mandão; mas queriamos que nos mandáram o que dezejamos.

Diz mais abaixo, que se não meta em Latinidades, nem em papeis de amores de Deos. O Veneravel Padre er a grande examinador daquelles espiritos, que toma-

CARTA III.

O Amor de Deos more em a Alma de V. M.



PARECE, que não he Deos servido, que escreva largo a ninguem: porquanto havendo tomado este dia para defaço-garme de Cartas desde a madrugada, excepto hum breve effasso, me não deixarão até agora. E em nenhuma parte acho sossego, nem retiro, nem recolhimento, mais que só em Deos, & entre as çarças, & as espinhas. Agora me furto de noite, porque de dia não he possível, & começo com V. M. quando para bem havia de acabar a tarefa, que ha de hir à manhaá no Estafeta: que apenas chega, quando parte. Ora tenha V. M. muito boas Festas, & melhores Annos que os passados, para que lindo de bem em melhor, & de virtude em virtude, chegue ao summo bem, que lhe dezejo. Aqui me vejo com muitas Cartas de V. M. humas muito antigas, outras mais modernas: àquellas não respondo, porque já respondeo o successo; a estas direy o que posso, agradecendo a V. M. como sempre, o cuidado que tem dos meus acertos: que a este, & às suas oraçoens de V. M. attribuo, depois de Deos, muita parte dos bens, que tenho. Muito agradeço a noticia daquella pessoa, que se peiorou no bom tempo, eu, com o geito que posso, faço a possível diligencia, porque os males se examinem, & conhecidos se remedeem. Dê Nosso Senhor a sua luz, que sem ella vivemos às escuras: & a mayor sombra, que nos tira a vista, he o proprio Entendimento. Da outra, que V. M. sabe ha muitos tempos que choro os achaques, já me parece que lhe dei os avisos. Põnalhe Deos os remedios. Não ha mayor erro, que querer governar o Mũdo, quem não sabe governar-se a sy. Os fundos, que isto tem, & as raizes, donde nasce, grande misericordia de Deos he conhecellas. Não ha felicidade, como ter huma pessoa para sy, que não ha outra cousa nesta vida, mais que Deos, & a sua Alma. Mas a esta felicidade poucos chegão! Tudo o q se disse de mim, teve sua graça. E para nada me prestára, quem de mim sentira bem, ou o dissesse. Quantos tem a sua meditação nos meus preteritos, & futuros, me fazem algum proveito com ella. Porque me ensinão muitas cousas, que eu não soubera, se esta memoria, que tem de mim, faltára. Creio, que o amor, que todos me tem, os faz dezejar que eu seja muito perfeito; mas como sempre fuy mentirozo, he muito pouco o fruto, q de tudo tiro.

Ain.

Frey Antonio das Chagas.

11

Ainda assim dou muitas graças a Deos, por haver disposto as cousas de modo, que eu não fosse já hoje tronco, ou tição do fogo eterno. As quedas de V. M. sinto muito; porque quizera que cahira em tudo, como entendida, mas não como precipitada. Bem poderamos fazer agora algum juizo sobre cahirem as Estrellas. Mas como V. M. a teve tão boa, que não houve lezão na cabeça, não ha para que fazer reparo nestes pronosticos; & menos nos do Inferno, a quem está na casa de Deos. Não faça V. M. mais diligencia pelas cozinhas, basta que nellas não falte, quando simplesmente o ordenar a Obediencia. No formar figuras não use V. M. violencias: quando possa, & ache devoção, o faça. Quando se lhe perca o affecto, & gaste o tempo nefas sombras sem muito fruto: vásse à luz, quanto Deos lhe der. Porque na tempestade ninguem navega como quer, senão como pôde. Mas sempre q̄ possa, entre por essa porta: que o mais, he ser ladrão. E no Ceo, não se entra senão por caminho direito. E ou por este caminho, que he Christo, ou por esta porta em verdade crida, ou em figura formada, só se entra. Nam estou bem com humas vidas de espirito, que sem terem vencido as Naçoes, que impedem a entrada da Terra de Promissão [que he meyo necessario] não sô de salto, mas de voo querem chegar ao fim, & ao termo, onde sua Divina Magestade nos leva depois de muitas batalhas, conflicto, & trabalhos. Medite V. M. nas Festas, & na variedade dos tempos, accommodandose aos Mysterios, que nelles se solennizão, como o fim seja achar a Deos, & dezejar puramente contentallo em tudo. E ferem estes, ou aquellos os meyos, não he de essencia; como não sejaó meyos disproporcionados ao fim, que se procura. Muito encomendo a V. M. que duas vezes no dia cõ brevidade, no principio da Oraçam, ou quando puder, examine os fundos da Alma, com sede de aproveitamento: ou assentada, ou como puder, se tome esta residencia, summamente necessaria para a perfeição. A Missa do Anjo, & as mais que V. M. quizer, direi sem falta, dandome Deos vida, em quanto andar neste emprego, sobre que tenho muito que dizer a V. M. E entendo na verdade, que Nosso Senhor o quer, vendo como se me facilitam cousas, que me não passavaõ ha pouco tempo pela imaginação. E entendo, que se Deos me der vida, teremos cedo bons Missionarios. O Padre Géral me fez notavel favor. Eu lhe fico summamente obrigado. Até agora nam fei quem he nosso Provincial. Espero à manhaã pelo Correio, & nelle a certeza; para que a qualquer que for, o ame, & obedeça no que não for cõtra Deos.

Muitas outras cousas podéra escrever a V. M. que passsey com o Padre Geral: mas deixo para mais perto isso. Eu lhe não fallei na Provincia em outra cousa, mais que no sentimento que tinha de ver na minha Provincia este desconcerto: & que pedia muito a sua Reverendissima obrasse nella o

B ij que

que fosse mais gloria, & honra de Deos, & bem da Religião. Não me pesa de o haver feito assim có estas palavras. Pareça bé, ou pareça mal, não he este o meu fim ultimo. Tambem folgo muito nisto de haverme conformado com V. M. Se sua Divina Magestade for servido, brevemente hirei à Corte, & estimarei ter occasiã do alivio, & consolação de V. M. que ferá minha tâbem. Entretanto encomêdolhe muito hũa grande circunspecção, & cautella, sem dizer mal, nem bem, de quaesquer que fahirem Prelados, & das mais coufas dos seculos, & governos: amor de Deos, mortificação espiritual, espancar quanto vier à memoria, que não seja Deos, ou coufa, que leve a Deos: encomendarme muito a sua Divina Magestade, que guarde a V. M. quanto lhe pego. Avis Vespera de Reys de 1679. De V. M. fervo inutil,

Frey Antonio das Chagas.

NOTA.

Começa esta Carta o Veneravel Padre, como queixandose da grande occupação, & trabalho, que tem com os negocios. E he de advertir para os que tem tantas difficuldades da vida espirital, que prosegue logo, que em nenhũa parte acha sossego, mais que em Deos entre as çarças, & as espinhas. Porque entendamos, que se buscarmos a Deos entre os espinhos, acharemos entre os espinhos os regallos, & as consolaçoens. Diz mais adiante, que estima a noticia de certa pessoa, que segundo se collige, havia de antes recuado algum pouco dos santos exercicios. E diz, que faz o possivel, por que os males se examinem, & conhecidos se remedeem, & que dese Nosso Senhor a luz, que sem ella tudo resultaria em escuridade, & cegueira. Por que não usar dos meyo naturaes da razão, & juizo, for a tentar a Deos com ignorancia, & não recorrer logo aos auxilios, seria offendello com a soberba. E assim prosegue com a mesma doutrina, fallando de outra pessoa. Lá me parece, que lhe dei os avisos, delhe Deos os remedios. Diz logo, que não ha felicidade, como ter hũa pessoa para si, que nesta vida não ha outra coufa, mais que Deos, & a sua Alma. Que grande doutrina he esta para aquelles, q̄ com enganosos pretextos de charidade se derramão de sorte nas coufas exteriores, que entretendo sò a natureza, o menos do que tratão, he a verdadeira vocação de sua Alma. Porque supposto que a muitos chama Deos por diferentes caminhos, ha de ser sempre dentro destes dous pontos, & limites, que diz o Veneravel Padre. Diz logo, que para nada lhe prestára, que delle se sentirá bem: ou o disse, para que entendamos pelo contrario, q̄ nenhũa coufa tanto nos ensina, como aquelle mesmo, que de nós murmura. E assim diz, que a meditação, que se tem de seus preteritos, & futuros: isto he, de certos juizos, que se farião de seus successos, lhe ensinava coufas, que elle não sobera, se este despertador lhe faltára. *Havia esta*

Frey Antonio das Chagas.

13

Esta Religiosa, a quem escreve, dado huma queda, em que podéra ter grande perigo, sendo naquella occasião Cozambeira; por que era em Convento, onde a ambição do mais alto sangue he o mais baixo emprego destes exercicios: & por isso lhe diz, que quizer a que cabisse em tudo, como entendida. Pode ser, por que o fervor espiritual algumas vezes, se não he bem digerido, passa facilmente a precipitado. E logo diz, que bem se podéra fazer algum juizo sobre cair em as Estrellas. Porque como esta Religiosa era pessoa de muita qualidade, & elle procurava sempre como rayo abater os vapores, que exhalla a carne, & o sangue, por este modo lhe fazia esta advertencia: que para quem era tam espiritual, & entendida, bastava. Continua dizendolhe, como se ha de haver com os exercicios. Porque parecia sentia naquelle tempo alguma desigualdade de espirito. E por esta razão lhe aconselha a luz clara, & o caminho seguro, que he Christo, Senhor Nosso. E diz, que não trabalhe por formar figuras, & que não está bem com certas vidas de espirito, que sem terem vencido as Naçoens, querem entrar á Terra da Promissão: isto he, que sem ter mortificado as paixões, os appetites, & rumiando muitas vezes os Mystérios, & Paixão de Christo, Senhor nosso, não he conveniente querer de salto passar a huma Oração puramente de espirito, sem usar destes meos. Porque não he seguro o Edificio, que se não trabalha com bons materiaes desde os fundamentos. E diz, que se não cance muito em formar figuras. Por que ainda que a meditação seja destes Mystérios, sem a imaginação o pôde fazer exactamente o discurso.

CARTA IV.

A huma de suas Irmaãs, antes de ser Freyra.

O Amor de Deos more, & arda em vosso coração.



MINHA Irmaã, & Senhora. Vós sois hum pouco de pó, & cinza, huma pouca de terra esteril, & cheia de espinhos, & hum faco de podridão, hoje que pareceis melhor. E daqui a pouco, esterco, & mantimento de bichos. E nada tendes de vosso, mais que peccar, & não saber agradecer a Deos os favores, que vos faz. Tudo q̄ em vós sentís do amor de Deos, são obras de seu amor. E Deos o que está fazendo em vós, pôde fazer em qualquer creatura, que melhor lho agradecerà. Por seus altísimos juizos mostra, que vos quer bem, & que vos ama a vós, ao mesmo tempo que na

B iij redon-

redondeza do Mundo deixou outros muito melhores que vós, & de melhores inclinaçoens. E neste conhecimento haveis de hir sempre, para que não percais a Humildade, que he o alicerce de todas as virtudes. E quanto mais esta se mete por baixo da terra, conhecendo a sua vileza, & a sua ingratião, tanto mais sabe crescer, & entra pelo Ceo o amor de Deos, q̄ mora nos humildes de coração, mais que em todos. E para saber isto como he, tende sentido bem no que vos digo.

A Graça de Deos, & o Amor de Deos, he a natureza, & o ser de Deos, que todo he Amor, assim como nós fomos Corpo, & Alma. E daqui vem, que quem vive em graça, & em amor, vive em Deos, & Deos vive nelle, & Deos he o que obra nelle. E porque como entam a creatura participa da Divina Natureza, assim como a vide, que vive unida à cepa, della recebe o succo, & o humor, de que vive, & de que dá fruto: assim a creatura unida com seu Creador, vive, & respira os alentos da Graça Divina, que com ella cresce cada vez mais, & dá fruto de boas obras. E como a Graça, & Amor de Deos, he infinito; logo que a creatura tem alguma cousa della, serve, & dezeja ardentemente sahir de sy toda, & chegar-se àquelle infinito Senhor, como a panella, que tem grande fogo, este sobe em cachoens fóra da panela, & se dezeja ir, & sabe. Porque aquelle calor de fogo, q̄ entrou na agua, dezeja unirse com o fogo, que está fóra, que he o seu centro; & dezeja tambem deitar fóra toda a agua, que lho impede: que isto he a nossa vida, & a panella nosso corpo, & a queitura o Amor de Deos, de que as fervuras nascem. He necessario saber isto, para que quando huma Alma se sente cheia de amor, que he o melhor que pôde ter neste mundo; saiba, que aquelle amor, ou aquella fervura, não nascéo da agua, que bem fria he por natureza, nem do barro do nosso corpo, que bem grosseiro he tambem, mas que só nascéo do amor de Deos, que em nós se serve de fazer maravilhas para sua gloria; & para que nos favores espirituaes perca esta carne mortal as suas friezas, & se purgue das immundicias, que tem antes de cozer-se, & depois se tempere com as virtudes. E ultimamente quando parece que arrefece, se componha com a vontade de Deos, que já quer gostar della. De forte, que o nosso ponto até aqui não he mais, que conhecermos bem, & verdadeiramente, que Deos he o que obra, quando obramos bem, & não nós: & que nam cuidemos que he humildade dizer, que Deos obra em nós, senão conhecimento certo, que entam he só certo, quando nos conhecemos. E conhecer isto, nam he humildade, senão verdade certa, & conhecimento verdadeiro de nossa vileza.

Segue-se agora tratarmos de como húa pessoa, q̄ pela Graça de Deos se sente já fóra do Mundo, sentindose sem outros dezejos q̄ os dezejos do Amor de Deos, como se alógará mais do Mundo. Porq̄ muitos deixão o Mudo. E pa-

ra isto, basta fugir de suas vaidades. Mas nam se alongaõ muito, porque naõ chegaõ à solidaõ: isto he, solidaõ de espirito. E solidaõ de espirito nenhũa outra cousa he mais, que viver só com Deos. Porque assim como a solidaõ he huma cousa tam só, que nella nam vive ninguem: assim a solidaõ do espirito he tam solitaria, & só, que naõ acha nella mais que Deos, & fica a Alma feita hum deserto, os sentidos hum ermo, onde Deos como acha só zinha a sua creatura, vem logo fallarhe ao coraçãõ, & em ardentis suspiros, & abrazados dezejos de se unir com Deos, que he o seu principio, donde fahio, a fonte dondê nascéo, a origem donde manou, & o centro, onde finalmente acquieta, quando nelle se recolhe, & se mete, & se entra de todo, para depois de estar metida nelle, se estender pela immensidade daquelle ser infinito, para se alargar naquelle pégo de amor, para arder naquelle mar de luz, para se derramar, & transformar de todo naquelle summo bem, sobre infinito, sobre admiravel, & sobre eterno. Para isto he necessário, q̄ vivamos sem creaturas na Memoria, sem discursos no Entendimento, sem outro amor na Vontade, mais que o Amor de Deos: & que juntamente andem sempre os sentidos como pasmados nas maravilhas de Deos, em tudo o que se puzer diante do sentido em oraçam continua. Na oraçam particular he necessário que agora entremos.

De dous modos vemos a Deos, & de dous modos he a visãõ de Deos: huma he visãõ clara, & esta só a tem os Bemaventurados no Ceo: outra se chama visãõ obscura, & esta a tem os que no Mundo chegãõ a fazer actos de Fè. Este acto de Fè nam he mais, que dizer huma creatura com todo seu coraçãõ: Meu Deos, eu creio de todo meu coraçãõ, q̄ vós estais aqui dêtro de mim, fõra de mim, sobre mim, & ao redor de mim. E logo crer isto sem duvida nenhuma, & nam pôr a cuidar como elle alli estã: que isto entam he meditaçam; senam crer, & crer, que quanto menos isto se cuida, & menos se considera, entam se crê melhor. Porque em vós crendo que Deos estã em vós, & comvosco, sem saber como, & que vos estã como espreitando, logo vos acendeis em amor, que he o maior bem de todos, melhor que ter visões, & extasis, & revelaçoens: que isto tudo se pôde ter em peccado mortal. Só o amor de Deos se naõ pôde ter senão em Graça. Antes importa muito às pessoas espirituacs, que totalmente tirem de sy o dezejo de visões, & consolaçoens. Porque he gulozina espiritual. E em quanto a creatura não chega à uniaõ de Deos, ainda que se dêra caso, que vos apparecêra hum Christo crucificado, tinheis obrigaçam de duvidar se o era, & de lhe dizer: Senhor, nam he isto o que eu quero, nem dezejo: O que quero he, que se faça em mim a vossa vontade: & tratar de vos pôr na solidaõ, isto he, dizendo: Deos na minha Memoria, Deos na minha Vontade, Deos no meu Entendimento, & nada mais. E como a solidaõ do espirito he nada, he necessa-

cessario pôvos nesse nada deste modo: Nada quero, nada dezejo, nada tenho, nada mereço, nada procuro mais que o amor de meu Senhor Iesu Christo. E isto vos encomendo muito. Porque neste nada, & na solidam, com que se diz, Deos na minha vontade, & nada mais, &c. está quasi toda a chave do jogo. E a razão he: porque Christo nam está sempre comvosco, quanto à Humanidade, & por isto se vay: está sempre quanto à Divindade. E quanto esta he melhor que a Humanidade, tanto a deveis querer mais. Porém sempre convem, que comeceis pela vida de Christo. E sabey, que agora estais no Cabo de Boa Esperança: que isto são as floxidoens, floxidoens, & mais impedimentos do espirito. Se passares a diante, vivereis em altissimos favores de Deos, & vivereis nelle, & andareis por cima dos Ceos. Se vos deixares vencer das floxidoens, desgostando, & apartádovos da Oraçam, perdereis a Deos, & perdereis tudo. Por isto ainda que nam seja mais que offerecer a Deos o tempo; convem, que lhe offereçais sempre as horas, que costumais ter de Oraçam. Sobre aquillo do Convento, cedo nos veremos, & entam fallaremos. Bem me parece isto. Porque he final de Matrimonio espirital, que he o mais alto estado, a que se chega no Mundo. He final, porque assim como huma pessoa, que se caza, deixa pay, & mãy, como dizia Christo, pelo seu Esposo: assim quem caza com Deos, que deixa por elle tudo, dá mostras, de que Deos a quer furta, & cazar-se com ella. Mas sobre isto fallaremos. E o que importa, he fazer agora esses exercicios todos os dias, começando sempre por Christo, até que nos vejamos. Sobre a reza, me parece bem, que rezeis as vossas obrigaçoens, & que vos nam canceis em ter o sentido na reza, fenam em Deos. E melhor rezareis assim, & nam vos fará nenhum impedimento deste modo. Por isso rezay em todo o caso cuidando só em Deos, & passando pela reza. Antes que entreis na Oraçam, fazey muito por dizer estas palavras com devoçam: Meu Deos, & meu Senhor, se podéra vir aqui com a pureza da Virgem Santissima, Senhora Nossa, essa fora a minha alegria. Se podéra vir com o amor de todos os Serafims, & com a reverencia, & louvor de todos os Anjos do Ceo, essa fora a minha Bemaventurança. Se aqui trouxera o mesmo amor, com que vós vos amais, essa fora a minha gloria. Se de todos os coraçoes do mundo podéra fazer hum só coraçam, eu volo déra, meu Deos, & só para vós o quizera. Se de cada areia do mar, de cada Estrella do Ceo, de cada argueiro da terra, de cada hervinha do campo, de cada folha das arvores, de cada letra dos livros podéra fazer mil Mundos de Almas, mil Reynos de vidas, mil mares de coraçoes, mil Ceos de espiritos, todos, meu Deos, & meu Amor, foraõ poucos, & me pareceram limitados para entregarvos, & rendervos. Se fora Deos, como vós foy, vos adorára por meu Deos, & andára fazendo sempre creaturas, que vos adoráram, coros de Anjos, que vos louváram, Templos em que

Frey Antonio das Chagas.

17

que vos serviram, & Almas, que vos amaráo. Se fora o mesmo que vós fôis, deixára de ser Deos, porque vós o fôsseis, & me contentára, pondome aos vossos pés, com que huma vez amorosamente pozesseis em mim os vossos olhos, & me nam quizeis mal. Meu Deos, & meu Senhor, se me deres licença, que nesse Ceo furtasse alguma cousa, nem a Gloria furtaria, nem a Bemaventurança: só huma cousta furtára, & esta he o vosso Amor, a todos os Anjos, & Serafins, a todos esses Espiritos Bemaventurados deixaria eu Bemaventurados; mas o amor, que vos tem, havia de furta-lho. Nem a Virgem vossa Mãy escaparia, de que eu para vos amar ardentissimamente lhe furta-se tambem o amor. Daime vosso amor, meu Deos Pay, daime huma migalha de amor a esta pobrezinha, que volo pede de esmola por amor de meu Senhor Iesu Christo. Daime vosso amor, meu Deos Filho. Daime vosso amor, meu Deos Espirito Santo. Amen. Deos vos guarde. Coimbra 2. de Janeiro de 1664. Irmão, & Amigo d'Alma,

Frey Antonio das Chagas.

NOTA.

Esta Carta, que o Veneravel Padre escreve a huma Irmã sua, he cheia de huma alta, & solida doutrina. Começa pela Humildade, por onde devemos começar todos nossos affectos, para serem seguros. Continua, mostrando como as nossas melhores obras, & mais fervorosos actos, tudo são beneficios Divinos, cõ que ficamos cada vez mais obrigados a procurar ser perfectos. Acaba mostrando como havemos de corresponder com agradecimento por exercicios, ensinando os mais seguros, & verdadeiros.

Diz pelo exemplo da panella, que serve, que o sinal da Graça he o desejo, q̄ tem huma Alma de servir a seu Criador: mas como este desejo tambem pode ser natural, por que tudo o creado tira a seu centro, por isto diz o Veneravel Padre, como a panella, que serve, & sac para fora. Como se dissera, que não basti a hum desejo esteril, & infructifero, senão operante, & officioso; pois a Graça em sy está como o fogo do Elemento. Por que em Deos não pôde crescer, nem diminuir, mas em nossas Almas he como a materia, ou ha de arder, ou se ha de apagar. E daqui se segue tornar atrás nas cousas de espirito, quem não vay a diante.

Segue a mesma metáfora da panella no cozer, temperar, & compôr, como ensinando os tres estados da vida espiritual: o primeiro da Purgativa pelo cozer: o segundo da Illuminativa pelo temperar: o terceiro da Unitiva pelo compôr. Porque assim como no principio se começa a cozer a panella com a violencia do fogo, assim com o forte calor da penitencia se purga nos primeiros fervores nossa Alma. E como no meio do cozimento se tempera, & aduba, assim tambem nossa Alma

C pur-

Frey Antonio das Chagas.

23

pouca de gulozina: assim sofredendo algumas cousas com paciencia, deixamos escapar alguma palavra, ou acção de escandalo, que nos faz perder o merecimento maior, que acquiriríamos perseverando.

Diz o Veneravel Padre, que a todo aquelle, que não tenta o demonio, tem por meyo vencido. Porque ninguem poem em demanda sua mesma fazenda. E daqui nasce, que muitas pessoas vivem com grande risco de sua salvaçam, por crerem certa paz falsa, que não foy adquirida pela guerra, a qual o demonio lhes dissimula. Porque vendo as prizoens miseraveis, não procurão romper as cadeas pela penitencia, & buscar o remedio em seu mesmo estrepulo. Diz, que em vindo a tentação, havemos de dar graças a Deos sem fazer grandes aballos pela resistencia. E a razão he. Porque em fazer estes dous actos bem feitos consiste inteiramente este ponto. Muitas vezes sendo tentados, & recorrendo a Deos logo, ainda assim somos feridos; mas he por nossa culpa. Porque como a tentação nos lizongea o appetite, ainda que recorremos a Deos, lá deixamos algum resquicio, por onde os olhos do Entendimento, como às furtadas, fica lançando a vista aquelle mesmo objecto, que tirou o golpe ao cuidado. Tambem os grandes aballos, que fazemos pela resistencia, nascem de certa perturbação, que faz em nossa Alma o alvoroço da mesma concupiscencia. Porque se o coração estiver forte, unido, & cerrado, não se sobresaltar a de ver os inimigos de perto: & assim convem procurar a paz interior, & o sossego, para poder resistir; isto he, levantar inteiramente o pensamento a Deos, & sofrer com quietação os assaltos: que desta sorte não permitirã o Senhor, que sejamos vencidos.

CARTA VI.

O Amor de Deos arda, & ferva na Alma de V.M.



MINHA Senhora. Este grilhão, que me deitirão meus males, ou meus bens, ha tanto tempo, tem sido a causa de eu não escrever a V. S. como dezejava; mas se tenho para mim que morréo todo o dezejo do espirito, que muito he que adoeceffe o primor. Deme V. S. se assim for servida, muito boas novas suas; porque de todas farey a devida estimação. Eu fico melhorado, seja Deos bemdito; mas com grande fraqueza: & esta me tem maõ, para que não esteja mais longe. Mas espero em sua Divina Magestade, que algum dia possa de mais perto dizer a V. S. o que entendo no particular, em que V. S. me falla no seu ultimo papel. Senhora, as

ar-

arvores podem estar cheias de frutos, & juntamente estar verdes, & com alguma flor: nas do espirito requerese, que se acabe a flor, & que se acabe a verdura, para chegar à transformação de Christo crucificado, que he o que eu prego, sem ser Sam Paulo: & assim deve estar crucificado tudo na arvore da mortificação, que eu estimo mais que a Oração. Necessario he, que se feque a flor da discricão, & se feque a verdura de nossas paixoes, & inclinaçoens naturaes, & que se ponha todo o cuidado em fazonar os frutos das obras virtuosas, sem que concorra a arvore para a folha, & para a flor com a sustancia, que tira aos frutos. V. S. tem hum juizo muito malfazejo para sy, porque lhe fac muitas vezes pela porta fóra. Necessario he fechar a porta, & fecharse V. S. Senhoria dentro de Christo, se trata de ser santa, & não dizer, nem fazer, nem cuidar o que não cuidára, fizera, ou dissera este Senhor. E com sua licença, & por sua gloria, & honra fazer entam o que elle ao coração lhe fallar. Provera a Deos, que todas as Senhoras foraõ como V. S. Não tenha vaidade. Porque V. S. he huma creatura vil, & miseravel, como as outras. Mas eu não me contento, já que V. S. tomou esse caminho, senão com que emprenda as virtudes heroicas sem imperfeição, & faya dos defalientos de mulher para a grandeza de animo, com que deve ser Senhora de suas paixoes. V. S. ainda está cheia de vaidade, presunção, cuidado do seculo, & satisfação com o mundo. Isto não ha de ser assim. Costumaõ dizer alguns, ou bem dentro, ou bem fóra. Senhora, bem fóra de tudo. Isto he o que eu aconselho. E não cuide V. S. que em ter grande paciencia no que lhe digo, tem grande merecimento. Não basta huma virtude, são necessarias todas. Não basta, que V. S. dé tudo a Deos, senão, que se dé a sy despida até de sy mesma: que isto he o que este Senhor quer de nós mais que tudo.

Ainda assim peço perdão a V. S. de quanto lhe tenho dito. Porque poderá ser, que a curta vista de meu juizo se enganasse em tomar a altura ao espirito de V. S. como quem entende tão pouco de espiritos, como eu. Mas aproveite se V. S. desta vibora, pois ainda que nella haja a maior peçonha, dizem os Naturaes, que tambem da sua cabeça se faz a melhor triaga. Seja Deos muito bendito! E em castigo desta minha ouzadia, mandeme V. S. este Christo aqui a Montemór, para que elle me reprehenda, posto em hũa Cruz, & desta Cadeira me ensine, o que sem escrupulo de minha grande soberba direi entam a V. S. E por amor deste Senhor não se esqueça de encomendarlhe esta tam pobre Alma, pois sabe V. S. o que merece a charidade, que trata bem aos peiores. Eu, tal qual sou, em meus pobres sacrificios encomendo, & peço a sua Divina Magestade, que guarde a V. S. & lhe dê todas as felicidades de espirito, em cuja comparação todas as do mundo são engano, & vaidade. Montemór. De V. S. servo, & Capellaõ inutil,

Frey Antonio das Chagas.

NO.

CARTA XVII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



ADRE Soror F. & Senhora minha. Hoje vespóra da Porciuncula, recebo huma de V. M. E alguma fineza faço em responder logo hoje, por ser dia, em que de todos estes Povos temos huma multidão muy grande para confessar, como fiz esta manhã; & outros estorvos. Mas tudo vence o dezejo de servir a V. M. & agradecerlhe o cuidado, que tem de mim diante de Nosso Senhor. Louvo muito a V. M. & dou muitas graças a Deos por vencer aquella difficuldade. O que muito custa, muito val. Virem estes, ou aquelles pensamentos, não he máo; antes as Almas, q Deos dispoem para grandes cousas, as afflige, & crucifica primeiro com as tentações, mas dá tambem juntamente auxilio, para que o que não podem nossas forças, o façamos com a Divina Graça. O que só não he bom, he entregar a vontade aos appetites, & render o coração às tentações, estando na nossa mão a resistencia com as armas de hum não quero, em que se resolve a Alma. E esta em quanto determinadamente não quer, não pecca; antes merece. Qualquer valor, com que V. M. se sente, he conhecida prova, de que Deos a ajuda, & se agrada de V. M. Mas a principal cousa que quer, he, que V. M. se trate como inimiga de sy, desfazendo; & pizando seus pensamentos, vanglorias, appetites, jaftancias, altivezas, & toda a outra machina da enganoza, & mundana vaidade: que sem estar vencida, não se faz vida de espirito. E a razão porque a muitas Almas se escurece o Entendimento, & se enfraquece a vontade para Deos, he, porque amão o delectavel, & não o terrivel: o fabór, com que a natureza se alegra em seus prazeres, & gostos, & não o fel, & dislabór, com que a Graça se poem mal com a natureza. Se V. M. quer luz, affijate, ame a seu desprezo, despreze a sua estimação, escolha o que aborrecia, aborrecia o que amava, negue a seus sentidos tudo o que os adoça, costumeos aquillo, que os penaliza. E faça tudo isto por contentar a Deos, que anda à espreita, & não lhe passa nada por alto, ou do que se ganha com elle, ou do que se esperdiça. Não he tempo de mandar exercicios; porque me falta até para estas breves regras, & repostas. Mas parecê me bem as disciplinas, principalmente no retiro; & que em quanto este dura, ponha por duas horas cilicio de dous em dous dias. E cada dia lea
al.

Frey Antonio das Chagas.

49

alguma lição, que falle na morte, ou vaidade do mundo, ou na brevidade da vida, ou na terribilidade da conta, ou na Gloria da Celeste Patria, & Divina Ferosura. E tudo isto achará nas partes do Padre Puente: ou Vidas de Santos. E ao menos lea huma hora cada dia, ou junta, ou dividida. Faça vinte actos de Amor de Deos, & dez de aborrecimento do mundo, ou dez desejos do Ceo, com os suspiros possiveis. Reze finco Salves a Nossa Senhora, alguma coufa ao seu Anjo da Guarda. E o mais faça por andar na presença de Deos, ou lembrança de meu Senhor Iesu Christo, com dezejo de imitallo. Tenha ao menos duas horas de Oração, como puder. Mas faça por tella postrada meyo quarto de hora, ou em cruz, ou o que lhe for possivel: que deste modo a revelou o Espirito Santo a Nossa Senhora. E por falta da reverencia, & da attenção ao que se medita, muitas Almas não aproveitão muito. Nada disto, que lhe ordeno, obriga a peccado. E pôde nam fazello com qualquer caufa. Hir a diante he o que importa. E ainda que haja alguma quêda [o que Deos não permita] o levantar logo he a maior importancia. Encomendeme a Deos, que guarde a V.M. quanto lhe peço. Vefpora da Porciuncula. Servo inutil, *Frey Antonio das Chagas.*

NOTA.

Esta Carta do Servo de Deos para huma Religiosa, cujo espirito governava, começa dizendolhe a razão, porque não lhe havia escrito todo aquelle tempo. E dando graças a nosso Senhor, a louva muito por haver vencido certa difficuldade: que devia de ser, como insinua, algum trabalho interior. Porque diz, que viremlhe estes, ou aquelles pensamentos, mais he proveito, que danno, quando são bem refistidos. Porque alem de ser este o ordinario exame, com que Deos prova as Almas, que elege para consas maiores, he o mais proprio exercicio, cõ que se conseguem os mellores habitos. Este he o final mais certo, por onde os que governão Almas costumão conhecer o estado dellas. Porque se de não serem tentadas se não devem arguir: da mesma sorte se não podem por isso approvar. Mas quando à tentação se segue a exacta resistência, a tribulação he consequencia da Graça. Como pelo contrario, se se lhe segue a fraqueza, he sinal da enfermidade, que padece a Alma. O que se não alcançara sem aquella prova.

Diz, que a principal coufa, que Deos quer della, he que se trate como inimiga: isto he, mortificando todos os obstaculos, que impedem a perfeiçã do espirito. E diz, que de se não fazer esta guerra continua, o entendimento se escurece, & se enfraquece a vontade. A razão he. Forque como os neffos sentidos são como nuvens espessas, que se interpõem entre a luz divina, & as potências da Alma, quando estiverem mais carregadas dos vapores de affectos humanos, tanto receberá menos de calor a vontade, & de luz o entendimento.

G

Diz-

CARTA XXIV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

SENHORA minha. Não sey como possa ser terem passado tantas fomanas, sem V.M. receber Carta minha, pois não me lembro, que nunca passassem tantas, sem escrever a V.M. & a esse Convento. Bom he fazer mais diligencia pelas Cartas: que eu, pouco, ou muito, alguma cousa escrevo.

Agora recebo segundo proprio por via do Senhor Bispo do Porto: que summamente se mostra pontual, no que se lhe encomenda desse Convento, & em obrigarme com suas novas, & favores. Não tem chegado as Veronicas da Madre Abbadessa. Melhor he nem cançar, nem arriscar as vias, a que sejaõ tam devotas disto, que faltem. E de graça se lhe déram, se a culpa se não anticipara. Eu tambem não quizera, que as Freyras se occupáraõ nisto, salvo quando em peor cousa se occupáraõ. Porque ainda que he santo o trabalho de maõs, que não está o espirito para toda a hora: comtudo, nas Casas Capuchas, & occupadas, passado o serviço das Communidades, & obrigaçoens do officio, ou do estado, & as Horas da Oraçam, & exercicio, folgara que as mais se occupáraõ em lição de Vidas dos Santos, ou de Oração. O que mais me servem, são Veronicas, que tal vez com menos custo, & mais proveito, são despertadores das Almas. Se a Braga, ou a Viana puder V.M. remeterme algumas (pois ando sem ellas ha tanto tempo) muito o festejarey. Em Braga, sendo Deos servido, hey de estar todo o mez de Janeiro, em Viana parte da Quaresma. E me parece, que se eu fizer o que entendo, não poderey hir para lá antes de dous annos. Porque o Veraõ se hirã no Minho, & se entrarmos em Miranda, & a Trãs dos Montes no Outono, precisamente se ha de passar por estas bandas o Inverno: & he necessario a Primavera para hir passando por oitenta leguas de Povos. Onde, ou se não tem prégado, ou he preciso tornar a prégar, ainda que seja menos.

Na primeira tentaçã, em que V.M. me falla, não ha de estranhar sentilla, pois a sentirãõ os Santos. Santa Catherina de Senna, não he crível o que se lhe representava para movella interior, & exteriormente. Sam Paulo teve, quasi todo o tempo de sua vida depois de Apostolo, hum Demonio, que o atormentava com esta tentação: & milhares de Santos. Nenhum mal
de

de culpa temos no sentir, mal de pena sim. E este mal, se se leva bem, he bom; aquelle se se consente, he summamente máo. Nasce muitas vezes da disposição natural; outras de alguma ruina espirital, como de vaidade, vã-gloria, jaftancia, & complacencia de sy mesma. Nasce tambem da suggestão do demonio naquelles, ou naquellas, que tem zelo de Almas. E de boa vontade o demonio deixára de tentar com isto, se os que tem este zelo deixáráo a occupação, em que andão. É como V. M. agora entrou neste officio de governar algumas; não se espante, que defenquiere o diabo a sua, especialmente se teve alguma complacencia fóra de Deos, de que lhe ensinava o caminho. Bem sey, que não teria destes vertigios. Mas às vezes quando menos se cuida, nos derriba hum vagado. Eu sou Mestre de ruinas, porque me tem dado na cabeça estas experiencias, V. M. he Mestre de edificações; mas necessario he, que ande com a regra na mão, & que faça tudo direito, & não se entorte para sy. Alem disto toda a pessoa, que ha de ser alguma coufa diante de Deos, he necessario, que seja tentada de tudo. Todas as bestas da selva do Inferno, diz a Escritura, que haó de passar pelo justo na noite desta vida. O negocio he, que ellas passem, & que não se detenhão, nem fiquem. V. M. ainda agora começa seu mundo espirital, tem muita terra por andar, muitos despenhadeiros por onde hir, muitos laberynthos por correr, não a desfmaye o primeiro aceno do demonio: que a Hercules convidáraõno os conflitos, & fizeraõno Hercules os trabalhos. Os despojos desses Leoés mortos são as nossas armas: pegar da clava ferrada de hum firme, & determinado propofito: Senhor, antes morrer, que peccar: Mil mortes antes, que consentir. E defenderse de tudo com hum argumento, que agora lhe quero ensinar. Porque nesta Carta sou Mestre, & noutra serey discipulo. O argumento infallivel he este: Eu não quero peccar: logo he impossivel, que peque. E daqui o que se ha de seguir, he zombar do demonio: que se os peccados são os comette a vontade, pouco importa que haja algum reboliço natural, ou diabolico, se o não consente a vontade, ainda que a natureza o sinta. Importa comtudo, que quando vier alguma tentação vehemente, se sustente V. M. com grande quietação sem nenhum movimento voluntario, fazendo por ter fixo o sentido em Deos, ou sentada, ou em pé, ou de joelhos, valerse da memoria de meu Senhor Iesu Christo, apartando de sy toda a outra imaginação. A segunda coufa he, ainda que não confina [o que Deos não ha de permittir] que V. M. diga a seu Confessor, sinto em mim estes, ou aquelles pensamentos, ou movimentos contra tal virtude, ou preceito, ou voto; mas estou certa, que não consinto. He virtude dar parte ao Medico espirital dos achaques; & ao menos he humildade, & pôde exercitar-se a mortificação, & a paciencia, que são virtudes, que nos fazem martyres, sem derramarmos sangue, & nos escusaõ o Purgatorio.

O fono às vezes he necessario pelo quebrantamento do corpo, ou afflicção do espirito: às vezes he tentação, quando faõ demafiadas as horas. A prudencia nesses casos mete, ou tira o cutello. Nas Confissoens passadas não bulla V.M. que as tenho por bem feitas; salvo se se atrever a jurar aos Santos Evangelhos, que não confessou, ou não quiz confessar tal peccado. As preferenças de Deos faõ dadivas da liberalidade Divina, & favores dos olhos de Deos, que às vezes pestenejão, & às vezes se fechão sem nos dar as costas para nos espreitar as Almas na falta da gloria de suas vistas. O que importa neste tempo, he desfazer em faudades, & em dezejões daquelle bem, que se dá sem se merecer, & se perde sem se cuidar, & se torna a ter sem se presumir. Marmellos, pucaros, galinhas, em quanto enferma, & mal convalescida, não faõ regalos, faõ neccesidades da natureza, que não encontrão a graça, especialmente quando com o conhecimento da nossa miseria os tomamos para alentar a vida. Agora callar os appetites, he conhecida ganancia da Alma. Porque he dura violencia da natureza. Nosso Senhor foy muito amigo de fal, não queria o sacrificio sem elle. Não queira V.M. fer melhor, & de melhor gofsto que Deos, em quanto está enferma, ou achacada. A indifferença confilte em tomar o que vier, dando graças ao Divino beneplacito. *Ita Pater: quoniam sic placitum fuit antete.* Nestas palavras está a mais alta perfeição da vida espirital; tudo o mais faõ damices, ou demazias do espirito, que às vezes faõ semfavorias de Deos; porque faõ melindres, ou gofstos da propria vontade. Não refira nunca defeitos alheios. Porque ainda que se não se queixa da lingua, faõ queixume fino no fundo da Alma. E quem esgaravata estes fundos, muitas aguas turvas acha. V.M. tem hum natural muy pichoto, & estava para dizer, soberbo: ahí ha de ser a lida, aquietar effes movimêtos do animo, que ainda não está fumido na fortificação de sy mesmo. Deixese a sy, & às vezes ao mesmo Deos, por não deixar a Enfermaria, & as Entrevadas: que Deos he muito gofstofo, & muy gentilhomem, todos folgamos de lhe lambar os dedos. Lidar com enfermos, & entrevados, he coufa muy nojenta, & faznos grande fastio: & quer Deos, que comamos este prato por seu amor, muito mais que mel, & assucar, que achamos na Divina suavidade.

As mais tenham paciencia, que assaz me custa todos os dias, prégando, & assistindo a outras coufas, acodir para varias partes com Cartas. E agora não ha hora para mais. Lembrese V.M. de me encomendar muito a Nosso Senhor, que guarde a V.M. quanto lhe peço, & dezejo. Sobre o que V.M. pede conselho dessa minina em outra Carta, a que não respondo, não me resolvo. Porque eu sou muito contrario de mininas, ou mininos nos Conventos. E tenho ainda mais fundamentos, que os de V.M. Mas tambem nam quero, que por meu voto fique fóra da Casa dos escolhidos, quem nella

põ-

Frey Antonio das Chagas,

71

pòde fer Santo, ou Santa. Faça lá o que Deos lhe inspirar, & a carne lhe não differ. 22. de Dezembro. Guimaraens. Não prometto responder aos mafos, que tenho recebido, porque não sey o que farey, ou o que Deos fará de mim. A Deos. Servo inutil, & muito obrigado,

Frey Antonio das Chagas.

NOTA.

Como as mais das Cartas, que se achão do Veneravel Padre, forão escritas a pessoas, com quẽ tratava de espirito, & com quem havia muitos annos tinda larga communicação, & em muitas materias, não faz mais que tocallas, he difficuloso em algumas de colher todas as circumstancias de sua doutrina. Nesta Carta faz menção de certas Veronicas, que parece lhe havia de mandar a Abbadessa desta Religiosa, a quem escrevia, que serião para usar dellas nas Missõens, em que andava.

Diz, que não quizera, que occupassem mais tempo em trabalho de mãos, que aquelle, que (excepto o da obediencia, & obrigação propria) se deve precisamẽte para alivio da natureza: & que forã disto gastasse antes o tempo, que restasse, em ler Livros de Santos. Sabia o Veneravel Padre, que para quem se dava ao exercicio da contemplação, estas occupaçoens exteriores se não haõ de tomar mais que o de necessidade. Por que como os sentidos são instrumento do corpo, & as potencias do espirito, quanto se emprega mais neste trabalho, se enfraquece aquelle recolhimento. E por que tambem este secco, a quem escrevia, se applica com tanta efficacia, que he necessario ainda nas cousas mais licitas conduzillo sempre com muita prudencia.

Diz no segundo paragrafo, que não ha de estranhar certa tentaçam, pois que alguns Santos toda a sua vida a sentião, que o ponto está em não consentir nella. E desta sorte não só não he damno, mas he de proveito. A razão he. Porque do mais do merecimento, que se consegue em pelear, se aquie o habito de resistir. Diz logo as causas, de que esta tentação nasce. E por nos não dilatarmos muito, em tres cousas consiste o remedio, quando está em nossa diligencia. A primeira he, recorrer logo a Deos. A segunda, examinar nossa Alma, emendalla, & corregella. A terceira he, voltar totalmente as costas sem fiar já mais, nem na idade, enfermidades, experiencias, meditaçoens, &c. Porque a velhos, moços, enfermos, & virtuosos, & ainda aos que naturalmente aborrecem este vicio, a todos he perigosa a guerra feita cara a cara. O negocio consiste em fugir, compor, & desprezar: fugir da occasião, compor a Alma, desprezar a memoria com paz, & paciencia.

Diz o Veneravel Padre, que como esta Religiosa era Mestra, que era necessario que fosse tentada. Desta lição usa ás vezes a Divina Proviãencia, para que

NOTA.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a suas Irmãs. Diz-lhe, que façam muito por todas as virtudes, especialmente pela charidade, & paciencia: com as quaes, como com duas azas, voão as Almas. A razão he. Porque com a aza da charidade se voa de Deos ao bem de proximo: & com a paciencia se voa do proximo à gloria de Deos. Traz o exemplo do ouro na fornalha, seguindo o mesmo exemplo. Porque a charidade se significa no fogo, & a paciencia nos golpes do martello: não tendo por segura a virtude, que se não purifica pela contradição, como só se acredita o Piloto na tempestade.

E diz logo, que neste valle de lagrimas for a muito máo final viver com contentamentos. Esta doutrina he amarga, mas só he sólida, & verdadeira. E daqui nasce, que rara será a Carta, em que o Veneravel Padre não aconselhe a mortificação, com huma notavel instancia. Porque ha pessoas espirituaes, que vivem ás vezes muito satisfeitas com huma paz superficial, que como não foy adquirida pela contradição, quando não seja falsa, he pouco segura.

Diz, que as penas, & misérias desta vida, algumas vezes he traça de Deos; para que fatigados nos desenganemos dos bens deste mundo. E isto he tam certo, que ainda mal por que raras vezes buscamos a Deos, sem ser forçados deste enganoso.

CARTA XXX.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



EM quanto V. M. tem para sy, que lhe pôde servir de titulo o que a mim de gosto, nem quero ter esse gosto, nem que V. M. me dé esse titulo. Quizera a minha vileza as lembranças, que fervem de despertador de minha miseria, não aquelles padroados, que pôdem ser throno da minha vangloria. Mortifique-se V. M. ainda em ser Senhora. Não cuide, que está já tam humilde, & vil, que possa ser escrava, nem tanto no estado da Innocencia, que de quatro annos sómente possa ser filha. Eu tambem tenho dado em esteril. E como para nada presto, hei mister ter huma grande Senhora, que me sustente no espirito. E para isso busco huma Religiosa desse Convento, que deve de ser grande Senhora das suas paixões, & affei-

Frey Antonio das Chagas.

87

afeições, potencias, & sentidos. E quem for Senhora desta familia, grande Senhora he: especialmente, se para accommodar-se a sy, depois de senhoriar a todos, escolher o Palacio do nada, que he a casa dessa Senhora. E he menos que nada, se faltar a mão de Deos! Mas espero eu, que não falte, antes ajude tanto a V. M. que nesse aposento do nada lhe communique o tudo, que he hum fino, ardente, & incessavel, infatigavel, perseverante, eterno, & além de tudo quanto se diz, puro, brando, forte, excessivo, vehemente, incomprehensivel Amor de Deos, que nunca se farta, nunca se enfastia, nunca cessa, sempre arde, sempre voa, sempre se absorbe no pégo immenso, invadiavel, infinito, inexplicavel, sobreprofundo, além de immenso, & mais que infinito, além de sobre amavel, & incomprehensivel bondade, bondade, bondade, bondade, & infinitas bôdades de Deos. Oh meu Deos, quem não dissera mais, nem cuidara mais, nem vivera em mais, nem amára mais, & amára mais, ardéra mais, fervira mais, até totalmente ficar aborto, transfundido, sobrelevado, incluso, morto, tumido em vossa bôdade immensa! Bemdito seja para sempre tão bom Senhor. Fique-se embora, que não estou agora muito para escrever. Responda-se ao que faltou, em quanto não escrevo. A Deos. Fico de faude. A Barcellos podem ir as Cartas. Servo inutil,

Frey Antonio das Chagas.

NOTA.

Esta Carta era reposta a huma Religiosa do Convento de N. a qual o Veneravel Padre estimava muito por seu espirito. E como elle tratasse a todas com aquella políia Catholica, que se costuma com o nome de Senhoras, esta filha espirital sua lhe dizia, q̄ mais merecia o nome de escrava, ou ao menos de filha. E o Veneravel Padre, depois de se humilhar a sy mesmo [que he o melhor meyo de poder persuadir esta virtude aos outros] lhe diz, que se mortifique, & crea, que ainda he Senhora. Porque não está tam humilde, como se considera, nem tam desfeita de suas paixoes, que possa ter direito ao nome de filha. E he para reparar, que quando diz escrava, não poem termo ao tempo, como quando diz Senhora. A razão he. Porque a huma grande humildade, significada no nome de escrava, não bastão muitos de vida, se não se qualifica com hũa hora da morte, bastando repetidos actos para a sinceridade do nome de filha.

Logo lhe ensina discretamente, como se aquirem estas virtudes, que he contrastando suas paixoes mesmas, & reduzindo-se ao nada do ser humano, por hũ bem fundado conhecimento proprio, & que só este he o estado, em que Deos assiste em huma Alma de assento, & por huma luz soberanamente infundida, conhece que só Deos he tudodentro daquelle nada. Porque viazio o espirito de sy

Lij mes

CARTA XXXIV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

MA DRE Soror N. O primeiro passo dos q̃ amão a Deos, he huma refolução forte, & determinada a usar dos meyoſ necessarios para tam alto fim. O meyo mais efficaç he a ſanta Oração. Eſta para os que começão, & tambem para os que acabão, he pôſe em lembrança de Deos com a poſſivel reverencia. Benzerſe, & fazer huma grande cortezia à Santiffima Trindade, fazer hum acto de Contrição, ou dizer a Confiffão, & logo pedir a Noſſo Senhor a luz neceſſaria para eſtar como convem na ſua preſença, para examinar as culpas, para oſſerecerlhe a Alma, & para melhorar de vida: Meu Deos, daimo voſſa luz, para conhecer voſſa Bondade infinita, & amalla quanto poſſo, & para conhecer minhas misérias, & chorallas quanto devo. Depois diſto não examine os peccados, que tem feito, ſenão os beneficios, que tem recebido. Como agora, fallando com Deos: Meu Deos, vòs me criastes de nada: & deterſe na conſideração do que era ha ſincoenta annos, & de que Deos a podèra deixar no abiffimo do nada, onde deixou infinitas creaturas, Anjos, & Serafins, que podèra criar, & não criou. Depois o beneficio da conſervação, & que târas creaturas o ſervirão deſde o ventre ao parto, do parto ao berço, do berço ao mundo, do mundo atè agora, em que no mar os peixes, no ar as ayes, na cozinha o fogo, na terra os frutos, & nas gentes tantas peſſoas concorierão para a ſua vida, veſtido, ſuſtento, regalo, ſaude, & augmento. O que Deos não fez a tantas outras peſſoas: matando humas no ventre, outras no berço, outras ao deſemparo. E depois cuida o beneficio da vocação à Igreja, fazêdoa Chriſtã, o que não fez a outras tantas peſſoas, que deixou em Turquia, Aſia, Europa, Inglaterra, &c.

Depois a particular vocação para a Religião, que he ſinal de predeſtinada, & eſcolhida. O que não fez a tantos, que eſtão no mundo, nem para iſſo lhe deu geito, nem auxilio, &c. Depois cuida no beneficio da Redempção, em que o meſmo Deos ſe fez Homem, para vir morrer por V. M. O que não fez pelos Anjos, nem por muitas outras creaturas. E ultimamente cuida nos beneficios do ſangue, da feição, do entendimento, da peſſoa, dos auxilios, & de muitas occaçoes, em que a livrou dos perigos, de peccados, & do

Frey Antonio das Chagas.

89

& do Inferno. E depois veja o retorno, que por isso tem dado a Nosso Senhor, & quanto o tem servido, ou offendido, & com pena de não ter maior pena de seus peccados. Peçalhe contrição, lagrimas, & penitencia, & dôr de sua ingratição: fazendo firmissimo proposito de antes morrer, que peccar. Peçalhe tudo o que não tem, o amor, a humildade, a mortificação, para o agradar, & servir. E em quanto não temos estas cousas, quer Deos, que com grande extremo lhas peçamos. E ou receba muito, ou pouco, de tudo isto lhe demos muitas graças: convidando a Virgem Maria, os Anjos, & os Santos, o Sol, & a Lua, & todas as creaturas, para que por V.M. o louvem. E no cabo faça cinco actos de amor de Deos, ainda que não seja mais, dizendo: Meu Deos, & meu amor. Ou a que já lhe enfinei: Meu Deos, em vós espero, em vós creio, & a vós mais que tudo amo, & me pesa de vos ter offendido, & proponho antes morrer que peccar, tende misericordia de mim. Gaste em isto, ao menos, hum quarto de hora. Beije no fim a terra. E váse às outras obrigações: fazendo, quanto puder, em andar em amorosa lembrança da Divina presença: despejando a Memoria de outras figuras, o Entendimento de outros cuidados, a Vontade de outras afeições. E se peccar, & cahir com suave sentimento, & conhecimento de sua miseria, nam estranhando as ruínas, torne a Deos, pedindolhe misericordia. Isto me ponha por obra, sem falta, duas vezes no dia, tendo faude. E não tenha outra casta de Oração. E lhe mando, que me dê conta de como se acha. E tome cada fomanha huma disciplina além das da Comunidade; não estando enferma. E encomendeme a Deos, que guarde a V.M. quanto lhe peço todos os dias. De V.M. Servo inutil,

Frey Antonio das Chagas.

NOTA.

Esta Carta comprehende huma excellente direcção para as pessoas, que se resolvem a querer seguir a vida espiritual. E logo no principio contem huma doutrina tam importante, que pela não praticarem, tornão muitos atrás ordinariamente. Diz o Veneravel Padre, que o primeiro passo he huma resolução forte, & determinada; mas esta não basta, se, como logo continúa, se não tomão os meyo proporcionados para o mesmo intento. Que importa querer edificar huma torre, ainda que se tenha a cal, & a pedra, se não houver andaimos, cordas, & escadas? Resolvemse muitas pessoas com o pezo da consciencia a mudar de vida: porrem como para este fim he meyo seguir a Oração, assistir aos santos exercicios, largar a Comedia, & os intertenimentos superfluos: & não querendo abraçar estes meyo precisos, toda a sua fabrica he imaginaria; & ao menos fundada na areia. Dizlhe mais abaixo, que não examine primeiro os peccados, que tem feito,

M senão

CARTA XLII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



GRANDE contentamento tive com estas regras de V. M. & igual foy o pesar de nam poder com os logos dar os agradecimentos: agora que posso, beijo as mãos a V. M. por esta lembrança, pedindolhe, que diante de Deos tenha de mim alguma memoria, pois tudo he necessario à minha miseravel vida.

Todo o mal do espirito de V. M. he falta de resolução, & nam tem V. M. valentia de animo, para se dizer a sy: *Isto ha de ser sem duvida, ou morrer, ou não tornar atrás*: fazendo brio do amor de seu Esposo, & honra de o não desgostar com os fastios do espirito. Convem muito, que V. M. se determine a ter huma, ou duas horas (ou assentada, ou em pé, ou de joelhos) em que tenha Oração particular, & cuide na Paixão de Christo, & nos extremos, que nella fez por V. M. E comecé V. M. com esta simplicidade: Meu Deos do meu coração, ou vós me quereis, ou me não quereis para vós? Se me quereis, eisme aqui, fazei o que quizeres de mim. Se me não quereis, o q̄ eu não creio, pois vos desposaltes comigo, daime licença, que me queixe de vós. Quando ha de ser isto, meu Deos? Quando vos hey de amar? Quando me hey de resolver? Quando vos hey de seguir? Quando será, que eu não tenha outro cuidado, outro dezejo, outro amor? He possivel, que ha de poder mais a minha frieza que a vossa misericordia? A minha froxidão, & maldade, que a vossa bondade immensa? Meu Deos, como ha de ser isto? Aqui estou, fazei o que quizeres de mim.

He necessario, que ainda que V. M. sinta na Oração muitas securas, escuridoens, friezas, & confusoens, nam largue a Oração, ainda que lhe pareça, que entam nam faz coufa alguma. Deos he como a braza, que em pouco tempo se toma na mão, & logo a solta, & nam se queima; mas quem a tem muito tempo, abrazafe. Muitas Almas tomão a Deos na mão de sua memoria, mas como he pouco o tempo, nam lhe faz môça a braza Divina. Oh se muito tempo a trouxerao entre mãos, isto he, no amor, & lembrança, que depressa se acendêrão!

Esta resolução, & memoria de Deos he summamente necessaria a V. M. até quando sentir maior perguiza, & negligencia de espirito. Porque estes

saõ os dous golpes, com que a Pedra do Deserto se destilla em agua. E isto vem a fer, que com estes dous actos abrandamos de maneira a Christo, que he a Pedra do Deserto, que elle nos communica logo o dom de abundantes lagrimas, com que as Almas se lavão de suas culpas, & por não chorállas, primeiro falta o espirito, a devoção, o fervor, a oração verdadeira, o amor de Deos, & as mais virtudes, de que se orna a Alma.

Faça V.M. muito por se exercitar na virtude da Compunção, doendo-se de seus descuidos, froxidoes, & negligencias, sendo Esposa de Christo, & busque para isto lição, que a mova. Lea em S. Ioão Climaco no principio, o grao que trata do pranto espiritual: que se V.M. chorar seus peccados, & andar algum tempo compungida delles, terá quanto quizer de Deos.

As nossas Almas sem lagrimas, saõ como a terra sem agua, por falta da agua he a terra esteril, & inutil, não dá frutos, nam produz flores, só brota abrolhos, & espinhos. E ainda que às vezes produza algumas arvores frutuofas, ellas se fazem sylvestres; o fruto inutil, & imperfeito, agreste, & sem doçura, fruto em fim do Mato. Assim a nossa Alma sem lagrimas he infertuofa, nam dá mais que abrolhos de vicios, estímulos de consciencia, & espinhos de escrúpulos, & ruins imaginaçoens. E ainda que produza alguma hora algum pensamento bom, nam chegaõ à madureza da perfeiçam devida. Saõ virtudes agrestes, frutas bravias, que nam se poem à mesa de Deos na Celeste Patria.

Para que os olhos tenhaõ estas lagrimas, & a Alma ande compungida, tres saõ os remedios: ou pôr os olhos na fealdade do peccado, que he hum summo mal, pois nos priva da graça de Deos, que he o maior bem dos bens: ou pôr os olhos no fumo do Inferno, olhando espiritualmente para a fornalha dos condenados: ou erguendo a memoria aos gostos da Celeste Patria com saudades, & anciosos desejos daquella Eterna, & Celeste Vida, de que andamos ausentes, & desterrados neste Valle de miseria, de tribulaçam, & angustia. Cuide V.M. nisto, & eu lhe fico, que a pesar dos impedimētos, que saõ grilhoens do demonio, se solte a Alma em lagrimas, com ellas se purifique, & lave. E para que a Oraçam se apure, & depois o amor de Deos se acenda de forte, que V.M. aborreça, despreze a sensualidade, & tudo o que nam for Deos. Faça isso, até que nos vejamos, & entam tomaremos novos exercicios. Entretanto Deos Nosso Senhor dé a V.M. a saude, que lhe desejo, que às vezes suspeito que lhe dá os males, para ver se a pôde levar por mal, pois V.M. nam quer por bem. Eu, tal qual sou, lhe hey de pedir com o encarecimento que posso, dé a V.M. muita compunção, muitas lagrimas, resolução, & amor, & muito de sua Graça, & que guarde a V.M. por muito felices annos nestes Divinos empregos, em cuja comparaçõ tudo quanto ré

Frey Antonio das Chagas.

109

a vida, he engano , & vaidade. De V. M. Servo inutil,

Frey Antonio das Chagas.

NOTA.

NEsta Carta depois daquella urbanidade, com que se deve tratar a sociedade Catholica, diz o Veneravel Padre a esta Religiosa, a quem escreve, que to-ao o mal de seu espirito era falta de resolução. E isto diz, por que sabia, que a enfermidade das mais das Almas, em que humas miseravelmente morrem, & outras torpemente vivem, nasce da falta de se resolverem. Por que aquellas se não atrevem a deixar culpas graves, nem estas a emprender heroicas virtudes. E diz logo, que faça honra, & brio do amor de seu Esposo. E não se entenda, que neste modo, com que incita ao Amor Divino o Veneravel Padre, he exhortação somente. Mas porque ha pessoas, que cuidão, que se não meditão, ou fazem seus actos com muito encolhimento, que vão contra o espirito Catholico. E este he grande engano. Por que Deos não nos deu paixão, ou faculdade, de que não possamos, ou ainda devamos usar para o servir. De sorte que havemos de mover o brio pela honra de Christãos: a ira contra o peccado, a vingança no serviço da Penitencia. E como diz Sam Paulo, havemos de gloriar nos em Christo. E antes em quanto nossa Alma se mover pelo instrumento do nosso corpo, devemos cada hum de nós conforme a sua Constituição incitar, ou reprimir aquellas paixões, que mais lhe possão aproveitar para servir a Deos melhor.

Diz-lhe, que com os fastios do espirito se determine a ter mais huma, ou duas horas de Oração, que esta differença fazem aos fastios dos corpos: que estes se cur-ção com variar mantimentos, & aquelles com repetir a causa do mesmo tedio. E logo prossegue com hum colloquio. Por que alenta muito nas seguidões ao espirito, & lhe diz, que perseverar na maior esterilidade. Por que esta perseverança he a sustancia de todos os exercicios. E a razão he. Por que muitas vezes neste dis-fabor, & cansaço, por hum mesmo acto, como o demonio nos tenta, tambem Deos nos prova: & pelo acto contrario na perseverança vencemos a tentação, satisfazendo à Vontade Divina. E assim diz, que Deos he como brasa: & com ser mais luzida, nam diz como a chama. Por que a chama não persevera, & a brasa apertada, logo faz chaga.

Prosegue, que he necessario derramar lagrimas, isto he, haver detestado bem suas culpas, & haver bem chorado as offensas feitas. E por isso diz, que por não haver chorado, falta ao espirito da devoção. Por que a nossa Alma enferma, ainda que por outros remedios se cura, como as enfermidades do corpo, se o corpo nam está bem purgado, os melhores manjares, mais suaves, & saborosos, lhe parecem amargos, & defabridos. A Alma, da mesma sorte, em quanto se não purga pelas

Frey Antonio das Chagas.

125

muito, porque está em prova : & que a dita he fazer bem o que Deos nos mette nas mãos. Quer isto dizer, que a perfeiçãõ nam consiste em mais altos, ou mais extraordinarios exercicios. Consiste em dar boa conta do que nos encarega a Providencia Divina. E nesta parte se enganam algũas vezes pessoas de muita charidade. Porque como nam se empregão em grandes consas, cuidão que não fazem nada. E tem razão, se nestas menores nam obrão com tanta exatçãõ, & cuidado, como nas grandes.

CARTA L.

O Amor de Deos more na Alma de V. Reverencia.



E V. Padre Guardiãõ. Sempre as novas de V. Reverencia são para mim de grande gozto ; por isso sempre as dezejo procurar com igual affecto. Dê Noffo Senhor a V. R. muito alegres Festas, & a todos effes Religiosos, a quem me recomendo, & peço a bençãõ.

Bem fei o zelo, & amor , com que V. R. dezeja os meus augmentos. Mas como Noffo Senhor me deu luz, & conhecimento, de q não presto para nada, não convem que eu tome carga sobre meus hombros, não sendo elles para tamanho pezo. As arvores muito carregadas quebrão , & caem : as naos com demaziado pezo, ainda que seja de ouro, vão se ao fundo. Eu arvore miseravel com frutos desiguaes ao que sou , que poderei esperar, senão a minha ruina? E sendo barquinha tam rota, & fraca, que esperarei de mim, senão naufragio ? Melhor me acho com os meus piolhos, mais seguro estou com os meus remendos , & quero mais hum cantinho de huma pobre cella, em que figa a meu Padre Sam Francisco, que os maiores Titulos, & Senhorios do mundo. *Elegi abjectus esse in domo Dei mei, magis quam habitare: &c.* V. R. me encomende muito a Deos. E porque o possa fazer com mais causa, lhe mando por memorial esta Veronica. Espero, que nos vejamos, se para outra parte nos não mandar a Obediencia : a quem nam faço conta de faltar, excepto de me fazerem Abbade. Porque não está desta cor a minha consciencia. Entretanto encomendeme V. R. a Deos, que guarde a V. R. como lhe peço. O Noviço, a quem V. R. tirou as informaçõs, he o portador desta : vay dar as graças ; porque o Padre Provincial as houve por boas. De V. R. Servo inutil,

Frey Antonio das Chagas.

Q. iij

N. O.

Frey Antonio das Chagas.

187

misericórdia, & nossa miséria, entam he seremos agradaveis quando formos humildes. Diz, que a inveja dos Servos de Deos he santa: mas prosigue logo, que festejando seus augmentos. Porque esta inveja sem aquella alegria he suspetosa, & nam tem outro final de ser santa, senão he o contentamento, que tem juntamente do bem, que se inveja no proximo. Diz, que nam he o Torno o que faz mal, senão a curiosidade. Parece que esta Religiosa se affligia de assistir na Roda. Porque ordinariamente attribuímos a outras cousas os effeitos, de que nós temos a culpa; principalmente quando a occupaçam he dada pela obediencia.

CARTA LXXVIII.

O Amor de Deos more, & arda em nossas Almas.



Rmaãs muito amadas em meu Senhor Iesu Christo. Hontem o ultimo de Setembro recebi seis massos juntos de Cartas vossas, que estavão retardadas nesta Corte, por se não saber onde eu estava. Tive grande consolaçam com as novas, que me dais: & assim como soube, dei muitas graças a Deos, porque me corrião por cá diferentes novas. He necessario entender, que a vida de huma Religiosa, he huma vida crucificada, em quem Nosso Senhor Iesu Christo vay estampando, & esculpindo a sua Morte, & Paixão; sendo as tintas as virtudes, com que huma hora a paciencia, outra a mortificação, a charidade, o sofrimento, o zelo, & todas as mais virtudes se hão de ver em quem em Christo crucificado se transformar. E para isto viestes à Religião. E para poder gloriarvos nisto, & ter fortaleza nas penas, & serem estas as nossas maiores glorias, he necessario, que tragais na memoria a Imagem de meu chagado Iesu, & que de quando em quando pondo os olhos nelle, & nas suas penas, vejais quanta differença vay dellas as vossas, & daqui tomeis animo para entender, que he este o verdadeiro caminho, & quanto for mais, mais pressa vos dão para vos chegar à uniaõ de Deos, & ao cume de santidade. E por isso os Santos amavão muito a seus inimigos, conhecendo claramente que esses são os instrumentos de sua perfeição; assim como as limas, que roem, martellos, que golpeão, formilhas, que abrazão, são instrumentos do ouro para chegar a ser joya.

A vida he breve, a Eternidade comprida, as perseguiçoens acabõse, o premio eternamente dura. E se a santidade de meu Senhor Iesu Christo nam subio ao Ceo, senão padecendo, eu, & vós, como poderemos subir sem

Aa ij fa-

fazer escada de padecer? Esta he a Cruz, que nos manda levar. Diante vay elle com a sua Cruz, para nos dar animo com seu exemplo. Atè morrer trairai de não defmayar: que ferà grande defgraça perder em hum ponto, o que em tantos annos se merecéo. Esta he a verdadeira Oraçõ. Porque os outros defcanços com meditaçoens, & oraçoens gostofas muito à nossa vontade, são chimeras da vaidade, mais que Oraçõs. Vede o que diz o Senhor, que nos não dá tentaçam sobre nossas forças, & que a paciencia nos chega à perfeiçam, & nos faz tomar posse das nossas Almas. E por isto o mesmo Senhor diz: Bemaventurados os que padecem pela justiça: isto he, por serem justos, & por defender o que he justo. Porque delles he o Reyno do Ceo. E em outra parte: Então sois bemaventurados, quando de todos sois perseguidos, & vos chamão malditos, mentindo quem volo chama. Nam diz: Então sois bemaventurados, quando estais em defcanços, extasis, & consolaçoens. O caminho já o achastes. O que importa, he hir por elle. Aspero parece: porèm mais aspero ferà o Inferno por huma Eternidade. Ay daquellas, que por aqui forem! Que estas são filhas da maldiçõ de Deos. Mas ainda assim, offerecei vossas oraçoens, & sacrificios pelas que vos parecem peiores. Porque em quanto estamos nesta vida, capazes estamos, ainda que com a misericordia de Deos, em havendo verdadeira emenda, sejamos Santos. Por isto em cada pessoa os vicios aborrecei-os, mas as creaturas de Deos amay.

Ponde os olhos em mim, & vereis a mais má Alma, que tem o Mundo. E ainda assim me não engeita Deos: antes me anda dando tempo de penitência, para me fálvar. Vosso Irmão foy para o Algarve: atè o Capitulo ha de citar lá. Mas he pouco tempo. Nam appelleis para elle, senão para Christo. A elle recorrei, com elle vos aconselhai, pondolhe na oraçõ diante o desemparo, que tendes de quem no mundo vos guie. Lembraivos de vosso Pay, meu Padre Sam Domingos, & vosso Anjo da Guarda, & Nossa Senhora. E antes morrer, que fazer coufa mal feita. Das infamias, & afrontas, que vos fizerão, vos faz Deos a vossa corca. Breve he o tempo. Cedo vos peará de não ter padecido mais. A paciencia fabei a não perdeis, por sentir muitas ondas de ira; senão por consentir algum dezejo de vingança. Nem vos alegris no mal, que pode vir a quem vos não quer bem: antes senti suas misérias espirituas, muito mais que todos os males corporaes. Vede, que conta Blofio, que em tres para quatro mezes chegou à perfeiçõ huma Religiofa, por offerecer a Deos todas suas obras por quem a perseguiu.

Santa Ifabel de Vngria, sendo filha de Rey, & sendo lançada do Reyno por seus vassallos com tanta infamia, & desemparo, que ninguem a quiz agazalhar, passãdo a noite em huma casa, onde se recolhião porcos, & offerecendo em Oraçõ a Deos suas boas obras por seus perseguidores, appa-

re-

Frey Antonio das Chagas.

189

recólhe Christo, & disse-lhe: Nunca tanto me agradarão todas tuas Orações, como esta, que fizeste agora. E alli lhe fez grandes favores. Continuar, & callar, & esperar da Bondade de Deos, que não desempára aos seus, pois nam desempára as vibras, as cobras, & as serpentes; antes de todos trata, & a todos ampara. Eu vim para esta Corte a convalescer de humas febres cezoens, & sangrias, que tive em Setuval desde os principios de Setembro: & por isso não tenho começado a prègação de Lisboa: que com o favor de Deos começará no fim deste mez. Já estou melhor. A manhaá me recolho, & me sumo huns vinte dias para o estudo. Pedi a Deos me tenha de sua mão. E se elle me levar a parte, donde vos possa ajudar com alguma coufa, não me esquecerei. Entre tanto encomêdame a Deos, que vos guarde, como lhe peço, & dezejo. Hoje o primeiro de Outubro de 1674. Irmão inutil,

Frey Antonio das Chagas.

NOTA.

Esta Carta escreve o Servo de Deos a suas Irmãs Religiosas. E d'pois de lhe dizer, que tinha muita consolaçam com suas noticias, lhe diz, que o que lhos he necessario, he entender, que a vida de huma Religiosa verdadeira ha de ser huma vida crucificada. E diz logo, que considerem, como amavaõ os Santos a seus inimigos: mostrando por este modo, que a perfeçam da Cruz propria está em ser dada pela mão alheia. Porque, supposto que muitas vezes he necessario, q a nossa eleição faça a nossa Cruz: contudo nam sei que tem a nossa escolha, que sempre a faz mais suave, por pezada que seja. E pôde ser que por esta razão nos nam manda Christo elegilla, senam tomilla. E porque nos nam fique dividida, diz primeiro, que se ha de negar quem o houver de seguir. Porque parece nam o imita, quem so toma a Cruz, & segue o caminho, se antes se nam nega a sy mesmo. Diz mais abaixo, que a vida he breve, & que as perseguições se acabam. E nam entendo, que dizia isto o Veneravel Padre tanto pelas consolar, quanto pelas instruir. Como se lhes disera: que se dessem pressa, porque se nam sabiam aproveitar se, passaria o tempo de padecer, & merecer.

Diz, que esta he a verdadeira Oraçam. Porque certas meditações á nossa vontade, aonde se nam mortifica, antes se consolla a natureza, são chimeras, & enganãs, com que nos lizoagea o amor proprio. A razão he clara. Porque se o Reyno do Ceo padece força, de necessidade nos havemos de fazer violencia. E esta sempre he mais esforçada, quando menos se arrima á eleição propria. E por esta razão proségue logo com os que Christo chama Bemaventurados: & estes se fazem nas enfermidades, nas perdas, nos desgostos, & prova dos inimigos, se tudo

Aa iij leva-

Frey Antonio das Chagas.

193

tedio. De que nasce às vezes certa desconfiança tam perigosa, que tem feito cabir muitas Almas. E alguma vez pôde ser culpa de quem a governa. Diz, que as repugnancias, com que se achava, eraõ a melhor cousa, que tinha. Porque sabia, que esta Religiosa estava resoluta, ou a suportallas, ou a soffrellas. Porque assim como nos frãos, & principiantes são perigosas, nos aproveitados são de grande merecimento. E o exercicio, com que insensivelmente se fazem os bons habitos, nam ha outro caminho, sem ser milagroso, para con'guir as virtudes, senão he o rigor das difficuldades.

CARTA LXXX.

O Amor de Deos more, & arda na Alma de V. M.



A DA vez me acho mais obrigido à memoria, & cuidado, que V. M. tem de mim. Deve de ser, porque sua Divina Magestade sabe, que hey mister todos estes socorros para a batalha, em que ando, & todos estes apiltos para a fraqueza, em que vivo. Pague Deos a V. M. que eu já nam acho outro caminho para desempenhar-me, mais que o impossivel de fazello sem appellar para Deos. No que toca às palavras da Escritura, se se diz é com sentidos máos, & profanos, tem hum Breve contra sy, que os prohibe. Se acaso se dizem, nam he peccado; nam o sendo aquillo, sobre que se dizem. Salvo, quando a vaidade de as dizer, as faz repetir. E ainda entam nam passa de venial. Se he com bom intento, & sem vangloria, pôdemse às vezes usar. Os Latins he vicio, de que V. M. nam deve usar.

Para esta Ascensão todo o amor he pouco, & nenhũa faudade he muita. Folgára, que das preferenças deste Mysterio tirára V. M. todos estes dias hũa grande faudade, & com ella na Alma, nos sentidos, & pensamentos andasse até passar este dia, dizendo: *Meu Deos, & minha saudade, quando ser á possivel, que esta saudade acabe na vossa vista? Quando, quando, meu Deos?* E o mais q der o Espírito Santo. Nam faça penitencias do corpo; salvo as que der a Obediencia, se as houver: na Alma todas as mortificações, que a divertirem diito. Nos olhos, nos ouvidos, no fallar, faça as mortificações, que puder. Entendo, que os silencias, & os retiros são a conversaçam, & o lugar, onde se acha, & se trata com Deos. Por isso elle dizia á Alma, que à solidão a levaria. Esta he a solidão, onde V. M. quando lhe falte a presença, lhe nam faltará a faudade: que até nas presenças mora: que sente as ausencias até nas

Bb visitas;

vistas : que como faõ nesta vida imaginarias, ou so certezas da Fé, ausencias faõ mais que vistas. Consiſte eſta ſolidão em viver V. M. em hum Deſerto, que ſe chama memoria de Deos, tam ſõ, tam deſerta de tudo o mais, que nada mais paſſa pela memoria. E o amor faz, com que eſta ſe deſpeje, & ſique totalmente ſolitaria de lembranças de creaturas com humas palavras muitas vezes repetidas : *Deos, & nada mais.*

Para o Eſpirito Santo uſe V. M. antes Quarta, & Sexta de cilicio quãto ao corpo, retire quanto à Alma : credo por Fé, que aquelle Fogo Divino em faifcas abrazadas lhe cahio no coraçã, & que cada hũa levanta hũa chama no eſpirito, a que diz : *Meu Deos, & meu amor, amor eterno meu, deſejo eterno meu.* E ande interior, & exteriormente, quanto puder, com eſta abrazada noticia : credo que huma faifca eſpiritual he a Fermoſura Divina, outra a Omnipotencia, outra a Bondade, outra a Sabidoria, outra a Miſericordia, & aſſim os mais Atributos de Deos. Mas quando cerre a memoria na Eſſencia Divina, eſtendendo a Alma, deixe hir o eſpirito neſſe fogo, neſſe abrazado deſejo de ſe unir, ou entranhar com Deos, ainda que ſe fuma, ſe abſorva, ſe transfunda, ſe aniquille, & deſappareça, ſem deixar nada de ſy : & ſobre tudo accomodandose paſſiva, ou aſſivamente à obra do Eſpirito Santo.

Depois de paſſar eſte tempo, ſe nam adoecer, tome huma diſciplina cada ſomana, de mais a mais das que houver na Communidade ; & faça por andar, hora no quarto, hora no quinto exercicio do Eſchio ; arê que nos vejamos, ou V. M. ſaiba donde lhe poſſo eſcrever, ou ter novas de mim. Daquelle peſſoa, que acaſo me viſitou, porque hia fazer huma diligencia, nam tive mais novas, nem mandado, nem a ſua viſita pedia iſto. Com que he chimerico, quanto neſte particular ſe ſonha, & cuida. No que V. M. pôde eſtar certa, he que com a Bondade Divina nam me quebranta nada do que niſto diſſerem de mim de mal. Defendame Deos do que diſſerem de mim de bê : que como de Deos eſpero o que tenho que eſperar, deſte mundo nam quero nada ; & por iſſo deſejo deſprezar igualmente, o ſeu bem, & o ſeu mal. Peça V. M. a Deos, que ſeja ſempre aſſim, ſe aſſim he maior gloria, & honra de Deos.

Todo o mais, que V. M. me recomenda, tal qual ſou, o farei, dezejando os preſtimos, que nam tenho, para fatiſfazer às obrigaçoens, com que ſico. Os Livros, em que V. M. me falla, ſe ſe acharem, peça-os, & ponha-os na Livraria. O Direcçtorio de Sam Francisco de Sales traga-o comſigo ſempre : o Eſchio para os exercicios. E quando tomar horas para algum divertimento, lea por aquelles, que tenham as materias, em que V. M. ſe exercita. Lea tambem pelo Andrade, que os exemplos ſão às vezes eſporas do eſpirito. Querera ſua Divina Mageſtade, q̄ ſe renovê por muitas vezes os annos,

&

Frey Antonio das Chagas.

195

& o espirito, com que V. M. começou em dia de tam grande Santo. E pois em esse trouxe Deos a V. M. à Religião, faça em memoria sua, porque seja a Fé, húa das principaes virtudes, muito amiga sua.

Nam he piquena haverme sofrido até agora; maior será daqui a diante. Offereça V. M. alguma por mim a Deos, que nam me contento com os suspiros: nam porque elles sejaõ causa de ar, senão porque esse, & muito mais fogo de Deos hey mister para acender as minhas friezas, & froxidoens. Onde quer que estiver, hey de escrever a V. M. em podendo. Se faltar, soframe desprimoroso, pois me nam engeitou maldito. E tome por sua empresa fazerme dos abençoados de Deos, ao menos quanto em sy he, & por suas Oraçoens. A Madre N. agradeço as lembranças, & offereço minhas recomendaçoens. E por ellas, & por V. M. quanto posso, offereço minhas miseraveis Oraçoens, & desejos, que tenho de vera V. M. no mais alto estado da perfeiçam, a que espero leve Deos a V. M. & a guarde por muitos annos em sua Graça, como lhe peço, & desejo. Sacavem, dia de Sam Bernardino. De V. M. Servo inutil,

Frey Antonio das Chagas.

NOTA.

Esta Carta começa o Servo de Deos, dizendo a esta Religiosa, a quem escreve, o muito que lhe está obrigado, & que Deos sabia quanto necessitava daquelles socorros, que consistão em Oraçoens, & avisos: ensinando por este modo, que os beneficios, que recebemos das creaturas, os devemos attribuir a liberalidade Divina. Assim tambem recorre ao Senhor, para a satisfação, & a paga. Diz logo, como pode, ou deve trazer os lugares da Escritura, & que os Latins he vicio, de que nam deve usar. Nam impede, que algumas vezes os possa repetir, & por isso desusar. Por que huma Religiosa nam he hum Cathedratico de Medicina, para andar continuamente com textos, & vocabulos Latinos na boca. E estes são os termos, a que o Veneravel Padre chama vicio a esta frequencia.

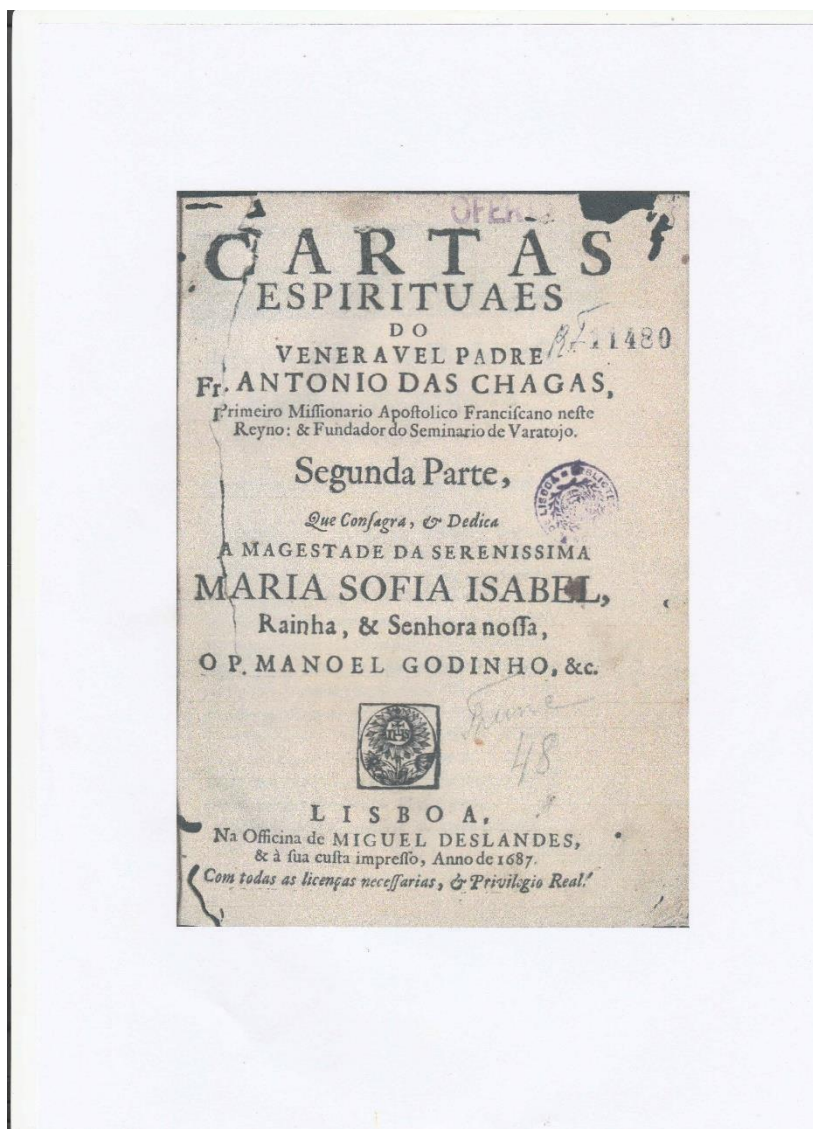
Diz, que para aquella Festa da Ascensão, que dalli a poucos dias se celebrava, que todo o amor era pouco, & nenhuma saudade era muita. E falla por estes dous termos de amor, & saudade. Porque ha pessoas, que se tem por espirituaes, & exercitão as virtudes, & celebrão muito os sagrados Mysterios; mas tam pouco saudosas, que desejão viver ainda nesta vida alguns annos. E por isso dizia o Grande Gregorio Lopez, que era vergonha, que huma pessoa, que se dava ao espirito, desejasse viver neste mundo.

Prosegue com huma Direcção interior, cuja disposiçam he o retiro, & o silencio. E este retiro, & silencio verdadeiramente consistem na memoria, & na vontade. Porque a vontade se poem o silencio, lançando della o desejo do trato

Bb ij das

Anexo 02

CHAGAS, Frei António das. *Cartas Espirituais*. Que consagra, e dedica a Magestade da Serenissima Maria Sofia Isabel, Rainha, e Senhora Nossa, o Padre Manoel Godinho, e c. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1687a.





CARTA PRIMEIRA,

QUE O VENERAVEL PADRE E. S. crevêo a hũa Tia sua tres dias antes de tomar o Habito: Dá conta nella da resolução, que tomava; mostrando por hum discurso efficaç, & persuativo os fundamentos porque se resolvêra, que são as luzes com que o movêo a graça Divina.



MINHA Tia, & Senhora. Já o coração rompe o silencio, que ha tantos tempos vive oculto entre os misterios do recato, & não sem lagrimas tomo a penna para dizer a V. M. que esta vida, que servio de motivos aos escandalos, entra a ser exemplo de emendas, trocando as galas em burel, & os caprichos em cilícios; para que assim mude a razão os distrahiimentos em clausura, & os deleites em penitencia; & não hê muito que assim me acolha a sagrado fugindo à justiça de Deos, (a que fiz tantas resistencias) pois elle foi servido de reduzir ao seu rebanho esta ovelha perdida, quasi no mesmo tempo, que entre as trevas do peccado, & entre os horrores

A

rores

CARTAS DO VENERAVEL PADRE

rores de tantas culpas se aumentavaõ os descaminhos, & creciaõ os despenhadeiros. Fico para tomar o Habito em São Francisco de Evora, donde espero que Deos me guie ao porto de minha salvaçaõ; que não he pequeno milagre depois que com as borrafcas do perigo a vida correo fortuna, & com as tormentas do vicio a alma teve naufragio: & ainda que custe muito ao gosto arrancar da alma tantas raizes; ainda que doa ao coração defatarse daquelles laços, com que já deu tantos nós cegos: quebrou a razaõ as cadeas com que o mundo me tinha atado, ou o engano me tinha prezo. Pois bem que o mundo por persuadirme me armou com aquellas ditas de que fiz a V. M. relação: & com outras venturas que ainda vivem no meu segredo, não me soffrêo a consciencia renunciar os tesouros do espirito por estes morgados da fortuna; que como a estes destro o tempo, & os outros duraõ hũa Eternidade, a mesma razaõ que me movia a fazerme grande nos aplausos, me persuadio com mais motivo a perpetuar-me nos aertos; porque a não ser esta a tençaõ que me obriga a mudar de vida, ahi estava o mundo com as promessas, & a estimaçaõ com as vaidades. Mas quando esta resoluçaõ não tivera annos de proposito; bastava que para desenganar, tivesse dias de discurso; porque se consideramos a vida, que he ella mais que hum momento: que aquillo se vai diminuindo, que começa a hir durando? Se discorremos pelas honras, que são mais que hum risco, que se compra, por hũa vaidade que não dura? Se nos enlevaõ as grandezas, que são mais que huns precipicios donde se sobe a ignorancia para despenhar-se a modestia? Se nas riquezas nos detemos, que podem ser mais que huns venenos, que nos douraõ o que nos custaõ, por adoçar o com que mataõ? Se as fermosuras nos cegaõ, que são ellas mais que hũas flores, a que a manhãa serve de berço a tarde de sepultura? Toda aquella fragante pompa,

FR. ANTONIO DAS CHAGAS.

que amanhecem presumidas, que ha de ser mais que huns
capuzes, com que anoiteção lastimosas & se o mesmo ar
que as anima he verdugo que as desfolha: se o mesmo
orvalho que as enfeita, he aspid que as ensovalha. Poe
isto a razão derrubou os Idolos, que a cegueira idolatra-
va, & arrastou a fé as estatuas, que a vangloria desvan-
cia; pois todas aquellas ostentaçoens, que foraõ gala do
deleite, converteo já o escarmento em mortaldas do def-
engano, com que o gosto se poz à obediencia, & a von-
tade ao sacrificio. E assim pois já me he preciso, que me
despeça nestas regras de quem não verei muitos annos: pe-
ço muito a V. M. me não perca de sua memoria, ou me
desferre de sua graça, pois hoje mais que nunca me unem
a V. M. os affectos, & lhe assistirá a vontade. Aceite V. M.
esta como derradeiros abraços, & perdoem se me não
alargo nas letras, porque as lagrimas, que me impedem
o correr mais com esta penna, he a pena que só me obri-
ga, a que não corraõ mais que as lagrimas. Deos guarde a
V. M. como desejo. Evora 15. de Mayo de 1662.

Sobrinho que muito ama a V. M.

Antonio de Afonseca Soares.

CARTA II.

*Que escreveo a seu Irmão dous dias antes de tomar o Há-
bito. Mostra nella a efficacia, com que Deos o chamá-
ra, estando nos primeiros passos tão consolado, que não
deixára aquelle Santo caminho pelos maiores tesouros
do mundo.*

MEu Irmão. Foi Deos servido de querer que esta ove-
lha perdida se restituisse ao seu rebanho, & conho-
cesse

A ij

4 CARTAS DO VENERAVEL PADRE

cesse os seus erros, & desejando de empregar em melhor guerra o que me ficava de vida, troquei o serviço de El-Rey pelo serviço de Deos. E dia da Ascensão (sem que o foubesse ninguem do mundo) tomei o Habito neste Convento de São Francisco de Evora, donde avisei a minha mãy, & parentes; & a Lisboa aos amigos, que me fazião merce: & fico' tão consolado com os favores do Ceo, que os maiores Imperios da terra regeitára eu, se fora grande Principe, por dar (ainda que o menor dos homens) este triunfo a Deos. A todos esles senhores meus amigos dai muitas lembranças, & pedi me encomendem muito a nosso Senhor, para que persevere neste caminho da salvação: Dai a minha Mãy grandes consolaçoens persuadindo-a a que dé muitas graças a Deos por esta merce que me fez; & elle vos guarde como desejo. Evora 20. de Mayo de 1662.

Irmaõ, & amigo

Frey Antonio.

C A R T A III.

Que escreveo a seu Irmaõ sendo Noviço: consola-o de seus achaques por hum suave discurso; & continúa dando-lhe conta do gosto com que vivia na Religião que escolhêra, admirando em sy mesmo os inestimaveis favores, que Deos lhe fazia.

MEu Irmaõ, & Senhor. Primeiro que os vossos achaques me viessem à notícia, me chegáráo ao cora-
ção.

CARTAS DO VENERAVEL PADRE

CART A V.

Que o Servo de Deos escrevia a hũa sua Irmãa: em que com muita humildade se condena, & se desculpa; & com os beneficios, que confessa recebe da bondade Divina, a exorta a perfeição. Diz que n.õ aceita Sermoens por não ter tempo de os fazer, & estudar; em que se vê a graça, que Deos lhe concedeo em sendo Missionario, pois pregando muitos mezes continuos hum, & dois Sermoens cada dia, os fazia sem estudo.

O fogo do Amor de Deos arda, & ferva nas
nossas entranhas.

MInha Irmãa, & Senhora. Muita razão tendes nas queixas que fazeis de mim, & não tendes nenhũa razão. Tendes razão ao parecer das vossas imaginaçoens, pois parece impossivel terdes hum Irmaõ que vos quer bem em Deos, & não vos escrever como vós quereis. Não tendes nenhũa razão, porque são taõ extraordinarias as minhas occupaçoens, que posso dizervos me he mais facil ir a Moura, que escrevervos hũa Carta; (quem tal cuidára!) mas cuidai o que quizerdes, porque o certo será que só entaõ cuidareis melhor, quando cuideis o peor de mim: mas seja Deos louvado, que me vai fazendo taõ grande favor, que até vós vos pondes contra mim. Eu creio que daqui por diante, se Deos me não desamparar, o começarei a servir; pois vejo estes extremos armados contra minha vontade, seja o Senhor muito louvado, &
bem-

FR. ANTONIO DAS CHAGAS.

bemdito. Estimo as novas dessas Religiosas que venero muito; a todas faça Deus crescer em seu Divino Amor; & crede que ainda que não escrevo, nem por isso deixo de lhe assoprar as brazas do Ceo a quem as encomendo; porque isto posso eu de cá fazer. Folgo muito da conformidade que tendes com Deus; porque nisto vou já vendo o que sem ter virtude de Profeta, vos profetizei com a razão. Deus vos ha de fazer santa, & agora começais também o caminho; pois já vos persuadis a que o vossó maior amor vos vai desemparrando. Ainda que isto não seja assim, assim he necessário para entrarmos no desprezo das cousas da vida, & mortificação da alma, que são os primeiros passos que se dão para o Calvario da perfeição por esta rua da amargura, que isto vem a ser o mundo falso, vão, & amargo. Vede os altos Juizos de Deus acerca do vossó estado, & de nossa Irmã Dona Leonor: Deus lhe dará forças nessa fraqueza em que vive, que não he de todo má, pois Deus se serve disso. Vós tende animo, que não ha de faltavos nada quando for tempo; porque as cousas que vos são necessárias correm por conta de Deus; como quiz que fôsseis sua esposa, & he Senhor do Ceo, & da terra, tudo quanto nella ha por a vossos pés se for necessário. Eu tenho esta confiança firme, porque conheço já alguma coisa não só de suas extraordinarias misericordias, mas de suas grandezas, & amor, mais que além do extraordinario. Não vos desconsoléis de vos não escrever, que quer Deus isto para que neste anno de provação tenhamos ambos merecimento. Não aceito Sermoens porque não posso; mas farei o da vossa Profissão: & vede se quem não tem tempo para escrever húa Carta, como o terá para fazer húa Sermão; nem he razão pregar senão donde quer o meu Guardião. Eu trago o entendimento tão occupado continuamente, que he impossível acudir a esta obrigação, & ao gosto dos mais; porque não tenho memoria capaz de
 estu.

CARTAS DO VENERAVEL PADRE

estudar dous, ou tres Sermoens em poucos dias: pedi a Deos me dé sua graça, que he o que só importa, & eu desejo. Nosso Senhor vos guarde como lhe peço.

Vosso Irmão que vos ama em Deos,
Frey Antonio das Chagas.

C A R T A VI.

Que o Veneravel Padre escreveu a hũa parenta sua, que estava em hum Recolhimento, donde sendo Commissario dos Terceiros deu o Habito a todas as Recolhidas: mostra nella o desapego de tudo, & amor da santa Pobreza, que observou em todo o tempo de Religioso.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

IRmã; & Senhora minha muito amada em Jesu Christo. Essa alegria espiritual com que V. M. se acha, & as mais Irmãs, depois de serem filhas de meu Padre São Francisco, he o primeiro finete com que o Espirito Santo mostra que são suas almas que elle escolhe: queira a Divina bondade achar a V. M. & a todas as mais tanto na sua uniaõ, que não faiba viver nenhũa fóra de Deos: assim como fóra da agua não vive o peixe, nem fóra do ar vóa a ave: Aves somos espirituaes, & pexes da agua do bautifmo, vivamos como o peixe na agua em Deos, que he mar de graça, & voemos com celestiaes suspiros ao centro de toda a gloria, que he a bondade Divina: na qual espero eu que o celesste amor (ainda nesta vida) de a V. M. muitas consolações,

ou

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. II.

ouao menos muitas cruces; como todas são diamantes, entrarão no Ceo máis rica. Fico queixoso deste miúdo que V. M. me faz, porque como eu não hei mister nada, (mais que oraçoens) nada quero de ninguem mais que o encomendam-me a Deos, & a nenhuma pessoa aceito couza algua; & agradecendo a V. M. este favor como que o aceitara, peço perdao de me não aproveitar d'elle. Se V. M. tem desejo de que isto sirva para enfermos, informese donde os averá mais necessitados, & terei eu particular gosto de que V. M. & as mais lhe fação a caridade que puderom. As velas também não tomo; se V. M. tiver devoção de as mandar à Mesa, faça o que lhe parecer; & a mim me encomende muito a Deos. A senhora Regente, & ás mais Irmãs, & senhoras finhas beijo a mão, & a todas peço roguem a Deos se faça em mim sua Divina vontade como for mais honra, & gloria sua; & o mesmo, tal qual sou, pedirei por todas, particularmente por V. M. a quem o mesmo Senhor guarde como desejo. De São Francisco, Domingo de manhã.

De V. M. Irmão, & servo inutil!

Frey Antonio das Chagas.

C A R T A VII.

A hum Amigo: em que se achão muitos documentos espirituales, & proveitosa doutrina: diz-lhe em confiança como tinham aproveitado hũa Noviças com quem o Reverel Padre tinha apertadas ragoens de parentesco.

MEu Amigo, & Senhor: fatalidade foi faltarvos Carta minha; porèm como ao perdido se devem perdes

12 CARTAS DO VENERAVEL PADRE

der as saudades, & ainda a memoria, não ha para que fallar nisto; só vos digo que estimei as vossas novas, & as desejo merecer com todos os affectos de verdadeiro amigo da alma que sempre ferei vossó. *in shom p. b. m. (an. 1677)*

Eu fico com saude seja Deos bendito: mal empregado he este beneficio em quem tão mal como eu o serve, & lho agradece; mas nisto se deixa ver quacs são suas misericordias; porque se faz estes favores aos mais indignos, aos que o não forem que fará? Amai-o vós muito com todo vossó coração, com toda vossa alma, com toda a vossa vontade, que isto he só o que elle quer por paga de quanto lhe deveis. Lançai na sua misericordia, & providencia o cuidado de todas as vossas cousas, & esperai de sua bondade, mais que dos conselhos de vossa prudencia, & disposição; porque Deos he tão bom, & tão amigo nosso, que às yezes não quer que se faça o que desejamos quando nós o queremos, senão quando mais convem, & quando fiados em sua condição de Pay amigo, & bem nosso, nos deixamos de todo na sua disposição, & beneplacito: & ainda que vos vejais miseravel, & peccador (que isso he o que tendes de vossó) não desconfieis, tornaivos logo a vossó Senhor, & Pay, que pois vos dá vida, & consente neste mundo, também vos quer perdoar, & usar de piedade com vosco. Beijovos as mãos pela merce que me fazeis nestes vossos papeis, bem se ve nelles que mostrais o vossó coração até por estas vidraças: bem quizera eu prestar para volo agradecer, (Deos o sabe) & vós sabereis algú dia quanto desejo isto, mas entretanto contentarmehei com que volo pague quem tem cuidado de satisfazer por mim ás minhas obrigaçoens; por isto vos espero melhor successo em tudo, porque sou melhor nos padrinhos, que nos afilhados. Meu amigo, Deos vos faça santo, que com isto fereis mais ditoso que se foreis Rey; mas ou sejais agora bom ou não; justo ou pecca-

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 13

peccador, espero vovos no Ceo com todos os bens eternos, & antes disso nesta vida com muitos temporaes, para que os empregueis em serviço de meu Deos, & Senhor; que sem isto para nada servem os bens do mundo, mais que para condemnação eterna. Fazei por agradecer a Deos o grande amor que vostem, que he maior do que cuidais: vós sois hũa creatura miseravel, hũ fãco de esterco, & hũ costal de bichos, & hũ homem peccador: & ainda assim desde a Eternidade não apartou Deos os seus olhos de vós, estando empregado em beneficio vossò como se não tivera outra nenhũa creatura de quem ter cuidado; & sendo Deos a mesma fermosura, & a maior Magestade, sabedoria, & bondade, & outras mil perfeiçoens sem numero, não vos atreveis vós a fixar nelle os olhos por breve tempo, como se nesta memoria sua se deitára a perder a vossa vontade. Correivos, & envergonhaivos disto: vede a sede com que os Rios, que não tem entendimento, correm para o mar; vede como rompendo por tudo, nem os montes os detem, nem os troncos, nem as pedras; porque a natural inclinação de correr para o seu centro, para aquella origem donde sahiraõ, os faz não parar até não chegar ao seu fim ultimo. Vosso fim ultimo he Deos: para amalo, & louvalo fostes creado, & para nenhũa outra cousa: delle sahistes como sahiraõ das entranhas do mar pelos meatos da terra todos os Rios, como vós não envergonhais de que faça mais hũ Rio, do que vós fazeis por tornar ao principio donde sahistes? como vós não correis de que tenha menos força em vós para chegar a Deos hũa inclinação divina, sublime, & soberana, do que tem para chegar ao mar nas aguas hũa inclinação tão baixa, & humilde? Perdoaime se vos entristeço nisto, mas he força que vos faça este aviso; que estas são as melhores festas que posso darvos, lembrarvos que Deos vòlas dev, & mais este anno de vida; & para
lo.

lograr bem o que começa importa muito que ella seja boa: no seculo podeis viver bem, porque se isto não pudéra ser, necessário fora concedermos que ninguem no mundo se salvára, & isto he erro conhecido. Fazei muito por dar a Deos o que podeis: não nos pede Deos impossiveis, que de nós o que nos deu para darlhe: deu-nos a vida, demos-lhe a vida: deu-nos a alma, demos-lhe tambem a alma: deu-nos o entendimento, sacrificuemos este a seu amor: deu-nos a vontade livre, rendamola a seu beneplacito, & assim o satisfaremos: mas querer ter hum pé na terra, outro no mar, hum olho no Ceo, outro na terra: querer caminhar para o Norte dando passos para o Sul não he cousa facil, nem de muito proveito: vede que os vossos melhores trinta annos já passárao, & que com a mesma pressa haõ de correr os cem, se lá chegardes: que vos importará depois delles serdes senhor do mundo, se vos não salvardes? Que importaráo entãõ as riquezas, os regalos, as alegrias, & as prosperidades todas; se passárao como fombra, acabárao como flor de feno que cahe, como empola de agua que se ergue, como escuma do mar que corre? Por isto amigo, & senhor meu, servi a Deos de veras, amai-o de todo o coração, desejanõ só sua graça para gloria sua. Das pessoas que me perguntais tenho boas novas. N. seja Deos muito louvado conhecidamente tem crecido com algũa maravilha no Amor de Deos; depois que são Noviças se ve naquelle Convento Laus perene de noite, & de dia em Oração Mental, & Vocal de Freyras que estáo no Coro. N. (isto fique para nós) não traz camisa se não de estamenha; dorme no Coro, & não tem outra cama mais que as cadeiras donde se louva a Deos; nem tem, nem quer ter nenhũa outra cousa abaixo do Ceo mais que aquillo que lhe daõ pelo Amor de Deos: os Jejuns são muitos; a oração continua, o Amor de Deos ardentissimo, esta he a sua conversação, tudo o mais o seu silencio, o amor do

pro-

FR. ANTONIO DAS CHAGAS.

15

proximo grande, a alegria da alma conhecida entre muitas mortificaçoens, que são o seu regalo: isto, & outras cousas que só Deos sabe, & eu tambem, são a sua vida: & quasi tudo isto fazia antes de entrar na Religiao ha alguns tempos: seja Deos muito louvado; a elle se lhe dé gloria, pois toda se lhe deve. N. não rompo ainda o segredo nestas cousas que se vem, mas a sua oração, & o ardentissimo desejo que tem de amar, & servir a Deos, & a humildade de quidar que não presta para nada por verse com menos forças para as penitencias, cuido eu a vaõ aproveitando muito: leve-as Deos adiante, porque se não ha perseverança, pouco importa começar bem; & avendo-a, a fálca se faz incendio, a fonte rio, o vapor nuve, & as plantas arvores. Meu Irmaõ, com a occasião que sabeis, suas tristezas tem, mas assim deve ser melhor, pois Deos o ordena pelas suas creaturas. Eis aqui vos tenho dado conta o melhor que posso do que por cá vay: o que vos peço agora he que quando vos sentirdes em peor estado (o que Deos não permita seja em culpa) mas quando vos considerardes mais miseravel, & maior peccador, rezai hũ Padre Nosso, & hũa Ave Maria, pedindo a Deos tenha misericordia de mim. Veyome ao pensamento pedirvos hũa coufa, não o faço porque tenho proposito de não pedir nada; se o adivinhares, entenderei que Deos quer que use della, senão tambem lhe darei graças, & lhe pedirei como sempre vos guarde por muy felices annos com todos os bens eternos, & temporaes que para vós desejo que sois outro eu. São Francisco de Evora, a primeira oitava do Natal de 1669.

Amigo sempre

Frey Antonio das Chagas.

CAR.

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 17

tomais por meu Irmão, já tomara ver o fim deste negocio, porque a vossa molestia tivesse tambem fim. Finalmente encontendemonos todos a Deos, & pedilhe muito se faça em mim sua Divina vontade, como for mais gloria, honra, & gosto seu, & elle vos guarde, & encha dos bens do Ceo, & da terra, como lhe peço, & desejo. São Francisco de Evora 8. de Fevereiro de 1667.

Amigo sempre, mas sempre inutil

Frey Antonio das Chagas

C A R T A IX.

A hũa pessoa de Qualidade, que lhe avia mandado hum livro historico que tinha composto; & depois de lhe dizer que estava escrito com discriçaõ, lhe mostra largamente que pudera empregar o seu talento em exercicio mais alto, a que Deos o chamava; de que tiraria mais fructo para o aproveitamento proprio, & exemplo alheio.

Senhor Meu, o Amor de Deos se acenda na alma de V. S. & lhe encha o coração daquelles celestes desejos, donde se começaõ a provar as eternas doçuras ainda nesta vida.

Não respondi até agora, nem enviei a V. S. o seu papel por entender que mandandome a obediencia a Coimbra passaria por esta Corte; já que Deos foi fervido de me mandar para Evora (de cuja sepultura só me tirará a obediencia) razão he que não falte ao que prometi a V. S. ao menos por papel, & tinta. Vi este papel de V. S. & este fuor tão luzido de seu enrendimento, esta tão honesta fadi-

B

ca

ga dos engenhos humanos: que lhe parece a V. S. que me pareceria a mim? parece-me na verdade hū louvavel, & virtuoso emprego dos amadores do seculo; mas certo hū desperdiçado tempo, & hū mal sentido roubo dos espiritos Christãos. O fim principal da Historia he fazer presentes para a nossa doutrina os seculos passados, & estender na duração das memorias aquellas posteridades da fama quem faz ordinariamente injuria o esquecimento dos tempos. Virtude he para o mundo esta occupaçaõ, quando a verdade, que he alma das noticias, com a utilidade dos exemplos que nos ensina, nos poem nas maõs em poucas folhas de papel, os mares, & as terras, as naçoës, & os negocios do mundo, os porques, & os como, & os quando das açoens humanas. Porém Senhor, que maior vaidade que andar hū juizo Christão com estes vaõs desvelos, cançando-se por dar memoria eterna ás cousas vaãs, & caducas, que ainda que duraráõ até o fim do mundo aviaõ de acabar cedo, pois tão cedo ha de ter o mundo fim? De que serve revolver os seculos, desenguietar as cinzas, & dar esta vida aos mortos, se de tantos em que V. S. falla lhe não servir a memoria para o desengano, as cinzas para memento, & os seculos para o que he eterno? Como não será inutil este aprazivel trabalho, se na fugacidade daquelles dias que Deos lhe dá a V. S. para tratar da sua salvaçaõ, V. S. os confunde, ou os perde, trocando os avisos do Ceo pelas discriçoens da terra, as consideraçoens da morte pelo discurso das cousas da vida, as contas da Eternidade pelos contos do tempo, podendo aproveitar mais trabalhando menos, nos assumptos, & exercicios do desengano. Oh se V. S. puzera, & empregara em examinar a sua consciencia, & a sua vaidade o tempo que gastou em examinar os Mapas, descrever as terras, considerar os mares, as gentes, & os costumes, as guerras, & os encontros, as fortunas, & os infortunios,

que

FR. ANTONIO DAS CHAGAS.

19

que são corpo desta Historia; que diferente fora o fruto que achára na alma? Se as anotomias que V. S. faz dos negócios, & dos interesses, se a balança em que peza os perigos, & aquelles tratos, a fizera V. S. de sy mesmo, & olhára bem para sy, que certo fora medrar V. S. mais no conhecimento próprio, que as suas prendas no alheio? Se finalmente gastára V. S. na oração diante de hū Christo crucificado, & de hūa caveira os dias, & os mezes, & ainda os annos, que tem gastado nas folhas desta Arvore tão pomposamente inutil (pois não ha de dar frutos de guarda mais que para a vangloria) quem duvida Senhor que estivera V. S. já feito outro homẽ; pois o que he do mundo fora do Ceo, pois o que he carne, & sangue, parecerá espirito? Desengancê V. S. que na hora da morte, & no dia do Juizo nenhuns bons autos ha de fazer com estes papeis; nem V. S. se ha de descarregar daquella estreita conta com os livros que compoz, senão com as boas obras que fez: antes hum dos maiores cargos que ha de ter contra sy he aver baldado tanto tempo em serviço da vaidade, avendo aproveitado tão pouco no serviço de Deos, com tantos talentos seus, & com tantos auxilios divinos. Considere V. S. que Deos lhe não deu o juizo que tem para estes empregos, se não para a consideração dos seus attributos, amor, & perfeicoens. Lembresê V. S. que o fim ultimo para que foi creado foi a gloria, & o seu louvor, & honra, & estas profanas fadigas não caminhaõ para la, pois se encaminhaõ ordinariamente para a gloria propria, para o credito da Patria, & outros fins caducos. Ser grande homem, grande Princepe, grande General, grande Escritor bom he para o mundo: mas para o Ceo tó o ser grande Christão he o que nos aproveita. Ser Christão nenhuma outra cousa he mais que ser imitador, & amigo de Christo (como diz hū dos Apostolos) & inimigo do mundo.

B ij

do}

do, isto he do amor do mundo. Veja V. S. logo quanto tem errado o caminho, pois mais tem trabalhado pelo amor do mundo, que pelo amor de Deos; mais por imitar a Cesar (que está no Inferno,) ou a Tacito, & a Tito Livio, (que tambem lá estão) que por imitar a Christo, com cujo original (que se vé no Monte Calvario) não dizem bem estas copias. Conformese V. S. com o seu original que he o mesmo Deos, pois sabe que he seu retrato; & trate de que nella cera vil de suas inclinações terrenas faça aquelle sello eterno do Amor de Deos hũa impressão divina. Os que são do mundo vivem para o mundo, os que são do Ceo vivem para o Ceo: se V. S. quer ser do Ceo; gaste com elle os seus desvelos, & os seus estudos. Não he razaõ que nos envergonhemos de servir a Deos, pois nos não envergonha servir aos homens (que isto são os Reys, Princepes, & Monarcas). Se V. S. quer ser do mundo, se quer as suas memorias, & estimações? leve-se tambem sabido que vai por caminho errado, & que póde ser que algũ dia em castigo de não ouvir a Deos (pelas suas creaturas, auxilios, & inspiraçoens) tenha mais pena, porque teve mais vangloria; tenha mais castigos, porque teve mais auxilios; tenha mais terribel Purgatorio, porque teve mais mundo. Grande erro fora em V. S. andar servindo toda a vida a hũ grande inimigo seu, & offender a seu maior amigo: grande baixeza de animo fora servir a hũ negro podendo servir a hũ Rey. Rey supremo he Deos, & amigo de V. S. o mundo inimigo; & o Demonio negro; veja V. S. a quem deixa de servir, & a quem serve, a quem desagrada, ou deseja agradar: vire as velas, & sirvase do seu valor contra sy, & vençase; sirva com a sua penna a Deos, & defengane o mundo; empregue o seu juizo contra o mundo, & confunda o Demonio. Esta he a maior batalha, desta se segue a maior victoria, & o mais glorioso triunfo. Homens de pequeno coração, & de pouco juizo são aquelles que não servem de todo a Deos.

FRY ANTONIO DAS CHAGAS.

21

Deos. Coração que se enche com hũa creatura (que isto he todo o mundo) pequeno coração he! Juizo em que não cabem as cousas de Deos, que juizo poder ser? Deixaõ Senhor o ouro pelo cobre, o cristal pelo vidro, as perolas pelo barro, os que pelo barro do mundo, pelo vidro da vaidade, & pelo cobre destes bens profanos, & transitorios deixaõ o ouro maciço, o cristal puro, & as perolas preciosas do Amor de Deos, & dos bens eternos. Isto importa a V. S. mais que saber a redondeza da terra, as profundidades dos mares, a altura dos Ceos, os cursos das Estrellas, & os acontecimentos dos tempos. Ponha V. S. maior estudo em emendar a sua vida que o seu papel; dê-lhe maior cuidado a sua salvação que as suas historias; cuide mais no que o ha de levar à Eternidade, que no que lhe leva o tempo; & perdoeme estas atrevidas confianças de taõ vil, baixa, & indigna creatura como eu sou, pela obrigação que tenho já hoje de não fallar mais que na minha, ou alheia salvação. E tal qual V. S. he me encomende muito a Deos, & eu lhe pedirei, tal qual sou, alumie a V. S. & o conserve em sua graça, para que ardendo nas chamas daquelle Divino Amor, goze para sempre da soberana claridade, & dos resplandores eternos: & emfim daquelles verdadeiros bens em cuja comparação todos os outros são engano, & vaidade. São Francisco de Evora 25. de Outubro de 1671.

Menor servo, & maior amigo de V. S.

Frey Antonio das Chagas.

B ij

CAR.

mortificação se chega à união de Deos, & não por outras vias, salvo a do Divino Amor, que tudo faz sofrível, & tudo tem por agradável. E vós minha Irmã, & minha senhora, hivedos andando pouco a pouco com os vossos exercicios, pois não podeis muito a muito: quando vos vires mal dizei a Deos: *Bemdito sejas Senhor que tanto me soffreis, grande amor me tendes meu Deos, pois me não tirais a vida, & me deitais no Inferno.* Quando vos sentirdes melhor dizeilhe rambem: *Bemdito sejas meu Deos, que tantos favores fazeis a este sacco de ossos, a este taleigo de bichos, de terra, & podridão. Meu Deos daime o espirito de voffo amor para vos não ser ingrata; & assim ou assim dizei sempre: Bemdito seja Deos; ou porque vos sofre, ou porque vos favorece, ou porque vos ama, ou porque vos anima; & andareis na sua graça muito à sua vontade; não posso dizer mais porque tocaõ à campa. A Deos.*

Irmão, & amigo

Chagas.

C A R T A XIII.

*A hã senhora de Titulo: Fallhe em a vaidade do mundo,
& pouca duração da vida, com considerações de que
se pode tirar fruto, & desengano.*

O Amor de Deos arda, & ferva na alma de V. S.

NEm em Evora, nem em Beja, nem em outras partes por onde fui, tive tempo de responder, porque me levá

levirão a correr por todas ellas hũas poucas ou muitas de misérias minhas, & humas muitas mais misericordias de Deos: seja elle bẽdito que assim o ordena; seja tudo para gloria, & honra sua. Beijo a mão a V. S. pela merce que me faz nestas, & nas mais lembranças que tem de mim: louvo muito a Deos por achar neste papel de V. S. hũas letras de pó, & cinza que não cegaõ os olhos, antes podem fervir de espelho para alma, que quizer ver nas palavras de V. S. clara, & conhecida esta vaidade do mundo, tanto menos vista, quanto mais se traz nos olhos, nas palmas, & na cabeça. Senhora, esta he a miséria, & engano desta caduca vida, gritarnos Deos pelos successos todas as horas, & não aver quem ouça de enganandose do mesmo de que se assombra sentindose: emfim somos como os moradores do Nilo, que não ouvem o seu estrondo, que atoa aos outros cada dia. Os sinais que se fazem pelos mortos são huns rebates com que Deos avisa aos vivos, & todos, ou quasi todos ficamos muito em paz com nossos peccados, até que chega de subito o dia tão ignorado das almas sempre esquecidas, & embebidas no engano, & vaidade do mundo. Oh se quizesse meu Deos que alguns dessem ouvidos às suas vozes (que isto he qualquer successõ por que nos falla) & com isso abrissem os olhos! (que cegaõ a olhos vistos pelo que não he para ver, senão para chorar) Mas tambem somos como Toupeiras, que só na hora da morte abrimos os olhos da razão, com que dentro ou fóra de nossas almas aviamos de olhar as imagens de nossa mortalidade, & os semblantes do desengano, & não os da vaidade. Ora minha Senhora encomendeme V. S. muito a Deos, que eu em meus pobres sacrificios (que por meus nada valem) tambem senão como devo, ao menos como posso peço a sua Divina Magestade pague a V. S. o muito que me sofre. Do pezar de Dom N. não tinha tido aviso, agora lhe escrevo. Boa març era esta para esta alma

em

FR. ANTONIO DAS CHAGAS.

25

em semelhante occasião se poz outro Francisco no porto do Ceo, embarcar na resolução, & deixar a terra fez a hum Duque de Gandia ser hum São Francisco de Borja; & aparelhado está Deos para nos fazer santos, se imitarmos as suas resoluçoens: No seculo bém se póde viver bem, mas são flores entre espinhos: Deos nos alumie a todos, & nos defate os animos destas cadeas, que quanto são mais brandas mais fortemente nos prendem. Este Senhor guarde a V. S. como lhe peço, & pedirci sempre. Moura 10. de Fevereiro de 1673.

De V. S. servo, & Capellaõ inutil,

Frey Antonio das Chagas.

C A R T A XIV.

A hum Fidalgo de quem era muito amigo; consola-o em a pena da morte de sua mulher, & persuade-o que se resigne em a vontade de Deos, dedicandolhe todos seus affectos.

O Amor de Deos arda, & ferva na alma de V.M.

MEu Senhor Dom N. assim succedeo porque desde a Eternidade estava ordenado, & foi vontade de Deos que succedesse assim; & se isto não tem duvida para quem tem fé, & juizo, ainda que a natureza se doa deve abraçar-se a razão com a vontade de Deos: a quem amamos sobre todas as cousas se nos ajustamos mais com

C A R T A XVII.

Para hũa Irmã sua: Falla na morte de hũa Religiosa para quem lhe avia pedido oraçoens; apontalhe consideraçoes para conhecer a vaidade do mundo, a felicidade da gloria, & a bondade de Deos.

O Amor de Deos arda nas nossas Almas.

IRmã, & Senhora minha: Bemdito seja Deos que foy servido levar para sy essa creatura sua, & dar a todas essa affiçãõ, & pena; o que importa mais que esse sentimento heter muito cuidado de encomendar a sua alma a Deos, para que mais depressa a leve àquella celeste patria, & eterna bemaventurança, donde todos aviamos de morar com os suspiros, & com as memorias, em quanto não podemos com as presenças. Significai à Senhora Soror N. quanto me doeo este golpe, & fazei muito por diminuirlhe com o alivio que lhe derdes, não só as lagrimas dos olhos, mas a magoa do coração. E aprendei vós deste exemplo que vos deixou a morte, o pouco caso q se póde fazer da vida, pois se dentro de tão poucos dias estalaõ os melhores, & mais verdes annos; se a vida quebra como vidro, passa como vento, desaparece como sombra, corre como agua ao mar, & se murcha como flor ao Sol: de tantos defenganos juntos quem não averá que tire hũa certeza de que tudo quanto ha na vida, & não he Deos, he fumo que nos cega, traiçãõ que se nos arma, mal que se nos encobre, & bem que se nos finge? Irmã, já tendes annos de entendimento; quem cuida nas cousas muito, vem a conhecer o que saõ; quem muito de se u
vagar

FR. ANTONIO DAS CHAGAS.

35

vagar está olhando para a vida como se vay, para a morte quam depressã vem, para o dia do Juizo quam terribel ha de ser, para as profundezas do Inferno quam medonhas são, para o Ceo quam fermoso he: as glorias da Eternidade quam perduraveis, quam doces, quam apraziveis; Deos quam amavel, a companhia dos Anjos, & das Celestes fermosuras quanto para apetecidas, logo he força que dê hũ grande volta, & vire as costas para este mundo falso, enganoso, & inimigo, que tanto nos leva os olhos. Cuidai pois nos eternos bens; que são bens sem engano; cuidai nas misérias desta vida, q̄ são vaidade pura, tormentos, & afflicções; cuidai naquelle doce Amor de hũ Deos tão bom, tão amigo, que vos creou de nada, que vos sustentou de tudo, que vos resgatou com seu precioso sangue, sendo escrava do Demonio pela culpa em que nacemos; & agora com tantas finezas faz demonstrações de seu amor, & quiz desposarse com vosco, fazendo-vos tantos favores; & finalmente vos quer levar ao Ceo, & dar-vos a sua gloria para hũ sempre da Eternidade, para hũ nunca mais de penas; cuidai pois neste para sempre, q̄ isto tudo deve cuidar hũa creatura a quem Deos tratando-a como esposa sua a meteo no seu Palacio (que isto he o Convento donde se guarda a Regra, & o respeito a Deos). Eu se me não engano trago no sentido hũa adevinhão das vossas froxidoes, & vem a ser, que Deos por força, ou porgeito vos ha de fazer santa: não lhe façais o pezar de resistir as suas inspiraões; muito por vontade lhe entregai o coração; chorai muitas lagrimas, ide-vos ao Corô, dizeis ao Senhor: Meu Espôso, & meu Senhor, unico amor da minha alma, gloria minha, delicia minha, que quereis de mim meu Deos, que eu não queira, vossa sou, eisme aqui, fazei de mim o que quizerdes: fazei isto muitas vezes, & dai-lhe graças por mim das immensas, infinitas, inexplicaveis, & incomparaveis misericordias que comigo usa; & pedi a todas estas Religiosas fação o mesmo, principalmente a

C ij

Madre

Madre vossa Mestra, de quem vos dou os parabens, & a ella o pezame de ter taõ má discipula ainda que tenha taõ bom officio, & a Deos que vos guarde. Bem cuidei que naõ passasse de seis regras, mas chegou a labareda, queira Deos que atee, & arda nesse coração de neve.

Vosso Irmaõ que mais vos ama em Deos,

Frey Antonio das Chagas.

C A R T A XVIII.

A hũa Religiosa que lhe avia fallado em hũa confissão larga que avia feito com o mesmo Veneravel Padre: diz-lhe que se livre de escrupulos, que se ocupe mais em actos de amor de Deos: seguralhe que lhe naõ considerava grandes peccados (que insinua por Baleas,) & responde a algũas cousas em que o aviaõ censurado, com a modestia, & humildade que costumava.

O Amor de Deos arda, & ferva na alma de V. M.

MInha Senhora. Já V. M. pudera ter entendido que naõ uso de equivocos, & que ainda que nas cousas do seculo possa ser bom que algũa hora nos trasluzamos, nas cousas do Ceo, & nas de Deos naõ he bom que nos equivoquemos. Naõ sô me lembro da conta que hei de dar no dia do Juizo às testemunhas de que V. M. se valeo: lembrome tambem muito da boa conta q̃ desejo que V. M. lhe dê; & se para isto val o meu nenhũ prestimo, quizera que pa-
ra

ra servir a Deos, & a V. M. pareceffe algũ. No que toca a cousas de confissões, & culpas passadas, desde aquella que V. M. fez comigo, lhe mando (se posso) que não cuide mais em cousa algũa, porque esta lembrança será mais que necessidade imprudencia, & inguirimanço do Diabo que nos prende pelos escrupulos: foltese V. M. desse fio, atese nas cadeas daquelles firmes propositos, & actos de Amor de Deos, & memorias que a conservem na divina presença, & zombese de maravilhas que estão em cinza; faça mais caso das graças que a Deos deve dar, que dos escrupulos da pouca dor que chegou a ter, porque bastavaõ os pezares, propositos, & desejos, para que a confissão fosse boa quando se não faltava à verdade. Como sou mar de culpas, que isto he o coração do peccador: (*Cor impij quasi mare fervens,*) longe estou de emburulharfeme o estamago com essas Balças, porque estas não as lança o mar à costa muitas vezes, só vemos que as cousas de menos monta são as que lança fóra, & como por essas bandas não ha muitas cousas destas que me possam enjoar, nem hũas, nem outras me poderão dividir; só o poderá fazer, entender que posso fazer maiores serviços a Deos em outras aonde for mais necessario; & para purificar, & lavar a V. M. basta qualquer fonte, & todas serão mais puras que eu: não he necessario este mar, mas fayamos desta marçia, & confessefe V. M. da vaidade de fallar em Balças a hũ tão grande peccador, tão costumado às imundicias do mundo: & como seria possivel que nessa casa se enjoasse quem na Corte, & em toda a parte anda buscando peccadores, & só se afasta dos que menos disto tem? Dou a V. M. as graças da caridade com que se lembra de ajudar esta pobre alma, que não tem de seu mais que suas culpas, sem ter nada da graça, nada do que importa, nada do que aproveita: tambem creyo que se ha usuras ao Divino, V. M. com Deos terá tanto maior ganancia, quanto de mim mais se lembra; porque acudir aos ricos, & poderosos não he

o que Deos mais quer; valer, & ajudar aos miseraveis; & aos pobresinhos (como eu) he o que mais lhe agrada; neste Senhor espero pague tudo, pois posso taõ pouco eu. Longe está V. M. de fazer o officio do Diabo no que me diz, antes nunca fez mais os officios de Anjo da Guarda, porque com os seus avisos me advirto, & ainda que não viva como entendido; posso emendar-me como avisado; & seguro a V. M. que me fazem grande proveito, porque me alegro que haja alguém que me conheça entre tantos que se enganaõ comigo; só me admiro que se diga taõ pouco: grande he a bondade de Deos, pois esconde nas minhas culpas as de maior vulto, & só descobre as de menos mau semblante; veja o que devo a Deos! Húa ou duas cousas só não louvó em a virtude dessa pessoa que me tem tanta caridade: húa he que lhe pareça mal aparecer húa Christo crucificado, pois a experiencia mostra que os mais dos effectos de contrição, & confissão se seguem de aparecer o Christo, & se isto he mau, mal fez São Francisco meu Padre em prègar com elle; mal fazem todos os Prègadores Apostolicos de Espanha, & Italia que deste modo prègão: & mal se faz em quasi toda Italia donde tem os Christos no Pulpito para acabarem mostrando-os, para mover o Auditorio a penitencia. A segunda cousa he, que esse sujeito me não dèsse a mim pessoalmente a correição fraterna, & me advertisse, & reprehendesse, que isto he o que manda Deos; pois he certo que eu lhe avia de agradecer muito, tratar-me com esta caridade: que ainda que eu tenho pouca, desejo não faltar a ella em tudo o que lhe toca; & se foubra algúa cousa sua que me não parecera bem, antes a ouvera de dizer a elle que a outrem; & isto mesmo fizera com qualquer outra pessoa com a graça de Deos. Outro ponto tambem sobre a obediencia me pareceo dizer a V. M. & he, que diz a nossa Regra que devemos obedecer em tudo o que não for contra a consciencia, & contra a mesma Regra, & se eu disse q̄ não avia de obedecer no que fosse

FR. ANTONIO DAS CHAÇAS. 39

fosse contra a minha Regra, não falto aos termos do que me mandaõ; assim faço ainda conta de o dizer, porque isto he o que me manda meu Padre São Francisco: não estou obrigado a peccar mortalmente por obediencia, nem tal obediencia pôde aver; nestes termos o poderia eu dizer, pois estou obrigado por meu officio a saber o que he peccado mortal, & contra a consciencia, tudo o mais que de mim disserem, ainda que seja muito, he bem pouco para o que eu conheço; mais peccados faço do que se cuida, & peores cousas farci sem comparação, se Deos me não tiver muito de sua maõ. O que affirmo a V. M. he que pelo proveito que me tem feito esta pessoa, a encomendo a Deos particularmente, & assim veja V. M. quanto mal fará em me não advertir de tudo o que souber, porque tambem estas advertencias me obrigaõ a q̄ com particularidade maior peça, tal qual sou, a Deos pague a V. M. o bem que me faz. A outra pessoa q̄ se queixa de mim, tem razão, mas como em poucos Sermoões não cabe tudo, não fallei naquella materia que ella desejava, porque intentei fazer della Sermaõ particular, & se tiver vida nesta Quaresma o hei de fazer. No escrever sendo para serviço de Deos não ha que aver esculpulos, nem no estilo ha cousa que reparar, que como de advertencia se não poem cuidado nisto, he escusado fazer misterio do mais. Eu a manhã me retiro, ajudeme V. M. com suas oraçoões, que a ellas atribuo muita parte dos bons successõs que nos meus exercicios renho tido, & de todas espero ver que dá nroõ Senhor o premio a V. M. a quem sua Divina Magestade guarde como desejo, dia da Conversão de São Paulo.

Servo vilissimo

Frey Antonio das Chagas.

C iij

CAR.

C A R T A XXI.

*A hum Amigo : Exorta-o a ter animo em os trabalhos,
& a se unir com a vontade de Deos ; & repre-
hende-o por sentir algũas faltas , & successos
em que não tem culpa.*

O Amor de Deos arda, & ferva na alma de V.M.

AMigo, não tenho que estranhar, ainda que tenha que sentir, pois me acho com tantas razoens de estimar a merce que V. M. me faz de suas memorias, que são hũa das maiores consolações minhas : não sinta V. M. o descuido, que he culpa alheia, que parece pundonor da desconfiança propria ; & o demasiado extremo com que nisto se repara, he clara, & evidente prova do que na simplicidade se aproveita ; desta está V. M. mui falto, & ainda veste as librés do mundo como Frey Antonio ; não faça caso disto, antes louve a Deos, como quem de sy se descuida, por não afermosçar a sua pontualidade, carregando omissoens alheias.

Louve a Deos tambem no extraordinario trabalho em que Deos o poem, que muita merce lhe faz ; & todas essas Cruzes são de palhinhas a respeito de outras que Deos lhe pudéra dar no espirito : de blasfemias, de tentações, de desesperações de salvação, de noite totalmente escura, em que se achão algũas almas : lembrese V. M. do que está devendo a Deos sendo muito miseravel, & que o peita elle com essas branduras porque lhe não caya no caminho, & porque ainda não he tão forte que o possã sustentar com fel de
Dra-

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 45

Dragoës, & Biboras, que a outros se lhe poem por mesa. Trabalhe, coma, esforcefe, animefe, & esteja em toda a parte, que isso he ser espirito: & entenda que ainda fazendo muito mais, não faz nada para o que deve. Louve a Deos com contentamento da vontade, porque até a tristeza do *Naõ presto: Naõ sou para nada: Quizer a ter mais oração*, & outras coufas como estas, são finissimas desculpas do amor proprio, & insignias manifestas de pouca uniaõ que temos com Deos: que quem está unido, com tudo folga: com Diabos, & com Anjos, com Infernos, & com Ceos, com cargas, & com alivios, &c. A fé que a tem V.M. levado boa, não dira que não sou amigo, & que nas occasioens, lhe não dou muy bom conforto: assim importa, assim convem; menos grunhir, que se nos vay a polvora pela escorva: ter tudo lá dentro, não faya para fóra, nem a pena, nem a gloria, nem a dor, nem o gosto, mais que para os Pays espirituaes, & ver que já he tempo de não ter sentimentos da natureza, do brio, da malicia, do primor, ou desprimor. Só da caridade cuide, que he muito boa oração, & não se arrisque na desconformidade a perder outras, (se he que a tem) mas em tudo se alegre em Deos, & em sua Santissima vontade; & as desconfianças que lhe vierem acerca de mim tenha por tentação do Demonio; que eu quero que me enfade, com tanto que me sofra: & a Deos que me guarde a V.M. como lhe peço! Casal-Comba 2. de Fevereiro de 1676.

Servo inutil

Frey Antonio das Chagas,

CAR.

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 47

Ame V. M. muito a Deos, & creça cada vez mais; esfor-
ce essas almas, & não se esqueça de mim diante de nosso Se-
nhor que guarde a V. M. como lhe peço.

Inutil servo de V. M.

Frey Antonio das Chagas.

CARTA XXIV.

*A hãa Religiosa: Persuadêlhe a mortificação dos sentidos;
& affectos interiores, & o exercicio das virtudes, dan-
dolhe a entender com discrição, & agradaveis similis
que não està ainda bem fundada na da humildade em
que se assegura, & aproveita muito do espirito.*

O Amor de Deos arda, & ferva na alma de V. M.

A queda que para o vidro he ruina, para a pedra he def-
canço, & socego: os fracos como o vidro quebraó, em
caindo perdemse, quebrandoselhe o coração, o animo, & a
confiança; & maior dano lhe faz a sua fragilidade, que a sua
queda. A pedra como he forte, na sua queda defcança, &
quanto he maior o baixo a que se despenhou, maior segu-
rança adquirio, porque no mesmo precipicio achou funda-
mento para maior fortaleza. Seja V. M. pedra que na sua
ruina se fortifique fundandose na humildade, & baixeza, em
que a poem o cõhecimento proprio: não para ficar na
ofensa, mas para se conhecer, & de hũ como entãõ espirital
levantarse com dobradas forças contra o Hercules do Infer-
no; não seja vidro que me quebre logo q̄ caya, & se quebrem
as cordas do coração com hũ pouco de ar que correo, com
hum

hum vento que com o pé da razão natural pela porta da carne, & sangue lhe entrou. V. M. não ha de esperar da sua arvore melhor fruto: louvar a Deos muito, isto sim, quando achar frutos melhores, porque do Ceo lhe vem. Primeiro que tudo, tenho achado por experiencia, que V. M. não tem mortificado ainda as suas paixões, especialmente a da vaidade, & provo isto com hum exemplo natural. A arvore que está no cume de hū monte, por leve que seja o vento, ou a viração que sopra, logo se move, & se inquietta. Não he assim a que está no fundo do valle, a quem por fumida no profundo, nem ainda as tempestades movem. Mas V. M. inquietase, & alterase muitas vezes com virações muito leves; não só sente nos ramos dos sentidos este movimento, mas chega à raiz sem ser o furacão rigoroso: logo he sinal que está no monte da vangloria, & não no valle da humildade. Nada do temporal convem que V. M. finita, nem se inquiete por hū pouco de ar, & vento, que isto he tudo quanto vem da terra. Logo també tenho para mim q̄ na lingua se toma o pulso desta verdade. Os vasos vazios em lhe tocando soáo, & tinem; não assim os que estão cheios. V. M. ainda às vezes soá, & soou entáo esta queixa; pode ser que ainda soe na galantaria, que não perca o dito discreto, em lhe tocando no Juizar, no Ouvir; logo ainda esta alma está vazia, & não cheia de negação, & mortificação necessaria. Assim em outras cousas de juizo, & entendimento faltao ainda muitas negações, por onde convem, que com particular estudo se exercite V. M. na mortificação total dos seus interiores, & na santa humildade, dondê melhor se conservaõ os fervores do Espirito Santo, assim como as brazas na cinza: & quando as regras que se escrevem, tem ainda a tinta fresca, deitaselhe poeira para que senão borrem, & afee o que está escrito; assim o que nas almas escreve o Espirito Santo, necessario he que senão apague ou afee; & com o pó da santa humildade se cubra esta

Divi-

FR. ANTONIO DAS CHAGAS.

49

Divina Escriptura. Isto heo que quero de V. M. ate certo tempo, em que eu me lembrarei, ainda que se descuide. A seus parentes falle V. M. simplesmente sem perguntar por ninguem, nem lhe escreva, salvo em responder ao que importa, poucas palavras, & estas de edificacao. Com as pezoas de casa, o que for necessario, no mais, mortificar os sentidos, interiores, & exteriores, senao fizer dano à saude, ou lho impedir o Confessor. Na oracao quando Deos nos começa a prevenir com actos de amor, nao são necessarios outros, façamos por deitar neste fogo a lenha de nossos peccados, que ardem mais depressa nelle para se consumir; em tudo cautela, & temor, mas com grande esperanca, & confiança em Deos, conservando a santa Obediencia, que eu aprovo, & nao engeito; porque nao he pouco obedecer, sofrer, & ter por oraculo hum cepo sem voz, se tal qual he estamos a elle atados por amor de Deos; este Senhor guarde a V. M. como lhe peço. Abrantes 25. de Agosto de 1674.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

C A R T A XXV.

A hum Religioso de sua Provincia: falla em algũa cousa que nella avia succedido, & aconselhalhe, o resignarse em a vontade de Deos, no que se dispuzer nos seus particulares.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

MEu Padre, sua Divina Magestade, que dá os bons annos, os dê mui alegres, & felices a V. R. ainda nao

D

sci.

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. O

51

Pay, he Esposo, he Amigo, & ainda que trasluz os remedios em traje de tribulaçoens, debaixo desta casca nos concede os beneficios para melhora da alma, para prova da paciencia, para merito da eterna vida, & para que com maiorancia suspiremos pela Celeste Patria donde nos leve sua Divina Magestade, & guardea V. R. como lhe peço. Avis, dia de Reys de 1679.

De V. R. Servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

C A R T A XXVI.

A húa Abbadessa, que tinha muita falta de Noviças: fallava nos embaraços que avia em a entrada de alguns sujeitos, que tinham fallado nella, & promete entrarem muitos jutos, como succedeo. Anima-a a padecer sem queixa algúas esterilidades de espirito.

O Amor de Deos, arda, & ferva em nossas almas.

Madre Abbadessa, & Senhora minha. Nestes dias de retiro, perdi dous correios; em que não escrevi a V. R. porque em elles, não fallei, nem li, nem escrevi carta algúa, tratei de ler por mim, & por Deos, & atègora não comeeci. O encantamento das noviças dura a meu ver, porque ha mais palmeirins que amadices de Deos, cada offerta parece húa aventura, & tudo he parar em maior encantamento; seja o que for, faça-se a Divina vontade, que espero porèm esses embaraços em húa frota de sujeitos

Dij

tos

ros que juntos entrem, mas não fora máo, que em final de aviso viesse algũa dessas caravelas ao Porto do defengano. No que toca ao espirito, não desfmaie, porque outra vez lhe digo que Deos não se ausenta; afastase a consolação, parairmos hum grao mais adiante, & esconde o Senhor a maõ, porque se a viramos, que fizemos em padecer, com certeza de o cõtentar? O mesmo Christo em a Cruz se queixou deste desamparo, mas era na parte sensivel, basta hũa vez a queixa, seja forte a imitação, que tudo tem seu fim, & seu premio. Pouco he o amor que V. M. tem a Deos, & ainda não he muito o do proximo, mas continuar esse pouco, pois o Senhor disse: *Quia in pauca fuisti fidelis*. E não se esqueça V. M. de mim diante deste Senhor, que guarde a V. M. como lhe peço. Vizeu 6. de Agosto de 1687.

Servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

C A R T A XXVII.

A hũa pessoa espiritual: aconselhalhe mudar de exercicio na oração, & a viver em hum deserto interior para se unir com Deos, & que he para isto necessario, não queixar nem sentir as contrariedades que se lhe offerecerem.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

HUma carta de V. M. me chegou, em que me dá conta de como tem passado Sua Divina Magestade de a V. M. Mitáo bons annos como desejo, & a mim espirito, & tempo para

CARTA XXVIII.

A hũa pessoa, que lhe avia cõmunicado desejos de se em-
pregar em o aproveitamento das almas, & de o imi-
tar em o exercicio das Missõens; diz que examine bem
aquelles affectos, & que deve começar esta empresa em
sy mesmo, aperfeiçoando se primeiro que aos outros; aconsel-
halhe, o andar sempre em a presença de Deos, apon-
tandolhe meios, & consideraçõens suaves, & efica-
zes.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

Chegava o correio, & me traz novas de V. M. que mui-
to estimo, & festejo. Estes impetos de Missionario,
que se são simplicidade de espirito, são bons; se por-
que leio, que os tiverão os Santos, são hũa pouca de vaidade,
que se gera no fundo da alma, em querer que se diga
que este zelo tinham os Santos, & se veja que tem o mesmo,
quem na verdade o não tem.

Não será V. M. destes, mas já que lhe vem este zelo, veja
se tem acabado toda a conquista de sua alma, que por nós
deve começar a empresa (eu não olho para mim agora, que
eu tirome desta regra, pois sendo mais miseravel andando
neste officio, fallo contra mim) mas não sirva isto de afroxar
o espirito, que nesta diligencia póde ter algum proveito.
Não vai agora o papel que V. M. me pede, porque he
a costura muita, & como recebo as suas Cartas, & respon-
do logo, convem cuidar neste ponto, & consultalo com

Deos

FR. ANTÔNIO DAS CHAGAS: 55

Deos, & ao corpo enfermo devemos ajudar de justiça, não só de caridade; mas ou aproveitem, ou não as diligencias; convem muito tirar do animo os appetites da faude, & pôr a indiferença, & os gostos de Deos, sobre estas vontades.

Ainda agora entendo o que disse a V. M. mas segundo o successo, & o discurso, que V. M. me aponta, me conformo com o seu ultimo parecer; já se vai chegando o tempo de nossa partida para levar de caminho estas almas, ajudeme V. M. com suas oraçoens; que Moysés com as mãos erguidas, não venceo menos, que Josué com a espada; rogue a Deos muito por mim que ando com grandes escrupulos de andar neste officio, & outros tantos de não obrar mais nelle. Muito folgo q̃ V. M. comunicasse ao Padre Fr. N. porque na sua humildade não considero perigo, ainda nos publicos, senão os frutos, queira Deos que pegue algũa faísca do Ceo, & queira este Senhor, que por esta não pegar, não desça algum raio, que faça arder muitas almas no fogo eterno. V. M. por agora não tem que cuidar em mais, que em amar a Deos quanto puder, ou seja neste, ou naquelle modo, que dentro, & fóra está Deos, & ainda que V. M. se imagine fóra, saiba que todos andamos metidos dentro do amor; note esta palavra (que não he necessario outra, nem outro recolhimento se souber conservar esta memoria) que todo o lugar do mundo está cheio do Amor de Deos, & dentro do amor andamos todos metidos, mais que hum peixe em o mar, & assim o que importa, he acordar no amor, orar, andar, sentar, deitar, comer, fallar, fazer todas as nossas obras dentro deste immenso, eterno, sumo, infinito, incomparavel, inefavel, incomprehensivel pego, abismo, sobre superior, além, & infinitos alens, demais de tudo o que digo, nada do que digõ, porque tudo he nada, & nada pôde explicar este sobre immenso amor, este amorosissimo Deos, que guarde a V. M. como lhe peço. Vizeu 20. de Agosto de 1678. Servo inutil. Fr. Antonio das Chagas.

Diiij

CAR

FR. ANTONIO DAS CHAÇAS.

57

ou melhor, e como a Virgem: *Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum.* E avise-me como lhe vai, não fazendo resistencia algũa à conversação Divina: & Deos guarde a V.M. como lhe peço. Abrantes 26. de Agosto de 1676.

Servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

C A R T A XXX.

A hãa Abbadeça: Diz-lhe quanto estima as suas Cartas, & das mais Religiosas, com galantaria, & discriçãõ natural de que algũas vezes usava sem advertenciã, porque a sua era desnaturalizar estas discriçõens, & galantarias da lingua, & da penna.

O Amor de Deos more na alma de V.M.

Muito Reverenda Madre Abbadeça, já no correio passado terá V.R. sabido quanto me lembro, & que pouco caso faço, do que a mim me toca, por não faltar ao alivio, ou ordem de V. R. & assim será sempre que eu possa, ou o não impida impulso do Espirito Santo.

As Cartas de V. R. escritas em onze do corrente, me chegarão, mas não as veronicas; ainda assim são de pouco menos gosto as Cartas, porque as desse Convento, estimo como reliquias, & o que sinto he não poder guardalas mais que nas labaredas, pois as jornadas de hum Frade de São Francisco não são como as de Alexandre Magno, que tinha cofres de Dario, em que guardava as Heliadas de Homero,

mero; porém faço quanto posso, porque sirva de archivo a memoria para estes segredos, esperando que algum dia faça Deos altares para estes oraculos. Folgo muito com a doença da Madre Soror N. não por ser carniceiro, senão porque desejo com essas sangrias, que fique sem carne, nem sangue, porque são podres que sempre será vontade de Deos que haja quem a pique, para que fique sem elles; V. R. lhe leia este Capitulo, para saber o q̄ me deve. As outras fenhoras que estão para ser Religiosas, tem a sua provação nas contrariedades defóra, para que vencendo-as mereçãõ ter aprovação de dentro: quem não presta para vencer carancas, menos prestará para degolar Hidras. Esforce-as V. R. & digalhe que não pôde ser grande o triunfo, sem que seja grande o conflito; nem serve para Deos quem antes de entrar na sua casa, não traz debaixo dos pés o mundo. As calmas pela ferra da Estrella, forão maiores que na zonatorrida, quando estive no Brasil, mas já se passãõ; & nós com faude seja Deos bendito. Hótem acabei a Missãõ da Guarda, com grande dita: seja o Senhor louvado, que de tão baixos instrumentos lança mão para estupendos beneficios de sua misericordia infinita.

Hoje me detive só para escrever no correio a esse Convento, & a outras muitas partes donde assisto com a pena; para sustentar o que não posso com a presença. Agora dé Deos para tudo ajuda, mas necessário he tambem ter por auxiliares esses Anjos Custodios deste peccador; que por Anjos reputo as Religiosas desse Convento, em quanto são tão humildes que me sofrem, & espero vêlas em estado de Serafins; focorrãme V. R. & peçãme as oraçõens de todas, & continue com a caridade, & prudencia a que a obriga o officio para honra, & gloria de Deos, que guarde a V. R. como lhe peço. 23. de Setembro de 1677.

Servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

Da

C A R T A X X X V .

A suas Irmãs, avendo tomado o Habito de Religiosas: contém hũa direcção exortatoria de alta, & solida Doutrina: mostra por exemplos, que para se tirar merecimento das obras, he necessario por os olhos em hum fim unico, que he Deos verdadeiro; porque levando outros motivos, esse sera o seu premio; & para este intento, insinua os meos mais proprios para a perfeicção do espirito.

O Amor de Deos arda em noffas almas.

IRmãs, ides a ser esposas de Deos: & assim como o fim de quem cava na vinha, he achar o Tesouro: assim como o fim de quem lavra, & semea a terra he recolher o fruto; assim o fim do intento de serdes Religiosas, & esposas de Christo, he serdes santas, & amar puramente a Deos, para gloria, & honra sua, & salvaçao vossa. Amar puramente a Deos, & ser santas, he amar a Deos de todo voffo coraçao entranhavelmente com todas voffas forças, & sentimentos, sem aver outra algũa cousa que metendose de premio vos impida este ardente amor, que continuamente em liberdade de espirito deve abraçar voffas almas.

Para isto já que vos determinastes a ser Religiosas, convem que sigais esta resoluçao tão determinadamente, que até não chegar ao summo da perfeicção, & do Amor de Deos, não levanteis maõ desta obra, fazendo todos os dias por dar algũ passo adiante nas virtudes, para que servindo-vos de escada para o Ceo, & para o Divino Amor, não pareis até não chegar ao fim desta Divina empresa, assim como

E não

naõ paraõ os Rios, atè não chegar ao mar, não faça pois mais por amor do mar hũ Rio, que hũa alma por Amor de Deos.

Para Deos estar em vossas almas, como espoço no leyto, como o manna na Arca, como sello na Carta, como imagem no espelho, como estrella no Ceo, como Sol na nuvem, como azeyte na alampada, como flor nos jardins, como lirio nos valles, necessario he que sejais na humidade valles, que se abaixaõ a tudo, & que sejais jardins para Deos, cujas flores são virtudes, que sejais alampadas ardentes do Espirito Santo, cujo fogo he amor, que sejais Ceos na pureza, que fazas almas Celestes, que sejais na oração nuvem, que se ergue da terra, ao Ceo, que sejais na castidade claras como huns espelhos, donde Deos se veja, que na obediencia sejais Cartas donde a vossa Regra se veja, & se imprima eternamente, que no recolhimento interior sejais arcas, donde se escondaõ, & venerem os segredos de Deos, que sejais na paz, & quietação do espirito, leyto, donde o Senhor repouse.

Se pois quereis chegar a tamanho bem como este, tres cousas deveis fazer: a primeira, fazeres, & trabalhares muito por viver sem peccados, a segunda por viver sem deleites, a terceira por viver sem creaturas. Para viver sem peccados, he necessario ou confissão a meudo, ou continuo Amor de Deos. Para viver sem deleites, he necessario continua mortificação. Para viver sem creaturas, he necessario memoria de Deos continua. A memoria de Deos continua, não se tem sem solidão, a mortificação continua, não se tem sem Amor de Deos, o continuo Amor de Deos não o podeis ter sem vos aborrecer a vós, aborrecei-vos a vós, & logo amareis a Deos, amai a Deos, & logo vos mortificareis, mortificai-vos, & logo vos negareis a tudo. Pela negação de tudo se acaba o amor proprio, pela morte do amor proprio, começa o Amor de Deos, & em tempo Amor de Deos, tudo tereis junto, & tudo achareis feito.

Te.

Tereis hum desprezo do mundo, com que totalmente não quereis nada de suas vaidades, & de seus enganos; tereis hū desprezo de vós, com que para vós não quereis nada, mais que o que der gloria a Deos: com o primeiro desprezo engeitareis as pompas, os ornatos, as authoridades, na casa, no habito, & na estimação dos outros; com o segundo, não fareis nenhū caso de vós, na presunção das pessoas, da afeição, da fortuna, ou ainda da virtude; antes reputando-vos por indignas de vos soffrerem, tereis a todas por melhores que vós, & fareis sempre antes por obedecer, que mandar, por ter o menor lugar, & não o maior, não gostando tanto de ter mais, como de ter menos; & finalmente pondo-vos em verdadeira humildade, não fahireis do vosso cantinho senão em actos de obediencia, fazendo muito porque seja o vosso estudo, & o vosso gosto, não saber ninguem de vós, nem vós mais que de Deos, que he o vosso summo bem, & o vosso ultimo fim; & se souberdes mais algũa cousa, seja saber que sois nada, & que fostes nada, para que em todas as vossas acçoens, ou sejaõ boas, ou más, andeis sempre dizendo com vosco: Nada sou, nada tenho, nada desejo, mais que o Amor de meu Deos: nada mereço, nada posso, porque o nada, não pode nada, o nada, nada merece; & por aqui andareis dizendo conforme o que vos succeder: O nada, não tem vangloria, o nada, não presta para nada, o nada, não falla, o nada, não se envergonha, o nada, não se agasta, o nada, não se queixa, o nada, não se desculpa; & não façais pouco caso disto, porque nestes nadas, está quasi toda a perfeição do espirito.

Tereis com esta negação hūa grande paz, & socego em todos vossos sentidos, porque se negares os olhos ao petite do ver, os ouvidos, ao gosto de ouvir, o gosto, ao sabor do comer, & assim tambem a cheirar, & tocar o que não he necessario, escusareis quando recolheres a vista, & o pensamento para os desertos da alma, entrar-vos pelos olhos, &

68 CARTAS DO VENERAVEL PADRE

pelos mais sentidos, aquelles ruidos, estrondos, memorias, & figuras, que defenquietao, & descompoem a imaginacao, que deve estar limpa deste pó da terra, para receber a luz do Ceo, sem nuves, & nevoas de consideracoes profanas.

Seja todo o vosso estudo, lembrar-vos continuamente de que deixastes, & desprezastes o mundo, & seus deleites, & vaidades, por amor de Deos, & que não he bem que percais no estado de Religiofas: aquelle ardente fervor, que tivestes de o ser, & de amar a Deos no estado de seculares; porque isto fora o mesmo que ter faudades de ser vilans no tempo de Rainhas; & se alguém vos disser que he singularidade, querer viver deste modo, lembrai-vos que nenhuns dos Santos, que tem gloria singular no Ceo, a pode conseguir, senão porque nesta vida foi singular nas virtudes, como diz São Boaventura. O estudo das virtudes, & da santidade, consiste em tres cousas. A primeira fugir de todo o peccado, & de todo o escandalo, quanto em vós he: a segunda exercitar-vos em todas as virtudes, humildemente, & a terceira em procurar cada vez ter mais estreita amizade com Deos, caminhando sempre por aquelles ardentés desejos, abrazados fervores, & entranhaveis suspiros, donde se começa a provar as eternas doçuras.

Para viver neste estado, não se vos dé de nada, de que vos murmurem, & ainda vos persegão, porque necessário he que padeçamos, por ser justos: Bemaventurados daquelles que padecem pela Justiça; disse o Senhor &c. & advertimos além disto, que os mãos, não deixão de ser mãos ainda que murmurem, & persegão, com maior razão os bons não devem deixar de ser bons, por mais que os atribulem; necessário he se desejamos agradar, ou imitar a Christo, que padeçamos por elle alguma cousa: se pois não podemos sofrer por seu amor húa palavra que he ven-
to, húa injuria que he proveito, & húa perseguição que he
nada, como prestaremos para levar aos hombros da pacien-
cia,

cia, até o Monte Calvario, outra mais pezada Cruz? A arvore a quem derruba o sopro de húa viraçãõ leve, como resistirá a húa grande pè de vento, ou a húa tempesta de grande?

Mas tornando à paz do espirito, em que consiste a bem-aventurança humana, convem que vos guardéis de duas cousas, no que vos toea a vós, & de outras duas no que toea a outros. No que vos toca a vós, a primeira he, que não façais nada para que vos notem, & dem louvor, buscando algúa gloria vãa, nas cousas boas: ou na compostura do rosto, ou na santidade das palavras, ou no tom da voz, no geito das acçoês, porque em tudo isto pôde aver vaidade, porque as mais das vezes, com isto cuidarcis que agradais, & desagradais. O segundo he, que se cahirdes em algú erro, vos não envergonheis, & se isto vos succeder por dentro, não apareça por fóra; cuidai q de vosso, não tendes mais que errar; & sofrei com humildade, fazendo tudo que fizerdes, por puro Amor de Deos; porque he final de soberba, o demasiado pejo, ou vergonha nos erros, da lingua, ou da natureza, ou tambem da vileza do vestido, ou do sofrimento da injuria, ou do desprezo da pessoa.

No que toca a outros, guardai-vos de outras duas cousas. A primeira, que não olheis, nem reparcis com curiosidade as pessoas, ou os rostos, as disposiçoês, os habitos, os gestos, as feiçoês, os risos, & as palavras, ou trato dos outros; nem zeleis os officios, porque nada disto vos toca antes de ser Preladas, & para merecerdes selo, cuidai que sempre he antes daqui ao dia do Juizo. A segunda he, que já que fugis de as julgar mal com a vista, fujais tambê muito de as reprender, & murmurar com o pensamento, & juizos temerarios; ellas haõ de dar conta de sy a Deos, & não vós, por isso o q importa he tratar de vós, & não dellas, mais que para as encomendar a Deos, desculpalas com todas, & se tiverdes gom algúa confiança fraternal, lembrailhe, branda, & amorosamente o amor que deve ter a Deos, & o que Deos lhe tem de amor.

Depois disto, esforçai-vos muito a entregar-vos a Deos, lançando no pego de sua misericordia todos vossos peccados, fixando em seu Divino beneplacito vossa vontade, & em sua gloria, honra, & louvor, todas vossas acçoës: fugeitai-vos, amorosa, & fielmente a tudo o que elle quizer de vós pondo-vos totalmente nas suas mãos, como o livro nas mãos de quem ovira como lhe parece: como o barro nas mãos do Oleyro que faz delle o que quer: como a lamina nas mãos do pintor, que pinta à sua vontade, & não tenhais cuidado, no que vos acontecer, de perguntar, nem inquirir donde vos vem a Cruz, porq̃, como, ou quando; nem queirais ter a vossa Cruz à vossa vontade, & feita pela vossa mão, q̃ esta pouco agrada a Deos; entendei que para nada está Deos mais aparelhado, q̃ para crucificar-vos, & dar licença às suas creaturas que vos crucifiquem, & que a razão porq̃ o não faz he porq̃ ainda não sois capaz de sofrer a Cruz dos perfeitos, & que vos leva ainda por bem, como quem recca que lhe vireis as costas, & q̃ vos ponhais mal com elle se vos levar por mal, mostrando-vos o rosto irado, ainda que por vosso bem; porque este purgatorio, q̃ então nos dá, he para dar-nos nesta vida o Inferno q̃ merecíamos, & levar-nos depois ao Ceo.

Segui pois a Christo, como a Cruz que elle vos der, ou as suas creaturas, abraçãdo-a, como medianeira de vossa salvação, como escada para o Ceo, como leyto para Christo, como Trono para vós; entendendo sempre, q̃ elle tem gosto, não só de q̃ leveis essa Cruz, mas de q̃ a leveis com gosto, & ainda que vos pareça são tenros vossos hombros para o pezo carregado de muitas q̃ se offerecem, crede q̃ toda a Cruz he leve, se a pertendeis levar com ajuda de Deos, q̃ está na mesma Cruz, na q̃ vos carrega mais, mas para vos ajudar sempre.

E se por algũ tempo vos sentirdes sem consolação algũa nem humana, nem divina, & que neste tempo andais tão miseravel, que não podeis fixar em Deos, nem a memoria, nem a vontade, & que tudo vos afflige, & q̃ todas vos perseguem,

&

& que vós, a vós mesmas, vos não podeis sofrer, tendo-vos por quasi desemparedadas daquelle eterno amor, porém ainda assim sentis em vossas almas hū eterno odio ao peccar; tratai de não buscar nenhū alivio às queixas da natureza, principalmente quando neste tempo vos virdes em maior tristeza, & tribulaçãõ; porque se sem ella mediante a graça de Deos (que entãõ senãõ enxerga) vos conservardes em graça, & em negaçãõ de tudo, certos sinaes são de que chegastes a transformar-vos em Christo, ou que estais mui perto disso; porque estes são os sinaes, assim como são sinaes de estar perto a Primavera, começarem a arrebetar as arvores; entendei pois, que quando andardes arrebentando, mas alegres (isto he com o que Deos faz) de vós, passando o Inverno das friezas do Amor de Deos, começais a florescer, & dar flores fermosas, & cheirosas, das virtudes, & depois fruto de obras heroicas, & que em fim passando este Veraõ da alma, para o Estio abrazado do Amor de Deos ardentissimo, com o calor de suas communicações, favores, & beneficios, vireis todas a derreter-vos, & transformar-vos nelle. He verdade que para chegar aqui, necessario he passar primeiro os rigores do Inverno, as chuvas, as tempestades, & as perturbações do ar, as carrancas dos Ceos, as inclemencias dos tempos, as inundações do mar, & as asperezas da terra; mas como Deos pôde apressar isto, & fazer com que passeis por tudo, se de tudo vos negardes a vós, & vos sujeitardes a elle; levai sabido o mais rigoroso passo desta jornada, & a mais aspera serra deste caminho, para q̄ quando vos virdes nella, em noites escuras, tempos contrarios, & inimigos por toda a parte, nem por isso vos deis por perdidas, antes saibais donde tendes chegado, para ir adiante; & não tornar atraz; pois daqui se trepa à ultima rocha da perfeiçãõ, donde não chega ninguem, sem de todo desconfiar de sy, & fiarse em Deos, com grande animo, & resoluçãõ de acabar a jornada, ou a vida.

Erguei pois continuamente o coração a Deos, & em ardentes espiraçoes, & abrazados fervores, não pare nunca a vossa alma no estudo daquelles Celestes desejos, na sede daquelles entranhaveis suspiros, com que se começa a provar as eternas doçuras nesta vida; nestas Divinas labaredas, convem que ardaõ tanto os vossos coraçõs, que erguendose até o Ceo os vossos espiritos, pareça, que arrebatados das chamas do Espirito Santo, vos desfazem em fogo as almas, & estes corpos de terra, com incendios vivos, em húas cinzas mortacs, nas quaes ache o defengano materia para se edificar, & memoria para se confundir em suas vaidades, & para que por este amor (supondo a Divina graça) & limpeza do coração, pureza de intenção, & fazer tudo por gloria de Deos (que este ha de ser o vosso fim) acendais nas vossas entranhas o Amor de Deos, crendo piamente, que assim como o fogo na lenha seca, assim o Espirito Santo nas vossas entranhas pegou seu eterno fogo: pegai, & fixai no vosso coração a presença de Deos, & crede que a Essencia Divina; em tudo quanto virdes, vos está vendo, que está em toda a parte para donde olhardes com os olhos, ou com o entendimento, de tal maneira que se das cousas que vedes se tirára Deos, ou o que nellas elle poz, totalmente se convertéra em nada, como de antes era.

Vendo pois que elle vos vê donde quer que estais, fazei por dizerlhe com todo o coração, & com todo o amor, aquillo que vos mesmas lhe disserdes claramente o virdes, sem cançarvos em discursos, nem em razoões concertadas, tratando só daquellas ardentes espiraçoes que tantas vezes vos disse: Meu Deos, meu Amor, meu Creador, meu Redemptor, Esposo meu, Pai meu, summa gloria minha, summa delicia minha, summo bem meu, ultimo fim de meus desejos; meu Deos, todas minhas cousas, & outras que o mesmo Espirito Santo vos ensinará melhor se com ancia o buscardes, com sede o deseardes,

&

& louvardes, & lhe assistirdes dentro de vós mesmas.

Considerai o Ceo, considerai a terra, considerai o mar, & todas as mais creaturas, & isto num voltar dos olhos, & crede logo, que tudo isto está cheio daquella immensa Magestade, cuja infinita grandeza nem o mundo a comprehende, nem o pensamento a abarca, nem alguém a conjectura, & fixando nisto a memoria, ficai-vos nella admirando-vos, pasmado-vos, & suspendendo-vos em tão altas maravilhas; & daqui pondo os olhos em Deos, & vendo que os poem amorosamente em vós, tão suprema Magestade, & tão soberana fermosura, derretei-vos em seu amor, & em darlhe eterna gloria, para isto nascestes, & vos creou no mundo, fazendo-vos seu retrato; aveis de considerar, que vos diz o mesmo Deos, dentro das vossas entranhas: Filha, eu hei de ver agora, quem primeiro tira os olhos hũ do outro: eu estarei olhando para ti, & tu para mim; nesta amorosa teima hei de ver quem dura mais, & se ficardes olhando muito tempo para elle logo vos derretereis, & scnao puderdes, tornai outra vez a elle, pedindo-lhe perdao, & conhecendo a vossa miseria; pois sendo este Senhor a mesma fermosura, naõ podeis fixar nelle os olhos da alma por muito tempo, & sendo vós em sua comparação, & pela vossa culpa, a mesma fealdade, ainda assim desde os annos eternos naõ tirou de vós os olhos, & pedilhe que os ponha com piedade na minha miseria, & culpas, & este Senhor vos conserve em sua graça, & vos guarde como desejo.

Irmão inutil

Frey Antonio das Chagas.

CAR.

CARTÁ XXXVI.

A hũa Senhora Titular, & de espirito, & qualidade: em que mostra por exemplos, que não tem grandes hábitos a virtude se se perturba o animo com qualquer este- rilidade de espirito.

O Amor de Deos more na alma de V. S.

Senhora. Arvore que com pequena tempestade cae, ou tem poucas raizes, ou he muito tenra ainda: V. S. que cõ pouco se turba, ou a virtude he tenra, ou não tem nenhũ fundamento, & as raizes da humildade; queira Deos que ainda não seja peor, & assim será se V. S. por fazerme o favor que costuma, fingir que tem reparado em que eu haja faltado assim.

Os montes soberbos cheios de concavidades vãs, & oucas, não tem mais que os ecos, por isso não me admiro q̃ lá soem os meus, pois são vozes que manifestaõ o que eu sou, atẽ quando Deos nessãs escuras noticias claramente mostra quem he; o que nas pedras pôde ficar esculpido, també nos bronzes pôde ficar impresso, & pois a escultura he de Deos, com semelhante boril abra V. S. o coração às Divinas impressões, q̃ quem lhe perdoa a V. S. o duro, parece que lhe quer dar o eterno: miseravel de mim que no espelho deste papel de V. S. vejo a menor das minhas faltas com tantas manchas negras, mas no espelho deste crucificado Senhor não acabo de ler, & ver minhas culpas, com tantas chagas vivas: choremos ambos, V. S. a sua vaidade, & froxição com que anda, como quem acorda, mas ainda meya ador-

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 75

adormecida, eu a minha ingratitude com que vivo, como quem não esperta, até quando pecco de acordo.

Eu não sei na verdade, como V. S. faz, ou finge que faz tanto caso de hũa folha de papel, que não serve mais que de folha aguda para ferir, até quando mais grosseiramente he folha para escrever; mas já sei o porque folga V. S. que nesta folha se lhe digaõ suas culpas, por escusar os exames da consciencia em que V. S. anda summamente falta, pois não acaba de conhecer que pouco importa saber o mal, se lhe não applica o remedio, ou o depois de applicado, se torna ao contrario do bem que se tem sabido.

Senhora, quando tiver hũa pouca de oração, não cuide mais que em Christo Crucificado, veja o que em hũa Cruz lhe diz (pois gosta de o ter vivo) ou pergunte se a sy mesma, o porq̃ o acha em hũa Cruz, se o considera morto, & se algũa hora entaõ lhe passãr pela imaginação este miseravel peccador, peçalhe muito me não afaste de sy; porque se as minhas memorias andarem como estrangeiras deste summo bem, que muito será, que quem de Deos se lembra taõ mal, senaõ lembre de V. S.? A Madre Vigaira diz suas virtudes, & as mais são terra, que com qualquer pinga do Ceo se abraça, V. S. não tem remedio (Deos lhe acuda) para se amolecer no Divino Amor: não bastaõ diluvios, tudo he chegar se à mina, & ficar se fóra della, embarcar se, & não curfar as ondas, andando beira mar, à vista da terra: q̃ terra de vaidade he essa, que sem ser Cabo da Boa Esperança, não ha chegar lhe ao Cabo, nem dobrar lhe mais que os perigos? Acabe V. S. já o que Deos quer que acabe, & dé muitas graças a Deos quando lhe não escrevo, porq̃ eis aqui o em que vem a parar tudo o que lhe digo, & encomendeme muito a Deos que guarde a V. S. como lhe peço, & desejo, Aldeia Galega 26. de Mayo de 1674.

De V. S. servo inutil
Frey Antonio das Chagas.

CAR.

78

CARTAS DO VENERAVEL PADRE

de escrúpulos; são atoleiros espirituaes, donde não passa para diante quem se mete nelles, por isso os há de passar de salto, ou pela ponte do Amor de Deos, que está muito por cima de semelhantes miserias, & se quem faz isto foi grande peccadora, entenda que Deos, essa gente he a que lhe serve, em se determinando a morrer, antes que peccar, & tudo o mais he hũa tentação do Demonio, que com librê de pureza, traz a todas as almas ao escuro cativoiro de remorsos, & escrúpulos, que não queria ter o amor proprio, porque quizera viver livre de tudo, o que he padecer: alegre pois esta alma que hũ Deos taõ bom que a soffre peccadora, muito mais a soffrerá compungida, & reduzida nos exercicios de sua graça, na qual nos confêve Deos por mui largos annos.

Servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

CARTAS XXXVIII.

A hũa Religiosa, que avia consultado ao servo de Deos, se se poria em cura de certos achaques, que parece não avião obedecido a algũs remedios: mostra como somos obrigados a usar das medicinas, quando Deos nos manda as doencas; & como devemos aceitar estas mortificações forçosas estimando-as mais que as voluntarias.

O Amor de Deos arda, & ferva na alma de V.M.

Madre Soror N. vi este papel de V.M. & ainda que do desejo, que tenho de servir a V.M. se pode fazer
al-

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 79

algum caso, porque lhe desejo todos os bens da alma, & da vida, do meu parecer não se pode fazer nenhū; ainda assim por obedecer a V. M. digo que sendo tantos os achaques de V. M. me parece erro não tratar do remedio com as diligencias possiveis, pois não he culpa, antes obrigação, tratar de conservar a vida, & alcançar a faude, quando os meyoos não são ofensas de Deos. V. M. sem faude, não póde guardar a sua Regra, nem servir a Deos, mais que com a paciencia, & resignação, que supponho tem para abaixar a cabeça à vontade Divina; com faude, em muitas virtudes se póde exercitar; & se teme peorar com os remedios, sem elles muito peor ha de ser; fallando naturalmente quanto he, o que nos toca, & não apelar para noticias, & cousas sobrenaturaes; & ainda que no tempo das curas, entenda V. M. que perde algū tempo, este podemos entender que sera menos, que o que vay perdendo, & dispondo, sem curarse, para impossibilidade maior; assim me persuado, que não póde descontentar a Deos, que V. M. consulte os Medicos, & abraçe as medicinas necessarias, sendo o desejo da faude, para o servir; & se depois dos remedios, nada aproveitar, entãõ pelo successo conheça, & ame V. M. a vontade de Deos, & se fique quieta na sua resignação, & santa conformidade.

No que toca às interiores tribulaçoens, entenda V. M. que todas ellas são caminho, & não embaraço, scnaõ ufamos mal dellas. O caminho de hūa alma para Deos, às vezes espiritualmente se parece com os caminhos da terra, hūa hora se vay por campos de flores, outra hora por matos de espinhos, ora por valles, ora por ferras, o negocio de quem caminha, consiste em não parar, & ir por diante, ou seja por ferras asperas, ou por valles apraziveis, ou por flores de consolação, ou por espinhas de tribulação, a pezar de que picão, &

80 CARTAS DO VENERAVEL PADRE
 magoão. Vá V. M. por diante, não desfayce nos propo-
 sitos, não pare nos exercicios da santa Oraçãõ, que ali
 está Deos, & elle disse que a sua esposa entãõ lhe parecia
 hũa flor quando estava entre as espinhas: *Amica mea sicut
 liliū inter spinas*; & se entre ellas senão perde a ami-
 zade de Deos: *Amica mea*, antes se conserva melhor, di-
 galhe V. M. sempre de coraçãõ: Aqui me quero, meu
 Deos, & assim vos quero donde vós quereis que eu vi-
 va. E enquanto as dores durarem, não faça V. M. nen-
 hũas penitencias voluntarias, que bastaõ as que Deos
 manda, ou pelo que sente o corpo, ou pelo que se affi-
 ge o espirito, ou pelo que pôde dispor a santa Obedien-
 cia. Isto he o que entendo, & por fer parecer meu, não
 deve V. M. fazer disto muito caso, tendo por mais seguri-
 do, ou o que o Padre Confessor mandar, ou que o Padre
 Fr. N. disser, ou qualquer outra pessoa de espirito, que
 todos sabem disto mais que eu, ainda que nenhũ deseje
 mais prestar para servir a V. M. a quem peço suas santas
 Oraçõens. A quem sua Divina Magestade guarde, & con-
 ferve em sua graça, comõ lhe peço, & desejo. Dia de São
 Bernardino, que he o em que à pressã posso fazer estas Re-
 gras. Sacavem 20. de Mayo de 1675. Hoje me parto.

De V. M. servo inutil

Frey Antonio das Chagas.

CAR.

Daquelle Servo de Deos, todos devem dizer perolas, & por isto não me admiro que V. M. diga preciosidades; na verdade o tenho por santo, porq̃ acho nelle dous finaes, que como diz Gerson, bastaõ para que por taes se possaõ cano- nizar: isto he, verdadeira humildade, eõ virtude de fazer mi- lagres, & elle tem outras muitas que o fazem mais facil ao louvor, q̃ à imitaçõ: q̃ haja ainda assim pessoas, q̃ gostem de peccadores, mais que de santos? não o gabo; mas não me admiro, que eu conheço algũas mais amigas de Avelans, que de Camoezes, & não por isto deixaõ estes de ser me- lhores, que aquellas, he appetite, que bemquista a peor fruta, porque não desmayem as arvores; que nem todas po- dem ser do Paraíso, nem todas as ervas santas; mas he certo que sempre os conselhos de taõ acertado piloto, se devem muito estimar, porque a prudencia adquirida em muitos annos de espirito, faz mais seguros os acertos, que as de hũa mocidade menos provada, & ainda que fervorosa, co- mo escuma desvanecida.

Agora, o que eu digo a V. M. he, que Santa Rosa se pren- dia pelos cabellos para dormir: São Pedro de Alcantara, se encoftava a hũ lenho, & não se deitava, para não escorre- gar-se muito: mas elles não deviaõ ter a lida, ou a pouca for- ça de V. M. ou deviaõ ter mais forças do Ceo, que conforme a medida que de lá vem, tal he a obra, q̃ por cá vay. E assim tire V. M. os extremos, nem dormir muito, nem não dormir nada, ter sempre hora de exercicio, & se nelle der o sono, estar como puder, mas estar, & acabada a hora, ir dormir. Eu sei alma que lhe dêraõ esses sonos, & não perdia essas ho- ras, às vezes dormia de joelhos, às vezes quebrava os fo- cinhos. E enfim, esse tempo em que se briga com esta prova, he tempo de pouca consolaçõ, mas de grande me- recimento: & os que tem virtude castiga, passaõ adiante caminhando a olhos fechados, & a violencias conhecidas; & enfim orar, atê cahir, penitencia, atê adoecer: mas

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 83

se a occupação extraordinária, por obediencia, ou caridade, nos tira o tempo, ou enfraquece o corpo, he justo que se cure delle, não para o ter de conserva no mimo, se não para o ter capaz no trabalho. Estas cousas querem grande advertencia, & eu sempre quizerá perderamos na virtude por carta de mais q de menos; porque há hús amores proprios, que se embução com capote de prudencias, & são comodidades finas.

As lembranças de N. & N. estimo, & a quem peço que V. M. me recomende, & que não repare em borroés, antes he maravilha, que sem fazer muitos escreva V. M. o que escreve: louvado seja Deos, & sua Divina Magestade guarde a V. M. como lhe peço, & delejo. Coimbra 11. de Janeiro de 1677.

De V. M. servo inutil

Frey Antonio das Chagas.

C A R T A XL.

*A hum Religioso grave, & Prelado na sua Provincia
a que ainda estava unido, em que persuade a
rectidão com que se ha de buscar puramente
a Divina vontade.*

O Amor de Deos more na alma de V. Paternidade.

Nosso Muito Reverendo Padre. Pague Nosso Senhor a V. Paternidade, & a Virgem Maria dos Prazeres minha Senhora, & todo o meu bem, a consolação
F ij que

CARTAXLI.

*A hum Amigo seu, de quem havia sido companheiro no seculo; na qual o persuade, com verdadeira, & entra-
nhavel caridade, a seguir puramente a Deos, & a vir-
tude, fazendo menção de seus proprios delitos, com
que corrobora a energia de seus conselhos.*

O Amor de Deos more na alma de V. M.

HUma de V. M. recebi o anno passado, com que tive húa grande consolação, & assim sera sempre que V. M. me conceda o favor de mui boas novas suas. Não respondi logo por faltas de vias, & por irme desta Corte ao ordinario exercicio das Missões, que não aproveitão menos nas Villas, que nas Cidades; mas não foi falta de vontade, que esta agora não he menos de servir a V. M. pois me lembro do grande amor, & obrigação, que lhe devo, & o mudar de estado, não he mudar de obrigação: sabe Deos que tenho húa ardente desejo de passar a esta terra, ainda que não seja mais q por húa anno, assim por entender se fará nella algũ serviço a Deos, como para que estes paizes, que me viraõ peccador escandaloso, me vissem ao menos arrependido, & me convinha muito que donde foraõ publicos, os meus peccados, visse o Ceo també em publico os meus arrependimétos: assim o disse ao Senhor Arcebispo da Bahia, que me faz muita merce; se Deos me der vida, assim ha de ser. Espero na bondade Divina que V. M. que foi húa dos que me acompanháraõ na vaidade (conservandose no seu estado) me acompanhe tambem nas resoluções do defengão, & ainda quando a morte me não atalhe os passos, ou quaes-
quer

FR. ANTONIO DAS CHAGAS.

87

quer outros accidentes, peço muito a V. M. que não espere por mim para a melhora de sua alma, & reforma de sua conciencia, senão q̄ ajuste as suas coufas, de modo que viva num estado capaz de não se lhe dar de morrer: pois não sabendo a hora, nem o quando póde ser isto, he grande perdição do mundo, deixar para a hora da morte, o maior negocio da vida, & buscando sempre o caminho mais seguro para as jornadas do corpo, para a jornada da alma, andemos por despenhadeiros. Bem se póde ajuntar ser amigo da honra, ao ser amigo de Deos, antes a maior honra consiste nesta amizade, q̄ em se perdendo pelo peccado, cahimos na infamia de escravos do Demonio: ay de mim, q̄ tantos annos desperdiçados vivi neste miseravel estado! démos volta amigo, & Senhor meu, démos volta para Deos, cujos premios tem hũa duração eterna, & não hũa vaidade caduca, cercada de tantas miserias, quantos vemos cada hora na maior felicidade da vida. Deme V. M. novas fuas, & perdoeme ser tão curto, q̄ faço esta a toda a pressa, dizendo me que está para partir hũ navio, a tempo que estou de caminho para fóra da Corte, donde cheguey de passagem. Lembrese V. M. de mim em suas orações, & tenha oração, que David sendo tão valeroso (que foi o maior valor do seu tempo) sete vezes orava todos os dias, & o primeiro dia que eu a tive, me converti a Deos; bulque os bons, confessese a meudo, frequente os Sacramentos, fuja de más companhias, & peça a Nosso Senhor por este peccador, que tal qual he senão esquece no que póde, pedindo a sua Divina Magestade por V. M. Recomendeme aos amigos, especialmente a Domingos Barbosa, & todos nos entreguemos a Deos, que guarde a V. M. como lhe peço, & desejo por muitos annos. Lisboa 7. de Outubro de 1676.

Servo, & amigo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

F iijj

CAR.

C A R T A XLIV.

Ao mesmo Prelado, que parece lhe avia escrito desejava fallar-lhe sobre algum negocio; e como o servo de Deos entendesse que seriaõ cousas tocantes à sua Provincia, de cujos governos não queria nada; diz-lhe com liberdade santa, o que elle devia fazer naquella materia, e a resolução com que se achava.

O Amor de Deos more na alma de Vossa Paternidade.

Nosso Muito Reverendo Padre. V. Paternidade' se queixa de que lhe faltey hũ Correyo, elle faltaria, mas eu não, porque depois daquelles dous que estive recolhido em todos escrevi a V. Paternidade, quererá Nosso Senhor que tenha já chegado assim como succedeo em outros, & que veja V. Paternidade que não falto eu em desejar me recer-lhe o favor, & memoria, que tem de mim.

Tambem respondi a V. Paternidade sobre os particulares, em que me fallava, estimára muito que V. Paternidade o q̃ me podia dizer em Varatojo, mo dissera por escrito, & em todo o segredo: a primeira razão he, porq̃ até agora no Correyo, se não perdeo Carta, & vindo as de V. Paternidade por onde vem, não corre risco o segredo; a segunda, porq̃ ha de fazer grande ruido na Provincia, que V. Paternidade venha fallar comigo, & não se tem muita fé nestes misterios, antes fei que algũs fazem danno; a terceira, porq̃ ainda que queira chegar a tempo, com o mesmo tempo, ou achaques, posso ter impedimento em cincoenta legoas de distancia, serras, rios, & encalhos; a quarta, & mais principal he, porq̃ indo sem este cuidado, posso fazer a Deos algũs serviços nos po-

vos,

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 93.

vos, por onde he preciso passar; & indo de passagem, & depressa será menos, além do que tenho dito a V. Paternidade, que eu lhe não hei de aconselhar que levante maquinas sem fundamento, nem seja parcial, nem daqui, nem dali, nem cousa algũa mais que votar V. Paternidade o que entender, prègar o que lhe parecer que importa, com os olhos em Deos, sem darfelhe de agradar, ou desagrada. Isto direy entaõ, & desde agora o digo. Se sem embargo disso, & de outras muitas razoês que não digo, V. R. me manda, q me vá chegando, irey em havendo tempo, & farey muito porque V. Paternidade fique obedecido. Confidere V. Paternidade a importancia das almas a que Deos me manda, que a da Provincia desejo muito, mas della nada entendo, nem faço conta de meter-me nisso de nenhũ modo; porq̃ o que me toca he comõ Frade simples, que veio tratar de sua salvaçõ, meter-me sõmente nesta, & desejar a de todos, & telos por melhores que eu, & mais fazendo eu taõ pouco, & por obedecer a V. Paternidade tem parido muitos maos frutos, nenhũ proveito, algũs escandalos, murmuraçõs de todos; & assim torno a dizer a V. Paternidade, q em nada della me meto, & farey sõmente por não desobedecer aos Prelados em tudo o que devo. Passado o Capitulo não haverá para mim contentamento, q se iguale a ver-me com V. P. & velo muito desemeçado de paixõs, & de respeitos, sem a carga q hoje tem aos hombros, nem querer as Reliquias com que muitos querem ficarse, não cõsiderando os fins, & as contas q haõ de dar a Deos: deiteme V. Paternidade a sua bençaõ, & a estes companheiros q todos a pedem, & todos lha merecem a V. Paternidade, & saiba q diante de Nossõ Senhor, & da Virgẽ Maria não cessõ todos os dias, & muitas vezes em cada hũ, de pedir-lhe de luz a V. Paternidade a quem sua Divina Magestade guarde quãto lhe peço. Vizeu 27 de Agosto de 1678.

De V. Paternidade Filho, & subdito inutil

Frey Antonio das Chagas.

CAR.

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 95.

Não faltaõ cruces, nem creio que faltaráo cedo novidades. Mas parece que Deos me socega o animo, tanto mais, quanto são maiores as ondas, se lá foarem cedo algúas, não se aflija, q̄ assim será vontade de Deos. Desculpeme com as que ficaõ sem resposta, que não tenho tempo para mais. A Deos que guarde a V. M. quanto lhe peço. Varatojo 22. de Julho de 1680.

De V. M. servo inutil

Frey Antonio das Chagas.

C A R T A XLVI.

A hãa Religiosa: Dalhe conta de como avia tomado forma o Seminario; & mostra com caridade o sentimento que tinha de que alguns Sujeitos o não tratassem com o mesmo affeeto que elle lhes tinha. Nomea por retrato hũ registo de Santa Theresa, a quem costumava dizer tinha entregue o coração para que lhe alcançasse o Amor de Deos.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

GRaças a Deos que me dá lugar para poder responder aos papeis dessa casa, & a V. M. a quem em quanto posso agradeço esta consolação de suas boas novas, & na verdade que hũ dos empenhos q̄ hoje tenho com Deos, he, que dé a V. M. a vida, & o espirito necessario para o trabalho, & exercicio continuo que lhe considero, mas Deos
quan-

quando acrescenta estes, agiganta aquelle para que nada falte no seu serviço.

Hoje foi Deos servido que fizéssimos junta, & se fizesse o termo da incorporação, para que soubessem os que vem para este Convento, que vem a ser filhos desta casa, assim como até agora o eraõ de suas Provincias, & esta he a ordem do Padre Geral; porque de outro modo fora o vir para Varatojo, hũ couro de defençados, ou de melindres, pois em avendo qualquer dissabor, se aviaõ de poder tornar para donde quizessem, & fora necessario, que para condiçoẽs de vidro servisse este Convento de parteleiro, sendo sõmente erigido para escolha de perfeiçoẽs de espirito, & animos grandes, destinados às maiores empresas da nossa Ordem, que são guardar purissimamente a Regra, & ajudar as almas, tratando com toda a perfeição do bem, & exercicios das nossas. Seja Deos bemdito, que todos com fervoroso contentamento se allináraõ, & abraçaraõ, & já não tornaraõ, como lá se esperava; porque estaõ todos mais unidos do que se imagina. O Padre Guardiaõ deste Convento, he hũ dos grandes sũgeitos, que eu conheço na nossa Religiaõ por talento, juizo, virtude, & espirito, & bastante ciencia, & capacidade para maiores lugares que esse, & sem fazer offensa a nenhũ, não tinhamos melhor sũgeito para este posto, nem eu podia ter Prelado de que tivesse mais contentamento, porque não conheci até agora nenhũ Religioso mais observante, nem mais zeloso de sua Regra. Tudo quanto lá se anda dizendo, são laços com que o Inferno quer prender, & atar algũs animos zelosos, para que fação discursos sobre o nosso estado; não tenho isto por Cruz, nem prova, porque não nos daõ estes nada que padecer, antes nos servem de despertadores para melhor obrar, & os encomendar a Deos. Só sentimos que lhe falte a caridade que desejamos merecer, & acarear em tudo o possivel; nem as muitas aguas contrarias a poderaõ apagar, porque
nunca

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 97

nunca lhe perderei o amor: Sinto sómente que não usem deste affecto, que lhe desejo merecer, & admirame (como diz o Padre Geral,) de que cuidem que húa acção que elle dirigio, que Sua Santidade com grande gosto confirmou, que sua Alteza favoreceo com facilidade, se poderá desfazer; o que he certo, que só nós nos podemos fazer mal, mas espero na bondade de Deos, cuja he esta obra, que mostre quanto he sua na permanencia della, & em nos dar os fugi- tos de letras, & virtudes, que esperamos; ainda que eu perca a vida mui cedo, capaz está já o Seminario de duraçãõ, & o ficará de todo antes que este anno se acabe, se nelle não acabarmos todos; sobre tudo isto, faça Deos sua Divina vontade, que elle que o fez, o póde desfazer, & se eu tiver vida, por tudo o hei-de sempre louvar. N. folguey muito que se fosse, & eu lho aconselhei, porque os seus achaques não eraõ para este rigor, & se he rigor, o em que vivemos, he gosto, porque isto buscamos, & isto basta de Varatojo, excepto dizer a V. M. que em chegando Setembro, se despacharáõ duas Missões, húa para o Algarve, de quatro Frades, & outra daqui até Leyria, ou Coimbra, donde eu poderá ser que vá com outros quatro, ou cinco, que para tudo temos, & para ficarem na casa, os que acudaõ aos exercicios, & ao Coro; creia V. M. que sem invençãõ lhe fallo, que passõ com a maior consolaçãõ que nunca tive, porque tenho mais clara a vontade de Deos, & não ha maior consolaçãõ, que esta vontade Divina. A queda de N. estimo por varias razões: a primeira, porque assim foi vontade de Deos, que nos mostra pelos successõs; a segunda, porque a ruina he ás vezes despertador da consciencia, & o tempo, que gastava nos cuidados do governo, empregará agora nos de sua alma, como eu lhe aconselhei, dandome conta do que avia, & poderá ser, que para sua salvaçãõ fosse necessaria essa fortuna, que he bem, & parece mal.

Sinto as mortes de que V. M. me faz aviso, & diante de

G

Noõo

Nosso Senhor me lembrarei de todos aquelles fugeitos, sua Divina Magestade tenha misericórdia de todos, & nos livre o nosso Reyno dos açoutes de sua ira, que andão tão perto de nós, que tive novas do Algarve, que cinco legoas de Castro Marim andava a peste, & que mandasse, ou fosse lá, & logo querao partir os companheiros, se me não parecera razão que se fostivessem até maior certeza desta nova, para q̄ eu tambem tomasse resolução. V. M. não he necessario que faça novidade sem causa nova; dia da Assumpção faça V. M. muitos actos de Amor de Deos, & faça por ter muita pureza de intenção em contentar só a Deos no serviço desta Comunidade, & em todas suas acçoens, que isto he não peccar, & assistir quanto póde, basta, & convem por agora não fazer mais. O amor das enfermas lhe encomendo, & a graça, & caridade para todos, que isso não tira o cuidado, & a cautela de sy mesmo; & o coração em Deos. Faça o que puder na sua novena, & não se esqueça nella de mim. Das communhoes de V. M. quero o quinto à honra das cinco Chagas de Christo, & pagarei quanto posso. Offereça das cinco, húa pela alma que está em maior pena; outra, para que Nosso Senhor livre de culpas os que estão nellas; outra, porque conserve em sua graça, os que à perfeição aspirão; & outra tome para sy, que não faltará quem cuide de V. M.

Estimo este retrato da Santa Thereza do meu coração, sendo que não diz a propriedade com o retrato, mas servirá de original para a emenda. As melhores dadas são as oraçoens que me pedem, o que hei mister, & me não dão o que eu não mereço.

V. M. fez bem em tudo o que até agora tem feito, continue o zelo, o acerto, a alegria, a caridade, o esforço, que Deos dará o espirito: dêlhe V. M. graças sempre que puder, & peçalhe o que lhe faltar, que a bondade, & liberalidade Divina, isso quer; & se não respondo

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 99

do a tudo, he porque falta o tempo. Nosso Senhor de à V. M. vida, & a graça, & fortaleza, & tudo o que lhe peço, para fazerlhe muitos serviços, & guarde a V. M. muitos annos.

Inutil servo de V. M.

Frey Antonio das Chagas.

CARTA XLVII.

A hum Religioso, a quem o servo de Deos obedecia, & pedia sempre o reprehendesse; nella, & em outras muitas se conhece a sua humildade, & outras virtudes com que sua Doutrina fez maior fruto.

O Amor de Deos more em a alma de V. Paternidade.

REcebo hũ papel de V. Paternidade depois de estar em Amarante, & de ter chegado de Mundi, donde estive dous dias de cama, com ardentissima febre, mas foi Deos servido que a febre se fosse, & que depois trabalhasse como sempre miseravelmente, & que com saude chegasse a esta terra, donde indo para o primeiro Sermao recebi a de V. Paternidade que estimo quanto devo, & provera a Deos que sempre me escreveraõ todos assim, porque ainda que eu me não emendára, ao menos me conhecera; sô sinto que nestes papeis me negue V. Paternidade os principios, que nos outros costuma pôr, & os ultimos signaculos, que nos mais costumaõ vir, mas como tudo tem misterios, ou na cautela, ou na humildade, que não será falsa, como a minha, por tudo dou graças a Deos; que o sentir bem

G ij se

126

CARTAS DO VENERAVEL PADRE

milde, porque lhe não faltaó muitas soberbas no entendimento, & vontade, & assim humildade, & mais humildade, caridade, prudencia, alegria de animo, fortaleza de espirito, com grande confiança em Deos, & deixar ir. As coufas que V.M. me encomenda para diante de Nosso Senhor, encomendo quanto posso, elle guarde a V.M. como lhe peço. Barcellos 13. de Fevereiro de 1676.

Scryo inutil

Frey Antonio das Chagas.

C A R T A L X I I .

A húa Religiosa : Apontalhe alguns exercicios com que se adiante em o caminho da perfeição.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

Madre N. & Senhora minha, mereço a V. M. esta lembrança, que tem da alma de minha Irmã, & da minha, peço a V. M. continue diante de Deos estas memorias. Muito me alegro que V. M. se aproveitasse do livro de S. Pedro de Alcantara, porq̃ faó sem engano effes exercicios cada dia do Oitavario de meu Padre São Francisco; faça V. M. demais a mais, trinta actos de Amor de Deos, & ainda que seja pelas contras, ainda que não seja cada hū mais que dizer: *Meu Deos, amor eterno meu, em vós creio, em vós espero, a vós sobretudo amo, & me pezo de vos ter offendido;* não he necessário q̃ sejaó todos juntos. Falle nestes dias o menos que puder, & faça por andar na presença de Deos,

124 CARTAS DO VENERAVEL PADRE
do o que quer Deos, & não querendo o que elle não quer,
& quem nisto assenta nada a perturba; trata de agradar a hū
sō, & mais a ninguem; porque *si hominibus placere, ser-
vus Dei non essem*, como diz São Paulo. Eu não sinto o tem-
po que V. M. me toma, puder a sentir não ter muito, para
quanto ha que fazer. Os retiros tenho dado em que são
maiores impedimentos; porque nelles quem me não busca
em pessoa, me visita por escrito: seja Deos muito louvado,
q̄ sem ser Serafim, a minha cruz he de pennas, & se eu tivera
muito Amor de Deos, fora muito leve a cruz; elle nos dá
graça para abraçar as que for servido repartir, & guarde a
V. M. como lhe peço. Vizeu 21. de Agosto de 1677.

Servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

C A R T A L X I.

*A hūa pessoa que tratava de oração: Dizlhe que a Hu-
manidade de Christo não he impedimento, se não caminho
por onde foram muitos Santos: encomendalhe o exercicio
das virtudes, principalmente o da Humildade.*

O Amor de Deos more na alma de V.M.

Sinto muito que nessa casa se renovem os achaques, mas
será traça de Deos, para que se multipliquem os mereci-
mentos. A uniaõ deste Senhor consiste em folgar com tu-
do o q̄ elle ordena não tendo outra vontade, & assim não se
entristeça V. M. com cousa algũa, porque esta tristeza
he

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 125

he final de não estar unida : faça pela saúde própria , & alheia , o que puder , porque isto não encontra a união ; & dé graças a Nosso Senhor por tudo.

No particular da Oração , não faça V. M. grande caso de cousa alguma que se lhe represente , mais que de amar muito a Deos , & ao proximo , & de ter muita complacência na Gloria de Deos , & seus Santos ; recrear-se nisto , & embeber-se nisto muito , he summamente bom ; & tambem o he sentir as offensas de Deos , & a perdição das almas : tudo o mais em que entra a fantasia , & a imaginação , ainda q pareção a lentos , porque são borrifos , são palhas em que não ha grao , & às vezes não falta liviandade , & vento . Com tudo as representações da Humanidade de Christo , & sua Mãe , & Santos , louvo , & aconselho às almas q Deos leva por este caminho , porque estas conduzem a bom fim sem engano , especialmente quando são como verdades intellectualmente criadas , & não fantastically representadas ; & como isto pára em amar a Deos , ou sentir não amar , he bom .

Quando porèm os impedimentos , & occupaões fazem divertir esta presença , seja a tenção , que por amor de Deos se abraçem os mesmos impedimentos , porque esta tenção he presença , & sendo obra bem ordenada , he fruto da arvore do amor : lembrar da Humanidade de Christo , está mui longe de ser imperfecto , quando por ella se passa , & se junta com a Divindade , & he necessario que por essa porta entrem , porq os que por ella não entrão , não podem achar sem perigo a Divindade , como a Escritura , & o mesmo Christo diz . Este foi o caminho de meu Padre São Francisco , de Santa Catherina de Sena , & Santa Tereza , & outros Santos . Além de que pelo fruto se conhece a arvore , o q fizer mais humildade , & mais fervor , he melhor . Siga o que tenho dito , & trate de entender , & crer , que Deos he amor , & nessa presença geral ande sempre em Amor de Deos , que em Deos anda . O que Deos quer de V. M. he , que seja hu-
mil-

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. ○

137

a sy, ou se tem a Deos; ou se furta a seu dono esta prenda que não se satisfaz com nenhũa outra joya. Já he tempo de não esperdiçar o tempo, servindo à vaidade, & à ninharia, & pois Deos para mais altos empregos fez os nossos cuidados, resolvaõse a isto os sentidos, & nelle se empreguem todos os affectos: acorde V. M. de todo o sono do espirito, abra os olhos da alma para os Divinos cuidados, entregue o coração aos desejos da Celeste Patria, suspire pela eterna vida, & neste ardente exercicio empregue as horas que lhe leva a negligencia, o descuido, & vaidade, & a falta de resolução, & encomendeme a sua Divina Magestade, que guarde a V. M. quanto lhe peço.

De V. M. fervo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

C A R T A L X X .

A hũa Religiosa : Encomendalhe certos exercicios de mortificação, & presença de Deos; & responde a lhe aver fallado em hũa Sermão que fez de São Francisco; & mandalhe que queime seus papeis.

O Amor de Deos mote na alma de V. M.

Senhora minha, he chegada a hora, & em nome de Deos lhe mando que queime todos os meus papeis, se acaso o não tem já feito, excepto algum que com simplicidade esteja nú da vaidade de que estará vestido tudo o que he meu. Siga os dictames do Padre Confessor no que V. M. me pergunta, que assim como elle o diz me parece bem:

obscr.

obſerve a guarda dos ſentidos, em que eſtá hũ dos meios mais eficazes para a perfeição; ſiga o ſexto exercicio de Eſquio, até não achar repugnancia na vontade para ſe exercitar em todos, & entenda que a Doutrina deſte livro, he a eſtrada mais direita que tenho achado para a uniaõ de Deos; porque nos ensina o caminho verdadeiro, aconselhando como ſe haõ de tirar primeiro os vicios, & pór depois as virtudes. As noſſas almas ſaõ como imagens, & para fazer a imagem, primeiro ſe tiraõ todas aquellas couſas que as faziaõ troncos, & depois ſe poem as tintas, com que fica a figura mais viva; outros poem primeiro as tintas, & por iſto donde as creaturas aviaõ de ſer huns Anjos, faem huns monſtros, porque não ſaõ mais que huns madeiros pintados ſem figura perfeita; eu me contento com que V. M. faça bem eſtes exercicios, porque por elles pòde chegar brevemente a hũa altiffima uniaõ de Deos: encomendolhe a ſua preſença, ou por memoria cõtínua, ou por amor perpetuo, ou por tenção firmiffima de agradalo em tudo, ou por hum louvor continuado, com que ſempre na boca de V. M. meu Senhor Jeſus Chriſto ſeja louvado. As couſas daquella materia que V. M. ſabe, tem ſuas confuſoens, mas neſſe forno de Babilonia, eſpero louvar a Deos, conformandome, & pedindolhe o que elle for mais ſervido, V. M. lhe rogue ſe faça em nós todos ſua Divina vontade. Nada tem V. M. tanto ſeu diante de Deos, como o que por mim applica, pois ſou o peccador mais necessitado; porque eſtes actos de caridade para os outros tem maior merecimento que o que applicamos a nós meſmos. A vide nunca fica mais alta que quando ſe communica ao tronco inutil, & abraçada com elle ſobedando os ſeus frutos. Deſejei ſaber que prodigio he o que V. M. diz que vio em o dia em que eſtes, ainda ſendo louvores de noſſo Padre São Francisco, por quem os referio eſtiveraõ tão defautorizados, q̄ puderaõ ſer falſios,

mas

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 139

mas se he coufa que me póde causar vaidade não mo diga V. M. louve a Deos, que seu he tudo o bom, & se he bom, não póde ser meu. Vaõ os rios para o mar? tornem para donde vierão, & donde tiverão o principio tenhaõ fim. Eu tal qual sou, pouco faço em lembrarme de V. M. muitas vezes diante de Deos, todos os dias, fiado especialmente na Missa, & naquelle sangue precioso, que ha tantos annos que quiz pagar por mim; elle dá a V. M. quanto lhe peço, que se assim for, não averá quem seja mais perfeita na Igreja Militante. Em lugar das disciplinas; reze V. M. huns *Misereres* por tenção das almas que estaõ em maior pena, & peccadores que estaõ em maior culpa, para que Deos ponha estes em sua graça, & aquellas em sua gloria. O sono muitas vezes he paixão natural, ou neccesidade; bom he dar por hũa vez hũ descanso à natüeza, para que ajude o espirito. E Santa Tereza dizia às suas filhas, quando tinhaõ neccesidade: *Comci, & dormi*. O mesmo digo a V. M. & depois orar, & amar a Deos, & rogarlhe muito por mim, que agora o hei mister mais, pois sou cada vez peor. Nossõ Senhor use comigo de sua misericordia, & guarde a V. M. quanto lhe peço.

Servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

C A R T A LXXI.

A hũa Religiosa: Mandalhe hum papel de Oraçãõ, & falalhe em hũ Padre seu Irmão que vinha ser Missionario.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

Madre Soror N. & Senhora minha, desejo merecer a V. M. a confiança que faz de mim, porque em tudo o que me for possível desejo não faltar a V. M.

Ahi

proprietários; a V. Reverência; & a mim no dia de nossa morte; & bõm he esgaravata este ponto enquanto dura a vida. Aos mortos encomendemos a Deos; cuidando só na Divina Misericordia; aos vivos façamos o mesmo; que à vista destes castigos agravaõ a Divina Justiça; & peccar à vista do castigo; & tal vez no mesmo peccado; he cousa que poucas vezes tem quartel diante do mesmo Senhor: demos-lhe muitas graças de não sermos já mortos no mesmo estado; ou em qualquer outro de culpa; em que tantos se perderão: agradecemos o particular beneficio; de não se renunciar o mundo; mas hã dos maiores enganõs; abrindo-nos os olhos para ver; & para chorar; o pouco com que tantos andaõ cegos. Recomendeme a toda esta Communiidade; & encomendeme cada vez mais a Deos; que guarde a V. Reverência quanto lhe peço, 3. de Março.

De V. Reverência servo inutil

Frey Antonio das Chagas.

CARTA LXXIV.

A hãa Senhora de virtude a que devia grande caridade: desculpase de a não buscar ausentando-se, & pedelhe oraçoẽs como fazia a todos.

O Amor de Deos more na alma de V. Senhoria.

MInha Senhoria, Não pude hontem ir buscar a V. Senhoria. Hoje me despedi para passar da bãda de além, & o tempo tambem me faltou, com que arribei à Mãre de Deos, em cujo amparo deixo estas regtas; & nellas peço a V. Senhoria perdao de não ter ainda emenda nestas minhas fal-

144

CARTAS DO VENERAVEL PADRE

faltas, desejando sempre não faltar no serviço de V. Senhoria, & na minha obrigação. Lá avia de pedir a V. Senhoria que me encomendasse muito a Deos, de cá faço a mesma petição, & de mais a mais peço a V. Senhoria me haja muitas orações de todos os que puder; que todas estas azas são necessarias a hũa pobre, & miseravel alma, que anda por este mundo toda vestida de rémoras, & do chumbo de seus peccados. Boa empresa he esta para que V. Senhoria convoque almas, & faça tocar as trombetas do Ceo, para que de lá venhão os auxilios a quem não merece estas misericordias de Deos, que guarde, & conserve a V. Senhoria em sua Divina graça, com todos os bens do espirito: que os do mundo são engano, & vaidade. Madre de Deos, feita feira.

De V. Senhoria servo, & Capellaõ inutil

Frey Antonio das Chagas.

CARTAS LXXV.

A hũa pessoa que tratava de oração: aconselhalhe hũa pura aniquilação, & nudeza de espirito, em que consiste a maior perfeição, a que poucos chegam, & muitos não entendem.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

Muito estimára eu, que fosse tal o meu desembaraço, que pudesse escrever a V. M. mais a meudo; mas ainda que he este o meu desejo, não he assim o meu desafogo. Peça V. M. a sua Divina Magestade, que à medida dos empregos, se sirva de me dar espirito; porq̃ hũa das minhas empresas, he o aproveitamento, & consolação das almas.

Nesta

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 145

Nesta Carta de V.M. bem vejo eu, que ainda tem o espirito mui menino, pois das carrancas que Deos lhe faz, ou o tempo, recorria por consolação a mim: logo já queremos consolação? pois eu estou apostado a não dar a V. M. nenhuma, senão a espremerlhe esse espirito, & deitarlhe fora (com esse aperto) todo esse mau humor de seu amor proprio, que he muito, & muito amigo de consolaçoens, com Deos, comigo, & com as creaturas; & em não havendo estas, logo saem murmurando as lagrimas, gemendo, as impaciencias, queixandose as desculpas, cipantandose as ninharias, & no cabo lhe poem V.M. quando menos a mantilha de sentimento justo. Valhame Deos, quando hade acabar isto? Húa alma, que ha tantos annos que tem oração, hade estranhar as contradichoens, os desemparos de Deos que teve seu proprio filho, as cruces sem razão, os espinhos donde busca refrigerio, os afogos donde esperava o alivio? que he isto senhora? que queira estar sempre como menina, no leite dos espirituacs deleites, chupando o favo de que ainda não foi abelha, & podendo ser Mestre, se tem feito zango? Pasinado estou de V.M. & muito mais o estarei se disto que lhe digo se sentir, & se senão alegrar muito de se conhecer, & de muitas graças a Deos por mostrarlhe a sua miseria ao espelho destas Doutrinas, que algũa hora lhe parecerão ignorancias. Veja q̄ não tem humildade; que o humilde de nada se queixa, de nada se doe, nada sente, nada estranha, em qualquer estado que Deos o sofre, o tem por felicidade summa: contentase não com amar, senão com ter desejo de amar, de sofrer, de não sentir; estima as cruces, ama os desprezos, gosta das contrariedades, ignora as desculpas; porque neste nada do q̄ a natureza busca, acha a Deos q̄ he tudo que deseja, o que unicamente suspira, o que anciosamente anella, o que singularmente abraça; & não hade achar a Deos como quer, se em algũa cousa que queira, ainda que seja de Deos, a procura. Eu heide ver se posso

K

posso

posso despir a V. M. arê da sua propria alma, de modo que me fique em hum fundo, & nudeza de espirito, donde não ha nada, nem ainda de Deos, mais que Deos. Neste fundo essencial de nossas almas queria a V. M. sumergida, pregada, sobrelevada, transfundida, & tão morta, que só em Deos ficára. Oh se quizesse Deos que o pudesse acabar! Não deseja V. M. muito o mesmo? Sim deseja: pois deite fóra esse desejo, & busque este fundo, porque lho mando, & porque Deos quer que V. M. o queira, não porque V. M. o quer: negue o entendimento, negue a vontade, & nua de suas meimas potencias cravesse neste Deos, metendose primeiro como de voo por sua Humanidade santissima, q̄ encaminhe a V. M. & a guarde, como lhe peço. Elvas 22. de Setembro de 1674.

Servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

C A R T A LXXVI.

A hũa Religiosa: Diz-lhe se funde em hũa grande humildade, tomando motivo dos beneficios que recebe para conhecer a sua miseria, & que não deixe as mortificaçoens por lhe custarem pouco, porque sempre são de proveito.

O Amor de Deos arda, & ferva em nossas almas.

Mudou nosso Senhor as velas, & podendo ser a jorçada para essa terra, parou em Povos, & deu comigo em deserto: são Juizos de Deos mal adivinhados de nós, que

C A R T A LXXVIII.

A hũa Religiofa, que lhe fallava em hũa confiffão que com elle tinha feito; diz que não se lembra das circumftancias della, & aconselha algũas mortificaçoens.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

Madre, & Senhora minha, não me lembra nenhum peccado de V. M. nem penitencia algũa que lhe defse nesta vida: jejuemos ambos hoje a pão, & agua, & faça por mortificarfe daqui até a Assumpção, fazêdo cada dia hũa mortificação nos olhos, outra na lingua; & cuide em quaõ breve tempo, Santa Clara sendo moça fermosa, que esteve no mundo, chegou à perfeição, porque se refolveo a agradar a Deos: & quantos annos ha que estando V. M. na religião ainda não começa a vida de espirito, que he crucificar os sentidos, & potencias, & viver como morta para o mundo, tendo só vida para Deos. Na vespõra, & dia da Senhora cuide com que virtudes esta Senhora não só quanto à Alma, mas quanto ao Corpo subio ao Ceo, & verá que as virtudes heroicas forão as azas. Virtudes heroicas, não são aceitar, nem pôr cilicios, senão paciencia, & mortificação, caridade, desprezo de sy, fervor resolutõ para não suspirar mais pelas cebolas do Egipto: traga quanto puder consigo a presença de Deos, com grande pranto, & dôr de sua miseria, mas grande confiança em Deos que guarde a V. M. como lhe peço.

Servo inutil de V. M.

Frey Antonio das Chagas

CAR-

C A R T A LXXXI.

A hũa Religioſa, eſtando nomeado Biſpo: diz a reſolução com que eſtá de não aceitar aquella dignidade; agradece ſer ella da meſma opinão.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

HUm dos maiores goſtos, que tenho no mundo, he eſte de novas de V. M. que ſão a couſa de que faço mais eſtimação; & no dia do Juizo ſe ſaberá melhor eſta verdade, porque ali conhecerá V. M. que não balda de todo a merce que me faz: pois he certo, que nas entranhas, & coração de meu Senhor Jeſu Chriſto, a ninguem neſta vida amo, & eſtimo mais, & a ninguem deſejo ver no eſtado de maior perfeição, & virtude, tanto, ou mais que a V. M. eſta he a moeda em que pago o que a V. M. lhe devo, & aſſim o ſabe meu Deos, a quem no ſacrificio da Miſſa, & em meus pobres ſacrificios, peço todos os dias pague a V. M. o zelo, que tem dos accertos de ſeu miſeravel, & indigno ſervo, & aſſim eſtou tão longe de enfadarme de ſeus papeis, que os eſpero para aliviarme, & ainda encaminhar-me a maior gloria, & honra de Deos. Algum pezar tive de q̄ neſte ultimo que recebo, eſcrito em vinte de Janciro, me moſtre V. M. claramente não tem recebido nenhuma Carta minha, ſendo que ha menos de hum mez que lhe eſcrevi largamente, & de modo que pudéra V. M. ter menos ſuſto com eſtas couſas que lhe derão ſobrefalto. Se Deos he ſervido que aſſim ſe me retarde o q̄ eu tinha por proprio, façaſe a Divina vontade, como eu della não fique alheio. He certo que para aceitar o que ſe lá diz, todo o poder da terra

FR. ANTONIO DAS CHAGAS.

155

ra não basta, & nem ainda o do Ceo, sendo de ordem inferior a Deos; elle o pôde fazer sómente, como quem pôde fazer tudo, fóra disto tenha V. M. por coufa de riso tudo o que faz sobrefalto, porque essas vozes que affirmão as minhas sujeiçoens a outrem que não he Deos, ou por Deos, são hum ar ferido (ainda que não ar de contagio) & de coufas aerias se ria V. M. que eu por cá faço o mesmo, & não ha para que fazer caso mais que daquillo que por Deos se deixa, & só para se deixar se estima. A obediencia dos meus Prelados, me tem prompto para quanto quizerem de mim, como não seja contra a minha alma, & consciencia: para os açoutes não tenho replica, & se me meterem nos carceres, não faço conta de fazer supplicas: tudo o mais de honras, & dignidades, para que não vim à Religião, ainda que sejaõ santas para outros, em mim até imaginadas, he coufa ridicula. Os mosquitos contentaõse com picar, & zurrir, eu sou mosquito de Deos, pico, para que os que dormem espertem, zuno, para que todos acordem; não quero mais nada que ver a todos abrir os olhos, & que os ponhão no Ceo. Se fora Elefante fizera tromba a quem me não estimára, & mostrára dentes, a quem com o sangue me enfi-recêra; mas depois que cuidei no sangue derramado de meu Senhor Jesu Christo, o que só quizera, era sabelo imitar, seguir, & obedecer, pelo caminho, ou vereda de meu Padre São Francisco; & assim nem pessoa grande, ou pequena, nem rogos daqui, ou dali me podem disto apartar, em quanto me não desemparrar a luz que me dá o Ceo; este he só o ponto em que não hei mister que me convertaõ.

Em outro me convertéo V. M. porque me reduzio a razão, denaõ me ausentar pelas suas razoens; não tenha vaidade disto, que Deos lhe poz a efficacia, & sem esta tudo he vaidade, & assim já agora não receie V. M. que vá eu para a India tão cedo, ao menos por meu destino, & ainda que cheguem ao cabo comigo neste requerimento, não se-

rei

rei em o Cabo das Boas Esperanças de V. M. porq̃ ninguem
ha de dobrar este cabo. A pé quedo faço conta esperar as ba-
tarias, quando Deos assim o queira, porquẽ me vai melhor
com os diabos das perseguições, que com os das estima-
ções.

Agora o que importa he, que V. M. trate de sua saúde, &
vida, que me importa muito a mim para o espirital, que
V. M. não destrua a saúde corporal, pois com ella me ajuda
a servir a Deos. O espirito tem muitas cousas em que se pô-
de mortificar a alma, sem matar o corpo, & bem se pôde
crescer na graça, sem se consumir a natureza. Estimo; que
passasse já o furacão dos escrúpulos, que ordinariamente
são Babilonia do espirito; & tempestade do animo; & que
o estílicidio obedeça ás medicinas, para nos ensinar quan-
tos males são pela obediencia; nesta esteja V. M. sempre
prompta, & na oração, ainda que seja deitada; que a essência
do amor de Deos, não consiste na postura, senão na obser-
vancia de suas regras, & na intenção recta, & deiforme,
com que se ajusta com Deos a vida. Para a Pascoa espero
falar de mais perto, & não foi agora de passagem, como in-
tentava, porque se conjurou contra mim esta terra, & o Pa-
dre Provincial; para que pregasse aqui a Quaresma; & esta
obediencia não he contra a minha alma. Eu quizera ser
mais largo, mas he preciso escrever á muitos, & falta o tem-
po. A estas senhoras minhas lembranças, & petições de
orações a sua Divina Magestade; que guarde a V. M. como
lhe peço, & desejo; Evora. Aqui cheguei em dois de Feye-
reiro, detive-me tanto, porque tambem tive minha fezaõ, &
febres; passou sent sangrias; tornei a minha Quaresma; pre-
guei; confessei nas Aldeas do caminho; cheguei. & fico bem
disposto, graças a Deos, que guarde a V. M. & lhe pague a
parte, que nisto tem.

Servo inutil
Frey Antonio das Chagas
CAR-

podem os nossos hombros, espere V.M. nelle os verdadeiros alivios, & nesta fé se passarão bem os trabalhos.

Bem sei eu que nos desertos ninguem se livra de tentado, porque tambem por elles anda o Demonio em habito santo, mas vai muito de contender hũ a hũ estando armado na imitação de Christo, ou pelejar com todos nas Cortes, donde das virtudes necessarias ando taõ defarmado. Se Deos quizer dar armas de prova, & na alma nos der a entender que yamos a Ninive, ainda que não seja taõ bom como Jonas, espero não lhe dar as costas, porque toda a duvida está em não saber daqui por diante qual he a Divina vontade. A obediencia, que eu tenho por lingua de Deos, nos dirá o certo, & acerto, peça-lhe V.M. que a mim me dé o puro de seu amor, que guarde a V.M. como lhe peço.

De V. M. servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

C A R T A C X V I I .

A hũ Amigo: falla em algũas cousas que lhe avia escrito, persuadindo-o a que senão fosse do Reyno, que nelle tinha bem em que servir a Deos, & sobre dizer hũa pessoa aos companheiros do Veneravel Padre, que elle avia de morrer em Vizeu: de que elle fazia graça; & sempre mostra humildade de coração que Deos lhe avia infundido.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

A Migo, hontem escrevi a V.M. por via segura, agora o faço para dar a V.M. as boas entradas da Quarefima, que

que Nosso Senhor conceda a V. M. como lhe desejo. Não me enfadaõ os escritos de V. M. antes me vejo con-
 vencido, & recreado com as suas escrituras, que se caõ
 muito com a minha inclinaçõ, especialmente quando em
 elles hei de escapar dos cutellos; já V. M. me tem conver-
 tido das romarias de fóra, folgára que o acabára com Deos
 para as miserias de dentro, & assim lhe peço que entre tan-
 to me avise de tudo o que souber de mim, & que não só
 me avise, mas me reprehenda, & se agaste muito comigo
 quando lhe parecer necessário, porque lhe não faltará ma-
 teria nas minhas culpas, que sem temeridade, nem escru-
 pulo póde entender, que não são poucas, nem peque-
 nas, seja Deos louvado em tudo que me sofre, não repa-
 re V. M. nos borroés, que ainda que o papel fique escuro,
 as razoés de V. M. sempre ficaõ claras. A lida estimo eu
 pelo merecimento, & sinto pelo trabalho. Eu dos ouvi-
 dos estou como de antes, porque do direito ouço menos,
 mas miseravel de mim nada faço, levo-me muito boa vi-
 da, fallo muito todos os dias, ando envolto todas as horas
 nestes laberintos, queira Deos que sem danno da alma, que
 quanto o corpo a seu gosto vive; & se eu não sou tentado
 pelas comodidades d'elle, quanto pelas abstinencias, &
 penitencias, longe estou de ser tentado: seja Deos bem-
 dito, ainda assim cá ouve hũ Clerigo de bem, que tem luci-
 dos intervallos, aqui disse hũ dia, nos principios, que me
 aviaõ de matar nesta terra, & estar nella tres dias morto,
 com que se tem quebrado o mau agouro, mas ainda esta-
 mos na terra, & pode-se comprir o prazo; mas não tem
 geito a gente de querer isto, porque me mostraõ todos
 muito amor, & bom agalho. Ando agora para ver se
 posso acabar algũa cousa em hũ negocio muito difficul-
 toso: dé-nos Nosso Senhor sua luz para acertar nestas escu-
 ridades com seu santo serviço. Aos nossos amigos minhas
 lembranças, & desculpar com os a quem não escrevo,
 que

218 CARTAS DO VENERAVEL PADRE

que o tempo he limitado, & prègo todos os dias, além das mais occupaçoês que são muitas, & entretanto o que importa a V. M. he por agora tratar da faude, & do officio, sem nenhúa cousa extraordinaria, & louvar a Deos com paciencia, até que elle seja servido, que vamos tomar residencia dellas froxidoens. Nosso Senhor guarde a V. M. como lhe peço. Vizeu 13. de Março de 1677.

De V. M. servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

C A R T A CXVIII.

A hũa Religiosa; encomendalhe a paciencia nas contrariedades, & a compadecer-se das misérias alheias, & não escusar as proprias, & que he melhor sofrer que defender.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

Alegro-me, & entristeço-me com este papel de V. M. entristeço-me, por ver que ainda continua o danno neste Convento, & alegro-me, por saber que no meio dessas borrafcas, V. M. não fez naufragio nellas: seja o Senhor bendito, ainda que repito as ordens, não duvido as obediencias; mas confirmo os acertos; anime-se V. M. que o perigoso he passado, favoreça essas almas, em quanto a obediencia de seus maiores não ordenar o contrario, & encomende muito a Deos, ainda que se descuide de sy, as que

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 275

não posso passar daqui que he tarde. A Deos emquanto não pôde fer o vejamo-nos para o servir, & amar por hũa Eternidade.

C A R T A C L.

A hũa pessoa que tratava de Oraçãõ: dizlhe que não se deve buscar nella consolaçãõ, senãõ a vontade de Deos, & os desemparos, & penas de Christo em que sempre ha proveito ainda que não haja gosto.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

COm as Cartas de V. M. tenho consolaçãõ, & alivio, & assim não he muito q̃ pelas minhas importancias, solicite estas ufuras, ainda q̃ prẽgo contra as onzenas.

De tão longe não se pôde dar regras para a Oraçãõ particulares, ao menos para quem não começa hoje a tela; presença, & Amor de Deos he necessaria a toda a pessoa, como seja com recolhimento possivel em memoria geral de Deos, & aquellas cousas particulares que o Senhor dá, que mais podem mover a alma, & a humilhãõ, a provãõ, & mortificaçãõ, a inflamãõ, & se acomodãõ ao officio, & o estado de cada qual, estas sãõ melhores; nem sempre he mais seguro, o mais saboroso, porque ninguem tempera o veneno com fel, com açucar muitas vezes: assim quando o que se sente he mais suave, pode fer às vezes mais suspeito, porque o Demonio que se veste de Anjo para nosso cozinheiro, guisa os seus pratos com o que sabe bem, para que faça mal, & sua Divina Magestade exercita-nos na influencia do que parece mal, para que dali se tire bem.

S ij

Por

276 CARTAS DO VENERAVEL PADRE

Por isso a Paixão de Christo, donde sempre ha que chorar, & amar, & que admirar, he caminho que me parece bem, pois este foi donde nos mostrou Deos mais amor, que ainda que falte a consolação desejada, não falta o que convem. Quem fosse ao Monte Calvario a comer pães, & cerejas, & em lhe faltando isto não quizera estar alli, que espirito tivera, que disseramos de sua devoção? Assim cuidando nas penas de Christo, querer consolação nesta pena, cuidando nos seus desamparos, estranhar não ter alívios, he ir buscar a fruta, & não a Christo; o gosto, & não o Divino Amor, que consiste em acompanhá-lo padecendo, amando, imitando, sentindo, & transformando-nos no mesmo Senhor. Para isto ande a memoria da presença de Deos simplesmente, a vontade em pureza de tenção de agradalo em tudo, o entendimento em pasmo, & admiração de seus extremos, fugindo de tudo o que não he Deos, excepto o que he preciso aos officios, & occupaçoens. A paz, & alegria da boa consciencia (que são frutos do Espirito Santo) se deve desejar; mas não namorar dos frutos, senão da vontade com que o Senhor da horta os offerrece, repetir muitos actos de amor, para fazer memoria, & graças a Deos nas dores do corpo, & afficções do espirito; Deos nos dará hũa hora para fallarmos nisto de espaço, entretanto vá V. M. continuando, & cotejando os seus desamparos, & penas, com os de Christo, que este he o pulso por onde nos avemos de governar, para saber o que se tem aproveitado; queira, o que eu desejo, & sua Divina Magestade guarde a V. M. quanto lhe peço.

De V. M. Servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

CAR-

CART A CXCI.

A hũa pessoa que lhe dava conta de seu espirito: diz-lhe que não faça caso de tentações, & que se dispa de todo o desejo de consolação ainda espiritual: tem alta, & proveitosa Doutrina.

O fogo do Amor de Deos, arda & ferva nas entranhas de V. M.

Senhora minha. Deos lhe dá a V. M. muitos gostos espirituales, pelos que me dá com suas novas, as quaes estimo quanto posso, pois não posso quanto devo.

Bem fez V. M. em vencer a sua contradição, porque essa he arte do espirito, fazer tudo aquillo que nos contradiz a vontade, ou a estimação propria, & cuidar sempre que he cada vez peor, porque realmente assim somos, por melhores que sejamos, pois não podemos, ou não queremos pagar a Deos o muito que lhe devemos.

Esses pasmos em que V. M. se fica por mais de hũa hora, são bons, deixe-se ir assim, com tanto, que até o conhecer V. M. sua vileza, & sua miseria, seja para gloria de Deos, porque esta ha de ser a tenção com que V. M. ha de cuidar em Deos, & cuidar em sy.

Com a mesma tenção ha de pedir a Deos que se faça nella a Divina vontade, em todas as representações do Senhor. & não se lhe dé nada dos despropósitos, que o Demonio lhe
poem

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 351

poem então no sentido; porque em quanto o Inimigo não faz mais que bater à porta, final he que não entra dentro, & em quanto estamos neste mundo, impossivel he viver sem tentação, nem ha outra differença no estado dos que são justos, mais que vencelas melhor.

O Amor de Deos perfeito, tres cousas ha mister para ficar em liberdade de espirito, que he a perfeição: a primeira, desapegar-se de creaturas, a segunda, desapegar-se de desejos, de consolaçoens do Ceo, a terceira, ficar-se a alma num ardente desejo da Gloria, & honra de Deos, ou esteja seca, & sem devoção algũa, ou seja com devoção; & este ficar deste modo, he hũ deixar-se cahir em Deos assim como hũa pedra, que se deixou cahir num pego mui profundo. V. M. pelo que me diz já fez a primeira, agora importa fazer a segunda cousa, que he despir-se até dos desejos espirituaes de Deos lhe dar o Ceo, ou algũ gosto nesta vida: isto custa muito; porém se tiver coração, para não querer neste mundo gloria nenhũa, nem ainda espiritual, nem mais que acompanhar ao seu Esposo na Cruz que leva, logo ficará tão mergulhada, & sumida no pego da Essencia Divina, que sempre andarã metida em Deos, como anda hũ peixe no mar: faça nisto o que puder, & avise-me de como lhe vay, & sobre tudo encomende-me a Deos, que guarde a V. M. como lhe peço, & desejo.

Servo inutil, & indigno

Frey Antonio das Chagas.

CAR.

C A R T A CXCII.

A hũa Religioſa: exorta-a a ſe reſignar na obediencia, & conſervar a paz do eſpirito em as occupaçoens: mostra o pouco caſo que fazia da ſua vida, eſtimando tanto o proſpero, como adverſo, amando em tudo a vontade de Deos.

O Amor de Deos more na alma de V. M.

Muito Reverenda Madre N. O barro não governa ao Oleiro, poem-se nas ſuas mãos para que ſem reſistencia faça elle a ſua obra na roda: eſtá V. M. poſta à obediencia a pôr nella pena, negue o entendimento, & a vontade, & fique-ſe em paz, que o merecimento não eſtá no que nos parece bem, ſe não no que ſe nos representa mal. Louvar a Deos com ſimplicidade de eſpirito, & louvalo ſempre em tudo, ou com a boca, ou com a alma, he o exercicio de V. M. cantando a paciencia as ſuas penas, como gloria, & para gloria da Divina vontade; por agora não poſſo mais, ſe Deos for ſervido, pagarei o q̄ devo em podendo; não lhe dem cuidado os meus males, q̄ ſão tudo nada, hũ pouco de vento, & o meſmo he a vida, & vida, & morte, & achaques, tudo he o meſmo, & tudo he bello, doce, ſuave, & excellente armonioſo, ſe aſſim ſe ſerve a Deos que guardea V. M. quanto lhe peço, 18. de Agoſto.

A Veneravel Madre Maria de Jeſus tinha mais lida com creaturas que V. M. & não ſe queixava, porque dentro de ſy trazia ſempre o deſerto, & o Oratorio, ſe lhe parecem bem os ſeus livros, ſiga com o exercicio o exemplo, & recomende-me a Madre N. & a Madre N.

Servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.
C A R.

C A R T A CCXXII.

A hũa Pessoa que tratava de espirito : dalhe documentos para aproveitar nelle , offerecendo-lhe santas , & discretas consideraçoes , que a confirmão nos desenganos , & estimaçã dos trabalhos ; & falla de sy com a humildade que costumava.

O Amor de Deos more na alma de V.M.

EM Pinhel recebi hũa de V.M. eferita em onze de Setembro, & não podia ser pouca a estimaçã deste alivio, depois de tanto silencio, porque cada vez q̃ V.M. falla, & de Deos, como desejo, he milagre para o meu gofio, que será sempre grande com muy boas novas de V. M. Para bem fejaõ as melhorias; & todas as da alma, & da vida, em V.M. & na Senhora D. N. ferãõ hum dos meus maiores cõtentamentos. Que ouvesse tantos males para esta banda não he de estranhar, que o mundo não tem cousa que possa parecer-nos bem; & para quem sabe o trato do Ceo, he ufura ao Divino, tudo o que se padece ao humano. Esta caduca vida tão cercada de perigos, tão cheia de despenhadeiros, não foi dada para gozar, senão para padecer: custosa arte he esta para a ignorancia, & mimo da natureza, mas muy proveitosa para o estudo da graça; porque sem penas não serve para nada a vida, nem voaõ para o Ceo as almas: huns padecem no corpo, outros no espirito, outros em tudo; dita, & fe-

& felicidade da alma he, que em cada tormento saibamos dispor, & fazer hum sacrificio, porque nestes quando o gozto morre, tanto o merecimento vive, & á perfeição se chega; a perfeição consiste em gozar-nos de tudo o que nos succede sem culpa, ou seja bem, ou seja mal, puramente porque assim he vontade de Deos, & assim era a disposição Divina desde a Eternidade, & convem que para chegar a isto não tenhamos, nem amor, nem gozto, nem vontade propria, nem escolha, ou eleição algua, nem desejo de consolação sensível, nem ainda espiritual, senão como sombra que segue o corpo, seguir os movimentos do Divino beneplacito, avendo-nos passivamente em tudo, para que se imprima em nós o Divino agrado na imitação da Vida, Morte, & Paixão de nosso Senhor Jesu Christo; para isto ainda que haja tristeza, & repugnancia do corpo, basta que haja a promptidão, & resignação no animo; porque desta sorte se aproveitaõ as marès do Espirito Santo, convertendo tudo pela conformidade, & indiferença, em bonança da consciencia, cuja gloria he aquietar entre as espinhas, donde crecem as flores de Deos. Deos faz o mais da obra, mas nós ajudamos nella, & assim purgamos nossas miserias, & merecemos dobrada gloria.

Eu, seja Deos bemdito, vou continuando esta peregrinação, para ver se com estes passos me chego á celeste Patria, mas como tão estrangeiro das virtudes, & dos exercicios celestes, cada vez me meto mais na terra, donde pelo natural não sei estranhar os males. Passo ainda assim cada dia nas Divinas misericordias, que andão buscando a maior miseria para que nella como branco sobre negro, reluza mais aquella bondade infinita, que eternamente seja louvada. Toda a Nao, & navegação, senão ha naufragio, mais hoje, mais a manhã vai pa-
rar

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 401

rar ao porto, assim chegaremos nós, sendo Deos fervido, a essa terra, se a morte nos não despachar desta vida. Todos os dias della, tal qual sou nomeadamente meto a V. M. no coração de Christo, & húa das maiores alegrias que terei no mundo será que V. M. cada dia mais creça no desprezo d'elle, & no desengano de suas vaidades, & que com a sua vida melhore muitas almas, & se lembre da minha quanto lhe desejo merecer diante de nosso Senhor, que guarde a V. M. como lhe peço, & desejo. A Senhora D. N. que haja esta por sua, & a Deos. Trancoso 15. de Outubro de 1677.

De V. M. servo inútil

Fr. Antonio das Chagas.

C A R T A CCXXIII.

A hum Prelado de certa Religião: diz-lhe por onde entrava a relaxação: & pôde ser de proveito para que se remedeem estes danos se os ouver em algũa.

O Amor de Deos more na alma de V. Paternidade.

Muito Reverendo Padre. Hoje querendo Deos acabo a Missão nesta terra, & me parto para Abrantes aonde Vossa Paternidade me pôde escrever, que sempre estimo suas novas, sendo como desejo, & sinto suas afflicçoens, & pezares, mas V. Paternidade não pôde emendar o mundo, o que lhe toca he fazer o que pode, propondo

C e o que

o que melhor lhe parece, & se for vencido em votos, para Deos basta a vontade, o aplicar os meios toca àquelles que os podem aplicar, & que tem nas mãos o poder para dar à execução esses meios; & ainda não basta que sejaõ meios, mas que sejaõ os que diz Aristoteles: os devidos, & proporcionados. A mim, & a outros taes, toca-nos chorar, & pedir a Deos mova os que sabem, & podem, & tal vez porque não querem, usão mal do que podem, & peor do que sabem; & como eu não tenho serventia para nada d'isto, não me meto em nada mais que em rogar a Deos communique seu espirito aos que são cabeças, & braços de Religião: V. Paternidade, & quasi todos os que governaõ, sabem por onde esta. Não se vay ao fundo, & por onde entrou o mar da relaxação, & distraimento, que especialmente he por ambições de mando, sequito, & governo, sem zelo verdadeiro de Deos, & por carear votos, & sequito, senão reparar na insufficiencia, & incapacidade dos fugeitos, & ficando nestes as prelasias, imprimem em seus subditos as suas semelhanças, dando cargos, & vivendo para passar a subir, & merecer ao humano, com pouca atençaõ ao Divino. Entraõ também as corruptelas sumamente pela musica, & pelo excellivo numero de Frades, & isto vay cada vez de mal em peor, & como as corruptelas senão emendaõ, & as relaxaçoes escandalizaõ os fugeitos que puderaõ entrar para ser columnas deste edificio, se afastaõ para outros. Accitaõ-se também muitos por respeito do mundo, com que nada se melhora, antes se peora a Religião, & se a esta vem alguns que puderaõ aproveitar, não avendo quem os crie, nem os doutrine, & faltando magisterio, & exemplo, tudo se arruina, ou não aproveita nada; logo as largas na pobreza, na liberdade, & nas mais licenças contra a forma de vida, como correm sem freio, acrescentaõ o danno, & não vemos que efficaçmente se lhe ponha o remedio: que convinha em algũas cousas que ouvesse causticos, & violencias.

V. Pa-

FR. ANTONIO DAS CHAGAS.

403

V. Paternidade he muito piadoso, & pouco poderoso; & eis aqui o pranto sem alivio, & a enfermidade sem remedio. Grite V. Paternidade o que puder com os olhos em Deos, despido de todos os respeitos humanos, & entao faça Deos o que quizer, & de conta a Deos quem lhe tocar.

Os companheiros se recommendaõ a V. Paternidade, & desejaõ merecer em seus sacrificios a V. Paternidade a memoria que delles tem; em mim não fallo, só affirmo a V. Paternidade que quanto me he possivel aperto com sua Divina Magestade, que ajude, fortaleça, alumie a V. Paternidade, que guarde quanto lhe peço, & desejo. Tomar 2. de Novembro de 1678.

De V. Paternidade servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

C A R T A C C X X I V .

Ao mesmo: agradece algũas reprehensões que lhe dava a petição sua: as quaes repetia muitas vezes por lhe dar consolação, & merecimento: reconhecendo sempre a sua humildade, & que nenhũa cousa mais estimava que as occasiões do proprio desprezo.

O Amor de Deos more na alma de V. Paternidade.

CHega-me hũa Carta de V. Paternidade, que estimo muito mais que muitas outras, porque serve de claro espelho para minha alma, em que vejo quanto servem os papeis de V. Paternidade mais para mim, que os meus

C c ij para

422 CARTAS DO VENERAVEL PADRE
 nado, o que no engano do mundo não ficou perdido.
 Recomende-me V. M. a nosso Padre Quental, & a toda
 aquella Santa companhia, & peça a todos me encomendem
 a Deos, que guarde a V. M. muitos annos, 5. de Novem-
 bro de 1681.

Amigo, & servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

~~~~~  
 C A R T A   C C X X X V .

*A hũa Irmãa sua : affemelha o ministerio das abe-  
 lhas a hũa Alma, que se exercita em as virtudes :  
 moralizando as acçoens daquellas arvezinhas que se  
 alimentão das flores, & com o seu trabalho produ-  
 zem suaves, & proveitosos frutos : para que as imi-  
 te, & dando a gloria a Deos se funde em o conheci-  
 mento proprio.*

O Amor de Deos more no voffo coração.

**M**Inha Irmãa, & Senhora. Alegro-me com as voffas  
 novas, quanto não digo, porque não pareça enca-  
 recimento da pena, o que he verdade do amor, que  
 por esposa, & amiga de Deos vos tenho, que senão fora isto,  
 já a carne, & sangue tivera ido ao mar daquellas amargu-  
 ras, donde começa a entrar suavissimamente quem começa  
 a fahir do mundo.

Gran-



FR. ANTONIO DAS CHAGAS.

425

Grande gosto tenho Irmã minha, de que sirvais a Deos, ou desejeis servir, mas como no caminho do Ceo ha coufas muito altas, não quizera que cahindo de alguãs, desles algũa grande queda, & por isso vede bem se a casa que levantai, tem bom alicerce, isto he verdadeira humildade, porque se a não tem, virão como disse Christo, os ventos, & as chuvas, & as ondas da tribulaçõ, & darão com ella em baixo, isto he nas baixezas das coufas da terra; mas se a vossã casa estiver fundada sobre a pedra firme de Christo, & sobre a humildade profunda do conhecimento de quam vil, & indigna sois das misericordias de Deos, nem os ventos da vaidade, nem as ondas da tentaçõ, nem os chuveiros da ira, & da impaciencia, vos farão mal, antes grande proveito: para terdes esta humildade, emquanto vos não puder mandar hũ papel que vos estou fazendo, tomai este conselho: Todos Irmã somos como hũs cortiços grosseiros, & toscos, & assim como quem faz o cortiço, o poem na sua horta, para ter nelle hũa colmea, assim Deos que nos fez, nos poz neste mundo na horta de sua Igreja, para que em nós ouvesse algũas boas obras: o cortiço está vazio, para que se possa encher de mel, necessario he que nós tambem estejamos vazios das coufas do mundo, se queremos que Deos nos encha das coufas do Ceo, tanto que o cortiço está em seu lugar, assim como as abelhas vem a fazer nelle a colmea, assim vem as virtudes a fazer em nós as obras de Deos. Não são as abelhas proprias do cortiço, porque não tem de seu mais que hũ ser grosseiro, & estar vazio de tudo: assim tambem as virtudes vem-nos do Ceo, que as não temos de noiso, nem temos nada mais que o cortiço deste corpo, mais toscos, ou menos toscos. Do exame que entra dentro no cortiço, hũas abelhas sabem, outras entraõ a trabalhar: as que sabem, sabem a colher o orvalho do Ceo, & o melhor das flores, que trazem para fazerem o mel; as que entraõ, vão fazendo com gran-

Dd iij

de

de segredo todas as suas obras: assim em nós as virtudes hūas sahem a trabalhar fóra, outras trabalhaõ dentro. Vay fóra a humildade, a obediencia, & o amor do proximo, a fazer o que lhe mandão; vay a contemplação às flores da horta, que isto são as perfeições divinas, a contemplar nellas tantas maravilhas, quantas são as obras de Deos; vay colher o suco das rosas, que estão entre espinhas, & Paixão de Christo; vay o amor perfeito de Deos, a colher amor, a castidade que he Angelica, a colher castidade, a resignação que he perpetua, a colher resignação, & em estas divinas flores da fermosura de Deos, da sua bondade, da sua sabedoria, poder, misericordia, immensidade, & providencia; vay a colher a contemplação aquelle doce amor de Deos, com que se recolhe ao cortiço a fazer com elle o mel das boas obras: trabalhão dentro outras virtudes fazendo o favo; trabalha o conhecimento proprio, a conformidade com Deos, a mortificação conosco da negação em tudo o que he vontade propria, deitando fóra os zangoes da vangloria, & da vaidade, que nos querem comer sem trabalhar nada; depois que o cortiço está cheio, como hūa colmea, vem seu dono que he Deos a tirar o favo, & como o Senhor tira da alma aquellas doçuras de que ella gosta tanto, parece ao cortiço que Deos lhe fez grande mal. Daqui nasce que hūas abelhas fogem, outras morrem, outras se poem contra o dono da colmea, & o querem picar, & escandalizar em cima: assim he a alma quando depois de estar cheia de santas obras que fizerão as virtudes de Deos, quando elle lhas esconde, cuida que tudo está perdido, & acabado, vendo que lhe faltão as suas doçuras, & suavidades, mas isto não he assim, porque Deos tira da alma as consolaçoens às vezes, para que o nosso cortiço se torne a encher de novo de boas obras, & torne a pór-se em humildade vendo-se vazio, & conhecendo que



que não he seu o que tem em sy, mas de seu dono, que he Deos; alem disto levar-nos Deos o favo, que temos feito, he mostrar-nos, que já aceita, & gosta de nossas obras, & que as quer mostrar aos Anjos, & aos Santos a quem as communica, que esta he a gente de sua casa: emfim, fora hū nunca acabar, querer-vos dizer quam parecida he a coluna com hūa alma espirital cheia de virtudes, & santas obras; mas finalmente venho a dizer que cuideis isto de vós, & andeis sempre dizendo: O cortiço sem o mel, & sem abelhas para que serve? para nada serve, mais que para o fogo: pois tambem o cortiço deste meu corpo, se Deos lhe tirar de todo as abelhas das virtudes que não são minhas, & o favo do mel daquellas obras boas que as virtudes de Deos fizeram, & elle as póde tirar, logo de que servirá, não prestareis meu cortiço, mais que para o fogo do Inferno; assim Irmãa convem que não cuideis que sois algũa cousa mais que hū cortiço grosseiro, que Deos póde encher, & póde vazar, conforme elle mais quizer. Outra cousa vos quero dizer: sonhei esta noite passada, que jejuaveis mais do necessario, & que podeis cahir em algũa falta, para a obediencia, ou para a humildade; não jejueis, emquanto fordes noviça, a pão, & agua, mais que às sextas feiras, & essas quando muito puderdes, os outros dias, se jejuares, seja de outro modo; para terdes abstinencia, basta-vos não comer mais que ao jantar, & a noite, no Amor de Deos, na grande confiança, & esperanca que nelle deveis ter: tende quanto quizerdes, & sabei de certo isto que agora vos digo, que he cousa em que consiste o aproveitamento de hūa alma espirital, ainda que seja a mais tentada do mundo, & he, que esta cuide que Deos esta mal com ella, ou que a deixará emquanto ella o quer servir; porque este temor que ha em nós he hū grandissimo desconhecimento do grande excellentissimo amor, com que

## 426 CARTAS DO VENERAVEL PADRE

que Deos a ama, & quer sempre amar, & quem recea que Deos a deixará cahir, sem ella primeiro deixar a Deos, não conhece bem a Deos, & se arrisca muito à sua indignação. Portanto está certa em que Deos vos tem hū, & tamanho amor, & vos quer com tanto extremo, que assim como he impossivel deixar elle de ser Deos, assim he impossivel querer-se elle apartar de vós, ou condenar-vos emquanto vós por vossa livre vontade vos não quizerdes apartar d'elle; & isto não succederá só a vós, mas a qualquer outra creatura, por perversa que seja, se se resolver a tornar-se a Deos que he o nosso summo Bem. Por tanto alviçaras que na vossa mão está não vos deixar Deos nunca, & chegar-vos a tão grande, & subido grao do seu amor, como tem os Serafins, o que importa he trabalhar por isso, deitando fora todo o outro amor, ou vontade propria, porque todos quantos homens ciosos ouve no mundo, o não podem ser tanto, como Deos he de húa alma a quem quer bem: à vossa Santa Rosa que agora se festeja neste Reyno, não soffreo Deos hūas poucas de flores que tinha em hum jardim a quem regava, & donde contemplava, arrancoulhas todas, cioso de que naquellas flores puzesse algum amor: se pois não soffre Deos o amor que se poem numas flores, que para o louvar se criaõ, como soffrerá o amor que para o offender se poem em outras creaturas? Disto podeis cuidar quam nua deve andar a nossa affeição de tudo o que não for Deos, & quam cuidadosa d'elle.

De presente não acho aqui pessoa que possa ir ser Confessor dessas Religiosas, não porque os não haja, mas porque os que ha são taes pessoas na authoridade da Ordem, que os não póde o Padre Provincial tirar daqui; cuidarei nisto, & encomendalo-hei a Deos, porque bem sei que todo o aproveitamento dos Conventos de Freiras, está em ter bom



FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 427

bo m Confessor; mas este dom nem a todos o dá Deos; elle vos guarde muitos annos, & vos faça boa serva sua, & a todas as mais Religiofas meus recados.

Irmao em Deos

*Frey Antonio das Chagas.*

\*\*\*\*\*

### C A R T A C C X X X V I .

*A hũa Religiofa: Dizlhe que senão escuse das occupaens em que a puzer a Obediencia; & que o caminho aspero, & contrario à natureza, he o mais seguro; & que em tudo se resigne na vontade divina.*

O Amor de Deos more na alma de V. M.

**M**uito Reverenda Madre, & Senhora minha. Agora digo a V. M. que seja Mestra, & que não falle para não fello mais algũa palavra, porque feita a diligencia possivel, quando a encontra a Obediencia, tudo o que em V. M. he cruz, já he vontade Divina, & quando podia ser o escrupulo, já agora he merecimento. Deos leva a V. M. por bom caminho, & quanto he mais aspero, he mais seguro: quanto tem de mais penoso, tanto tem de mais descuberto. Livre-nos Deos de hũa veredas floridas, donde até caminhando bem, como aspid entre flores, se nos esconde o mal; nessa via se V. M. peccar facilmente o ha de conhecer, & assim dé por tudo graças a nosso Senhor: ter chagas,  
he

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 437

A mudança de Varatojo ha-se de fazer se ouver conheci-  
damelhoria, & segurança; não se me dà de que isto pareça  
liviandade assegurando-se a duraçãõ que he o meu ponto,  
& tirando-se a espinha da Provincia, que he o meu desejo,  
queira Deos nella pôr em paz todos estes Padres, & mo-  
strar-lhe quão grande mal he a divisaõ, & ambiçãõ de go-  
vernos. O Padre Géral me diz, que não faça caso dos ditos,  
que este negocio corre por conta de Deos, & que de quem  
he ha de sustentalo: faça-se a vontade Divina.

V. M. se não esqueça de mim, que lho mereço quanto  
posso diante de sua Divina Magestade, que guarde a V. M.  
quanto lhe peço, & desejo. Lagos 4. de Janeiro de 1681.

De V. M. servo inutil mais obrigado

*Fr. Antonio das Chagas.*

C A R T A CCXLI.

*A hũa Religiosa: encomendalhe o exercicio de algũas vir-  
tudes, & a pureza de intençãõ em tudo unindo-a com  
a da Virgem nossa Senhora: & falla em outras Religio-  
sas que se lhe encomendavãõ, & em algũas cousas da  
Missãõ que fazia.*

O Amor de Deos more na alma de V. M.

**T**Res de V. M. recebi estes dias, duas por via do Se-  
nhor N. outra por não sei quem; não tenho palavras,  
com que encarecer a V. M. a consolaçãõ que nellas

Eeij acho,



acho, porque quasi he o unico alivio que tenho nesta vida; & eu faço estas regras a toda a brevidade, para que pague a correr o que nunca pagarei devagar. E porque se não vâ sem ellas, ferei tão curto, & tão singular para V.M. que não possa escrever às mais como farei em podendo, & remettei a resposta a todas.

Sinto os estílicidios de V. M. & ao Anjo seu Custodio peço, & pedirei com oraçoens, & Missãs dando-me Deos vida, que conserve, & esforce a V. M. por coluna dessa Comunidade, & se for a fortaleza como he o meu desejo, cada oito dias fará o que lhe tenho dito; porém entenda que a sua faude ainda para o seu espirito, & para os alheios por agora he necessãria, & por isso lhe mando, & encomendo muito, que trate della, sendo o seu maior emprego no activo, a caridade, & consolação de todos, no contemplativo, o desprezo de sy mesma, & a humildade, & acção de graças a Deos em tudo o que fizer, & sentir, presuõdo a pureza de intenção, que he contentar a nosso Senhor somente, & por seu amor a todas as creaturas, & estendendo o desejo de ter a tenção pura, na união dos Serafins, & da Virgem Senhora nossa, & obrar tudo como ella obrava, quanto he possivel ao desejo esta imitação. A Madre Soror N. encomendo a Deos, & peço a livre de seus abrolhos; não ha para elles remedio como sujeitar ao conselho do Confessor, & se isto se engeita, periga-se atè no remedio. A Madre N. diga V.M. que a pedra, que descéo do monte, & derrubou o idolo do mundo, que isso era a estatua, não tinha maõs, & que sem ellas se pôde vencer tudo; que convem muito que quem não tem maõs para escrever, tenha coração para amar, & se ha isto, & este sobeja; pouco importa q̄ aquellas falem; & ainda q̄ húa alma de papel cabe em qualquer parte, q̄ eu por agora não quero esta, nem me descuido em pedir a Deos lhe de maõs para o servir, coração para o sofrer, & alma para amar a sua Divina Magestade.

FR. ANTONIO DAS CHAGAS. 439

Temos agora mais dilacão no Algarve, porque como chegaraõ Cartas do Padre Géral para o Padre Entradas, & elle se resolvêo em ir para a India, desfez-se a sua companhia, & elle com o Padre Carreiro partiraõ já para Varatojo. O Padre Coimbra, com o Padre Fr. Joseph foraõ par a Avis, para lá prégarem a Quaresma, & não será lá pouco necessaria a Missão; & eu me fiquei com todo o pezo do Algarve, com que a bom livrar, dando-me Deos vida, não poderei lá chegar senão perto do São João; & até o Senhor Bispo do Algarve se fica em vão esperando por nós para a Quaresma: a trabalhar muito lá chegarei para a Pascoa a Faro, porque tenho as maiores terras por andar, & são muitas, & em todas, ou em cada húa, ha quando muito hum, ou douz Confessores, & juntaõ-se duas, & tres mil pessoas em cada qual; & quasi tudo confissoens geraes, & outras cousas que senão podem dizer: seja Deos bemdito, que nos encaminhou a este Reyno, creio que húa multidão grande de almas se perdéra se faltara esta Missão, de nós o Senhor sua luz, & esforço, que sempre a costura sobeja, & tem feito muito neste Reyno, parte a malicia, parte a miseria, parte a ignorancia, mas quasi tudo he brenha. Os frios são regalados, mas notavel o fogo que Deos acende nos coraçoes, & a fome que tem dos remedios, seja o Senhor bemdito.

A muito Reverenda Madre Abbadeça, & a toda essa Cómunidade mil lembranças minhas, & a minha ordinaria suplica de oraçoens, especialmente a Madre N. Depois de a manhãa, querendo Deos, me partirei para Silves, dahi para as outras terras, & no fim a Faro, donde podem vir as Cartas remetidas. Não ha tempo para mais, nem para emendar os erros desta má letra. Rogue V. M. por mim a sua Divina Magestade, que guarde a V. M. quanto lhe peço, & pedirei toda a minha vida. Villa-nova de Portimão 28. de Janeiro de 1681.

De V. M. servo inutil. Eciij CAR-

Frey Antonio das Chagas.